

A representação das mulheres negras nos jornais impressos
Público/Portugal e Folha de São Paulo/Brasil

Cláudia Fabiane da Costa Cambraia

Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação

Especialidade em Comunicação e Ciências Sociais

Dezembro, 2017

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Comunicação, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Carla Baptista.

Apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Bolsa de Doutoramento Individual com a referência SFRH/BD/76256/2011.

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, _____ de _____ de _____

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, _____ de _____ de _____

*À memória do meu amado pai,
Luiz Armando Farias Cambraia*

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os que me ajudaram a concluir este trabalho.

Meus sinceros agradecimentos...

...a Deus, pois sem Sua ajuda, nada teria sido possível;
...à Fundação para a Ciência e Tecnologia, por todo suporte financeiro;
...à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pelo aceite de meu ingresso;
...ao meu marido, Tonda Kinuani Rene, que esteve comigo nesta jornada;
...à minha família que suportou a distância com paciência;
...às companheiras do feminismo negro pela partilha e aprendizado;
...ao Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado, que é sempre uma inspiração;
...aos meus queridos amigos de longe e de perto, que sempre acreditaram em mim;
...à Professora Doutora Isabel Lousada, por ter me acolhido com carinho na FCSH;
...em especial à Professora Doutora Carla Baptista, por aceitar a orientação deste estudo e conduzir seu desenvolvimento, com paciência (muita paciência).

A representação das mulheres negras nos jornais impressos *Público/Portugal* e *Folha de São Paulo/Brasil*.

Cláudia Fabiane da Costa Cambraia

RESUMO

A presente tese propõe-se investigar a representação das mulheres negras nos jornais impressos. O objetivo principal do trabalho é compreender de que forma a identidade étnica das mulheres negras é construída nos meios de comunicação. Identificamos, neste trabalho, quais as temáticas e discussões produzidas acerca das mulheres negras em determinadas peças jornalísticas, adotando como método de pesquisa a Análise de Discurso de artigos publicados nos jornais *Público/Portugal* e *Folha de São Paulo/Brasil*, entre os anos de 2000 e 2010. Sendo assim, o *corpus* ficou constituído de 1304 textos jornalísticos, com 1228 peças do jornal *Público* e 76 peças do jornal *Folha de São Paulo*. Estrutturamos o trabalho em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta o enquadramento teórico do trabalho. Neste capítulo discutimos conceitos como: raça, racismo e identidade étnica. No segundo capítulo apresentamos o enquadramento das mulheres negras em Portugal e no Brasil, abordando o contexto social, económico e político. Paralelamente, traçamos uma trajetória do movimento feminista negro nas duas sociedades, para compreender de que forma o movimento feminista negro tem vindo a desenvolver o seu trabalho em prol da promoção da igualdade, visibilidade e reconhecimento das mulheres negras nas mesmas. O terceiro capítulo versa sobre a representação das mulheres negras nos meios de comunicação portugueses e brasileiros. Apresentam-se as principais formas de representação deste grupo social ao longo dos anos. Finalmente, o quarto capítulo destina-se ao estudo empírico - à análise quantitativa e qualitativa das peças jornalísticas selecionadas. Por fim, após a referida análise, identificamos dois grupos identitários: a mulher negra enquanto «exemplo de superação» e a mulher negra representada como «pobre coitada».

Palavras-chave: mulheres negras, jornais impressos, identidade negra, racismo, representação, feminismo negro.

Black women representation in the *Público*/Portugal and *Folha de São Paulo*/Brazil printed newspapers.

Cláudia Fabiane da Costa Cambraia

ABSTRACT

This thesis aims at investigating black women's representation in printed newspapers. Its main goal is to understand how the ethnic identity of black women is shaped in the media. We have, in this paper, identified which themes and discussions have been produced regarding black women in specific news pieces, using Discourse Analysis as a research methodology, from the *Público*/Portugal e *Folha de São Paulo*/Brazil newspapers, between 2000 and 2010. Therefore, the investigation *corpus* comprised 1304 news pieces; with 1228 from the *Público* newspaper and 76, from the *Folha de São Paulo*. We have structured this paper into four chapters. The first chapter introduces the theoretical framework of this work. In this chapter, we will discuss concepts such as: race, racism and ethnic identity. The second chapter approaches black women integration in Portugal and Brazil, focusing on their social, economic and political background. Concurrently, we will outline the course of the black women's feminist movement, in order to understand how it has been working to develop the promotion of black women's equality, visibility and recognition on both societies. The third chapter refers to black women representation in Portuguese and Brazilian media. The main forms of representation of this group throughout the years is presented therein. Finally, the fourth chapter aims at the empirical study - the quantitative and qualitative analysis of the selected news pieces. After such analysis, we shall identify two identity groups: the black woman as an "example of resilience" and the black woman as a "poor wretch".

Keywords: black women, printed newspapers, black identity, racism, representation, black feminism.

ÍNDICE

Introdução	09
CAPÍTULO I – Enquadramento teórico	
1.1 - Postura epistemológica.....	20
1.2 - Abordagem teórica sobre noções raciais.....	30
1.3 - Identidade negra: um tema contemporâneo.....	41
CAPÍTULO II – Contextualização	
2.1 - A questão racial no Brasil.....	56
2.2 - A população negra na sociedade portuguesa.....	68
2.3 - O feminismo negro brasileiro.....	83
2.4 - A mulher negra no discurso feminista português.....	98
CAPÍTULO III – O negro nos média	
3.1 - O negro na imprensa brasileira.....	114
3.2 - Cobertura jornalística das minorias étnicas em Portugal.....	125
CAPÍTULO IV – Estudo empírico	
4.1 - Procedimentos metodológicos de pesquisa.....	136
4.2 - Análise das peças jornalísticas resultados encontrados.....	145
4.3 - Identidade feminina negra como exemplo de superação.....	149
4.4 - Identidade feminina negra representada como pobre coitada.....	167
Conclusões	174
Referências Bibliográfica	183
Apêndice: Quadros	200
Anexo: Peças jornalísticas	218

INTRODUÇÃO

A motivação central desta pesquisa decorre da percepção de que grande parte dos trabalhos realizados no campo mediático acerca das mulheres negras consiste na visão do "outro" sobre nós, uma representação com a qual, muitas vezes, não nos identificamos. Nesta pesquisa pretendo trazer a debate aspetos - que considero relevantes - das relações entre raça, género e média, a partir do meu ponto de vista, de uma mulher negra, latino-americana, imigrante. O que me levou a desenvolver esta pesquisa foi a falta de visibilidade das mulheres negras no campo mediático, um espaço de poder em que a população negra é invisibilizada.

Acredito que trabalhos como este são necessários para uma maior consciencialização da identidade étnica da população negra, construção de uma imagem positiva da mulher negra e combate ao racismo. Além de considerar que estudos sobre racismo e sexismo são fundamentais para que se possa compreender os pilares que sustentam as desigualdades sociais. Entendo, assim como aponta Bourdieu, que as escolhas dos objetos de estudo nascem de diferentes interesses e das disputas simbólicas e políticas dos agentes de determinados campos.

Este trabalho pretende refletir sobre a representação das mulheres negras nos jornais impressos. O objetivo central desta pesquisa de doutoramento trata-se de identificar, através do estudo do material jornalístico produzido, o modo como as mulheres negras foram e têm vindo a ser apresentadas e quais as interpretações e valores que lhes foram e têm sido atribuídos sempre que este grupo social protagoniza as peças jornalísticas.

Procurou-se, nesta pesquisa, analisar o conteúdo das peças jornalísticas com vista a averiguar se nelas se deteta uma linguagem estereotipada ou discriminatória quando se alude às afrodescendentes, uma vez que a identidade étnica pode ser, ou não, depreciada conforme a representação que delas é veiculada pelos artigos publicados. A partir do material selecionado apuramos as aproximações e diferenciações nos dois contextos mediáticos – Portugal e Brasil - sempre que os periódicos selecionados difundiram notícias envolvendo género e etnia. Esforçamo-

nos, também, por não privilegiar apenas os resultados por si mesmos, mas evidenciar a reflexão da relação média-identidade étnica e o contexto em que esta ocorre.

Considerando os meios de comunicação como um espaço onde se operam fenómenos determinantes para a construção da identidade - pois são o meio em que ocorre a reprodução cultural e integração social dos sujeitos - estes desempenham um papel fundamental na promoção da igualdade cultural e étnica.

A representação das mulheres no discurso jornalístico tem sido bastante debatida pelo meio académico. Ancorada na perspectiva subjacente à obra de Maria João Silveirinha torna-se perceptível a constatação de que a mulher é apresentada nos meios de comunicação como vítima de uma abordagem discriminatória (Silveirinha, 2004). Os trabalhos mais recentes assinados por esta investigadora têm revelado que, quando a questão envolve género, ocorre uma certa repetição do discurso mediático. Para a autora, «o desconhecimento, a negação, a incompreensão ou a rejeição são as atitudes mais frequentes quando se trata de abordar as questões de género» (Silveirinha, 2004).

A questão da representação das mulheres nos meios de comunicação foi sempre uma preocupação do movimento feminista que, por volta dos anos 60 e 70 do século passado, se apercebeu do poder que estes tinham como agentes de produção das representações e práticas que definem o género. Uma vez que, historicamente, se assiste a uma coerência indesejável, mas ainda assim evidente, se considerado o eixo temporal que nos permite recuar a Simone de Beauvoir (1970). Retomamos a afirmação da insigne feminista que sustenta não ter a condição feminina progredido de maneira contínua e que somente as classes privilegiadas viram melhoradas as suas condições fato, este, que vemos corroborado nos estudos ulteriores assinados cerca de três décadas depois, em torno da realidade da mulher negra que é, segundo Pinto, coberta de exclusão, racismo e violência sendo, portanto, como nota: «necessário aprofundar estudos sobre a dinâmica das relações sociais, étnicas e de género, focalizando as mulheres negras, com vista a descodificar o significado da violência e do racismo, assim como o impacto destes na vida dessas mulheres» (Pinto, 2008).

Sendo comumente aceite a existência, nos meios de comunicação social, de uma subrepresentação feminina e uma dupla discriminação de género e etnia,

revelou-se-nos pertinente indagar as premissas desse obscurecimento, tendo por base o universo dos estudos em Ciências da Comunicação. Partimos para a investigação empírica com duas hipóteses: que raramente as mulheres negras aparecem nos jornais e que, quando aparecem, a sua identidade étnica não é um assunto abordado. O nosso percurso investigativo teve início com a seguinte pergunta de partida: Como é que a mulher negra é representada nos jornais? Procuramos responder a esta questão neste trabalho, observando quais as principais temáticas abordadas quando as mulheres afrodescendentes protagonizam as notícias. O estudo procurou também responder às seguintes questões: De que forma os meios de comunicação dialogam com o processo de construção da identidade étnica?; Qual o modelo de identidade étnica apresentado às mulheres negras a partir das peças jornalísticas?; De que forma a imprensa fortalece, afeta ou recria a identidade étnica das mulheres negras?; Que discursos podem ser identificados por detrás destes textos?; e outras questões secundárias, mas não menos importantes, que também norteiam nossa linha de raciocínio, como: Quem são as mulheres negras que aparecem nas páginas dos jornais?; e Como é que a discriminação racial permeia as narrativas jornalísticas?.

Para responder a tais questões foram selecionados, para análise, dois jornais da imprensa escrita - *Público*/ Portugal - e *Folha de São Paulo*/ Brasil - como fontes primárias de recolha e identificação do *corpus* da pesquisa, sendo que ambos atendem aos critérios subjacentes a esta escolha, os quais levaram em linha de conta: o sistema de circulação nos seus países, a tiragem, o tipo de leitor a que se destinam, o seu alcance geográfico, a sua amplitude, a sua expressão e as suas características jornalísticas. O *corpus* ficou, desta forma, constituído por 1.228 peças jornalísticas do jornal *Público* e 76 peças jornalísticas do jornal *Folha de São Paulo*.

As balizas cronológicas consideradas abrangem uma década, mais precisamente, a do início do século XXI. Por conseguinte, os anos 2000 a 2010 foram perscrutados, tanto em termos quantitativos como qualitativos, a fim de averiguarmos quais as grandes linhas de força que marcaram a representação feminina negra nesse *corpus*. Tratamos, assim, de localizar os conteúdos veiculados neste contexto temporal em que os debates sobre identidade e diferença povoaram a esfera pública. De acordo com Cunha (2007), a discussão em torno das identidades tornou-se uma das

dimensões mais significativas da globalização, na medida em que esta tem vindo a despoletar o equacionar das condições de existência, ou sobrevivência, dos indivíduos, dos grupos, dos Estados e das nações, no cenário da mundialização.

As temáticas racismo e xenofobia estão na ordem do dia, pois voltam a ser um problema recorrente em diversos países europeus e no Brasil. O ataque terrorista nos EUA, em 11 de setembro de 2001, foi um marco do início do século XXI e também do início de uma outra forma de racismo, a islamofobia. Conforme Rosário et al (2011), após o atentado terrorista, "o 'outro' é, também ele, um estrangeiro, culturalmente diferente, marcado fisicamente por traços estereotipado."

No entanto, apesar de o racismo começar a atingir outros grupos sociais, ele persiste em atingir grupos historicamente discriminados, como a população afrodescendente. De acordo com Lima (2008), "no Brasil tem-se ampliado de forma progressiva nesta última década. A problemática nas relações raciais envolve tanto as práticas cotidianas, os embates e ações políticas dessas mesmas relações, como as construções conceituais a estas relacionadas." O país vive um momento de mudança nas relações raciais, no qual as diferenças étnicas estão mais acentuadas e o discurso do movimento negro assume uma postura mais ativa no combate ao racismo, considerada por muitos como radical. No início do período analisado vive-se o impacto do Programa Nacional de Ações Afirmativas e a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial no Brasil, que alimentaram a produção de notícias relativas às relações raciais.

Em Portugal, vive-se um momento em que ocorre uma mobilização da população negra em prol de direitos de cidadania, como o direito à nacionalidade e recolha de dados estatísticos sobre a população negra. Atualmente, o número de associações de carácter étnico e a visibilidade de trabalhos como o do SOS Racismo, tem vindo a aumentar, o que também constituiu motivo para que a população negra tivesse mais visibilidade nas páginas dos jornais. A população afrodescendente tem vindo a ganhar mais evidência e suas demandas começam a aparecer com maior frequência nos meios de comunicação, novos temas sobre a população negra surgem nas peças jornalísticas.

O nosso período de análise abrange acontecimentos impulsionadores da visibilidade das relações raciais nos meios de comunicação tais como a eleição do

primeiro Presidente Negro na história dos Estados Unidos da América, Barack Obama; o primeiro Campeonato Mundial de Futebol realizado na África; e, o terramoto no Haiti, acontecimentos que despoletaram uma forte produção de notícias sobre a população negra nos dois países em análise.

Neste trabalho, optou-se pela Análise de Discurso para identificação dos sentidos produzidos sobre a identidade étnica das mulheres negras, pois, de acordo com Van Dijk, «nas sociedades contemporâneas da informação, o discurso reside no coração do racismo» (Van Dijk, 2008:134). Assim, tencionamos demonstrar quais as marcas presentes nos textos quando os meios de comunicação abordam a questão étnico-racial e de género.

Compreendemos que as histórias apresentadas nos veículos de comunicação estão repletas de sentidos. Como afirma Pinto: «Os jornalistas não produzem simplesmente artigos, reportagens (...) para jornais, revistas, rádios, televisão ou Internet, eles narram histórias – que possuem estrutura, ordem, ponto de vista e valores» (Pinto, 2002:87). A opinião das pessoas sobre determinados assuntos ou grupos é formada pelo que é veiculado nos média. Nós percebemos o outro pelos recortes que os meios de comunicação selecionam porque, conforme José Rebelo (2002:63) declara, “comunicar é escolher”. Considerando estes aspectos, nas peças jornalísticas – no caso vertente das notícias impressas –, a utilização de determinadas palavras poderá levar o leitor a interpretar desta ou de outra forma os protagonistas dos artigos, sendo nesse exercício influenciado pelo modo como o texto foi elaborado. Assim, pesem embora as devidas distâncias, cremos que no momento em que se faculta um determinado modelo de mulher negra, patente nas páginas dos jornais e demais veículos de comunicação, esse aspecto poderá ser decisivo para que, doravante, o modelo proposto venha a ser o perpetuado, tornando-se assim, e simultaneamente, no perfil mediante o qual, *latu sensu*, ela passará a ser identificada e reconhecida pela sociedade.

É importante salientar que não se pretende aqui tomar a mulher negra como uma categoria universal. Estamos conscientes da diversidade existente deste grupo social. Cabe-nos ainda esclarecer que as “mulheres negras” a que este trabalho se refere particularmente, são as pessoas classificadas como pretas e pardas nos censos

demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Reconhecemos que as mulheres afrodescendentes possuem duas marcas discriminatórias na sociedade: ser mulher e ser negra. Entendemos que a questão racial e a do gênero têm servido como eixos de diferenciação negativa, consolidados nas práticas teóricas e cotidianas. A complexidade das questões que cercam estes sujeitos, tais como discriminação e racismo, facilitam o silenciamento e os meios de comunicação, por sua vez, colaboram para esta invisibilidade e, de certa forma, exclusão.

Para que possamos compreender como é que a identidade étnica das mulheres negras é construída nos meios de comunicação, estruturamos o trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o enquadramento teórico da tese. Procuramos traçar como foi construído este trabalho, cujo pilar se centra nas *Epistemologias do Sul* e *Ecologia de Saberes*, conceitos de Boaventura de Sousa Santos, nos quais as experiências e conhecimentos do mundo são valorizados, e em que ocorre "um diálogo horizontal entre conhecimentos". A minha experiência pessoal e visão do mundo estão presentes neste trabalho, desde a linguagem, conceitos utilizados e escolha metodológica. Esta investigação propõe-se a reconhecer as diversas formas de conhecimento das mulheres negras. Para isso, esta pesquisa procurou orientar-se sobre a perspectiva de autores negros, militantes do movimento negro, tendo igualmente sido construída na troca de saberes com as participantes de coletivos de feministas negras. No ouvir das suas histórias é que este trabalho foi ganhando forma.

Neste capítulo discutimos alguns conceitos fundamentais, tais como a utilização do termo raça, praticamente descartado pela Biologia, porém utilizado pelos cientistas sociais para destacar que o mesmo é uma construção social e que está ainda muito presente no cotidiano. Também, neste capítulo, analisamos o conceito de racismo, que serviu de classificação de grupos humanos para a discriminação intencional e sistemática, e procuramos abordar o modo como ocorre a permanência de fenómenos racistas nos dias de hoje. Os estudos realizados indicam que o racismo sofreu uma metamorfose nas suas formas de expressão, pois as suas manifestações estão relacionadas com o contexto histórico e social. Considerando que a discussão acerca da noção de "raça" e o conceito de racismo é extensa e complexa, não se realizou uma

exposição exaustiva desta problemática, mas tão-somente se apresentou um quadro multifacetado destas definições, concepções e ideias.

Este primeiro capítulo encerra com os conceitos e teorias sobre identidade negra, sendo a parte da pesquisa onde procuramos refletir sobre a forma como ocorre o desenvolvimento da identidade negra, o sentimento de pertença a um grupo, e como se manifesta a identidade nas mulheres negras atualmente. Nesse sentido, primeiramente, definimos o que é identidade étnica; em que consiste; quais são seus elementos constitutivos e para que serve no discurso dos que falam sobre ela. Partindo desta consideração, apresentamos a forma como se processa essa identidade no que diz respeito à identidade negra, tentando compreender a negritude enquanto recurso identitário. Sobre o conceito de identidade étnica, consideramos pertinente recorrer a alguns autores que apresentaram contribuições pontuais cuja especificidade contribuiu para a construção do conceito, nomeadamente, Fredrik Barth (1998) e Stuart Hall (2003, 2006). Assinalamos que muitas palavras, termos e conceitos utilizados são instáveis, imprecisos. Eles vêm sendo, ao longo das diferentes lutas de resistência, questionados, criticados, reposicionados e refeitos.

No segundo capítulo apresentamos o contexto social em que este grupo social está inserido nos dois países. Aqui, abordamos o modo como a população negra está inserida nas sociedades brasileira e portuguesa atendendo ao contexto social, económico e político. Quanto à sociedade brasileira, foram revistas as principais teorias referentes às relações raciais brasileiras, com os estudos dos autores Abdias do Nascimento, Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Gilberto Freire. Procuramos evidenciar os acontecimentos mais relevantes acerca deste grupo social no país.

Para desenvolver esta parte da tese, demos predominância a alguns aspetos, já que existe uma extensa bibliografia sobre a temática, sendo que, neste trabalho, procuramos compreender o atual discurso sobre as questões raciais brasileiras. Nos últimos anos tem crescido o número de produções versando sobre a temática do negro no Brasil, em pesquisas desenvolvidas no meio académico pelo movimento negro e pelo Governo Federal. Neste trabalho foram utilizados os conceitos e teorias defendidos pelos principais intelectuais e militantes desta área.

Atualmente, no Brasil, decorre uma revisão das teorias e conceitos sobre a questão racial brasileira; um discurso que tem alterado a compreensão das relações raciais no país. O que antes era considerado "aceitável" ou "positivo", já não é visto da mesma forma. Um exemplo é a questão da miscigenação, antes encarada como algo benéfico, e a respeito da qual são, atualmente, levantadas outras interpretações. Uma das consequências da alteração destas perspectivas deu-se com a mudança da autodeclaração étnico-racial da população brasileira. Quem antes se considerava mestiço, atualmente, autodeclara-se negro. Nesta nova visão, a classificação brasileira varia de branco a negro e divide-se em três sistemas, sendo que a mais utilizada é a do sistema empregado pelo movimento negro, que vem sendo adotado pelos média, pelo meio acadêmico e pelo agentes públicos. Pareceu-nos coerente seguir esta linha ao realizar este trabalho; portanto, quando nos referimos a negros, estaremos a incluir os pardos (os considerados mestiços).

Igualmente, quanto à sociedade portuguesa, esta parte contém um resumo histórico da inserção da comunidade negra em Portugal e do papel da mulher negra na sociedade portuguesa. Para compreender a realidade deste grupo social pesquisamos as obras de autores como Tinhorão (1988), Cabecinhas (2002), Machado (1994) entre outros estudos. Quando me refiro, no trabalho, à população negra portuguesa, considero uma comunidade de diferentes origens geográficas, situações jurídicas e culturais; pessoas de origem africana que nasceram ou residem em Portugal. No entanto, durante a realização do trabalho percebi que a população de origem africana, nos trabalhos académicos, é considerada imigrante, ainda que não se enquadrando na condição de imigrante (caracterizada pela transitoriedade da sua presença e projeto de retorno) ou, até mesmo, não se reconhecendo como imigrante.

Nas pesquisas académicas, os novos-luso-africanos, os imigrantes de segunda geração, os luso-africanos, os imigrantes negros e outras designações são referidos como imigrantes, e nunca como, simplesmente, portugueses. Estamos a falar de uma população que está presente no país deste o século XV, mas que, entretanto, ainda é encarada como estrangeira. Através do trabalho de campo descobrimos que, na prática, os autodeclarados "afro-lisboetas" se sentem mais portugueses que africanos.

Assim, neste trabalho utilizamos a denominação população negra portuguesa, ou população afrodescendente, abrangendo toda esta variedade de condições.

Paralelamente, propomo-nos apresentar uma breve trajetória das mulheres negras no campo do feminismo no seio destas sociedades, salientando a sua história, as suas lutas e as conquistas alcançadas. De forma ampla, o feminismo procura levar as mulheres a compartilhar o poder na sociedade. No entanto, existem muitos feminismos, e esses feminismos representam vários grupos de mulheres, todos eles com valores, desejos, ideais e crenças diferentes. Neste sentido, a partir da trajetória do feminismo negro brasileiro e português procuramos compreender quais as demandas e conquistas que estes movimentos têm procurado alcançar no campo da igualdade social e inclusão das mulheres negras, seja na sociedade brasileira, seja na portuguesa.

No contexto brasileiro, exibimos um breve histórico do movimento feminista negro brasileiro, as influências deste movimento e principais acontecimentos, além de apresentarmos as principais autoras do pensamento feminista brasileiro: Lélia Gonzalez (2010), Jurema Werneck (2010), Sueli Carneiro (1993) e os conceitos desenvolvidos por estas intelectuais. Realizamos também um breve relato das fases do feminismo negro no país e suas principais reivindicações. No presente capítulo, desenvolvemos o percurso das mulheres negras e a sua afirmação enquanto sujeitos específicos de uma identidade de género diferenciada no movimento feminista, desde a luta pelo reconhecimento destas especificidades e demandas, seja no movimento em si, seja no movimento negro em geral. Apresentamos o discurso produzido por estas autoras e seus modos de inserção na agenda política, social e mediática.

Mais, no esforço de compreender o feminismo negro consultamos ainda a produção teórica das mais notáveis pensadoras do pensamento feminista negro como Angela Davis (2013), bell hooks (2014), Audre Lorde (2013) e Patrícia Hill Collins (2008), mulheres negras que contribuiriam para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, económica e política das mulheres negras.

No contexto português, apresentamos o modo como o feminismo português exibiu a temática racial no feminismo da segunda vaga e como se encontram, atualmente, as mulheres negras inseridas neste movimento. Além disso, destacamos

do feminismo negro em Portugal, suas principais instituições e objetivos. Começamos por tentar compreender os motivos da inexistência inicial do feminismo negro português, além da falta de expressividade deste grupo social. Discutimos, também neste capítulo, a atuação das mulheres negras nos últimos anos em Portugal, destacando os principais coletivos e as questões que norteiam o trabalho desenvolvido por estas instituições.

No terceiro capítulo salientamos a invisibilidade da população negra nos meios de comunicação no Brasil e em Portugal. Apesar do histórico de invisibilidade do negro nos média, este trabalho pretende mostrar os avanços nas representações da comunidade negra, principalmente, na televisão e nos média impressos. O espaço que a mulher negra ocupa nos meios de comunicação é pouco estudado no Brasil e os principais trabalhos nesta área versam sobre programas televisivos. Por isso, destacaremos alguns programas que romperam com a representação estereotipada da imagem da mulher negra na televisão.

Quanto a Portugal, apresentamos a forma como ocorre a representação das minorias étnicas nos meios de comunicação. Para tal, utilizamos os autores Cunha (2003, 2006), Cádima (2003), Borges (2008) autores de referência sobre esta temática. Abordamos quais as temáticas a que esta população está associada e qual a imagem transmitida pelos meios de comunicação no que toca à mesma, além de apresentar casos de grande repercussão mediática nos quais este grupo social esteve envolvido.

Já o quarto capítulo versa sobre o estudo empírico. Neste capítulo, realizamos uma análise discursiva das peças jornalísticas. A Análise do Discurso, como teoria de interpretação dos discursos sociais, oferece-nos uma “caixa de ferramentas” de que podemos dispor para analisar textos mediáticos. Através da Análise do Discurso mediático conseguimos compreender como é que as mulheres negras são apresentadas nos periódicos, quais as mensagens explícitas e implícitas nas peças jornalísticas, que mulheres têm visibilidade e de que forma a imprensa recria a identidade étnica. Para realizar esta análise considere a contextualização da mulher negra nas duas sociedades, e os conceitos e teorias discutidos ao longo do trabalho. Os resultados apontam para algumas características que se identificaram noutros estudos sobre a representação de mulheres nos média. O que se pôde constatar, após a

realização da análise, é que ocorre uma repetição do discurso, dos temas e da linguagem associados às mulheres negras.

Dito isso, a pesquisa procurou trazer à luz algumas perspectivas de estudos sobre gênero e etnia aplicadas às realidades das representações das mulheres nos países em questão, até hoje basicamente lacunares no que diz respeito a estudos empíricos, a partir dos recortes dos grandes jornais. Tratou-se, portanto, do difícil desafio de tecer algumas considerações acerca da influência dos meios de comunicação na construção da identidade das mulheres negras na diáspora.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 - Postura epistemológica

De acordo com Santos e Meneses (2010), uma das batalhas políticas mais importantes do século XXI é, sem dúvida, a travada em torno do conhecimento. Neste início de século ocorre uma disputa epistemológica quanto ao que é considerado ciência, o que é reconhecido como conhecimento, o que é válido e credível. Para os autores, o campo da epistemologia continua a ser orientado por esta reflexão. Neste sentido, Boaventura de Souza Santos apresenta uma grande contribuição com a proposta das Epistemologias do Sul, que vem levantar a discussão sobre a diversidade epistemológica do mundo. Partindo da premissa de que o mundo é epistemologicamente diverso, as Epistemologias do Sul propõem-se a ser uma alternativa ao paradigma epistemológico da ciência moderna. Para Gomes (2012), as Epistemologias do Sul, vem a ser uma proposta ao paradigma científico moderno.

Deste modo, as Epistemologias do Sul são uma intervenção na filosofia e na política do conhecimento que pretende ampliar os processos através dos quais se cria e prática o conhecimento, para melhorar a (con)vivência em sociedade transformando-a de maneira a que todos tenham uma vida digna entre si e a natureza. De acordo com Santos e Meneses (2010), as Epistemologias do Sul "trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante." As Epistemologias do Sul têm como objetivo responder quais as razões e consequências da eliminação de outras formas de conhecimento (Santos e Meneses, 2010).

A proposta das Epistemologias do Sul parte do reconhecimento de que todas as dominações pelas quais é conhecido o colonialismo foram “também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder” (Santos e Meneses, 2010:19). Conforme os autores Santos e Meneses (2010:7), "apesar de o mundo ser múltiplo e variado no tocante às culturas, ao longo de toda a modernidade imperou soberana uma forma de produção de conhecimento. Essa soberania epistémica reprimiu a emergência de formas de saber diversas do modelo vigente." Para os autores, "o que está em jogo é a criação de uma previsão ativa baseada na riqueza da diversidade não-canónica do mundo", Santos e Meneses (2010:33).

Nesse sentido, Santos e Meneses (2010:39) consideram que a negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal, pois a sua visibilidade se estabelece na invisibilidade de formas de conhecimento que não são compatíveis com nenhuma destas formas de conhecer¹. Segundo os autores, afirmar a exclusividade de uma epistemologia com pretensões universalizantes acarreta um duplo sentido: por um lado, reduzir todo o conhecimento a um único paradigma, com as consequências de reduzir, destruir e menosprezar outros saberes e, por outro, levar à descontextualização social, política e institucional desse mesmo conhecimento, dando-lhe uma dimensão abstrata mais passível de universalização e absolutização.

De acordo com Santos e Meneses (2010), as linhas cartográficas abissais, que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na Era Colonial continuam a estruturar o conhecimento e são constitutivas das relações e interações políticas e culturais que o Ocidente protagoniza no interior do sistema mundial. De certa forma, esta noção de Sul vai de encontro ao Sul geopolítico, ou seja, lugares e países do mundo que foram colonizados pelas potências europeias, e por isso não alcançaram os mesmos desenvolvimentos económicos do Norte global² (Europa e EUA, designadamente). Aos saberes próprios dos povos colonizados dá-se o nome de Epistemologias do Sul. Para Avritzer (2005), na proposta de Santos, o Sul é "como uma região na qual os problemas

¹ Esta hierarquização de saberes, juntamente com a hierarquia de sistemas económicos e políticos tem sido designada pelos investigadores de 'colonialidade do poder'.

² Salvo, notadamente, a Oceânia.

de expropriação, supressão, silenciamento e distribuição desigual de bens económicos e culturais se mostram de forma mais profunda."

Em suma, a tese de Boaventura é que a cartografia metafórica das linhas globais está intimamente ligada à injustiça cognitiva global. Segundo o autor, a luta pela justiça social global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva global. No entanto, para ser bem-sucedida, segundo o autor, esta luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal, o qual consistiria num «aprender» com o Sul, usando uma epistemologia do sul. A superação do pensamento abissal exige, segundo o autor, o reconhecimento da persistência desse pensamento para que se possa pensar e agir para além dele em direção a um pensamento pós-abissal. O pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada.

Para Santos e Meneses (2010), outros saberes, novos atores, novas experiências ainda estão por reconhecer. O saber dos populares, os saberes dos leigos, dos plebeus, dos camponeses, dos indígenas, dos que se encontram do “outro lado da linha”. Segundo os autores, no Sul Global, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, os quais, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a investigação científica. Santos e Meneses ressaltam que, para dar voz a estes sujeitos, é necessário construir práticas contra-hegemónicas no campo do conhecimento. Reconhecer estes conhecimentos significaria que os modos de intervenção no que é real seriam enriquecidos por um sem-número de tradições epistemológicas até agora ignoradas ou menosprezadas. O que se almeja com tais epistemologias é a superação do característico modelo de pensamento moderno ocidental, a saber, o pensamento abissal. No entanto, os autores (Santos e Meneses, 2010:51) acreditam que a diversidade epistemológica do mundo continua por realizar. De acordo com Santos (2010), "ao reconhecer a diversidade epistemológica do mundo, o pensamento pós-abissal deve tomar a forma de uma ecologia de saberes."

Na ecologia de saberes cruzam-se conhecimentos, procurando dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo. Nela reconhece-se a existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. Em

todo o mundo, não só existem diversas formas de conhecimento da matéria, sociedade, vida e espírito, como também muitos e diversos conceitos sobre o que conta como conhecimento e os critérios que podem ser usados para o validar (Santos e Meneses, 2010:24). Neste contexto, a ecologia de saberes é, basicamente, uma contra-epistemologia. Enquanto epistemologia pós-abissal, ela busca a credibilidade para os conhecimentos não-científicos sem, para isso, requerer o descrédito do conhecimento científico. Isto implica, simplesmente, a sua utilização contra-hegemônica. Trata-se, por um lado, conforme os autores (Santos e Meneses, 2010:28), de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, outras práticas científicas que se têm tornado visíveis através das epistemologias feministas e pós-coloniais; e, por outro lado, de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes.

Para Santos e Meneses (2010:57), uma ecologia de saberes não se orienta no sentido de prescindir da ciência moderna, ainda que reconheça nela – e no seu monopólio da verdade – uma das principais ferramentas do pensamento abissal. Em vez disso, busca o reconhecimento dos limites (internos e externos) da ciência, de modo a favorecer a busca de credibilidade para os conhecimentos tidos comumente como não científicos.

A ecologia de saberes não elabora os conhecimentos de forma abstrata, mas antes como práticas de conhecimento que viabilizam ou dificultam certas intervenções no mundo real. Um pragmatismo epistemológico que é, acima de tudo, justificado pelo fato de que as experiências de vida dos oprimidos lhes serem inteligíveis por via de uma epistemologia das consequências. No mundo em que vivem, as consequências surgem sempre antes das causas. A ecologia de saberes favorece hierarquias dependentes do contexto, à luz dos resultados concretos pretendidos ou atingidos pelas diferentes formas de saber (Santos e Meneses; 2010:31).

É nesse sentido que os autores compreendem a proposta de uma ecologia de saberes: os conhecimentos devem ser reavaliados a partir das interações e intervenções concretas cuja execução é possível em sociedade. Assim, a ecologia de saberes é um conceito que visa promover o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais por parte dos que nelas

intervêm. Portanto, a ecologia de saberes é, sobretudo, um processo coletivo de produção de conhecimentos que visa reforçar as lutas pela emancipação social, pois os autores consideram que os conhecimentos validados pelas ciências não favorecem o conhecimento dos oprimidos, dos excluídos, dos explorados. Já na proposta da ecologia de saberes valoriza os saberes produzidos pela luta destes sujeitos.

Em conformidade com as Epistemologias do Sul e com a ecologia dos saberes, as teóricas feministas³ também afirmam que o conhecimento do mundo é socialmente construído e que o contexto do mundo em que vivemos determina quem somos, como pensamos e também a nossa concepção da ciência. Neste sentido, como aponta Tavares (2009), "a produção do conhecimento, o modo como se faz, onde se faz e o que se faz não é exterior aos contextos sociais e políticos."

Deste modo, o feminismo, assim como a ecologia dos saberes, propõe uma relação entre teoria e prática. Delineia-se um agente epistémico⁴, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele; não neutro e imparcial, mas assumindo que há um compromisso com a investigação.

Partindo da noção de que o conhecimento é socialmente construído e situado, esta investigação propõe reconhecer as diversas formas de conhecimento das mulheres negras. Deste modo, pode falar-se de «epistemologia feminista», ou seja de uma forma de construção do conhecimento do ponto de vista feminista, e também se pode considerar a utilização de «metodologias feministas», pois nestas as linhas orientadoras são, entre outras: a parcialidade consciente, na medida em que a investigadora se identifica com os objetivos da investigação; a participação ativa nas ações e movimentos reivindicativos, e, um conhecimento construído a partir do terreno em que a investigadora está situada.

Esta pesquisa, construída sob a perspectiva de uma mulher negra latino-americana, imigrante, que viveu a maior parte de sua vida num bairro social da região metropolitana de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, permite

³ Conforme Cruz (2007) "a crítica feminista à ciência reflete, sobretudo, as distorções feitas pela ciência. Assim, muito do que as feministas reclamam em relação à ciência são as ausências, principalmente em relação às próprias mulheres, quer sejam elas reconhecidas, quer não o sejam."

⁴ Conforme Conceição e Aras (2013), "todas as minorias relativamente organizadas, e não apenas as mulheres, têm vindo a reivindicar uma fatia do bolo da ciência."

à autora uma posição social que lhe proporciona um ponto de vista, uma visão do mundo e do conhecimento, diferenciado.

A minha primeira investigação com as mulheres negras começou na altura da minha graduação, num trabalho de campo para a monografia do curso de Jornalismo, realizado no estado do Rio Grande do Sul/Brasil, um local onde é bastante notória a diferenciação étnica. Em estudos anteriores havia sido notada uma preocupação vinculada com a valorização das origens ancestrais, por parte de algumas etnias, nomeadamente a italiana e a alemã. Em contrapartida, noutros casos, donde ressalvo a afrodescendente, essa preocupação era desvalorizada⁵.

Tradicionalmente, no seio das famílias afrodescendentes gaúchas⁶ não é comum discutirem-se as origens, debater acerca de etnias ou de outros elementos intrínsecos à *negritude*. Assim, realizar entrevistas abordando questões étnico-raciais com a população afrodescendente nas ruas, não foi uma tarefa fácil. Principalmente, devido ao historial discriminatório de que esse grupo social foi alvo durante séculos, traduzido num passado doloroso de escravidão e exclusão. Quebrar a barreira do silêncio quando se colocavam questões sobre discriminação racial é uma das maiores dificuldades do trabalho de campo, pois é difícil reconhecer que se é discriminado. Importa salientar que algumas das mulheres entrevistadas demonstravam estar cientes de que ser negra era determinante em suas vidas e que, apesar de não reconhecerem, num primeiro momento, a existência de racismo, quando questionadas sobre outras problemáticas diárias confessaram sentir-se excluídas da maioria das interações sociais.

Algumas mulheres afirmaram nunca ter sofrido com o racismo, porém ao longo das entrevistas relatavam situações claras de discriminação racial. Uma vez assumida a existência de discriminação racial, é afirmado que as primeiras manifestações se verificam desde cedo, logo na infância, invariavelmente através das ofensas proferidas pelos “amigos”. Tendo início na infância prosseguem ao longo das diversas etapas do crescimento, nomeadamente através de situações como as que

⁵ Ao longo do trabalho de campo para a elaboração da monografia do curso de Jornalismo realizei, no Brasil, entrevistas a mulheres negras, em dois bairros com forte presença de população negra, Cohab-Guaíba e Restinga/Porto Alegre.

⁶ Gaúcho(a) é a denominação dada à população natural do estado do Rio Grande do Sul/Brasil.

ocorrem em manifestações públicas, barreiras policiais, acesso ao e seleção no emprego, no contato com o público em geral e nas mais diversas ocasiões da vida cotidiana, tais como o simples ato de descontar um cheque numa instituição bancária ou ao entrar num estabelecimento comercial para efetuar compras.

Detetou-se também, regra geral, a existência de uma negação e inferiorização por parte deste grupo de mulheres relativamente a tudo o que é associado à identidade negra. As entrevistadas não conseguiam avaliar o contexto em que estavam inseridas, apresentando dificuldades em reconhecer que as questões do mercado de trabalho e da baixa escolaridade entre a população negra não eram um problema individual, mas sim uma questão coletiva e com raízes históricas. Na sua maioria afirmavam estar convictas de que o principal motivo para a população negra se encontrar maioritariamente nas camadas inferiores da sociedade se devia ao fato de os negros serem indivíduos acomodados e que não procuravam criar oportunidades para ascender económica e socialmente. Desconheciam, portanto, tratar-se de um problema estrutural, ancorado na fundação da nação, sendo, pois, uma questão socioeconómica relativa à etnia a que pertenciam e não a uma questão individual. Na opinião das entrevistadas “ser negro é sinónimo de ser pobre”.

Este trabalho de campo marcou a minha trajetória académica e pessoal, pois algumas entrevistadas negras, de pele escura "retinta" (a qual não deixava margem para quaisquer dúvidas sobre o fato de serem negras) quando questionadas sobre a sua raça/etnia afirmavam serem brancas. O que me fez refletir sobre questões como: de que forma era construída a sua subjetividade, imaginário, identidade? Que fatores influenciavam estes processos? E, quais as formas de violência a que eram sujeitas para que negassem a sua origem étnica?

Sendo a pesquisa realizada com estas mulheres para um trabalho na área da Comunicação, as mesmas eram questionadas sobre a presença da população negra nos meios de comunicação. Nenhuma das entrevistadas citou exemplos de pessoas negras que aparecem retratadas nos meios de comunicação, nem se lembraram de qualquer nome. No estudo que temos vindo a abordar constata-se ser sobremaneira importante o papel dos meios de comunicação social, pois as entrevistadas testemunhavam experiências relacionadas com a sua identidade pessoal a partir dos

exemplos retirados de personagens das telenovelas a que assistiam. Muitas consideravam que os meios de comunicação eram responsáveis pelos estereótipos veiculados no processo de construção da identidade étnica, pois raramente se apresentava um negro como um bom exemplo de cidadão honesto e íntegro. Para além disso, nenhuma das entrevistadas acreditava que os meios de comunicação tivessem uma postura imparcial quando se tratava de debater questões étnicas e de género.

No mesmo período, pouco a pouco, fui-me aproximando dos feminismos negros. Conheci de perto as formas de trabalhar o fortalecimento da identidade étnica dentro dos terreiros de candomblé e o trabalho desenvolvido no terreno pelas *ONG* de mulheres negras em bairros sociais. Essa experiência apontou-me para um período de reconhecimento de conquistas históricas do movimento de feministas negras no país. Ao mesmo tempo era uma contradição com a pesquisa realizada nas ruas - onde as questões étnico-raciais causavam constrangimento por oposição às mulheres negras envolvidas no feminismo negro em que afirmavam com orgulho a sua *negritude* - o que me levou a pensar sobre os fatores que diferenciavam a construção identitária destas mulheres, nomeadamente variáveis como: classe social, religião, entre outras. Após a realização desta pesquisa de campo pude concluir que a exposição destas mulheres à violência simbólica, psicológica e institucional as leva a adotar um discurso de inferiorização e conduz a uma baixa autoestima que, em última análise, determina o lugar que ocupam na sociedade. Para além desta experiência do trabalho de campo, no Mestrado, em que a temática racial foi norteadora das minhas reflexões⁷, moveu-me o intuito de compreender a intersecção entre as categorias raça e género a partir do recorte mediático.

Este novo trabalho consiste, entre outras coisas, sobre minha experiência como imigrante em Portugal, vivendo há dez anos em Coimbra e convivendo diariamente com os estereótipos, estigmas e preconceitos que recaem sobre a mulher negra; venho neste trabalho refletir acerca de como a representação mediática contribui para a sustentação deste discurso percebido nas ruas. Compreender a representação das

⁷ Dissertação de mestrado. "Barack Obama: Análise da cobertura jornalística brasileira e portuguesa acerca da identidade étnica construída durante a campanha presidencial. Universidade de Coimbra, 2010.

mulheres negras nos meios de comunicação torna-se um trabalho muito complexo, devido à dificuldade de captar e traduzir em palavras acadêmicas a teia de relações sociais que tecem a discriminação racial e de gênero.

Esta pesquisa nasce num contexto social em que os descendentes de africanos começam a criar uma narrativa sobre si próprios e a refletir sobre o seu papel e lugar na sociedade portuguesa. Um momento em que as primeiras reuniões feministas negras acontecem, em que se tem uma maior visibilidade para questões raciais, principalmente nos meios de comunicação. A reflexão acerca da temática deste trabalho deu-se nas reuniões da *FEMAFRO*, da *Roda das Pretas* e das *Pretas em Movimento*. Nas nossas tertúlias havia relatos de discriminação racial vividos no cotidiano e leituras de textos das teóricas negras. A solidariedade existente nestes coletivos foi algo inspirador para a continuidade deste estudo. A narrativa destas mulheres foi, de certa forma, conduzindo a trajetória desta pesquisa pois, a cada encontro destes grupos, eram levantados novos elementos para reflexão que contribuíram para a mesma.

Nestes espaços de troca de experiências transatlânticas, foi possível identificar as aproximações entre o feminismo negro brasileiro e o português, a percepção dentro destes grupos de *negritude* e a forma como outros conceitos são trabalhados, na prática, nestes coletivos. O que me levou a refletir sobre o meu lugar na luta destes movimentos, e me fez rever posicionamentos e conceitos. A conexão teoria-prática é parte fundamental da presente investigação, pois os trabalhos de campo realizados permitiram também alicerçar no terreno algumas das concepções teóricas estudadas ao longo dos anos a este respeito e que em boa medida as secundavam.

Será pois, partindo destas experiências, que neste trabalho visamos compreender como é que as peças jornalísticas interferem no processo identitário deste grupo social. Eleger as mulheres negras enquanto grupo social para esta pesquisa, é um passo importante numa trajetória académica que vem expressando um marcado interesse por temas ligados à população negra. Definir este grupo social, além de ser um desafio como pesquisadora, implica o reconhecimento de uma discriminação, uma separação carregada de muitos significados dados aos signos do corpo e, em especial, à cor da pele. De acordo com Diniz (2010:10), as outras mulheres

não têm cor, nem são separadas pelos continentes de origem. “Os traços fenotípicos só têm significado dentro de uma ideologia onde o nariz ou a cor da pessoa possam ter algum significado. As pessoas só têm cor no interior de ideologias racistas” (Diniz, 2010:10). Brah (2006) ressalta a importância de analisar o que nós construímos como mulher negra, pois tal desconstrução é necessária se quisermos decifrar como e por que é que os significados dessas palavras transitam de simples descrições a categorias hierarquicamente organizadas em certas circunstâncias económicas, políticas e culturais (Brah, 2006:346).

Uma das minhas motivações centrais decorre da percepção de que grande parte dos trabalhos acerca das mulheres negras no campo mediático consiste na visão do "outro" sobre nós, uma representação com a qual, muitas vezes, não nos identificamos. Perante a urgência de estudos assentes em conhecimento científico, apercebemo-nos da necessidade de dar visibilidade às formas de construção identitárias das mulheres negras, a partir do nosso ponto de vista. A proposta desta pesquisa é acima de tudo dar visibilidade as mulheres negras, as nossas causas, demandas e experiências. Por outras palavras, este trabalho pretende produzir uma ciência solidária com as lutas sociais, com base na perspectiva da *ecologia dos saberes*. Uma investigação que valoriza autores, e conceitos formulados por homens e mulheres, negros/negras, suas concepções de raça, racismo e presença/ausência dos negros nos meios de comunicação. Este trabalho nasce da construção do diálogo com os *pretos em movimento*⁸ e suas *escrevivências*⁹. A proposta aqui é realizar uma pesquisa que visa promover o diálogo com os diversos saberes.

Bell Hooks afirma que os trabalhos que seguem esta linha de pesquisa não são reconhecidos e quem os produz é constantemente contestado; no entanto, considero muito importante para o fortalecimento da comunidade negra a continuidade da produção destas linhas de pesquisa:

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma

⁸ Conceito da autora Nilma Lino Gomes designando os negros(as) que saíram das periferias e hoje ocupam outros espaços na sociedade.

⁹ Conceito da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, que significa escrever sobre suas experiências.

intelectual pois era esse trabalho que me permitia entender a minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. Esta experiência forneceu a base da minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separarmo-nos da comunidade mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade. Ela veio confirmar o que, desde o início, os líderes negros do século XIX bem sabiam — o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas que passariam de objeto a sujeito e que descolonizariam e libertariam as suas mentes (Hooks, 1995:466).

1.2 - Abordagem teórica sobre noções raciais

Neste capítulo discutimos alguns dos conceitos fundamentais do nosso trabalho: raça, etnia e racismo. Consideramos necessário, num trabalho em que se tem como sujeito/objeto de pesquisa a mulher negra, compreender a categoria racial à qual nos referimos. A investigação acerca da noção de raça¹⁰ e do conceito de racismo é extensa e complexa e o uso destes conceitos altera-se muito consoante os textos, revelando ambiguidades nos discursos científicos e de senso comum. Por isso, não se pretende fazer aqui uma exposição exaustiva desta problemática, mas tão-somente apresentar a forma como estes termos são compreendidos ao longo deste trabalho e como, a partir destas definições, concepções e ideias, podemos entender a sua manifestação na sociedade portuguesa e brasileira.

O conceito de raça¹¹ é utilizado como construção social, pois persiste no vocabulário de muitas pessoas (Livro Educação das RER, 2010). De acordo com Guimarães (2005:22), "o conceito de raça deve ser entendido como um constructo social, que engloba em sua constituição histórica uma dimensão que é também biológica; não no sentido de ser uma realidade que explique a diversidade humana e a

¹⁰ O termo raça somente pode ser corretamente utilizado em referência à ideia que fundamenta o racismo e não como uma categoria útil à classificação dos distintos grupos humanos. Devemos acrescentar que nem todo aquele que utiliza a noção de raça é racista, pois racista é somente aquele que, além de acreditar na existência de raças, hierarquiza estas raças em superiores e inferiores. Assim, quando quem é contrário(a) ao racismo utiliza a expressão raça é para se fazer entender e buscar alternativas de superação do racismo, não para reforçar a falsa ideia de raça (Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras - CEAO/UFBA).

¹¹ Conforme Cabecinhas (2002:65) "apesar dos estudos científicos comprovarem a inexistência de raças, o conceito permanece no senso comum."

divida em raças estanques, mas no sentido de produzir a legitimidade dos efeitos da classificação racial universal estabelecida no século XVI."

Nesta perspectiva, raça é um conceito classificatório e tem validade social, pois é a ideia que fundamenta o racismo¹² existente hoje na sociedade. Isto porque a ideia de raça continua a estruturar a percepção que se tem dos outros e a operar o discurso de exclusão, ainda que mais ou menos camuflada pela referência à identidade cultural. (Cabecinhas, 2002:64). Com isso, podemos compreender que as raças são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Cabecinhas (2002:62) declara que, apesar da palavra raça ter sido banida do discurso científico e político, esta não exclui comportamentos e percepções racistas, pois a ideia de hierarquia racial¹³ continua a servir de suporte a ideologias racistas¹⁴.

Assim, apesar de estar cientificamente desacreditado, o conceito de raça que existe na mente dos indivíduos não pode ser ignorado pelos cientistas sociais. Após o Holocausto poucos cientistas continuaram a defender uma hierarquia de raças e as investigações desenvolvidas no domínio da genética vieram questionar muitas das verdades anteriores (Cabecinhas, 2002:57). Segundo Gomes (2014), "tais linhas de pensamento foram sendo substituídas por definições culturais e sociais."

Após o fim da II Guerra Mundial, a UNESCO¹⁵ promoveu amplas investigações interdisciplinares sobre a questão racial e as políticas e doutrinas coloniais e racialistas

¹² Conforme Cabecinhas (2002:43-50) a maioria dos historiadores considera que o racismo é moderno, situando seu nascimento nas proximidades do século XVIII. O racismo científico teve o seu auge no século XIX, e embora no início do século XX já se ouvissem vozes críticas no seio das novas ciências sociais emergentes, só na segunda metade do século XX, depois do genocídio de milhões de judeus e ciganos em nome da 'pureza racial', este sistema de crenças viria a ser rigorosamente desmontado e considerado 'pseudocientífico'.

¹³ Conforme Cabecinhas (2002) "as teorias sobre as hierarquias raciais, embora minoritárias, ressurgem, esporadicamente, no campo científico."

¹⁴ De acordo com Cabecinhas (2002:56) o termo raça foi sendo utilizado no sentido 'espécie', para designar grupos humanos distintos na sua constituição física e nas suas capacidades mentais e, de certa forma esta ideia subsistiu até hoje, passando a constituir o núcleo duro das doutrinas designadas de 'racismo científico'.

¹⁵ Declarações UNESCO (1950, 1951, 1964, e 1967). Na sua primeira Declaração, a UNESCO (1950) proclama que todos os seres humanos pertencem à mesma espécie, o Homo Sapiens e estabeleceu as bases da igualdade de fato entre todas as raças. A segunda Declaração (1951) chama a atenção para o uso abusivo da palavra raça e para os mitos que a esta palavra estão associados, pelo que recomenda o uso de outra palavra para designar os grupos humanos. A quarta Declaração (1967) refere que a noção

foram postas em causa¹⁶. (Cabecinhas, 2002:58). Assiste-se assim, no pós-guerra, a uma mudança do posicionamento científico e político relativamente ao conceito de raça¹⁷.

Para Oliveira (2008:282), raça é hoje e sempre foi um conceito eminentemente político cujo sentido estratégico foi sempre provar a superioridade branca e assim manter seus privilégios, à custa da escravidão e exploração. Partindo do mesmo pressuposto, conforme Quijano (2005:117), a raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Desse modo, raça é o mais eficaz instrumento de dominação que, associado à exploração, serve como o classificador universal no atual padrão mundial de poder capitalista (Quijano, 2005:138). Na perspetiva de Hall (2003,2006) a noção de raça é uma articulação complexa entre bases materiais e fenómenos culturais e, ao mesmo tempo, estruturantes da própria realidade social.

Na atualidade, o conceito de raça volta a ser aplicado justamente para demarcar uma população que é excluída devido às suas características, através de manifestações e organizações. O reaparecimento do termo¹⁸ acontece através do contexto de afirmação e reivindicação em torno do reconhecimento, espaço e visibilidade na sociedade, fenómeno fruto das antigas lutas oprimidas. O que antes tinha carácter pejorativo e excludente, hoje é visto pela sociologia contemporânea para expressar algo que, não existindo de fato, no mundo físico, tem realidade social efetiva (Gomes, 2012:8).

de raça é convencional ou arbitrária. Nesse sentido recomenda o abandono da palavra no meio científico e o uso de designações menos discriminatórias (Cabecinhas, 2002:60).

¹⁶ Segundo Schwarcz, o século XIX foi marcado por essas teorias. A tese da degenerescência racial baseava-se numa conceção de que existiam “tipos ou raças puras”. Acreditava-se que a mistura de raças seria maléfica porque traria uma degenerescência mental e física às espécies.

¹⁷ No livro de referência *Le Racisme Devant la Science* (UNESCO, 1960/1973) procede-se a uma desmontagem detalhada do carácter falacioso das ‘provas’ da superioridade branca nos vários domínios científicos. A investigação ligada à descodificação e à sequenciação do Genoma Humano vieram dar razão aos vários relatórios elaborados no âmbito da UNESCO, pois não foi possível identificar nenhum gene ou conjunto de genes ligados às supostas raças humanas, pelo que a raça enquanto conceito aplicado para classificar os seres humanos está, à luz do conhecimento científico presente, definitivamente abandonado (Cabecinhas, 2002:59).

¹⁸ Conforme Gomes, devido a essa forma como o conceito de raça atua em nossa sociedade é que militantes do Movimento Negro e outros intelectuais não abandonaram o termo para falar sobre a realidade da população negra (Gomes, 2012:47).

No entanto, em decorrência das suas implicações, e como um substituto para o conceito de raça, é correntemente utilizado o conceito de etnia. Dessa forma, etnia é outro termo ou conceito usado como referência à pertença ancestral e étnico-racial dos negros e doutros grupos sociais. De acordo com Munanga (2004:12), o conceito de raça é morfológico e o de etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Para o autor, etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

As etnias constituem-se por minorias, termo que, na maior parte das vezes, é utilizado para designar um grupo destituído de poder e de recursos (Cabecinhas, 2002:119). Numa outra perspectiva, Santos e Faria (2007:269) afirmam que, do ponto de vista étnico, o termo minoria tende a ser substituído pela expressão "grupo étnico", que é marcado por alguns traços característicos que o diferenciam do grupo dominante da população; principalmente quando possui uma cultura própria e uma religião específica. Segundo os autores, o termo "grupo étnico" tem sido empregue para referir situações de grupos sociais minoritários, que são percebidos e classificados em função da sua diferenciação cultural face aos padrões estabelecidos pela cultura dominante. Todavia, o pensamento do senso comum terá acompanhado esta deslocação de raça, para etnia e para as práticas culturais das minorias, sendo estas últimas percebidas como rígidas e imutáveis, e até mesmo geneticamente herdadas (Lima, 2002:38). Lima (2002:39), base do argumento de que a cultura não é entendida como algo fluido e dinâmico, mas como algo análogo à raça, sendo que os laços culturais passam a ser vistos como "laços de sangue" (Lima, 2002:39).

Os autores Vala, Brito e Lopes (1999) analisam que somente os grupos minoritários, isto é, destituídos de poder ou estatuto, são objeto deste processo de naturalização. Assim, o deslocamento da percepção das diferenças entre os grupos humanos do polo das características físicas ou raciais para o polo das características comportamentais e culturais permanece um processo de naturalização da diferença, isto é, a um processo de racialização¹⁹ seguiu-se um processo de etnicização, processo

¹⁹ O termo racialização começou a ser utilizado a partir da década de setenta (Fantón, 1967; Banton, 1977) para fazer referência a um processo político e ideológico pelo qual determinadas populações são identificadas mediante referência direta ou indireta às suas características fenotípicas, isto é, este termo

esse que se verifica em relação aos grupos minoritários, mas não em relação aos dominantes.

Sendo assim, nem o combate científico e nem o político contra o conceito de raça e à ideia de diferenciação baseada em características biológicas e hierarquia racial conduziram o racismo à sua extinção, mas deram lugar à ênfase nas diferenças culturais enquanto legitimadoras da desigualdade entre categorias de pessoas (Machado, 2001; Cabecinhas, 2002; Rosário *et al.*, 2011). Logo, o racismo²⁰, num sentido mais restrito, enquanto doutrina ou conjunto de crenças que defende a superioridade de um grupo sobre outros, baseada num conceito de raça, transformou-se e apresenta hoje novas características.

Na literatura sociológica é relativamente consensual que o racismo envolve três dimensões distintas: ideologia, preconceito e comportamento discriminatório (Machado, 2001:10). O racismo enquanto ideologia foi forjado na ciência com objetivos políticos claros: legitimar um sistema social com fortes desigualdades sociais que estabelecia claramente o *lugar* e o *papel* que os diferentes grupos humanos deveriam ocupar na sociedade, grupos esses definidos e reconhecidos a partir de características físicas que supostamente traduziriam as suas capacidades intelectuais e as suas aptidões (Cabecinhas, 2002:49). Deste modo, racismo e exclusão alimentam-se reciprocamente, pois o racismo é uma ferramenta que cria, mantém e perpetua o poder de um grupo em detrimento do outro.

Guimarães (2005:3) acredita que a sobrevivência do racismo em sociedades democráticas contemporâneas decorre da construção de uma memória coletiva utilizada como fonte de preservação do poder, significando um conjunto de valores, crenças e práticas transmitidas ao longo do tempo²¹. O autor ressalta que este tipo de memória não se diferencia da memória individual, uma vez que são os indivíduos que

refere-se à utilização da ideia de raça enquanto estruturador da percepção de determinada população (Cabecinhas, 2002:61).

²⁰ Conforme Cabecinhas (2002:121) reduzir o racismo a um fenómeno ideológico próprio da modernidade recente, isto é, reduzi-lo à doutrina científica da desigualdade entre raças humanas é insuficiente para compreendê-lo, sobretudo nas suas formulações atuais, mais veladas.

²¹ Cabecinhas (2002:43) afirma que alguns autores argumentam que no mundo clássico e medieval não havia 'consciência racial', uma vez que a cor da pele não determinava categorizações socialmente relevantes, isto é, as diferenças sociais não eram 'biologizadas'. Para outros, o *Tratado de Política* de Aristóteles representa uma das primeiras teorizações racistas, uma vez que o autor procurou legitimar uma ordem social baseada na escravatura referindo-se à natural inferioridade dos escravos.

interagem entre si e partilham significados coletivos comuns, e que se lembram do passado. Nesta mesma perspectiva, alguns pesquisadores, como Jacques d'Adesky (2002), afirmam que o racismo se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional. Segundo estes autores, o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variadas formas, em diferentes contextos e sociedades. Na forma individual, o racismo manifesta-se por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos; podendo atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos. Já a forma institucional do racismo, ainda segundo os autores supracitados, implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado, como por exemplo a concentração da população negra em determinados bairros, escolas e empregos. Estas práticas racistas manifestam-se também nos meios de comunicação e nos livros didáticos, tanto na presença da população negra em imagens deturpadas e estereotipadas, quanto na ausência da história positiva da população afrodescendente (Gomes, 2012:52).

Pode-se também ter uma percepção diferenciada de racismo de acordo com o gênero. Segundo Machado (2001:16-17), este pode também alterar a percepção de racismo no cotidiano. Conforme o autor, as mulheres vivenciam mais situações de racismo do que os homens. Machado acredita que enquanto os homens têm um cotidiano mais confinado ao circuito trabalho-transportes-casa, sendo, no caso do trabalho, os seus horários geralmente mais longos do que os das mulheres, estas participam mais, no dia-a-dia, noutros contextos de interação e, por essa via, têm contato com uma maior diversidade de ocorrências que podem perceber como racistas. O que o autor Machado (2001) designa por “racismo sexuado”, ou seja, o que leva as mulheres a perceberem racismo em situações nas quais os homens não o sentem (Machado, 2001:16-17). Machado denomina “cenários de racismo” ou situações que as mulheres vivem: o cenário “procura de quarto para alugar”, o cenário “entrada numa loja” ou o cenário “sair com um homem branco” (2001:13) que

traduzem ocorrências de racismo que muitas mulheres negras vivem no seu cotidiano²².

Para o autor Fanon (2008), o racismo é compreendido como um sistema de dominação colonial e pós-colonial. O autor analisa o racismo enquanto sistema de opressão que se expressa no corpo, na linguagem, na imagem, na sexualidade e no campo da afetividade dos indivíduos. Para Fanon, a mulher negra e o homem negro construíram suas subjetividades, desejos, escolhas afetivas e sexualidade, internalizando os modelos ideológicos da dominação colonial. Com isso, Fanon aborda a problemática da racialização da subjetividade e os efeitos psíquicos do racismo, questões raramente discutidas.

Nos últimos anos a principal discussão tem recaído sobre a questão da unidade do racismo, pois este vestiu novas roupagens e diversificou-se, o que levou alguns autores a falar de *racismos* (pluralidade) e não de racismo (no singular) para salientar a multiplicidade de manifestações e de práticas racistas, além da sua interferência numa variedade de fenômenos sociais e históricos (Vala, 1999; Cabecinhas, 2002; Brah 2006). A autora Brah (2006:352) considera que apesar de as manifestações de racismos ter origem histórica diversa, elas articulam-se com estruturas patriarcais de classe de maneiras específicas, em condições históricas dadas. Como refere Cabecinhas (2002), algumas das características do racismo têm uma data e um local de nascimento: um sistema de dominação simbólica cuja emergência se deu na Europa e que é paralela ao estabelecimento do colonialismo europeu. Assim, estamos no plano do racismo enquanto ideologia fabricada num determinado local – Europa – numa determinada época – na modernidade recente (fim do século XVIII até meados do século XX) – com um determinado objetivo – legitimar o colonialismo, a escravatura e o tráfico de escravos (Cabecinhas, 2002:49).

Nos séculos de exploração do trabalho escravo dos negros e de colonização dos índios, segundo M.E.O. Lima & J. Vala (2004:403), o racismo era expresso de maneira

²² Conforme Pacheco (2008:11-12) o autor Munanga demonstra que, no Brasil e em outros países, foi nos corpos das mulheres negras escravizadas que tais ideologias raciais foram perpetradas. Torna-se difícil não reconhecer como os discursos de ideologias raciais e de gênero são estruturantes e ordenam um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais que são “destinados” às mulheres negras.

aberta, pois refletia as normas sociais da época: as normas da discriminação e da exploração. Depois da Segunda Guerra Mundial ocorreram mudanças históricas significativas, além das já citadas, tais como: a emergência dos movimentos pelos direitos civis nos EUA, os movimentos de libertação de antigas colónias europeias e a Declaração dos Direitos Humanos. Conforme os autores, a partir deste momento as formas de expressão do racismo e do preconceito mudaram significativamente; de tal forma que se poderia pensar que estes fenómenos estavam em extinção. Com efeito, uma série de pesquisas utilizando metodologias tradicionais de recolha de dados ou medidas diretas de atitudes raciais, feitas em épocas diferentes, demonstraram que as atitudes contra a população afrodescendente, em vários lugares do mundo, estavam a mudar drasticamente (M.E.O. Lima & J. Vala, 2004:403).

As sociedades ocidentais contemporâneas, na opinião dos autores M.E.O. Lima & J. Vala (2004:403), desenvolveram progressivamente uma norma social contra as formas tradicionais de expressão do racismo. Segundo os autores, a relação dos indivíduos com esta norma social pode assumir três formas: rejeição, aceitação ou internalização. Nesta perspetiva, a aceitação de uma norma corresponde à sua adoção instrumental, de modo a garantir recompensas ou evitar punições, enquanto a internalização de uma nova norma ocorre quando existe conformidade entre ela e o sistema de valores de um indivíduo (Vala, Brito e Lopes, 1999). Isto é, num caso estamos perante um acordo público (submissão) e noutro perante um acordo privado (conversão) (Cabecinhas, 2002:70).

As expressões de racismo estão extremamente dependentes do contexto histórico e social. Na década de 70, à medida que os afro-americanos conquistavam um maior protagonismo social na sequência do fim da segregação (*Act of Civil Rights*, 1968), e afirmavam orgulhosamente a sua pertença racial (*Black Power*), foi crescendo na população branca, grupo dominante, um sentimento de ameaça em relação a esta minoria que, de repente, ocupava lugares até então exclusivos da maioria (Cabecinhas, 2002:69). Estas alterações políticas e sociais relativas aos afro-americanos conduziram a uma mudança nas investigações e metodologias utilizadas para estudar os fenómenos raciais, o que veio requerer a introdução de novos conceitos explicativos de racismo. Na década de 80 surgiram uma série de novos conceitos, permitindo

estabelecer uma distinção entre expressões tradicionais e as novas formas de racismo emergentes nas sociedades formalmente antirracistas. De acordo com Cabecinhas (2002:69), esta renovação conceptual ocorreu inicialmente nos EUA e na Grã-Bretanha e, em seguida, alargou-se a outros países. Estes autores, desta nova renovação conceptual, verificaram que a compreensão de que os afro-americanos ameaçam os valores vistos como tradicionais pela sociedade americana se traduzia em novas formas de racismo.

M.E.O. Lima & J. Vala (2004:408) afirmam que, hoje em dia, nas sociedades ocidentais, formalmente antirracistas, assiste-se à permanência de fenómenos racistas, porém verifica-se uma grande ambiguidade nas expressões de racismo, que surgem sempre mascaradas e dissimuladas (Cabecinhas, 2002:585). As pesquisas sobre esta temática apontam que estas novas expressões de racismo, mais veladas e hipócritas, são tão ou mais nocivas do que as expressões mais abertas e flagrantes, uma vez que, por serem mais difíceis de ser identificadas, são também mais difíceis de ser combatidas. Cabecinhas (2002:586) aponta que as normas igualitárias deram origem a novas formas de racismo, o que obriga os investigadores a usar medidas finas para um fenómeno que continua a existir, mas que é filtrado por estratégias de autoapresentação. Com isso se conclui que o racismo não desapareceu, mas complexificou-se.

Outra característica das novas expressões de racismo é a de que o racismo atual se manifesta essencialmente pela negação do reconhecimento da singularidade do outro, ou seja, pelo tratamento dos membros das minorias não como indivíduos, mas simplesmente como representantes de uma categoria homogénea. Este processo manifesta-se num tratamento mais automático da informação relativamente a estes grupos, isto é, mais baseado nos estereótipos sociais. Os membros dos grupos racializados tornam-se 'invisíveis' enquanto *pessoas*, mas extremamente 'visíveis' enquanto grupo (Cabecinhas, 2002:587).

De acordo com os autores "as diferenças que existem entre as novas teorias sobre o racismo, comum a todas elas é a afirmação de que as novas expressões do racismo são disfarçadas e indiretas, e se caracterizam pela intenção de não ferir a

norma da igualdade e de não ameaçar o autoconceito de pessoa igualitária dos atores sociais" (M.E.O. Lima & J. Vala, 2004:408).

Hoje em dia tem-se verificado uma condenação social aberta às formas mais tradicionais e flagrantes de racismo. Consequentemente, em várias partes do mundo, alguns estudos utilizando metodologias tradicionais de recolha de dados têm demonstrado que os estereótipos negativos associados aos negros têm diminuído. Todavia, têm surgido novas e mais sofisticadas formas de expressão do preconceito e do racismo, corporificando muitos comportamentos cotidianos de discriminação, quer ao nível institucional, quer ao nível interpessoal. Estas novas formas de expressão do preconceito e do racismo produzem, na psicologia social, várias teorizações e assim temos as teorias: do racismo moderno, do racismo simbólico, do racismo aversivo, do racismo ambivalente, entre outras²³ (M.E.O. Lima & J. Vala, 2004:401).

A primeira conceituação das novas teorias sobre racismos data dos anos 1970 e surge por meio do conceito de racismo simbólico. O racismo simbólico representa uma forma de resistência a mudanças no *status quo* das relações racializadas nos EUA pós-Declaração dos Direitos Civis. Esta forma de racismo tem como base a premissa de que os negros transgridem os valores tradicionais americanos do individualismo e da ética protestante (obediência, ética do trabalho, disciplina e sucesso). Neste sentido, as atitudes contra os negros sucedem menos da perceção por parte do grupo dominante de que os negros representam uma ameaça económica concreta, e mais da perceção dos negros como uma ameaça simbólica, ameaça aos valores e à cultura do grupo dominante. Os negros são percebidos como violadores dos valores que mantêm o *status quo* das relações inter-raciais (M.E.O. Lima & J. Vala, 2004:404).

A teoria do racismo moderno, por sua vez, nasce de uma necessidade empírica: avaliar as atitudes raciais públicas dos indivíduos, quando as normas sociais impossibilitam expressões abertas de racismo. Assim, esta teoria foi desenvolvida em simultâneo com a Escala de Racismo Moderno²⁴. O conceito de racismo moderno,

²³ Conforme M.E.O. Lima & J. Vala (2004) "na literatura sobre novas expressões de racismo encontra-se muitos conceitos: neorracismo (Barker, 1997), racismo subtil (Pettigrew e Meertens, 1995), racismo cordial (Turra e Venturi, 1995), entre outras".

²⁴ Escala de Racismo Moderno, que teoricamente cobre dois fatores nítidos: negação do preconceito e ameaça aos princípios de igualdade (Santos *et al.*, 2006:637).

assim como o de racismo simbólico, reflete a percepção de que os negros estão a ganhar maiores salários do que merecem e a violar valores importantes para a população branca. Os valores importantes em questão são a igualdade e a liberdade, valores típicos do *American Creed*. Cabe referir, ainda seguindo a linha de pensamento, que a percepção de que os negros violam o valor da igualdade se refere a algo específico do credo americano, “os americanos acreditam na igualdade de oportunidades, mas não na igualdade de benefícios” (M.E.O. Lima & J. Vala, 2004:404). O racismo moderno abrange quatro concepções principais: 1) a discriminação é considerada uma coisa do passado, pois agora os negros são livres para competir no mercado e possuir as coisas com que podem arcar; 2) os negros estão a ocupar, rápida e fortemente, espaços nos quais são indesejados; 3) essas táticas e reivindicações não são justas; e, 4) conseqüentemente, as conquistas recentes não têm mérito e as instituições sociais estão a dar mais importância e prestígio aos negros do que estes realmente merecem (Santos et al., 2006:640).

Para estes autores (M.E.O. Lima & J. Vala, 2004:405), "os racistas aversivos seriam aqueles indivíduos que se diferenciam pela força com que defendem os valores do igualitarismo e tentam autoapresentar-se como pessoas igualitárias e sem preconceito racial; eles aparentam ter aversão ao racismo".

A teoria do racismo ambivalente aproxima-se, em muitos pressupostos, à teoria do racismo aversivo. Tanto o racista ambivalente quanto o racista aversivo empenham-se em manter uma autoimagem e imagem pública de pessoa igualitária e não preconceituosa. Em ambas concepções, a ideia de conflito ou de ambivalência está colocada num nível intrapsíquico e a resolução deste conflito é entendida como sendo primordialmente não-consciente (M.E.O. Lima & J. Vala, 2004:406). Portanto, a ambivalência resulta do duplo entendimento de que os negros são diferentes e, ao mesmo tempo, estão em desvantagem em relação aos brancos. A ambivalência de sentimentos e atitudes normalmente gera uma tensão e um desconforto psicológicos. Para reduzir esta tensão e este desconforto, os indivíduos tenderiam a polarizar ou radicalizar suas atitudes raciais. A ambivalência estrutura dois tipos de atitudes: as atitudes pró e as atitudes anti-negros. As atitudes anti-negros incluem crenças e avaliações sobre as características de desvio cultural e associam aos negros afetos negativos. Já as atitudes

pró-negros refletem a percepção de desvantagem dos negros e produzem afetos positivos, tais como piedade e simpatia (M.E.O. Lima &, 2004:406).

Operando em conjunto com os conceitos raça, etnia, racismo e novas formas de expressão de racismos modernos nas sociedades ocidentais contemporânea, temos outro conceito que é também crucial para refletirmos sobre a realidade da população negra nas sociedades atuais: a 'identidade étnica'.

1.3 - Identidade negra: um tema contemporâneo

O conceito de identidade está no centro do debate quando pretendemos refletir sobre quem é o sujeito do século XXI. Entende-se como identidade a maneira como uma pessoa se define, como é que as suas características fundamentais fazem dela um ser humano. Para a definir, um indivíduo não se limita a considerar somente um aspeto, mas a sua identidade é atravessada por diferentes motivações e está entrelaçada no seu contexto social. Apesar dessa definição, a conceção de identidade tem sofrido transformações no decorrer dos períodos históricos. Com as transformações sociais ocorridas na modernidade a compreensão de sujeito mudou, surgindo uma nova noção de sujeito baseada na individualidade (Hall, 2006:25).

No período pós-moderno, Hall (2003:319) constata que existe um deslumbramento pelas diferenças, principalmente, étnicas e culturais. De acordo com Bhabha, este interesse deve-se ao momento em que vivemos, no qual o tema da diferença cultural emerge em momentos de crise social e a identidade é reivindicada a partir de uma posição de marginalidade, numa tentativa de ganhar o centro (Bhabha, 2007:247). Hall (2006:84) afirma que uma das possíveis consequências da globalização é a produção de novas identidades, pois as características do mundo atual, com suas conexões sociais e culturais, contribuem para a formação do sujeito pós-moderno. Para Hall (2006:74), as relações culturais entre os países e o mercado global possibilitaram aquilo que ele interpreta como a formação de *identidades partilhadas*, onde os indivíduos estão expostos às mesmas mensagens, independentemente da distância. Como consequência, as identidades partilhadas acarretaram a semelhança entre as identidades globais.

Nesta sociedade globalizada, a formação da identidade é um processo conflituoso, pois é reflexo do contexto em que o sujeito está inserido. Nas sociedades atuais, que têm como característica a segmentação, o indivíduo busca encontrar-se em meio a estas variadas fatias. Apesar desta busca, conforme Hall (2006), a identidade permanece sempre incompleta, está sempre em processo. O autor (Hall, 2003, 2006) ressalta que as identidades modernas vêm sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas, tornando-se uma celebração móvel, formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais são representadas ou interpeladas nos sistemas culturais. De acordo com Hall (2006:34), um dos fatores que favoreceram a descentralização do sujeito foram os meios de comunicação de massas. O autor avalia que os média assumiram um papel central na construção da identidade devido à influência que exercem nos seus utilizadores, ao apresentarem, diariamente, modelos de comportamento social e promoverem percepções de etnia, raça e outros conceitos que são reproduzidos na vida cotidiana. Keller (2001:307) observa que, atualmente, os média tem um poderoso instrumento formador da identidade pessoal, pois ao visualizar as imagens projetadas, seja pela televisão, ou outros meios de comunicação, as pessoas acabam por imitar o que assistem. Para Keller (2001:316), hoje o sujeito pode optar por qualquer identidade e representá-la, uma vez que, conforme Hall (2003), a identidade é um lugar que se assume.

A escolha por uma determinada identidade não é algo automático ou simples para um sujeito, pois a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-datada, nunca uma profecia auto-cumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem (Bhabha, 2007:76). Toda identidade é construída social e historicamente e está ligada a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. A adoção de uma determinada identidade social geralmente visa múltiplos objetivos: autoproteção, defesa de interesses, reversão da opressão, etc. Neste sentido, todas as identidades sociais são ou podem ser instrumentalizadas politicamente, ou seja, são passíveis de ser utilizadas direta ou indiretamente visando determinados fins (Santos, S.K.,2012:9).

Para Bhabha, a questão de identidade vai além da imagem assumida pelo indivíduo, pois o que se questiona é o lugar discursivo e disciplinar onde as questões

de identidade são estratégicas e institucionalmente colocadas (Bhabha, 2007:81). Assim, o discurso em torno da identidade assumiu um caráter político e de diferença, pois a elaboração de cada identidade integra diversos fatores. Por conseguinte, a identidade é formada sobre um terreno de luta, no qual os indivíduos escolhem os seus próprios significados culturais e o seu próprio estilo (Keller, 2001:211). Neste sentido, a construção da identidade negra é formada num contexto de luta na base do qual foram construídos os seus próprios significados culturais, estilo e comportamento.

As identidades negras, segundo Munanga (2012:13) têm conteúdo e finalidades políticas que visam mudanças na sociedade. Assim, a identidade negra que reuniria todos os negros e todas as negras é uma identidade política. Nela se encontram negros e negras de todas as classes sociais, de todas as religiões, de todos os sexos, porque, juntos, todos são vítimas da discriminação e exclusão raciais. A construção de identidades a partir de agenciamentos discursivos identificados com representações contra-hegemônicas é apontada como potencialmente contracultural, no sentido de possibilitar a criação e o exercício de novas formas de relações sociais cotidianas (Mendonça, 2006:14).

Barth (1998) define que a identidade étnica ou cultural de um grupo é a sua fronteira étnica: «a fronteira étnica que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange», logo, «se um grupo conserva a sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão» (Barth, 1998). As identidades étnicas, de acordo com Barth (1998), mobilizam-se com referência a uma alteridade e a etnicidade provoca a constituição de agrupamentos dicotômicos - «nós» e «eles» -uma vez que são as fronteiras étnicas, e não o conteúdo cultural interno, que determinam o grupo étnico e possibilitam a sua persistência.

Bhabha considera, como ponto de vista central da identidade negra, reivindicar o mesmo direito que têm os outros de «se tornar aquilo que se quer ser», e não assumir alguma identidade pré-moldada que é simplesmente reprimida (Bhabha, 2007:332). Nesse sentido, a identidade negra é um processo identitário, no qual o sujeito «se torna» negro (Bhabha, 2007, Hall, 2006), uma vez que aqueles que

reivindicam esta identidade não se restringem a ser posicionados pela mesma, mas conseguem reconstruir e transformar as identidades históricas que foram transmitidas ao longo de um passado coletivo, elaboradas em locais históricos e institucionais específicos, e por estratégias e iniciativas também específicas²⁵. Nessa perspectiva, afirmar-se negro é acima de tudo um posicionamento político²⁶.

Como afirma Brah (2006:334), o «negro» tornou-se uma cor política a ser afirmada com orgulho contra o racismo fundado na cor. Assim, a identidade negra faz parte de um processo de rutura com os estigmas históricos da população afrodescendente já que, historicamente, lhe foi estabelecida uma identidade negativa. No processo de construção da identidade coletiva negra, Munanga (2012:10) acredita que é preciso resgatar a sua história e autenticidade, desconstruindo a lembrança de um passado negativo, representado na historiografia colonial e ainda bastante vívido na memória coletiva e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar a sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial²⁷.

De acordo com o autor, as consequências deste discurso de inferiorização proporcionaram o aumento do racismo e, por outro lado, o desenvolvimento de estratégias, pelos negros, para o combater. Portanto, a identidade negra trata-se de uma identidade de resistência que está sempre em construção e é uma forma de resistência contra-hegemónica que busca atingir um cenário alternativo à hegemonia estabelecida. Também se pode entender o processo de construção e/ou reconstrução de identidades como vital para que os grupos sobrevivam e prosperem²⁸ (Santos,

²⁵ Hall acredita que a plena identidade negra seja algo inatingível, pois o autor não vê uma identidade racial libertadora e progressista em todas as dimensões: «*As nossas diferenças raciais não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças*» (Hall, 2003:328) uma vez que, para ele, a identidade negra depende de outros fatores, como género e orientação sexual.

²⁶ Na autoidentificação da cor, o termo *negro* conota o orgulho pela negritude e é, implícita ou explicitamente, uma categoria política (Sansone, 2004:74).

²⁷ Conforme Munanga, o essencial da identidade negra é reencontrar o fio condutor da verdadeira história do negro que o liga à África sem distorções e falsificações. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo. Razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica eram estratégias utilizadas pelas ideologias de escravatura e colonialismo, destruindo a memória coletiva dos povos escravizados e colonizados (Munanga, 2012:10).

²⁸ A mobilização étnica, ação afirmativa, ou luta identitária não pode ser considerada como uma forma de racismo (Fenton, 1999; Burguière e Grew, 2001). Nem pode ser considerada como racismo reverso,

2010:2); pois, à medida que os indivíduos negros assumem uma identidade étnica fortalecida, isto é, uma identidade plenamente pertencente e identificada com a população negra, torna-se possível o reconhecimento dessa diferença.

Construir a identidade negra como diferença é requerer o valor social, por séculos destituído; é exigir que esta diferença seja percebida livre de desigualdades. É, portanto, admitir que esta identidade não resulta de lutas sociais travadas na contemporaneidade, mas de uma construção social elaborada ao longo da história. Isto é, evocar a força política da consciência negra e dotar a história de um sentido.

Uma vez que, as identidades estão relacionadas, não só ao conhecimento, mas também ao reconhecimento social, caracterizam-se estas identidades como elementos políticos e históricos. A identidade negra inclui não apenas o sentimento de compromisso e de partilha de valores e atitudes do grupo, mas também a avaliação do significado emocional da pertença a esse grupo para o indivíduo – autoestima, orgulho, bem-estar, percepção de pertencimento. Conforme Bhabha, a diferença do objeto da discriminação é ao mesmo tempo visível e natural – a cor, como signo cultural/político de inferioridade ou degeneração, e a pele²⁹, como identidade natural (Bhabha, 2007:123). Nos últimos anos, o uso do léxico «negro»³⁰ é crescente, especialmente entre os jovens com maior nível de escolaridade. O termo em si demonstra uma autoidentificação de orgulho (Coutinho, 2010:43) e é fruto de uma identidade étnica fortalecida. Conforme Munanga (2012:14), "O tigre não precisa proclamar e gritar a sua tigridade, pois ele domina a selva de que é rei. São os mais fracos que precisam de se mobilizar para defender a sua existência, daí a razão de ser das suas identidades coletivas".

O processo de construção da identidade étnico-racial na sociedade brasileira e portuguesa é bastante complexo, pois os discursos relativos à mistura racial e cultural

racismo contra brancos, algo que não existe, pois os negros não possuem poder institucional para serem racistas.

²⁹ A identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros, ou negros e amarelos. É importante frisar que a negritude, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica.

³⁰ Afirmar-se negro deixou de ser automaticamente pejorativo no Brasil. Tem crescido o número de pessoas classificadas pelo IBGE como pretas e pardas, as quais se assumem como descendentes de africanos (Santos, 2010:7).

geram muitos paradigmas e conceitos. Assim, o conceito de identidade negra utilizado neste trabalho encaminha-se no sentido de a entender como uma realidade dinâmica e contextual. Para Sodré (1999), as identidades negras são compreendidas como construções múltiplas, complexas, social e historicamente (re)construídas com base nos dispositivos de matrizes africanas; tais dispositivos são elaborados nas relações socioculturais, políticas e históricas que ocorreram a partir do sequestro de africanos. Sendo assim, é necessário compreender a identidade étnica dos negros na diáspora, a partir desta captura dos povos e da violência sofrida, pois este tráfico transatlântico de escravos foi um fator de enfraquecimento dos laços étnicos entre a população afrodescendente. Nas sociedades escravagistas, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelo entre cor negra e posição social inferior (Alves, 2011:144).

Compreender a polifonia do campo, em relação às identidades expressas e silenciadas, ou explicitamente enunciadas ou não, significa considerar os diferentes lugares, historicamente constituídos para os diferentes sujeitos desse espaço, bem como nas possibilidades que estes constroem em práticas e sentidos que compõem os espaços do cotidiano (Lima, 2008:43). Em países multirraciais como Brasil e Portugal, a comunidade negra procura romper as barreiras discriminatórias fortalecendo a sua identidade étnica. Nos dois contextos, esta população busca o reconhecimento e inserção plena na sociedade. À medida que os negros ganham espaço no contexto social, mediático, cultural e político, ocorre um despertar de outros sujeitos dando origem a um movimento coletivo de autoafirmação étnica. Brah (2006:357) afirma que múltiplas localizações marcaram a formação de novas subjetividades e identidades diaspóricas; e produziram um novo sujeito político poderoso. No entanto, como a maioria dos sujeitos políticos, este também carrega sua própria contradição. Como aponta Munanga (1999), a população afrodescendente apresenta existência plural, complexa, que não permite a visão de uma cultura ou identidade unitária, monolítica.

O autor Gilroy (2001) propõe que as identidades negras são criadas e redefinidas através de uma troca triangular entre o continente africano, o Novo Mundo e a diáspora negra na Europa. Para o autor, esses processos de reelaboração

cultural são realizados através de uma "conexão que deriva tanto da transformação da África pelas culturas da diáspora como da filiação das culturas da diáspora à África e dos traços africanos encerrados nessas culturas da diáspora" (Gilroy, 2001). Gilroy destaca a capacidade de as identidades negras, formadas a partir da diáspora, dialogarem com a modernidade.

Para Gilroy (2001), a concepção de diáspora é essencial para se compreenderem as práticas políticas da história dos afrodescendentes no mundo atual e refletir sobre as semelhanças e as diferenças entre as culturas negras diaspóricas. Valorizar essas conexões, contudo, não significa que as políticas de identidade devam ser iguais para grupos negros de diferentes países, ou mesmo dentro de um único país. Pois há uma forte componente transnacional nas identidades negras da diáspora, há também especificidades regionais e nacionais. De acordo com Gilroy (2001), é possível encontrar alguns elementos em comum nas diferentes culturas negras constituídas na diáspora, mas não existe homogeneidade na cultura negra; ou seja, não podemos falar de uma cultura negra, mas sim de pontos ou traços que as diversas culturas negras podem ter em comum. No *Atlântico Negro*³¹, a demarcação de culturas negras criou os contornos de uma área cultural transnacional, múltipla e dinâmica, em que não existe um único centro propagador de negritude, de autenticidade e de verdade. A identidade negra, no *Atlântico Negro*, ou de outros povos não surge simplesmente da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negra, branca e amarela. Ela resulta de um longo processo histórico.

É nesse contexto histórico que devemos entender as identidades negras, seja no Brasil, seja em Portugal. A identidade afro-brasileira e a identidade luso-africana passam, necessariamente, pela negritude³², conceito fundado por Senghor, enquanto

³¹ O conceito "Atlântico Negro", utilizado pelo autor Paul Gilroy em seu livro: *O Atlântico Negro* (2001) corresponde às Américas, África e Europa continentais onde foram e ainda são forjados os modelos de identidade negra.

³² Segundo Domingues (2005) a palavra *negritude*, em francês, deriva de *nègre*, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro. Em Paris, no período entre-guerras, um grupo de estudantes negros oriundos dos países colonizados (Antilhas e África) iniciou um processo de mobilização cultural. Quando esses estudantes começaram a frequentar as universidades europeias - sobretudo as de Paris e Londres - constataram que a civilização ocidental não era um modelo universal e absoluto tal como lhes era ensinado na colônia. Nesse contexto, despertou-se uma consciência racial, e, por conseguinte, a disposição de lutar a favor do

categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista (Munanga, 2012:6). Conforme Munanga (2012:12), a negritude³³ não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra. O que as populações afrodescendentes têm fundamentalmente em comum não é apenas a cor da pele, mas sim o fato de terem sido, ao longo da história, vítimas das piores tentativas de desumanização cujas culturas não apenas foram objeto de políticas sistemáticas de destruição mas, mais do que isso, terem visto a sua existência simplesmente negada. Munanga (2012:12) considera que a negritude deve ser encarada também como confirmação e construção de solidariedade entre vítimas.

Nesse contexto, a população racializada reconhece-se si própria e, na tentativa de reverter o estigma associado à negritude, tenta adquirir estatuto e recuperar a dignidade. A negritude, não é uma entidade concedida, mas um constructo que pode variar no espaço e no tempo, e de um contexto para outro, necessitando de ser definida em relação a sistemas nacionais específicos e a hierarquias globais de poder (Sansone, 2004:24). O termo negritude, evocado com afirmação do orgulho do pertencimento étnico-racial³⁴, seria uma reação do negro à supremacia branca. Segundo Domingues, o racismo do branco seria a tese, e a negritude, a sua antítese (2005:9).

resgate da identidade cultural esvaecida do povo negro. Na sua fase inicial, o movimento da negritude tinha um caráter cultural. A proposta era negar a política de assimilação à cultura (conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e dos valores transmitidos coletivamente) europeia. O dilema para os africanos e negros da diáspora, assevera Franz Fanon, deixou de ser «embranquecer ou desaparecer». Para rejeitar esse processo de alienação, os protagonistas da ideologia da negritude passaram a resgatar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana. (Domingues, 2005:3-6). A intenção do movimento foi justamente inverter o sentido da palavra *négritude* para o polo oposto, aplicando uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial (Domingues, 2005).

³³ Na concepção de Aimé Césaire, negritude é simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específica. Césaire definiu a negritude em três aspetos: identidade, fidelidade e solidariedade. Senghor definiu o termo «negritude» como um conjunto dos valores culturais do continente negro, tal como eles se manifestam na vida, nas instituições e nas obras dos negros, ou de uma forma ainda mais sucinta: «a personalidade coletiva dos povos negros» (Riesz, 2001:15).

³⁴ Segundo Domingues (2005:15) no Brasil, a partir do final da década de 1970, negritude tornou-se sinónimo do processo mais amplo de tomada de consciência racial do negro brasileiro. No terreno cultural, a negritude expressava-se pela valorização dos símbolos culturais de origem negra, destacando-se o samba, a capoeira, os grupos de afoxé (cortejo de rua que sai durante o carnaval, cujos integrantes pertencem geralmente ao candomblé). No plano religioso, negritude significava assumir as religiões de matriz africana, sobretudo, o candomblé. Na esfera política, negritude se definia pelo envolvimento na luta antirracista, organizada pelas entidades do movimento negro.

A ideologia da negritude foi, antes de tudo, um movimento de resgate da humanidade do negro, o qual se insurgiu contra o racismo imposto pelo branco no contexto da opressão colonial. O movimento tinha a proposta de repudiar os valores estéticos da civilização ocidental (Domingues, 2005:16). Franz Fanon no título de seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, uma alusão aos negros que - para se integrarem socialmente – se autorrejeitavam, incorporando em seus corpos e mentes o ideal de ser branco, alisando o cabelo e assumindo a música, a religião, os costumes, em suma, a cultura deste último. Foi justamente para reagir a esse estado de alienação que surgiu o movimento da negritude, que trazia como ideia central o desejo de reencontro com uma identidade negra perdida. Como a libertação do negro passa pela reconquista de si, o movimento da negritude assumirá a cor negada e verá, nela, traços de beleza (Domingues, 2005:16). Contemporaneamente, a ideologia da negritude³⁵ vem adquirindo diversos «usos e sentidos³⁶», e negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural. No campo ideológico, negritude pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana.

Portanto, negritude é um conceito multifacetado, que é necessário compreender à luz dos diversos contextos históricos (Domingues, 2005:25-26). Nos últimos anos, com a maior visibilidade da questão étnica no plano internacional e do movimento de afirmação racial no Brasil e em Portugal, o termo tem servido de sustento para a ação dos movimentos negros organizados, principalmente para

³⁵ Segundo Domingues (2005:18) o movimento da negritude, pelo menos na sua fase inicial, recebeu a proeminente influência ideológica do marxismo. Isto é, o marxismo constituiu o instrumental teórico fundamental no despertar da necessidade de uma consciência negra crítica e autónoma. Depois da segunda Guerra Mundial, o movimento da negritude entrou numa nova fase, que podemos qualificar de militante. O mais importante, naquela altura, era colocar a ideologia da negritude a serviço da causa política maior: a libertação das colónias africanas do jugo europeu. Ultrapassando os marcos da literatura, a negritude abarca a luta pela conquista do poder, pela independência e assume, igualmente, um discurso de repúdio ao imperialismo e ao racismo. Dentre as conquistas advindas do movimento da negritude podemos destacar que este: revalorizou a herança ancestral africana; contribuiu para que o negro construísse uma autoimagem positiva; propiciou visibilidade e o conseqüente fim do silêncio que pairava diante da causa negra.

³⁶ Para Domingues (2005:16) ela foi, inclusivamente, apropriada pela indústria cultural e transformada em produto de consumo. Um reflexo típico desta tendência é o verdadeiro comércio, que se instaurou, de roupas que têm o padrão estético africano e dos cosméticos dirigidos ao segmento negro. Por isso, Diva Damato salienta que, em função da ambigüidade e imprecisão, a palavra “negritude” passou a ser manipulada conforme a conveniência de cada contexto.

mobilizar a população afrodescendente em torno das demandas étnico-raciais. No entanto, o que define «ser negro» não é um conceito universal, é específico e deriva de um espaço, um território ou um país particular (Sansone, 2004:211). Ser reconhecido como negro em Portugal nem sempre corresponde a «ser negro» em África. Assim como «ser negro» no Brasil não corresponde a ser considerado negro em África, ou em Portugal. Isto deve-se, principalmente, ao *colorismo*³⁷.

Em Portugal, no trabalho de Ortiz (2013) sobre identidade dos jovens descendentes de africanos que residem na região metropolitana de Lisboa, aponta que estes jovens constroem sua identidade a partir da diferença e da semelhança entre a cultura africana e portuguesa e também por elementos sociais, culturais e geracionais. Para o autor, os jovens vivem numa intersecção de pertenças, num continuum de negociações e resistências (Ortiz, 2013:157). Ortiz considera que a aquisição da nacionalidade portuguesa contribui para o desenvolvimento de sentimentos de pertença, pois acredita que apesar de se tratar de um vínculo material, a mesma tem grande força simbólica. O autor avalia que, para estes jovens nascidos em Portugal, a origem funciona como articulador na criação da sua imagem baseada na inter-relação dos relatos orais e recordações dos pais e com as imagens construídas na sociedade portuguesa sobre os países africanos.

Já nos estudos de Batalha (2008) sobre jovens de origem cabo-verdiana, o autor identificou que os jovens são frequentemente encarados como «pretos» e raramente como «portugueses». Por serem percebidos como «pretos» ou «africanos» pela sociedade portuguesa em geral, a sua integração social se torna mais difícil. Para o autor, muitos jovens afirmam ser «africanos» mesmo que nunca tenham estado em África. Eles consideram-se africanos. É esta a sua identidade. E a integração relativamente malsucedida destes jovens é, em parte, causada pela sua resposta identitária à categorização racial que a sociedade portuguesa lhes aplica, na qual

³⁷ O termo *colorismo* foi usado pela primeira vez pela escritora Alice Walker no ensaio "If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?", publicado no livro "In Search of Our Mothers' Garden", em 1982. O *colorismo* ou a *pigmentocracia* trata-se da discriminação pela cor da pele. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais escura for a pele de uma pessoa, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer. No *colorismo*, ainda que uma pessoa seja reconhecida como negra ou afrodescendente, a tonalidade de sua pele será decisiva para o tratamento que a sociedade lhe dará.

«português» é sinónimo de «branco» e «africano», sinónimo de «preto» (Batalha, 2008:28-29).

Além destas pesquisas focadas sobre a identidade dos jovens afrodescendentes, tem crescido, atualmente, em Portugal o número de jovens que se consideram *cabralistas*, isto é, seguidores de Amílcar Cabral³⁸. Cabral é uma fonte de inspiração para estes jovens e intelectuais pan-africanistas, que se inspiram na sua ideologia e ações. Na visão de Cabral, a cultura é como «arma» teórica e prática no processo de luta pela autonomia política; por isso, um dos objetivos do cabralismo é lutar pela emancipação cultural de África para, posteriormente, se alcançar a emancipação económica. Os cabralistas buscam também a *reafricanização*, isto é, (re)construir a história a partir do ponto de vista do povo africano. Neste sentido, a reafrikanização não é uma exaltação mítica do homem africano, mas a valorização do seu papel como portador de cultura. Para os cabralistas, o aprofundamento da consciência política resulta na chamada «reafricanização dos espíritos», cujo intuito é ultrapassar os limites impostos pela assimilação cultural.

Já na sociedade brasileira, a desmistificação do discurso da democracia racial e da ideologia do branqueamento³⁹, como veremos no próximo capítulo, trouxe avanços políticos relevantes, o que leva à melhor explicitação das identidades. Assim, as problematizações sobre identidade articulam-se com a luta dos movimentos negros por políticas específicas de redução das desigualdades para a população negra, tais como debates e intervenções no campo das políticas de ação afirmativa, inclusão de temáticas relacionadas com a história e cultura de base africana nos currículos escolares, entre outras iniciativas (Lima, 2008:43). Assim, para a construção da

³⁸ Amílcar Cabral é um dos principais nomes da libertação dos povos africanos colonizados. Ele é considerado por muitos como o pai da independência e nacional de Guiné-Bissau e Cabo-Verde, além de ser um teórico revolucionário cuja influência se repercutiu muito além do continente Africano. Os cabralistas seguem os princípios teórico-políticos de Cabral que assentam na máxima “a luta de libertação é um ato de cultura”.

³⁹ A ideologia do branqueamento persiste no imaginário social e influencia o processo de construção identitária da população negra no Brasil. No país, a necessidade de um mascaramento cultural era necessária para uma aceitação sociocultural em meio à esfera social da dominação. Nesse diálogo, Fanon (2008:180) aponta que «quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será».

identidade negra, os movimentos negros organizados buscam a reconstrução da identidade racial e cultural que sirva de base à sua mobilização política.

Influenciados pelos movimentos negros norte-americanos, levanta-se a bandeira de luta de um antirracismo diferencialista, baseado no respeito pelas diferenças. Enquanto sujeito coletivo, o movimento negro é visto na mesma perspectiva de Gomes (2011:135), ou seja, como uma coletividade onde se elaboram identidades e se organizam práticas através das quais se defendem interesses, expressam-se vontades e se constituem identidades, marcados por interações e processos de reconhecimento recíprocos. De acordo com Gomes (2011:135), enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos e reordena enunciados, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. Abre-se, assim, espaço para a mudança no sentido das palavras e das práticas, instaurando-se novos significados e novas ações. Para Munanga (2008:14), os movimentos negros contemporâneos buscam construir uma identidade negra a partir das particularidades desse grupo social. Essa identidade passa pela recuperação da sua negritude física e cultural.

Para recuperar a identidade negra perdida na diáspora, Hall (2003) aponta três aspectos da cultura popular negra que refletem tradições de representações desta da diáspora: estilo, corpo e música. Segundo o autor, a população negra é segregada da cultura dominante e despossuída de capital cultural. Além de si mesmos, para os afrodescendentes, estes elementos - estilo, corpo e música - foram, muitas vezes, os únicos espaços que restaram para a apropriação da cultura negra (Coutinho, 2010:25). Traços, estes, que podem ser encontrados na identidade negra brasileira e portuguesa, apresentam características peculiares e em constante transformação e agregação (Coutinho, 2010:51).

A música é considerada por Hall como a forma mais profunda de composição da vida cultural dos negros da diáspora, utilizada para dar visibilidade aos seus problemas e formar a sua identidade. Formas musicais como o *gospel*, o *blues*, o *jazz*, têm servido tradicionalmente para expressar a luta e a resistência dos negros (Keller, 2001:204). Alguns autores (Ortiz, 2013) avaliam que, hoje, o *rap* seja o produto cultural

que expressa melhor a identidade do negro, pois é uma resistência à opressão social e institucional.

Outro aspecto é o corpo, elemento usado frequentemente como tela de expressão de identidades. Pode-se ver o estilo representado no corpo, ou na própria caracterização com que os afrodescendentes se expressam (Coutinho, 2010:25). Um exemplo é o cabelo, um dos principais ícones identitários para os negros (Gomes, 2012:9). Para a mulher negra, que é vítima de uma forte desvalorização estética (Carneiro, 1995; Gomes 2012), o trato do cabelo revela-se como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra (Gomes, 2012:7). Depois da cor da pele, o cabelo dos negros é o maior símbolo estético de estigma, sofrendo uma desvalorização evidente, pois o cabelo crespo é visto como um sinal da negritude nos corpos.

De acordo com Gomes (2012), nas múltiplas possibilidades de análise que o corpo negro nos possibilita, o cabelo deixa de ser um simples traço fisiológico uma vez que carrega um sentido social, podendo ser considerado como símbolo de uma posição política. Dessa forma, pode-se afirmar que a identidade negra, enquanto construção social, é materializada, corporificada. Segundo a autora (Gomes, 2006), a construção da identidade, do negro, sobretudo da mulher negra, constrói a sua corporeidade por meio de uma aprendizagem que incorpora um movimento tenso e dialético de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo. Essa *corporeidade*⁴⁰ é alicerçada num conflito entre padrões estéticos de beleza corporal real e um ideal (Gomes N., 2011:151). Consequentemente, como afirma Hooks (1995), o cabelo passou a ser então tratado por químicos ou entrançado; passou a ser endeusado e transformado em modelo, criando uma alternativa de ressignificação identitária para a mulher negra, pois o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é maleável, visível, passível de alterações e foi transformado, pela cultura, numa marca de pertencimento étnico-racial. O estilo de cabelo, o tipo de penteado, e a

⁴⁰ De acordo com Neves (2009) a corporeidade é um termo filosófico que designa a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo. O conceito considera a ideia de «forma de corporeidade» que, segundo a tradição Escolástica de Agostinho, representa o corpo como realidade orgânica, independente da sua união com a alma, mas que o potencializa para tal união. Este conceito assenta na ideia da propriedade do corpo estabelecer relações com todas as possibilidades que o rodeiam - é a forma de o homem ser no mundo.

manipulação e o sentido a estes atribuído pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico-racial, numa tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra.

Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (Gomes, 2012:3), ou pode representar um processo de reconhecimento das raízes africanas, ou ainda, de reação, resistência e denúncia contra o racismo. Por isso, a intervenção no cabelo pode significar a tentativa do negro sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Um exemplo é usar o estilo de cabelo *afro*, associado ao movimento *Black Power* e percebido como um penteado que demonstra orgulho racial (Coutinho, 2010:74). Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético, é identitária (Gomes, 2012:3). Para o negro e para a negra, o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico-racial (Gomes, 2012:7).

Esse significado social do cabelo do negro atravessou o tempo, adquiriu novos contornos e continua com muita força entre os negros e as negras da atualidade. E ainda pode expressar um estilo de vida. A autora considera que os salões étnicos são espaços privilegiados para pensar várias questões que envolvem a vida dos negros, pois são espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso, ajudam a refletir um pouco mais sobre a complexidade e conflitos da identidade negra. Nos salões, o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho (Gomes, 2012:8). A autora (Gomes, 2012:10) considera que a expressão estética negra é inseparável do plano político, do económico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da perceção da diversidade.

Na perspetiva de Sodré (1999), outro espaço negro de constru o de identidade étnica, além dos salões étnicos, são os terreiros de candomblé. Nestes terreiros religiosos resistiu uma linguagem africana, que serve de comunica o entre os humanos e os deuses, e   constitutiva de identidades no plano da religiosidade negra. No caso dos afro-brasileiros, as línguas, também consideradas um outro fator constitutivo da identidade, perderam-se no contexto escravagista. Em Portugal, o

crioulo é uma forma de afirmação identitária. Apesar de, segundo Ortiz (2013:172), o crioulo falado principalmente pelos mais jovens ser diferente do falado pelos pais. Segundo o autor, esta nova versão do crioulo mistura termos portugueses com palavras provenientes dos Estados Unidos.

Outros fatores constitutivos da identidade negra são as artes, as danças, as medicinas, as tecnologias, as ciências, a educação, as visões do mundo, a comida, etc. Estas diversas formas de expressão, segundo Reis (2009:4), contribuíram para a manutenção da cultura afrodescendente e serviram de sustentáculo para que os negros e negras reafirmassem o seu pertencimento e a sua identidade étnica.

Estas várias expressões de valorização, orgulho e presença do negro, que buscam a autoafirmação, começam a fazer parte do dia-a-dia, quer na sociedade portuguesa, quer na brasileira. Pode-se perceber isto diante dos acontecimentos neste início do século XXI, em vários aspetos relacionados ou direcionados às pessoas negras. Entre eles, podemos citar: o surgimento de revistas, livros, teses de doutoramento, dissertações de mestrado, reportagens nos meios de comunicação e grupos de pesquisas; a produção de cosméticos para pele negra e, no vestuário, a estampa de camisas com slogans que valorizam a população negra (Reis, 2009:2). Segundo Sansone (2004:134), uma nova etnicidade negra tem surgido, e ela tem como base a estética cultural negra, uma relação íntima com a cultura juvenil e com a indústria do lazer. Portanto, neste início do século XXI, essa nova negritude renova-se nas práticas políticas, sociais, educacionais e, especialmente, culturais dos negros e negras na diáspora, causando transformações sociais e deslocando identidades.

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 - A questão racial no Brasil

Durante muito tempo, o Brasil negou a história e a cultura da população negra. Os fatos históricos dos negros foram registados paralelamente à história oficial brasileira não sendo destacados de forma coerente na historiografia brasileira pois, conforme a autora Lima (2008:2), tal construção foi relatada através da ótica do europeu, que deu grande ênfase aos seus heróis, enaltecendo seus feitos e deixando à margem a efetiva contribuição do povo negro na formação da nação brasileira. No entanto, nos últimos tempos, tem ocorrido um resgate da história e cultura afro-brasileira valorizando a sua contribuição para a história do país.

De acordo com Amorim (2011:87), por um longo período, a negritude da população foi utilizada como argumento para a elite brasileira justificar o subdesenvolvimento do país. Conforme os primeiros estudos sobre a questão racial brasileira⁴¹, no século XIX, as teorias raciais científicas⁴² constituíram a base para estas investigações. Segundo a pesquisa de Pacheco (2008:53), acompanhando este movimento científico e social, o médico Nina Rodrigues, considerado um precursor das Ciências Sociais no Brasil, realizou os seus primeiros estudos sobre a questão racial, nos quais afirma que a miscigenação e o contato sexual e afetivo entre as raças promoveriam uma degeneração mental, física e social aos povos. Conforme Pacheco, Nina Rodrigues tinha uma concepção negativa dessa mistura e uma visão pessimista em relação ao destino da nação (Pacheco, 2008:56).

⁴¹ Conforme Guimarães (2005:12) a discussão sobre o racismo brasileiro é muito ampla e complexa, composta por várias interpretações, que incluem desde a questão da miscigenação, que incide diretamente na questão do embranquecimento; a questão da eugenia, diretamente ligada a pureza de sangue e a questão simbólica da representação da identidade cultural negra, que tem influência diretamente na construção dos estereótipos e estigmas.

⁴² Como afirma Schwarcz (1993), as teorias raciais chegam tardiamente ao Brasil. No entanto, essas teorias foram recebidas com entusiasmo pela elite local na tentativa de construir um discurso que explicasse o processo de transição. Por outras palavras, um discurso que explicasse a passagem do Brasil da condição de um país subdesenvolvido para a condição de um país em vias de desenvolvimento. Assim, as teorias raciais foram importantes para justificar o complicado jogo de interesses que reinava no Brasil no século XIX (Amorim, 2011:91-92).

Ainda numa perspectiva do racismo científico, Oliveira Vianna, com a Teoria do Branqueamento, colocar-se-ia numa posição de contrariedade à tese da degenerescência defendida pelo médico Nina Rodrigues. A ideia principal de Vianna era que a miscigenação, como resultado do contato íntimo entre brasileiros e imigrantes europeus, levaria o Brasil ao branqueamento populacional. Para ele, a etnia branca “refinaria a raça e importaria aos tipos mestiços os seus caracteres somáticos como psicológicos”. Uma das argumentações principais do autor era que o contato entre as etnias negras, índias e brancas era realizado mediante uma “seleção” étnico-sexual, ou seja, os brancos (nesse caso, os homens) procuravam relacionar-se com “os exemplares menos repulsivos e que mais se aproximavam do seu tipo físico” (Pacheco, 2008:57). Silva *et al.* (2015:4) afirmam que a hipótese de Oliveira consistia na teoria de que a população negra iria desaparecer e com este desaparecimento solucionaria o dilema racial no Brasil.

Na década de 30, com o declínio das teorias do racismo científico, os estudos de Gilberto Freyre inaugurariam uma nova linha interpretativa acerca das relações raciais brasileiras (Trindade *et al.*, 2007:17). Tratando da questão na sua maior obra, *Casa Grande e Senzala* (1933), Freyre trará uma nova ótica para a questão da mestiçagem. Analisando a formação da sociedade brasileira, Freyre realçava os efeitos benéficos do processo de miscigenação biológica e cultural que ocorreu no Brasil, valorizando o papel dos portugueses nesse processo, dada a sua "singular predisposição" para lidar com os "povos dos trópicos" e a sua aceitação dos valores culturais das populações que colonizou (Cabecinhas, 2002:92). De acordo com essa nova abordagem, a miscigenação resultante do contato entre as etnias formadoras do país teria colaborado para uma maior reciprocidade racial sexual-afetiva entre os três povos que formaram o Brasil, atenuando, assim, as desigualdades raciais entre senhores e escravos no período colonial.

Entretanto, se os trabalhos de Freyre foram inovadores para época, hoje não lhes faltam críticas em relação à forma como interpretou e suavizou o sistema racial colonial brasileiro. A crítica mais frequente aos seus trabalhos refere-se à criação do mito da democracia racial. A miscigenação seria uma “válvula de escape” que arranjaría e acomodaria os conflitos étnico-raciais entre as três raças na base da

formação do Brasil, camuflando-se a violência do sistema racial. Conforme Pacheco (2008:60), outros autores criticam a obra freyreana por consolidar uma imagem estereotipada da sensualização e afetividade de negros e índios, especialmente da mulher negra como objeto de desejo sexual.

Já Munanga (2015:12), ao analisar as relações raciais brasileiras, declara que o mito da democracia racial proclamou o Brasil como paraíso racial, onde as relações entre brancos e negros, brancos e índios são harmoniosas, isto é, sem discriminação baseada na cor da pele, onde apenas existam preconceitos de ordem socioeconômica. De acordo com Euclides *et al.* (2010:4), acreditava-se que não existiam desigualdades raciais ou se existissem seriam amenas e que, portanto, negros e brancos teriam as mesmas oportunidades de ascensão social.

Dessa forma, as dificuldades de integração estariam fundadas exclusivamente nas distinções entre classes. Tais ideias faziam parte de um consenso político em favor de uma integração nacional e do desenvolvimento do país. Este pensamento perdurou até meados da década de 1950 quando, mediante solicitação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pesquisadores da Escola de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) constituiriam um novo paradigma acerca dos estudos sobre as relações raciais no Brasil⁴³.

Autores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Abdias do Nascimento, Fernando Henrique Cardoso, Roger Batista, Oracy Nogueira, entre outros, realizaram trabalhos que, de modo consistente, desmistificavam a questão da democracia racial e a distorção ideológica de que, no Brasil, o preconceito racial não é um impeditivo para a realização social do negro (Souza, 2013:13). Os novos estudos sobre a população negra desmontaram os discursos anteriores que afirmavam a inexistência de tal preconceito. A tese dos intelectuais da USP, representados pelo seu expoente máximo,

⁴³ Segundo Gomes (2014:14) o avanço das Ciências Sociais, no Brasil nos anos 50, contou com “uma oportunidade ímpar” para o seu desenvolvimento através do que ficou conhecido como Projeto Unesco. Segundo Sales Júnior (2009), este deu-se através de um patrocínio da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura a pesquisas referentes às relações raciais no país. Este momento caracteriza a tentativa dos cientistas brasileiros e estrangeiros de “tornar inteligível o cenário social brasileiro, uma sociedade internacional, criada após o Holocausto”. A sociedade brasileira era vista como um caso de sucesso na construção de relações raciais democráticas; no entanto, os resultados dessas investigações indicaram que existem obstáculos para a integração do negro na sociedade de classes e revelaram mecanismos peculiares de discriminação e separação entre negros e brancos.

Florestan Fernandes, forneceu novas bases explicativas: afirmava-se que no Brasil havia, sim, preconceito de cor e desigualdade social. Os estudos revelaram uma sociedade estruturalmente hierarquizada após o processo de Abolição da Escravatura, o que dificultou a inserção do povo negro no novo sistema competitivo (Pacheco 2008:78-79).

Em sentido inverso à abordagem de Freyre, na qual a miscigenação atuaria como reflexo de uma situação de harmonização racial, nesta nova concepção, o sociólogo Florestan Fernandes afirma que a “flexibilidade” e a “maleabilidade”, vistas por Gilberto Freyre como herança do colonizador português e base para o sucesso do empreendimento colonizador e da construção de uma democracia racial, não foram, no Brasil, capazes de promover a integração do negro. A abolição⁴⁴, na forma como ocorreu (impondo a concorrência com os imigrantes europeus), não permitiu que os negros tivessem as mesmas oportunidades que os brancos, numa sociedade em transformação e cada vez mais estabelecida como uma sociedade competitiva.

Para Florestan, “não se processou uma democratização real da renda, do poder e do prestígio social em termos raciais”. O autor refere que a ideia de democracia racial serviu de pretexto para que fosse justificada “a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição”. Florestan Fernandes, na sua obra *A integração do negro à sociedade de classes* (1964), afirma que após a libertação das senzalas, os negros viram-se relegados aos cortiços e favelas, aos trabalhos mais penosos e, até mesmo, ao desemprego e à mendicância (Goto, 2013:108). Florestan afirma ainda que a existência de mobilidade social e de “abertura racial” não significa ausência de preconceitos e de discriminação (Trindade *et al.*, 2007). Na década de 70, segundo Pacheco (2008:81), fecha-se o último ciclo da abordagem interpretativa clássica acerca das relações raciais no Brasil. Estas pesquisas retomam a problemática do negro na estrutura social: elas

⁴⁴ Segundo Guimarães (2005:4) o Brasil foi o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão. Esta ocorreu no dia 13 de maio de 1888, como um acontecimento breve, datado e localizado no espaço, podendo ser explicado pela conjuntura econômica da expansão da cafeicultura de exportação com necessidades urgentes de ampliação de mão-de-obra e pela conjuntura política e social que forçava rearticulações no grupo do poder monárquico e criava oposições ao regime, principalmente, por parte dos republicanos.

revelam um sistema de privilégios e exclusão baseado nas condicionantes raciais e afirmam existir uma nítida desigualdade entre negros e brancos na estrutura social no Brasil contemporâneo. Tais pesquisas rejeitam as hipóteses anteriores de que o preconceito racial tenderia para o desaparecimento na mesma medida em que o sistema competitivo avançasse, proporcionando assim, aos negros, acessos aos novos espaços ocupacionais através da mobilidade social. Contrapondo-se à tese dos intelectuais da USP, as pesquisas de Hansenbalg e Silva vão demonstrar que a desigualdade racial coexiste e se alimenta da desigualdade social⁴⁵. Isto seria manifesto na falta de oportunidades sociais, isto é, nas diferentes formas de inserção e exclusão entre os segmentos negro e branco na estrutura social do país (Pacheco 2008:81).

Do mesmo modo que estas investigações na década de 70 tiveram um papel importante na desmistificação do mito da democracia racial no Brasil, o movimento negro⁴⁶ também foi um ator social de destaque nesta causa. Conforme Guimarães (2005), a partir dos anos 1970, o movimento negro⁴⁷ passou por mudanças de postura, passando de uma posição de aceitação da moralidade, costumes e regramentos impostos pela elite branca, até então adotados e perseguidos como ideais de comportamento, para a adoção de uma posição racialista, ou seja, buscando o desenvolvimento da “consciência” e da identidade negra, passando a difundir positivamente a cultura negra e o reconhecimento do grupo não apenas como integrante do povo brasileiro, mas como brasileiro afrodescendente (2013:119).

⁴⁵ Conforme Trindade *et al.* (2007:22) se passou a fazer a leitura da questão racial brasileira com base na teoria marxista. Assim, ao invés de duas classes sociais, duas raças conformavam a sociedade onde os conceitos de raça branca e negra passam a ocupar respectivamente a posição das concepções de burguesia e de proletariado e, conseqüentemente, se encontravam ligadas por uma relação de exploração. Se antes o explorador retinha a mais-valia, agora o objeto de exploração era a cor da pele; portanto, teríamos aí uma sociedade racista.

⁴⁶ O movimento negro contemporâneo surge em meados da década de 1970 com a criação do Teatro Negro, em São Paulo, no Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan). Em 1978, organiza-se o Movimento Negro Unificado (MNU), uma entidade de nível nacional que marcou a história do movimento negro contemporâneo e é considerada como um dos protagonistas na luta antirracista brasileira (Gomes, 2011:139-141).

⁴⁷ Desde o período da Frente Negra (1931), o Movimento Negro tem vindo a realizar diversas ações denunciando o quanto a discriminação racial em diversos setores da sociedade é uma força social real que se contrapõe à realização do negro na sociedade brasileira. O desmascaramento da ideologia da democracia racial, o combate ao racismo em todas as suas dimensões e o estabelecimento de políticas públicas que possam favorecer o negro a suplantarem os problemas históricos gerados pelo problema racial, são bandeiras do Movimento Negro desde 1945 (Souza, 2013:13).

Valorizavam-se assim as mobilizações e as resistências tais como os quilombos, as irmandades, as confrarias, as religiões de matriz africana; e ainda, as revoltas, insurreições e confrontos que contribuíram para as transformações das estruturas sociais existentes até aos dias de hoje⁴⁸.

Gomes (2011:137), aponta que os estudos de Pinto (1994), Gonçalves e Gonçalves e Silva (2000), Silvério (2002) e Passos (2004) revelam que o movimento negro, enquanto sujeito político no Brasil, tem sido o principal responsável pelo reconhecimento do direito à educação para a população negra; pelos questionamentos ao currículo escolar no que se refere ao material didático, que apresenta imagens estereotipadas sobre o negro; pela inclusão da temática racial na formação de professores(as); pela atual inclusão da História da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares; e, pelas políticas de ação afirmativa nas suas mais diferentes modalidades.

Esse reconhecimento político tem possibilitado, nos últimos anos, uma mudança dentro de vários setores do governo e, sobretudo, nas universidades públicas como, por exemplo, o processo de implementação de políticas e práticas de ações afirmativas voltadas para a população negra. De acordo com Gomes (2011:134-135), as suas reivindicações conseguiram também, a partir do ano 2000, influenciar o governo brasileiro e os seus principais órgãos de pesquisa, tais como o Instituto de Pesquisa Económica Aplicada (IPEA) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a adotarem uma nova classificação racial.

⁴⁸ Segundo Gomes (2011:139-14) para compreendermos a ação política e social da população negra ao longo da história no Brasil e sua intensa produção de saberes é importante retomar algumas formas de organização da população negra durante o processo da escravidão, assim como as práticas e lutas políticas do período pós-abolição. Podemos citar a experiência coletiva dos quilombos durante a escravidão. Outros exemplos são as revoltas das quais os africanos escravizados e seus descendentes foram protagonistas, como, por exemplo, a Revolta dos Malês (1835), ocorrida na Bahia. Existiram, também, formas de luta após a abolição, como a Revolta da Chibata (1910), no Rio de Janeiro, que se opôs ao modo como eram tratados os marujos da marinha brasileira, no início do século XX. A Frente Negra Brasileira (1931-1937) é também mais um exemplo. Podemos citar, também, a influência do negro nos media impressos, através da imprensa negra paulista, que conseguiu grande prestígio na comunidade negra. É sempre importante lembrar a experiência do Teatro Experimental do Negro - TEN (1944-1968), na cidade do Rio de Janeiro.

O padrão contemporâneo de classificação de raça no Brasil tem sido preferencialmente fenotípico e este padrão parece ter mantido uma certa constância no plano das relações interpessoais, como podem confirmar estudos estrangeiros e brasileiros sobre a terminologia utilizada na autodeclaração de cor, a qual se baseia num sistema combinado de cor da pele, traços corporais (formato do nariz, lábios, tipo e cor de cabelo) e origem regional (Piza e Rosemberg, 1999:123). Todavia, sublinha DaMatta (1987), o sistema de classificação brasileiro define-se pela construção de subtilezas, matizes e nuances, pois raça combina-se com outros critérios para indicar a posição social da pessoa. Portanto, se há articulação entre critérios físicos (lidos culturalmente), sociais e culturais para definir a classificação social do indivíduo, então, o modo múltiplo parece informar a maneira como são realizadas as classificações no cotidiano (Silva, G., Silva, J. Albuquerque, J. L., Barbosa, A., 2015:7).

De acordo com Telles (2003:105), no Brasil a classificação racial brasileira⁴⁹ é baseada na aparência e, geralmente, com base em categorias que são utilizadas de forma inconsistente. Conforme o autor, a classificação brasileira varia de branco a negro e divide-se em três sistemas: 1) o sistema empregado nos censos, especialmente o utilizado pelo IBGE, que usa uma escala que vai de branco a negro. Os resultados e classificações empregadas pelos censos dão forma a uma determinada visão de raça reproduzida no país, fato que parece ser verdadeiro particularmente no Brasil. Isto porque os resultados do censo servem de ponto de partida para estabelecer e institucionalizar as distinções sociais que a compreensão popular tem sobre raça; 2) o sistema popular que emprega diversos termos classificatórios, sobretudo a categoria «moreno». O sistema de classificação popular caracteriza-se, por seu turno, pela grande quantidade de termos empregados para definir «raças» e cores. Assim, tal sistema caracteriza-se pela ambiguidade, um traço que se manifesta, especialmente, no uso de termos como «cabo-verde», «marrom», «negão(a)», «moreno(a)» e correlatos; 3) o sistema adotado pelo Movimento Negro⁵⁰ que se vem tornando hegemónico, precisamente porque é adotado pelos média, pelos académicos e agentes públicos, que utilizam apenas as categorias de branco e negro (Telles 2003).

⁴⁹ O Brasil é o segundo país do mundo com o maior contingente populacional afrodescendente, perdendo apenas para Nigéria.

⁵⁰ Classificação adotada neste trabalho.

O censo do IBGE indica que, nos últimos dez anos, a estrutura da população mudou em termos de cor ou raça, com destaque para uma maior proporção das pessoas que se declaram como negras e pardas, de 44,7% da população em 2000 para 50,7% em 2010 (IBGE, 2010). Segundo os índices do IBGE (2010), a maioria da população negra apresentava baixos índices socioeconômicos, uma condição que vem desde o período pós-abolição, um fenômeno social que atesta o grau de exclusão reinante na sociedade brasileira. Seja nos relatos históricos ou nos mais diversos levantamentos, constata-se o quanto a população negra tem vindo a sofrer em termos de escolaridade precária, elevada mortalidade infantil, violência urbana, locais de moradia impróprios, saneamento básico insuficiente, concentração de baixo rendimento e outros aspectos reveladores da condição de cidadania de um povo e dos direitos a ela associados.

As recentes estatísticas oficiais do Estado brasileiro e as pesquisas científicas revelam que o abismo racial entre negros e brancos no Brasil existe de fato. Ao comparar as condições de vida, emprego, saúde, escolaridade, entre outros índices de desenvolvimento humano, vividos por negros e brancos, comprova-se a existência de uma grande desigualdade racial evidente no país. Segundo Gomes (2012:47), essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica, as quais atingem toda a população brasileira e, de um modo particular, o povo negro. De acordo com Souza (2013:7), a comparação histórica desses aspectos da vivência dos negros em relação aos da população branca demonstra a persistência de uma disparidade racial em termos socioeconômicos, que nem mesmo a sensível melhoria observada nos últimos 15 anos no tocante a esses índices conseguiu reverter. Pelo contrário, tal mudança, detetada pelos mais renomados institutos do país, serviu para reafirmar que ainda há muito a para suplantar este quadro.

Gomes (2012:59) afirma que a sociedade brasileira sempre negou a existência do racismo⁵¹; no entanto, a existência de racismo no Brasil é um fato inegável. O autor

⁵¹ A campanha intitulada “Onde você guarda o seu racismo?” realizada pela Diálogos Contra o Racismo, reuniu mais de 40 instituições da sociedade civil na luta pela igualdade racial no Brasil, e apresentou uma reflexão sobre como ocorre a contradição inerente ao racismo brasileiro. A campanha apresentou a seguinte questão: “as pesquisas de opinião pública revelam que 87% da população reconhece que há

declara que essa imagem de paraíso racial, forjada ideologicamente, foi reforçada das formas mais variadas e tornou-se correntemente aceite pela população brasileira. Através de vários mecanismos ideológicos, políticos e simbólicos, ela foi introjetada (e ainda é) pelos negros, índios, brancos e outros grupos étnico-raciais brasileiros.

Para compreender as relações raciais brasileiras, algumas produções consagradas do autor Octávio Ianni revelam a sua preocupação em entender o Brasil e seu desenvolvimento político, económico, social e cultural, considerando dois aspetos singulares e, para o autor, indissociáveis: o preconceito de classe e o preconceito racial⁵². Octávio Ianni refere que, ao longo da história da sociedade brasileira, sempre ocorreram relações sociais desiguais, e que a população negra sempre ocupou lugares vulneráveis e “invisíveis” no âmbito social, político, económico e cultural (Silva, 2009:191-195). Segundo Goto (2013:110), a discriminação associada ao preconceito racial influi diretamente no círculo vicioso da pobreza e exclusão favorecendo a população branca em todas as outras dimensões da vida social brasileira.

Carneiro (2003:3) conclui que, se historicamente as práticas genocidas tais como a violência policial, o extermínio de crianças, a ausência de políticas sociais que assegurassem o exercício dos direitos básicos de cidadania têm sido objetos prioritários da ação política dos movimentos negros, os problemas colocados hoje pelos temas de saúde da população negra situam-se num quadro talvez ainda mais alarmante em relação aos processos de genocídio do povo negro no Brasil.

De acordo com Ramos *et al.* (2012:1), na contemporaneidade persistem resquícios do processo histórico, visto que os negros ainda continuam, em sua maioria, a sofrer devido a atitudes preconceituosas e discriminatórias no seu cotidiano. Considerando o passado escravocrata brasileiro e a ideologia vigente por muitos

racismo no Brasil. Mas 96% diz que não é racista. Assim, chegamos a um dos pontos-chave da nossa campanha: existe racismo sem racista?” O seu objetivo era estimular o diálogo e a troca de ideias, incentivar mudanças de pensamentos, hábitos e atitudes, além da divulgação consistente de informações nos meios de comunicação ([videwww.dialogoscontraoracismo.org.br](http://www.dialogoscontraoracismo.org.br)).

⁵² Tais estudos são importantes, para não cairmos nas distorções da ideologia da democracia racial ou num certo discurso mecanicista de esquerda que sustenta que os problemas dos negros são únicos, ou mais de classe do que de raça. Sobre esse último aspeto, inclusive, cabe fazermos uso dos ensinamentos de um dos maiores marxistas brasileiros, para demonstrar o erro teórico dessa perspetiva: “[...] o preconceito racial não se confunde com o de classe. Se confundisse, não teríamos as atitudes e comportamento discriminatório entre indivíduos pertencentes à mesma classe” (Ianni, 2004, *in* Souza, 2013:13).

séculos (considerando o negro como um ser inferior ao branco, incapaz, infantil e preguiçoso), essa condição sustentada por tão longo tempo, ainda gera consequências perversas que se fazem sentir até os dias atuais. Como os afrodescendentes carregam sobre si a herança do período escravocrata, várias representações e estereótipos marcam a identidade desse grupo social e, conseqüentemente, o acesso e a integração nas esferas pública e privada da sociedade.

Pacheco (2011:137) afirma que no Brasil se desenvolveu uma forma de discriminação não declarada contra os negros, caracterizada por uma polidez superficial que camufla atitudes e comportamentos discriminatórios, expressando-se ao nível das relações interpessoais através de atitudes informais. É o racismo⁵³ cordial, tipicamente brasileiro, que se manifesta nas relações privadas e camuflado pela suposta tolerância pública. Mesmo nos dias de hoje ainda é possível ouvir jargões populares inferiorizantes direcionados aos negros, ou seja, elementos depreciativos típicos de injustiça de reconhecimento (Goto, 2013:111). Segundo Gomes, a discriminação cultural vem a reboque da física, pois os racistas acham que “tudo o que vem de negro, de preto” ou é inferior ou é maléfico - religião, ritmos, hábitos, etc. (Gomes, 2012:48). Gomes (2011:138) aponta ainda que uma das formas de superação do racismo e de construção de uma democracia real é a estratégia desenvolvida pelo movimento negro, com a implementação de políticas de correção das desigualdades raciais de forma a equiparar negros e brancos nas esferas públicas e privadas da sociedade como, por exemplo, políticas de ações afirmativas⁵⁴.

A luta por ações afirmativas enquanto políticas de correção das desigualdades tem vindo a configurar-se como uma reivindicação importante do movimento negro brasileiro ocupando, hoje, um lugar de destaque nos média, na arena política e nas universidades. Trata-se de uma reivindicação que vai além das cotas raciais⁵⁵ exigindo

⁵³ Segundo a Constituição Brasileira de 1989, racismo é crime inafiançável, porém, persiste nas diversas instâncias da vida da população negra. Como indicam os dados do IBGE, verificam-se as desigualdades sócio-raciais em todos os setores (Gomes, 2012:46).

⁵⁴ As ações afirmativas referem-se a um conjunto de ações e políticas públicas voltadas para inserção das minorias junto ao ensino superior, profissionalizante e mercado de trabalho (Fonseca, 2009).

⁵⁵ As cotas raciais consistem em reserva de vagas nas universidades públicas para negros. Ação, esta, que faz parte do conjunto de políticas afirmativas pensadas para populações com histórico de exclusão social e abarca os compromissos firmados pelo Brasil (e outros países) com a ONU e outros organismos internacionais, na busca de redução das desigualdades de gênero e raça (Euclides *et al.*, 2010:5).

a igualdade racial no mercado de trabalho, nos meios de comunicação, nas universidades públicas, na saúde e etc. Enfim, nos vários setores sociais em que a desigualdade racial se perpetua (Gomes, 2011:151).

A ampliação das oportunidades de ingresso de estudantes negros nas universidades, possibilitada pela implementação das ações afirmativas, tanto no seu sentido político, com a atribuição de cotas, quanto em termos de ação social empreendida pelas redes de solidariedade, através dos pré-vestibulares (cursos preparatórios para as provas de acesso às universidades) comunitários e populares em rede, tem procurado modificar a realidade de subalternidade imposta à população negra ao longo dos séculos (Guimarães, 2005:13).

Ainda assim, Goto (2013:120) avalia, que embora não possam ser consideradas como solução definitiva ao racismo ou à exclusão social, as ações afirmativas também não podem ser descartadas como uma opção totalmente inviável, pois na atual situação de visível desigualdade em que se encontram, em grande maioria, a população negra, políticas redistributivas que tais talvez sejam medidas interessantes a curto prazo para engajar o Estado no combate à tais diferenças, devendo, no entanto, serem seguidas de políticas direcionadas à melhoria da educação, mesmo que com resultados a longo prazo.

A partir de 2003, com o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva⁵⁶, para combater ao racismo, foram implementados programas políticos e sociais que favoreceram a população negra. Uma iniciativa que merece destaque foi a instituição da Secretaria de Promoção de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), que era um órgão do governo brasileiro direcionado a dar legitimidade à busca pelo fim do racismo e ainda articular as políticas públicas em relação ao negro, no entanto, esta

⁵⁶ Segundo Campos, Daflon e Júnior (2012:402), o governo de Lula foi o introdutor de mudanças mais substantivas na condução das políticas de cunho racial e, igualmente, na relação do Estado com o movimento negro, onde se verificou um esforço na institucionalização nas ações afirmativas através de leis, decretos e programas. Em 2004, criou-se a nova Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) que, sobre a questão racial – entre outras – tem como objetivo “elaborar e implementar políticas públicas educacionais em prol do acesso e da permanência de [cidadãos]negros e negras na educação escolar em todos os níveis – desde a educação infantil ao ensino superior”. Ainda sobre inclusão e educação, as áreas quilombolas (que têm vindo a receber alguma atenção desde anos anteriores) não foram esquecidas. Em 2004, para o acesso às universidades particulares, foi criado o Programa Universidade para Todos - ProUni (Gomes, 2014:18-19).

secretaria foi extinta pelo governo do atual presidente Michel Temer. Outra medida significativa para a promoção da igualdade racial brasileira foi a constituição da Lei Federal nº 10.639/03 que torna obrigatório, no currículo oficial da Rede de Ensino, o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana⁵⁷. Jesus (2012:7) avalia que a lei 10.639/03 é um passo institucional muito importante, pois os negros brasileiros foram apartados da sua cultura-mãe, do seu universo cultural, religioso e linguístico. O autor acredita que muitos negros brasileiros estão desenraizados. Para ele, é necessário voltar ao ponto de origem e reconstituir a trajetória da população negra brasileira, pois os livros didáticos de História apenas descrevem a condição do negro quando chegaram ao país. Jesus considera que ao rever os conceitos, um novo paradigma se estabelecerá. Com isso, o aluno através do ensino de História da África saberá que tem raízes em um continente chamado África, que o levará a um conjunto de ressignificações pessoais e uma reconstrução de sua identidade e valorização da diversidade cultural. Na atualidade, estas novas ressignificações não têm ocorrido somente no âmbito escolar, mas também no campo mediático como veremos logo a seguir.

⁵⁷ Isto não significa que a história da Europa e da Ásia devem ser substituídas, mas sim que a história do Brasil deve incluir outras raízes formadoras, em vez de ser apresentada por uma única história e cultura consideradas como superiores ou melhores que as outras (Munanga, 2015:14).

2.2 - A população negra na sociedade portuguesa

A população negra em Portugal representa uma minoria étnica correspondente a uma diversidade de origens geográficas, culturais, situações jurídicas, sendo uns cidadãos portugueses e outros imigrantes. A sua presença no país tem início, segundo o autor Tinhorão (1988:15), a partir do século XV, com a entrada de escravos utilizados pelos primeiros reis da dinastia de Avis em sua política de expansão. Entretanto, não se sabe o número de escravos negros africanos que entrou em Portugal desde o início do século XV, pois, conforme o autor (1988:71), o fato de os portugueses brancos terem empregado invariavelmente o termo negro para designar, de forma genérica, todos os tipos raciais de pele escura com quem se relacionavam dificulta esta determinação⁵⁸.

Tinhorão (1988:43) afirma que, desde as suas origens, Portugal conhecia o regime da escravidão, não apenas devido à norma de transformar os mouros vencidos na guerra em cativos ou servos, mas através de relações de comércio com mercadores árabes ou mesmo pela ação de pirataria realizada diretamente pelos navios na região do Mediterrâneo fronteira ao Norte de África. Segundo Tinhorão (1988:78), os historiadores portugueses, de uma maneira geral, têm tendência para minimizar os números referentes ao primeiro meio século do tráfico (ainda dirigido apenas para Lagos, no Algarve, e para Lisboa), em geral através de acusação de exagero às estimativas apresentadas por cronistas, navegadores e viajantes contemporâneos. Tinhorão defende que a presença dos escravos negro-africanos, desde a segunda metade do século XV, contribuiu para urbanização da cidade de Lisboa, com a realização de vários serviços urbanos.

⁵⁸ Segundo Tinhorão (1988:75) as únicas indicações capazes de permitir a identificação de um negro como negro africano propriamente dito traduzem-se nos escritos de cronistas, navegadores ou autoridades quando estes se referiam a *etiópios*, ou *etíopes*, *guinéus*, ou gentios de determinados pontos de África, sabidamente habitados por naturais africanos melanóides. Segundo documentos encontrados em livros da *Chancelaria de D. Manuel* pelo historiador português Pedro A. d'Azevedo, e em boa hora por ele reproduzidos como apêndice ao final do seu estudo *Os Escravos*, publicado em 1903 no *Arquivo Histórico Português*, a expressão *preto*, para designar o negro africano, começa a aparecer em documentos escritos pelo início do século XVI, e não ainda como substantivo, mas - significativamente - como adjetivo qualificativo simples: homem preto, escrava preta.

O autor (Tinhorão, 1988:98) ressalta a integração do negro-africano⁵⁹, logo chamado de preto, na vida urbana portuguesa⁶⁰ – a dos trabalhadores dos serviços pesados, do pequeno comércio ambulante, operários, e, na maioria, dos serviços domésticos – alcançou em quase quinhentos anos de presença contínua, uma relevância sociocultural que se traduz nos costumes, em especializações profissionais, na credence religiosa, nas diversões (canto, danças e touradas), e no teatro e na criação de um tipo original de literatura: o folheto de cordel em «língua de preto». Ao iniciar-se o século XVII, segundo Tinhorão (1988:121), sob o clima de desapontamento político da administração espanhola do segundo dos Filipes, e do terror da Inquisição, o povo de Lisboa viu-se, mais do que nunca, na contingência de viver a sua vida solidariamente, devido esta situação, os negros africanos integraram-se de forma definitiva nas classes populares⁶¹.

No entanto, estes negros viviam numa comunidade marginal e sem direitos pessoais; as únicas instituições em que podiam participar eram a Igreja, onde muitos participaram, as irmandades e as confrarias⁶².Tinhorão (1988:265) analisa que durante o século XVII, a participação na música e no teatro, foi um dos traços mais característicos da presença dos escravos africanos e seus descendentes entre as camadas populares urbanas portuguesas, principalmente em Lisboa. Carvalho

⁵⁹ Uma dúvida que muitas vezes tem ocorrido aos historiadores e estudiosos de antropologia e dos costumes em Portugal, diante da documentada presença de negros africanos é a de saber até que ponto essa minoria étnica se relacionou com os naturais, em termos de cruzamento. Na verdade, o que o conjunto das opiniões evidencia é que os autores portugueses, em geral, preferem não aprofundar o tema, talvez para não cair em contradições gritantes, segundo opina o autor. No caso dos negros, apesar do contraste da cor da pele, a ligação familiar com os brancos revela-se na prática social mais fácil do que em relação às outras etnias fornecedoras de cativos [...] os pretos, na maioria integrados (ainda que de forma aparente) na fé cristã, não apresentavam qualquer incompatibilidade fundamental que impedisse uniões, a não ser, evidentemente, o preconceito de cor e condição jurídico-social. Pelo que se pode porém depreender, à vista das informações disponíveis, nem a diferença de cor nem a distância social impediram - e em escala muito maior do que se tem imaginado - essa aproximação sexual que as circunstâncias facilitavam (Tinhorão, 1988:361-366).

⁶⁰ Segundo o autor (Tinhorão, 1988:113) os negros integram a paisagem urbana portuguesa através do desempenho das mais variadas funções subalternas, o escravo africano passou a engrossar em Lisboa a massa do povo constituído pela “arraia-miúda”, ou os «pequenos» a que se referia o cronista Fernão Lopes.

⁶¹ Apesar de conseguirem tornar-se presentes em tantos setores da vida popular citadina portuguesa desde os fins do século XV, os escravos negro-africanos não tiveram, na primeira centúria do tráfico, como fazerem-se representar perante a sociedade enquanto gente dotada de identidade própria (Tinhorão, 1988:122).

⁶² Um dos capítulos mais significativos da história da cultura negro-portuguesa, mais tarde destinado a prolongar-se - com enorme riqueza de consequências - na cultura negro-brasileira (Tinhorão, 1988:129).

(2006:91), afirma que, segundo alguns autores⁶³ (Rocha, Agualusa e Semedo, 1993; Agualusa 1999: 11; Loude 2005: 255), o fado, por exemplo, é originário de géneros musicais africanos *fofa* e *lundum*, trazidos pelos escravos para o país.

O autor Carvalho (2006:91) define Lisboa como “uma das maiores cidades africanas de língua portuguesa” um grupo social formado por cabo-verdianos, guineenses, angolanos, zairenses, moçambicanos e santomenses. Segundo Carvalho (2006:91), a presença da população negra, principalmente na capital, está registada, por exemplo, nas estátuas de santos negros na igreja da Graça, no busto do negro Pai Paulino no Pavilhão Chinês, ou ainda, nos vários quadros de pintura e de azulejos em que figuram negros, testemunhando a sua participação no cotidiano do passado da cidade. Além da respetiva série de casas, museus e palácios por onde estão distribuídos esses quadros (Carvalho, 2006:91).

O autor (Carvalho, 2006:92) afirma que existe uma *Lisboa africana*, cuja existência é bastante visível, nomeadamente pelos restaurantes e discotecas distribuídos pela cidade e que compõem a designada “noite africana em Lisboa”; há também o chamado “triângulo crioulo”, situado “em pleno coração de Lisboa”, com “cafés e bares, lojas de cabo-verdianos com produtos do arquipélago, discotecas com música crioula, empresas de viagens e de carga marítima especializadas em viagens entre Portugal e Cabo Verde” . Essa Lisboa prolonga-se pelas “tocatinas na madrugada” em “casas de porta fechada” e salões de festas e ainda pelos cabeleireiros africanos, presentes principalmente em bairros como a Cova da Moura. Um local emblemático da *Lisboa Africana*, segundo o autor, é o Rossio, referido como “um dos principais lugares públicos de encontro dos africanos em Lisboa”, tido como um “escritório a céu aberto”, e o Largo de São Domingos, onde grupos de negros se juntam em conversa, e é comparado pelos autores como “um espaço de debate saheliano, o terreiro de um chefe de aldeia” (Carvalho, 2006:92).

Apesar da longa presença do povo de origem africana, marcada na cultura, arquitetura e outros elementos identitários do país, a estigmatização dos negros vem

⁶³ Existem muitas contradições da origem do fado. Para alguns pesquisadores dos campos da história e da etnomusicologia, como Ruy Vieira Nery não existe qualquer relação de ascendência entre a *modinha* e *olundum*. O etnomusicólogo chega mesmo a afirmar que não há existência de “antepassados ‘estrangeiros’ no fado”(Tinhorão, 1988:355-363).

desde o primeiro contato resultante da colonização portuguesa. Como diz Castro Henriques, os portugueses brancos, quando vão ao encontro do *outro* estão convictos de que “os Outros” sejam eles quem forem, não podem ser senão inferiores” (Henriques, 2004: 36). Por isso, a primeira abordagem desse *outro*, o africano, é “uma espécie de ‘antropologia negativa’, que não pode reter outra coisa que não seja o inventário das formas físicas, das formas naturais, das formas culturais, sobrecarregadas de negatividade” (Henriques, 2004:36). Aspeto que acaba por se refletir na historiografia portuguesa onde, “quase sempre ausente, o africano aparece apenas no discurso português, carregado de referências que o transformam em selvagem ou em marginal” (Henriques, 2004: 35; Carvalho, 2006:99). Outra faceta do relacionamento colonial é o “paternalismo” com que os nativos são tratados, sendo encarados como “crianças grandes”, ou a sua incontrolada e perigosa “sexualidade”, entre outras ideias recorrentes (Cabecinhas, 2002:86).

De acordo com Cabecinhas (2002:41), a distinção entre o *nós* e os *outros* implica o reconhecimento de uma diferença e essa diferença nunca é neutra: pode provocar repulsa, receio, inquietação ou atração. Para a autora, trata-se de um processo de diferenciação simbólica que se traduz na desumanização do outro, já que os membros desse grupo não são percebidos enquanto pessoas, com a sua individualidade e a sua singularidade subjetiva, mas enquanto representantes indiferenciados do grupo.

De modo que, enquanto aos portugueses brancos são abertos todos os caminhos e diluídas todas as fronteiras, aos outros (os negros) é destinado um papel específico num lugar com fronteiras bem delimitadas (Cabecinhas 2002:41). Consequentemente, Cabecinhas (2002:97) conclui que a complexidade dos portugueses brancos opõe-se à simplicidade dos negros, e a heterogeneidade dos primeiros à homogeneidade dos segundos. Sintetizando, os portugueses brancos estão perante seres limitados a um modo de ser específico, que mesmo depois de “civilizados”, permanecem fora da história universal (Cabecinhas 2002:98).

Considerando estas diferenciações entre *nós* e *outros* e o fato de que durante muito tempo Portugal foi compreendido como um país homogêneo em termos linguísticos, culturais e religiosos (Cabecinhas, 2002:73), a presença da população

negra até então era invisibilizada. Entretanto, na sequência do 25 de Abril de 74 e da descolonização em África, milhares de portugueses residentes nas ex-colónias, refugiados políticos (principalmente de Angola e Moçambique) e imigrantes africanos regressam e fixam-se em Portugal (Machado, 2001; Martins, 2000; Cabecinhas, 2002; Santos e Faria, 2007), tornando a existência da comunidade negra mais evidente. Neste período verificou-se ainda uma intensificação dos fluxos migratórios⁶⁴ com origem na Europa e na América. Também a institucionalização de acordos de cooperação entre Portugal e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) ao nível do ensino secundário e superior permitiu que estudantes oriundos destes países efetuassem a sua formação académica em Portugal.

Mas foi sobretudo depois da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE; atualmente designada *União Europeia*) em 12 de Julho de 1986, conforme refere Cabecinhas (2002:100-101), que a imigração passou a assumir uma importância crescente, acentuando-se ainda mais desde a concretização dos Acordos de Schengen⁶⁵, permitindo a livre circulação de pessoas na União Europeia (UE). O autor Martins (2000:323) considera estes fatores determinantes para o aumento do número de minorias étnicas existentes no país. Para Machado (1994:126-127) a adesão de Portugal ao Acordo de Schengen, conferiu à questão da imigração e dos imigrantes contornos políticos mais nítidos e suscitaram uma tomada de posição e o envolvimento acrescido de outras entidades, como sindicatos, a Igreja, associações antirracismo e certas autarquias.

Segundo Martins (2000:319), no princípio dos anos 80, o número de africanos a residir em Portugal já ultrapassava o número de estrangeiros europeus. O maior número desses trabalhadores encontrava-se na construção civil, nos serviços de

⁶⁴ Outros fatores podem ser apontados quanto à inclusão de Portugal na redefinição dos fluxos migratórios mundiais: o agravamento das desigualdades geo-económicas, nomeadamente nos países do Hemisfério Sul e do Leste Europeu, motivado pela guerra, pelos conflitos étnicos e religiosos e pela instabilidade económica; a complexificação dos processos de globalização (Cunha, 2006:3).

⁶⁵ Desde o início da chamada "Crise dos refugiados", o Acordo de Schengen tem vindo a ser duramente criticado.

limpeza, na indústria e nos transportes. Em geral, esses imigrantes desempenhavam as funções menos qualificadas, mais duras e menos remuneradas⁶⁶.

Segundo a análise de Martins (2000), para a população majoritária essas minorias colocavam em perigo empregos e valores (a cultura) dos portugueses brancos, por isso, o autor conclui que as imigrações fizeram aumentar o racismo e a xenofobia em Portugal. O autor acredita que as minorias foram as primeiras vítimas do excesso de nacionalismo e acentuou a defesa do conceito de «Estado-Nação», que une a ideia de "demarcação em relação aos outros" não apenas territorial, mas também entre grupos humanos.

No contexto da sociedade portuguesa persistem as dimensões espaço, origem e raça as quais etnizam os grupos migrantes presentes. Isto é, a figura do imigrante (e também dos seus descendentes) constitui-se, num sentido pós-colonial, como etnicamente distinto, exótico, permanentemente diferenciado. Segundo Barbosa (2011:4), o conceito de imigração vem substituir o de raça e dissolver a consciência de classe, tratando-se de um racismo de descolonização. Como afirma o autor, a marca étnica representa o processo de designação das minorias étnicas em relação à maioria nacional sendo o produto de uma construção que tem sido fundamentado em torno da ideia de identidade nacional.

As medidas implementadas durante o período do Estado Novo são determinantes para a consolidação da visão da nação portuguesa. Salazar, ao definir a nação em 1943 diz que é “uma entidade moral, que se formou através de séculos pelo trabalho e solidariedade de sucessivas gerações, ligadas por afinidades de sangue e de espírito (...)” (Carvalho, 2006:100). Segundo diversos autores, o Estado Novo é considerado o período mais marcante da ideologia racista em Portugal (Cabecinhas, 2002). Cabecinhas (2002:81) afirma não ser "possível entender cabalmente o nacionalismo autoritário do salazarismo sem uma referência à sua dimensão colonial, não só porque o colonialismo do Estado Novo foi um colonialismo nacionalizador, mas

⁶⁶ Segundo Martins (2000:328) com baixos recursos económicos, a maioria destes imigrantes “ocupam espaços urbanos e periféricos, geralmente degradados e marginalizados, que favorecem a 'guetização' e o isolamento. Esta “geografia da marginalidade” tem um impacto negativo na qualidade de vida, na segurança e na saúde pública dos seus habitantes (Colóquio da CGTP, *in* SOS Racismo, 1992:46).

também porque o próprio nacionalismo foi intrinsecamente determinado pela situação colonial".

Na altura, o luso-tropicalismo, teoria formulada pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, tornou-se a doutrina oficial adotada pelo regime⁶⁷. O tema do luso-tropicalismo, por seu turno, tem como ideia nuclear a conceção de que os portugueses brancos têm mais capacidade de relacionamento e entrecruzamento com raças e culturas diversas do que qualquer outro povo europeu, capacidade essa da qual o Brasil seria o principal, mas não o único, produto histórico (Machado, 2001:74). Segundo Carvalho (2006:100-101), o recurso ao luso-tropicalismo é simultaneamente uma forma de encontrar uma justificação ideológica e uma legitimação científica para a nova política ultramarina do regime salazarista, de modo a fazer face às pressões internacionais que defendiam a autodeterminação e independência das colónias.

Cabecinhas (2002:92) acredita que, num contexto político e social europeu onde o princípio da «assimilação» fora substituído por uma cada vez maior autonomia e mesmo independência, era fundamental encontrar justificação para a conservação de um distinto relacionamento de uma metrópole com os espaços africanos que tutelava. Para autora, o luso-tropicalismo apresentar-se-á então como o instrumento adequado à afirmação da especificidade que o colonialismo português necessitava.

Fundamentado nesta suposta vocação universal do povo português, consubstanciada na miscigenação e numa dominação colonial mais suave, menos marcada pela segregação do que outros colonialismos, desenvolve-se o mito de um colonialismo português benigno, no qual "os angolanos, os moçambicanos e os timorenses nunca sentiram o racismo que houve noutros impérios". De acordo com Peixe *et al.* (2008:8) este mito não corresponde à verdade é confirmada não só pelos estudos históricos, mas também pela pesquisa social-científica, que demonstrou a existência de estereótipos e atitudes racistas. Peixe *et al.* (2008:9) refere-se à evidência do tráfico de escravos, da exploração de mão-de-obra servil, da violência e

⁶⁷ A teoria foi recebida com reservas pelo regime devido, por um lado, à sua apologia da mestiçagem e, por outro, porque a noção de 'fusão' dos contributos culturais das diversas raças não combinava com "o quadro conceptual, ao tempo dominante em Portugal, que se fundava na oposição entre povos 'civilizados' e povos 'primitivos' ou 'selvagens' (Cabecinhas, 2002).

da menorização, mascaradas de missão civilizadora⁶⁸. Entretanto, segundo o autor, infelizmente o luso-tropicalismo é um mito que persiste até aos dias de hoje, arrastando consigo e fazendo perpetuar a imagem dos colonizadores benignos⁶⁹, tendo sobrevivido à revolução de Abril, existindo agora sob outros disfarces, mas com o mesmo paternalismo como no caso da lusofonia⁷⁰.

Isto ocorre porque, o mito do luso-tropicalismo não se dissipou com a «queda do Império», em 1975; porque “a perda das ex-colónias não feriu a imagem nacional”; e, porque o império permaneceu no imaginário do povo português. Para o autor esta persistência deve-se, por um lado, “ao peso avassalador dos aparelhos ideológicos do Estado Novo na formação das mentalidades, com consequências a longo prazo” e, por outro, ao paralelismo entre o luso-tropicalismo e “algumas das ideias de fundo do nacionalismo português” (Cabecinhas, 2002:95).

Cunha (1998:66) refere, o ressurgimento e a reapropriação das formas discursivas do luso-tropicalismo nos últimos anos em Portugal está mais presente nos discursos da moral e nos de carácter político, quer pela evocação do autoestereótipo - como os portugueses brancos se veem e pensam que são vistos -, quer pelo reforço e atualização dessa mesma matriz mítica. A utilização deste discurso pode resumir-se nas seguintes questões: progressiva apropriação e adaptação do discurso mítico colonial às necessidades estratégicas da «modernização» e da globalização simbólica e económica; utilização do mesmo discurso como reforço da consistência cognitiva dos portugueses brancos no sentido de confirmar e reforçar a identidade nacional; o *outro* como complemento do Eu-Português, dando origem a uma contemplação narcisística e histórica da identidade mítica; a imagem do(s) *outro(s)*, sobretudo africano, como reforço do heteroestereótipo do exótico, do carente e da marginalidade.

⁶⁸ O historiador George Fredrickson situa na península ibérica o nascimento do racismo moderno.

⁶⁹ Ao impor “uma língua, uma fé e uma história ‘superiores’, Portugal fazia-os participar da sua própria identidade” rejeitando a “política de segregação, adotada por outros países coloniais” (Cabecinhas, 2002:87).

⁷⁰ Lusofonia é o conjunto de algumas identidades culturais existentes em países, regiões, estados ou cidades falantes da língua portuguesa como Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu e por diversas pessoas e comunidades em todo o mundo. Fernando Cristóvão defende o uso da palavra lusofonia por esta ultrapassar o seu valor etimológico, ao abarcar «(...) laços existentes, uns fortes, outros débeis (...)» entre países de língua oficial portuguesa. Advoga que uma terminologia que se reporta a Luso, filho do deus romano Baco, e aos ascendentes do povo português: «(...) é já uma forma de ultrapassar o nacionalismo e entrar no domínio do mítico e do simbólico» (Galito, 2012:2).

Sobre este *outro*, que reside há séculos no país, pouco é investigado e constam poucos dados acerca de como é que a diferenciação racial condiciona a vida desta população. Em Portugal há poucos estudos sobre o racismo e ainda menos sobre o modo como o racismo é percecionado por parte daqueles que dele são mais habitualmente vítimas (Machado, 2001:53). As raras investigações realizadas, por sua vez, não têm avaliado o efeito do racismo na comunidade negra portuguesa⁷¹. Existem poucos trabalhos científicos acerca da população negra portuguesa⁷² (Tinhorão, 1988; Machado, 1994, Cabecinhas, 2002; Peixe *et al.*, 2008).

De acordo com Tinhorão (1988:376), a indiferença e o preconceito oficial levaram ao esquecimento a dívida inegável da nação e da gente portuguesa à força de trabalho e ao sangue dos negros africanos. Entretanto, segundo Carvalho (2006:97), a presença de negros, principalmente em Lisboa, é uma questão que vem sendo tratada sobretudo por autores estrangeiros (Carvalho, 2006). Já os estudos sobre o racismo têm-se concentrado na perceção do grupo maioritário, mas existem alguns trabalhos, como o de Rosa Cabecinhas e da Númena, que tentaram perceber o modo as minorias étnicas percecionam o tratamento que lhes é dado pela maioria étnica. Estes estudos tem apontado para práticas e atitudes racistas em que as principais vítimas são os negros e os ciganos⁷³.

Em Portugal, o estudo pioneiro de Vala, Brito e Lopes (1999) põe em evidência o preconceito racial explícito. Como referem os autores, embora o racismo adote, nos dias de hoje, formas mais subtis e difusas, a perceção dos negros como uma ameaça social, perceção que pode ser associada ao racismo mais tradicional e flagrante, perdura em Portugal.

⁷¹ Têm sido realizados valiosos estudos sobre o Racismo em Portugal, principalmente na área da Psicologia Social. São de destacar, entre outros, os trabalhos de Jorge Vala, Rosa Cabecinhas, Maria Benedita Monteiro, Fernando Luís Machado, José Manuel Sobral, Manuel Carlos Silva, Rui Pena Pires. Na área da Comunicação podemos citar Isabel Cunha, Clara Almeida e Rosângela Borges.

⁷² Podemos destacar os estudos realizados pela ACM e SOS Racismo.

⁷³ No entanto, se em relação aos negros face aos *ciganos*, os estudos realizados apontam para o predomínio do racismo subtil face ao flagrante, persiste o racismo flagrante, como salientam Correia, Brito e Vala (2001) numa investigação sobre as atitudes dos portugueses face aos *ciganos*. Parece assim que a norma anti-discriminação deixa de fora algumas categorias sociais, em relação às quais não tem havido campanhas de sensibilização da população tão sistemáticas como em relação aos negros (Cabecinhas, 2002:114).

Cabecinhas (2002:105) indica que a partir da segunda metade da década de 90 a problemática do racismo e etnicidade ocupa um lugar mais central na opinião pública portuguesa. Neste período, o discurso antirracista passou a assumir na sociedade portuguesa uma posição central no debate público e político, tendo frequentemente lugar de destaque na agenda dos diversos meios de comunicação social.

Paralelamente, Cabecinhas (2002:104) ressalta que a problemática do racismo constituiu-se como objeto social de reflexão, tendo-se assistido a um incremento de estudos nas diversas ciências sociais e humanas sobre esta problemática, tanto relativamente aos diversos grupos de origem africana como relativamente aos ciganos, continuam a ser considerados estrangeiros.

De acordo com Machado (2001:55), para contextualizar o racismo no Portugal de hoje, é necessário ter em conta dois parâmetros fundamentais: o colonialismo, rematado com uma descolonização tardia e turbulenta das colónias, e a transformação do país num recetor de imigrantes, a partir dos anos 80. Visto que o racismo tem uma dinâmica europeia distinta, uma vez que o passado colonial europeu favorece o desenvolvimento de duas formas de racismo, um contemporâneo e outro histórico.

O racismo atual é atribuído por muitos autores, não só a fatores económicos e à decomposição política e económica do país (Cunha, 1998:79). Barbosa (2011:3) cita Benjamin Stora (1999) para compreender esta questão, quando Stora coloca a questão da persistência de uma memória colonial para um espaço pós-colonial através da transferência e do prolongamento da segregação do «sul» para o «norte» geograficamente e não só, mas sobretudo nos constantes discurso nos espaços de poder.

Os recentes estudos sobre racismo em Portugal demonstram que o racismo se manifesta no país, tanto em natureza como em grau, como noutros países da União Europeia⁷⁴ (Cabecinhas, 2002:39). Nas várias amostras europeias verifica-se uma maior adesão ao racismo subtil do que ao racismo flagrante, segundo a qual o racismo

⁷⁴ O combate ao racismo é recente na Europa, apesar da sua longa história. (Responder ao Racismo em Portugal, p.09). Em 1997, o Observatório Europeu do Racismo e da Xenofobia da UE (EUMC) foi fundado com o objetivo de centra-se no problema do racismo na Europa. Já o artigo 29º do Tratado da União Europeia inclui a referência da prevenção e do combate ao racismo. Ao mesmo tempo, a Comissão Europeia, em 2001, propôs uma decisão-quadro contra o racismo e a xenofobia racismo como crime.

flagrante é percebido como anti-normativo, mas o racismo subtil não (Cabecinhas, 2002:71-72). Para a autora (Cabecinhas, 2002:113), os portugueses brancos parecem ter interiorizado a norma antirracista vigente na sociedade, o que os impede de exprimir publicamente formas de discriminação flagrantes.

Em Portugal, há um número reduzido de dados oficiais disponíveis para quem queira estudar os fenómenos da discriminação racial e da xenofobia. Os casos de discriminação racial nos tribunais portugueses são também escassos (Peixe *et al.*, 2008:07). Além disso, não há estatísticas oficiais baseadas na cor da pele, uma vez que os censos populacionais não implicam qualquer registo relativo a grupos raciais ou étnicos, ao contrário do que acontece noutros países (EUA, Reino Unido, Brasil, etc.). No entanto, alguns autores (Cabecinhas, 2002; Machado, 1994) avançam com estimativas sobre algumas minorias étnicas. Apesar da ausência de indicadores de pertença étnica/racial nos formulários dos recenseamentos da população, pode considerar-se que em Portugal a presença de minorias étnicas já atingiu uma considerável expressão social e cultural.

Peixe *et al.* (2008:07) afirmam que a ausência de dados oficiais não significa inexistência de racismo. Muitos fatores podem contribuir para este *status quo* entre eles: a vergonha das vítimas em denunciar a discriminação de que são alvo, a crença na ineficácia dos mecanismos legais, a incapacidade das forças policiais em lidarem com estes fenómenos, a dificuldade em provar que um determinado ato teve motivações racistas, o estatuto legal da vítima. Estes são apenas alguns dos fatores que contribuem para um estado que podemos designar de invisibilidade do racismo em Portugal.

Os autores (Peixe *et al.*, 2008:09) alertam que, embora os estrangeiros sejam potenciais vítimas de discriminação racial, a nacionalidade não é o principal critério para eleger os alvos do racismo. Estes são muitas vezes cidadãos portugueses, como é o caso da maioria da população «cigana». No entanto, estes indivíduos portugueses não são percebidos como tal por muitos dos membros da maioria étnica. Se a “Nação é uma comunidade imaginada”, como sustenta Benedict Anderson, então podemos dizer que muitos ainda imaginam racialmente a nação portuguesa como branca (para além de outras componentes desta imaginação que escapam à raça, como as

linguísticas, religiosas, etc.). Além dos ciganos, os negros não se enquadram na identidade imaginada do povo português. Segundo Carvalho (2006:98), os negros deparam-se com a dificuldade de ultrapassar o estatuto de estrangeiros.

No âmbito das representações do senso comum, as investigações têm referido o fato de que muitas pessoas, embora não se considerando racistas, manifestam atitudes e comportamentos discriminatórios em relação a certos grupos étnicos. Ao contrário das sondagens de opinião e dos inquéritos conduzidos junto da população em geral, em que a verbalização de atitudes explícitas de racismo só existe como exceção, mais ou menos provocatória, e em que, mesmo os portadores de preconceito têm uma contenção verbal no sentido da sua negação ou subvalorização.

Nos estudos realizados por Machado (2001:56), no inquérito aos guineenses e, especialmente, nas entrevistas, o discurso surgiu espontâneo e fácil e quase todos tinham histórias para contar. Para o investigador, esta manifestação de racismo nada tem de subtil, assumindo, pelo contrário, uma forma aberta e primária (Machado, 2001:59). O autor expressa que, como tão bem mostram vários dos testemunhos, o racismo flagrante está bem vivo em alguns setores da sociedade portuguesa. A insistência tendencialmente exclusiva na temática do racismo subtil, tem favorecido a generalização da ideia de que, todo ou quase todo o racismo é desse tipo, o que não deixa de contribuir para subestimar e ocultar as suas manifestações mais abertas (Machado, 2001:65).

Na prática, o racismo manifesta-se, por exemplo, pela recusa em dar trabalho/emprego, alugar uma casa e, por exemplo, consentir que uma filha case com um negro ou cigano (Silva, 2000; Martins, 2000; Peixe *et al.*, 2008). Numa pesquisa realizada por Baganha (1996) aponta-se ainda que cerca de 40% dos indivíduos inquiridos não gostariam de morar próximo de um bairro de negros. No entanto, estas situações ocorridas no cotidiano raramente se assumem como racistas, afirma Peixe *et al.* (2008:51). Os estudos realizados por Machado (2001:54) revelam que pouquíssimos portugueses brancos se consideram racistas, mas, ao mesmo tempo, mais de 40% dizem que o racismo é uma atitude “muito comum” em Portugal e que conhecem alguns casos de racismo.

Peixe *et al.* (2008:31) acrescenta que os fenómenos de discriminação presentes na sociedade estendem-se às escolas. Os casos indicam que são os ciganos, os africanos e os seus descendentes, os grupos mais vulneráveis à discriminação direta ou indireta no setor da educação⁷⁵. Os fenómenos de discriminação podem ser observados em diversos níveis do sistema de ensino, ainda que por vezes sejam difíceis de monitorizar⁷⁶. A investigação realizada por Cristina Roldão (2012) identifica sinais de «segregação» nas escolas portuguesas, tendo por alvo a população afrodescendente. Cerca de 80% de todos os alunos do grupo investigado (6451 de um total de 7984, dados de 2013) enveredam por cursos profissionais assim que atingem o ensino secundário, mais do dobro da população branca portuguesa. Outro dado constatado na pesquisa é que, entre os anos 2001 e 2011, a percentagem de alunos brancos portugueses dos 18 aos 22 anos que chegaram ao ensino superior aumentou de 31% para 34%, ao passo que a dos alunos afrodescendentes baixou dos 21% para os 16%.

Já a discriminação racial no trabalho e no emprego pode ter vários significados, segundo Peixe *et al.* (2008:35). Pode significar que os membros de um grupo são prejudicados na contratação, na promoção e no despedimento em função da sua cor da pele, da sua nacionalidade ou da sua etnia⁷⁷.

Machado (2001:69) expõe o fato de que a perceção do racismo em Portugal está associado à condição da classe social, sendo que a pesquisa realizada com jovens descendentes de migrantes cabo-verdianos apresenta a relação entre estes dois fatores. Os socialmente mais desfavorecidos são quem mais se queixa do racismo, ao

⁷⁵ Existem poucos estudos na área da Educação. Outra área carente de pesquisas é a área da saúde. A manifestação de racismo na área da saúde é talvez a esfera do cotidiano relativamente à qual existe menos informação publicada, quer no que respeita a estudos sobre imigração e imigrantes em geral, quer no que diz respeito a trabalhos sobre o racismo em particular (Peixe *et al.*, 2008:40).

⁷⁶ Neste sentido são duas as dimensões essenciais para compreender a natureza do fenómeno: o terreno das representações e práticas dos diversos agentes que operam no terreno educativo, e o racismo como uma dimensão institucional, em que o fator étnico é um fator de sucesso ou insucesso, sobretudo quando associado a processos de discriminação e estigmatização da população, que se traduzem de diversas formas nomeadamente a classe e segregação residencial (Peixe *et al.*, 2008:31).

⁷⁷ Este tipo de tratamento diferencial é, como foi acima descrito, proibido por lei. Embora cheguem à CICDR e às associações de defesa dos imigrantes, como o SOS Racismo, várias queixas de pessoas que se sentiram lesadas na contratação e na progressão nas suas carreiras, e que sentem que isso se deve à cor da sua pele ou ao fato de pertencerem a um grupo estigmatizado, não existem condenações por discriminação racial na contratação, despedimento ou promoção. Tal como outros tipos de discriminação, é extremamente difícil provar que alguém teve a intenção de discriminar (Peixe *et al.*, 2008:35).

passo que os de classe média são os que menos têm consciência da sua existência.⁷⁸ Além do fator económico, outro fator redutor do preconceito racial é a amizade. Os estudos realizados por Vala, Brito e Lopes (1999) apontam para uma relação estreita entre sociabilidade inter-racial e diminuição do racismo.

De acordo com Machado (2001:68) as manifestações de racismo aumentarão ou diminuirão no país nos próximos anos conforme a inserção das pessoas negras na sociedade portuguesa e do tipo de relacionamentos sociais cotidianos em que essa inserção se transcreve. Machado acrescenta que o tipo de trajetos seguidos pela comunidade negra na sociedade portuguesa dependerá, fundamentalmente, da evolução do seu nível de contrastes sociais e culturais com o grupo dominante (Machado, 1994:131). Outro fator importante destacado por Machado (1994:125) é politização da questão étnica em Portugal. Para o autor, falar da politização da etnicidade é falar das formas de ação coletiva, mais ou menos institucionalizadas, desenvolvidas por minorias étnicas visando a apropriação de recursos (Machado, 1994:126).

Conforme Silva (2000:63), a politização da questão étnica em Portugal encontra-se em curso, protagonizada principalmente por universitários e restrita a Lisboa e região metropolitana. Cabecinhas (2002:108) ressalta o associativismo⁷⁹ como um espaço de afirmação étnica, significativo nas funções político-legais, funcionando como instrumento de representação e de intervenção das minorias junto do poder político administrativo, no sentido de influenciar as orientações da ação política⁸⁰.

⁷⁸ Há segmentos da população de origem africana bem firmados em localizações profissionais privilegiadas, seja nas profissões intermédias, nas profissões intelectuais, científicas, artísticas e no campo empresarial. É claro que se trata de segmentos diminutos e quase sempre constituídos, não por migrantes laborais propriamente ditos, mas, pelo que o autor denomina, por luso-africanos (Machado, 1994).

⁷⁹ O associativismo étnico é um espaço privilegiado de afirmação identitária, contribuindo para a manutenção, difusão e afirmação da identidade cultural de determinada minoria no contexto português, promovendo atividades que apelavam a especificidades culturais e que tentavam instituir práticas e símbolos socialmente unificadores (por exemplo, o desporto, a música, a dança ou gastronomia). O associativismo desempenha também funções culturais, de recreação e convívio, assim como de solidariedade ou ação social (Cabecinhas, 2002: 108).

⁸⁰No campo político, Portugal é um dos países da *União Europeia* onde não têm praticamente expressão social ou eleitoral os partidos ou forças políticas que acolham e promovam ideologias racistas ou xenófobas. Tal ausência, segundo algumas interpretações, é indissociável do luso-tropicalismo que atravessaria todo o espectro político, da esquerda à direita. A ideologia luso-tropicalista facilita, “a difusão do racismo subtil”, já que, ao assumirem o não racismo como uma especificidade nacional, os

Em Portugal existem algumas associações de afirmação étnica afrodescendente⁸¹, como a *Plataforma Gueto*, que se define como um movimento social negro, que defende a autodeterminação de todos os povos através da resistência anti-imperialista e antirracista. O grupo analisa as problemáticas enfrentadas pela população negra em Portugal, organiza debates, seminários e participa de eventos nacionais e internacionais. A sua principal atuação é no combate à violência policial exercida contra a juventude negra.

Outra associação a destacar é a organização não-governamental *GTO LX*, que utiliza o teatro como meio de conscientização étnica e política. A *GTO LX* trabalha com populações desfavorecidas, formando grupos comunitários de Teatro Fórum⁸² que criam espetáculos a partir de situações reais do cotidiano, os quais são, posteriormente, apresentados à comunidade. Outra instituição de caráter étnico fundada em Julho de 2016 é a *Djass - Associação de Afrodescendentes*, com a missão de defender e promover os direitos das(os) negras(os) em Portugal e de combater o racismo em todas as suas formas e dimensões, reivindicando políticas e práticas de igualdade.

Esta conscientização política está em curso com a influência da cultura negra norte-americana e da cultura afro-brasileira. Machado (1994:128) acredita que uma maior mobilização deste grupo social na politização da etnicidade depende do nível de conflitualidade e de violência racial na sociedade portuguesa.

Nos últimos anos, têm surgido no meio académico alguns seminários de discussão acerca da questão da negritude no país, como por exemplo, *I Semana da Consciência Negra da CES*, realizada em 2014 na Universidade de Coimbra, onde foram

“grandes partidos em Portugal, à esquerda como à direita” não tomam “posições antirracistas ou anti xenófobas. O discurso político oficial é um discurso anti-discriminação e incentiva à integração das minorias na sociedade portuguesa, com particular atenção para os imigrantes lusófonos (Machado, 2001; Martins, 2000; Cabecinhas 2002; Vala, Brito e Lopes, 1999).

⁸¹ Podemos ressaltar o trabalho do Coletivo Consciência Negra e da Rádio Afrolis.

⁸² A metodologia do Teatro do Oprimido foi desenvolvida por Augusto Boal no Brasil, em meados da década de 60, e é hoje praticada em mais de 70 países. No Teatro Fórum, o espectador é estimulado a entrar em cena para improvisar, como protagonista, soluções alternativas ao problema encenado. A comunidade é assim envolvida de forma direta e ativa na análise, discussão e exploração de estratégias de atuação perante problemas comuns, provocando a consciência comunitária e a participação cidadã. É uma metodologia e uma prática teatral cujo objetivo é a democratização do teatro como uma ferramenta capaz de provocar o *empowerment* dos participantes, através da análise e teatralização da realidade e modos de conduta dos sujeitos.

realizados debates sobre a realidade social da população negra portuguesa, um evento que contou com uma mostra de filmes e teatro. Uma outra iniciativa que podemos ressaltar como importante para politização étnica foi o ciclo de debates “*Racistas são os outros*”, promovido pelo Programa de Mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo, realizados entre 2014 e 2015 na Universidade Nova de Lisboa (UNL), no qual se apresentaram discussões sobre racismo, legalização e outros temas de interesse para a comunidade negra. Como podemos observar, as discussões acerca da questão racial têm conquistado espaço no meio acadêmico, no seio dos movimentos sociais e nos meios de comunicação social, trazendo à tona a realidade e também a identidade deste grupo social como veremos logo a seguir.

2.3 - O feminismo negro brasileiro

Durante o século XIX, houve uma emergência de militância social e política por mulheres negras e um aumento do número de publicações, tais como literatura, ensaios políticos e textos jornalísticos escritos por mulheres negras norte-americanas. De acordo com Caldwell (2010:20), as falas públicas e as obras escritas por essas mulheres durante o século XIX apontavam para as experiências particulares das mulheres negras na relação entre raça e gênero, durante a escravidão e em virtude da segregação racial no período pós-abolição. Revelando as experiências da mulher negra na sociedade escravocrata e nas épocas seguintes, já após a abolição da escravatura, mulheres negras norte-americanas como Sojourner Truth, Maria W. Stewart, Fanni Hamer, Anna Julia Cooper e Ida Wells-Barnett desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento de uma crítica feminista negra.

Entretanto, foi na segunda vaga do movimento feminista que o feminismo negro ganhou destaque, tendo os primeiros debates sido iniciados pelas feministas negras norte-americanas no final dos anos 1970 e início dos anos 80, altura em que⁸³ a

⁸³ Durante os anos 1980 e 1990, a maioria dos estudos sobre a mulher negra norte-americana foi desenvolvida nas disciplinas de História e Literatura. Historiadoras negras, como Darlene Clark Hine, Paula Giddings, Nell Painter, Sharon Harley, Rosalyn Terborg-Penn, Jacqueline Jones e Deborah Gray White, fizeram parte de uma nova geração de pesquisadoras que se voltaram para experiências da

produção de teoria feminista por mulheres negras como Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins, contribuiu para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, económica e política das mulheres negras nos Estados Unidos⁸⁴.

Como o movimento feminista foi caracterizado e definido por anseios de emancipação conformados ao perfil de uma mulher branca, escolarizada e de classe media, nele não cabiam os interesses das mulheres negras, indígenas e pobres.

Para Brah (2006:357), o sujeito político do feminismo negro descentra o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, e também a versão masculinista do negro como cor política, ao mesmo tempo que perturba seriamente qualquer noção de mulher como categoria unitária. Isso quer dizer que, embora constituído em torno da problemática da raça, o feminismo negro desafia de modo performativo os limites de sua constituição.

Reconhece-se hoje que o grupo social constituído por mulheres indígenas e /ou negras, possui demandas específicas que, na sua essência, não podem ser tratadas, exclusivamente, numa perspectiva dos estudos de género, se esta não considerar as especificidades que definem o ser mulher pertencente àquelas etnias.

A dimensão da diferença racial estabelece uma dupla discriminação das mulheres negras junto da sociedade. As mulheres negras tomaram consciência de que as causas/bandeiras por elas defendidas e as advogadas pelas mulheres brancas tinham, em rigor, ênfases distintas. A partir do momento em que essa constatação foi, por um lado interiorizada, e por outro amplamente difundida, as mulheres negras começaram a dirigir críticas ao movimento feminista sugerindo formas de o redefinir e apontar soluções, tendo em vista ultrapassar as desigualdades com que se debatiam

mulher negra na sociedade escravocrata e nas épocas pós-escravidão. O trabalho dessas historiadoras foi fundamental para resgatar e valorizar experiências, desafios e formas de resistência das mulheres negras nos EUA, particularmente durante a escravidão. Até os anos 1980, as mulheres negras ou eram invisíveis nos textos da História ou eram estereotipadas como empregadas domésticas ou figuras hipersexualizadas (Caldwell, 2010:22).

⁸⁴ As obras pioneiras foram *The Black Woman* (A Mulher Negra), livro editado por Toni Cade Bambara e publicado em 1970, e a antologia *All the Women are White, all the Blacks are Men, but some of us are brave: Black Women's Studies*, também chamado *But some of us are brave* (Todas as mulheres são brancas, Todos os negros são homens, mas algumas de nós somos corajosas: Estudos da Mulher Negra), publicado em 1982.

cotidianamente. Em suma, estes debates incluem a criação de novos aportes teóricos para as discussões de género e raça.

O *black feminism* e as intelectuais negras começaram a formular teorias para analisarem as especificidades das mulheres negras, atentando para as suas diversas formas de experiências de classe, de região, de etnia, nacionalidade e orientação sexual. Segundo a pesquisadora Cláudia Pacheco (2008:16-17), as teorias, denominadas de *Standpoint Theory*, deram uma contribuição importante para a introdução das categorias de género, raça e classe nos escritos feministas. A sua contribuição foi, justamente, desestabilizar com a noção do sujeito uno «mulher», atentando para as várias identidades construídas pelas mulheres negras em diferentes contextos sociais e históricos.

Pacheco (2008:17), analisando a obra de Luiza Bairros, uma das principais intelectuais do pensamento negro brasileiro, sobre os principais fundamentos do *feminist standpoint*, chama a atenção para a interconexão que deve haver entre raça, género e classe social. Segundo Bairros, uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que lhe proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista. Corroborar assim a posição da autora Lorde (2013), a qual afirma que não existe hierarquia de opressão.

Ao refletir sobre a contribuição das mulheres negras para a teoria feminista, lembramos em particular a posição sustentada pela renomada feminista negra bell Hooks, a qual afirma que é importante reconhecer o ponto de vista das mulheres negras e tomar consciência de que o feminismo negro atua a partir das lutas nas quais a raça, a classe e o género operam enquanto fatores simultâneos de opressão para, a partir dessa perspectiva, criticar a hegemonia racista, sexista e classista, para que seja possível prever e criar uma contra-hegemonia.

Osada (2008) aponta o trabalho de Patricia Hill Collins, outra das grandes referências norte-americanas do pensamento feminista negro, que, para um melhor entendimento das condições pelas quais mulheres negras estão situadas dentro da sociedade, há que se compreender o papel desempenhado por estas mulheres nas

suas estruturas familiares, igrejas e suas comunidades locais. A autora Osada (2008) afirma que o trabalho mais prestigiado de Collins, *Black Feminist Thought*, publicado em 1990, demonstra a necessidade de explorar as interseções entre gênero, raça e classe na estruturação da posição das mulheres negras norte-americanas, algo fundamental no feminismo negro

Osada (2008) declara que na perspectiva de Collins, o significado de intelectual tem outra compreensão: as mulheres negras intelectuais não têm de ser de classe média, educadas, de meia-idade, ou reconhecidas como tal pela academia ou outros estabelecimentos. Mulheres negras intelectuais constituem um grupo altamente diversificado, Cardoso (2008:04) acrescenta ainda que estas intelectuais têm por objetivo trabalhar pela autonomia das mulheres negras.

Para Osada (2008), a abordagem teórica de Collins não diz respeito somente às experiências das mulheres afro-americanas. Pode ser pensada para diferentes situações de lutas das mulheres da diáspora e de África, sendo que os contextos locais e históricos podem ocasionar outras situações, outros temas centrais, exigindo novas respostas aos desafios colocados.

Segundo Osada (2008), na perspectiva de Collins, existem cinco aspectos fundamentais característicos do feminismo negro: 1) o legado de uma história de luta; 2) a natureza interligada de raça, gênero e classe; 3) combate aos estereótipos; 4) atuação como mães, professoras e líderes comunitárias; e por último, 5) a política sexual. Para ela, Collins explicita que, como resultado do colonialismo, do imperialismo, da escravidão, do *apartheid*, e de outros sistemas de dominação racial, os(as) negros(as) compartilham uma experiência comum de opressão. Estas semelhanças nas condições materiais têm proporcionado a partilha de valores afrocêntricos, nomeadamente, analogias na estrutura familiar, nas instituições religiosas, na cultura e na vida comunitária de negros(as), em várias partes do mundo. Para esta autora, a ideia de experiência revela-se deste modo como ponto de contato entre as diferentes etnias negras espalhadas pelo mundo.

Hooks (1995) argumenta que isto evidencia o fato de que as mulheres negras constituem um grupo que não foi socializado para assumir o papel na dicotomia opressor(a)/oprimido(a). Para a autora, as mulheres brancas e os homens negros

podem assumir os dois papéis, isto é, eles(as) podem agir tanto como opressor ou como oprimido. Os homens negros podem ser vítimas do racismo, mas, em outras circunstâncias, é-lhes permitido agir como exploradores e opressores da mulher. Por seu turno, as mulheres brancas podem ser vítimas do sexismo, mas o racismo permite-lhes agir como exploradoras e opressoras do povo negro.

De acordo com a autora, há que se considerar como os corpos femininos são reproduzidos historicamente. Hooks (2014) avalia que o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra, que imprime na consciência cultural coletiva a ideia que ela está neste planeta principalmente para servir os outros (Barreto, 2005:39). Nessa perspectiva, Moreira (2007:19) afirma que o servilismo tem sido considerado um atributo natural ao papel social designativo das funções da mulher negra na sociedade. Para hooks (1995) mais do que qualquer outro grupo de mulheres, as negras têm sido consideradas um corpo sem mente.

Barreto (2005:53) ressalta que uma questão clássica do movimento feminista dos anos 60 e 70 era o debate a respeito do corpo e da sexualidade, resumido na afirmação: «o meu corpo me pertence». Contudo, para as mulheres negras, o tema era visto de outra perspectiva. A questão não se encerrava na propriedade individual desse corpo. Visto que as mulheres negras se lembravam das marcas inscritas nesse corpo: sexualização, racialização, punição e para além dessas questões históricas, também o que estava em redor desse corpo era lembrado, ou seja, a necessidade desse mesmo corpo comer bem, vestir-se, entre outras coisas.

É neste contexto e com estas referências que, no Brasil, as mulheres negras embaladas pela explosão do feminismo negro norte-americano e com a discussão acerca da especificidade do «ser mulher negra», do «tornar-se negra» dentro do movimento negro brasileiro, refletiram sobre as questões acerca do feminismo negro no cenário brasileiro (Pacheco, 2008:1).

Tais discussões vieram à tona nos anos 1970 e 1980 com as obras de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Thereza Santos, Edna Roland, Luiza Bairros e Fátima Oliveira (Caldwell, 2010). Caldwell (2010:25) declara que a militância e a produção intelectual dessas feministas negras têm sido fundamentais na construção de pensamento e teoria do feminismo negro brasileiro. Segundo Sueli Carneiro

(2003:118), apesar de, desde o seu início, o movimento feminista brasileiro se identificar com as lutas populares, articulando gênero e classe, e também com as lutas pela democratização do país⁸⁵, o movimento feminista no Brasil ancorou seu legado de lutas a partir de tendências americanas e europeias. Neste sentido, foram destacadas mulheres e reivindicações que correspondessem àqueles movimentos (Cardoso, 2008:2).

Identificando estas tendências, a partir dos anos 1980⁸⁶, as mulheres negras começaram a apresentar críticas ao movimento feminista (e também ao movimento negro), de modo a redefinir e encontrar soluções para as desigualdades que enfrentavam cotidianamente.

Do ponto de vista do feminismo negro brasileiro, a década de 80 foi um período de importante mobilização política⁸⁷. Ribeiro, ao analisar a trajetória do Movimento de Mulheres Negras no Brasil destaca a importância de se entender a especificidade e as diferenças entre as mulheres negras e brancas no interior do movimento feminista mais amplo⁸⁸. Para Pacheco (2008:14-15), um dos problemas do feminismo brasileiro

⁸⁵ O novo feminismo no Brasil nasceu na década de 1970, na ditadura militar. O paradoxo constitui-se na medida em que as mulheres também não encontravam guarida entre os grupos que lutavam contra a ditadura. Influenciado por mulheres brasileiras no exílio em França e nos Estados Unidos, portadoras das ideias da nova vaga dos feminismos, o feminismo brasileiro foi um movimento que lutou pela autonomia num espaço muito marcado politicamente pela oposição ao regime (Tavares, 2008:117). Durante a ditadura militar, o movimento feminista foi ganhando espaço mesmo que em meio à repressão e à censura. Com o fim do regime, o país entrou num grande processo de transformações, assim como o movimento feminista brasileiro.

⁸⁶ Barreto (2005), Moreira (2007), Viana (2010) indicam que a relação das mulheres negras com o movimento feminista tem início a partir do ano de 1975. No entanto, esta relação apenas se estabelece com o III Encontro Feminista Latino-americano, realizado em Bertioga em 1985, e que veio consolidar entre as mulheres negras um discurso feminista, que em décadas anteriores era rejeitado por parte de algumas destas que se recusavam a aceitar a identidade feminista (Moreira, 2007).

⁸⁷ Em consequência das relações conflituais, principalmente, nas definições ideológicas do movimento feminista, muitas mulheres negras tem dificuldade em se autoidentificar como feministas. Como resposta a essa questão, surgem no Brasil movimentos como o Movimento das Mulheres Negras, Mulherio, Pan-Africanistas, entre outros.

⁸⁸ Como resultado do fortalecimento do protagonismo das mulheres negras em todo o país, e do processo de organização autónomo das mesmas em quase dez anos de organização, ocorre o I Encontro Nacional de Mulheres Negras em Valença (RJ), em dezembro de 1988, com o objetivo de estruturar o movimento e (Barreto, 2005:56) construir uma plataforma única em relação com os demais movimentos sociais. O encontro foi muito criticado pelo movimento negro e feminista, pois consideravam o mesmo desnecessário. No entanto, este encontro demarcou as bases para a ação e o pensamento feminista negro que se afirmaria nas décadas seguintes (Barreto, 2005:57).

foi negar a especificidade das mulheres, não reconhecida nas agendas políticas mais gerais dos Encontros Feministas dos anos 60 e 70⁸⁹.

As principais críticas estabelecidas por estas mulheres face aos movimentos feministas e ao próprio movimento negro, referem-se à não representatividade quanto aos anseios e lutas desenvolvidos em ambos os movimentos (Ribeiro (1995), Caldwell (2010); Carneiro, (2003); Werneck (2010). Ou seja, ainda que as desigualdades de género existam, a dimensão da diferença racial estabelece uma dupla discriminação das mulheres negras dentro da sociedade. De acordo com Ribeiro (2004), no movimento feminista as dificuldades, por um lado, de lidar com a diversidade existente entre as mulheres (por exemplo, as diferenças raciais, étnicas, de condições sociais, de orientação sexual, de geração ou culturais) e, por outro, de ter uma visão mais ampla dos processos organizativos, vieram a reforçar a imagem feminista como branca, de classe média, intelectualizada.

De acordo com a autora Barbosa (2010), as críticas feitas pelas feministas negras brasileiras ao feminismo branco geraram uma relação tensa e árida entre essas vertentes durante algum tempo, embora, contemporaneamente tenham surgido novas perspectivas, possibilidades de diálogos, parcerias e ações conjuntas.

Sueli Carneiro (2003:120) considera que a consciência de que a identidade de género não se desdobra naturalmente em *solidariedade racial intragénero* conduziu as mulheres negras a enfrentarem, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de género intragrupo racial, que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de género se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros.

⁸⁹ De acordo com Damasceno (2009), durante as décadas de 80 e 90, o movimento feminista elencou uma multiplicidade étnica, cultural e de classe. A consequência do crescente protagonismo das mulheres negras no interior do Movimento Feminista Brasileiro pode ser percebido na significativa mudança de perspectiva que a nova Plataforma Política Feminista adota. Essa Plataforma, proveniente da Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras realizada em 2002, reposiciona a luta feminista no Brasil nesse novo milénio, sendo gestada coletivamente por mulheres negras, indígenas, brancas, lésbicas, nortistas, nordestinas, urbanas, rurais, sindicalizadas, quilombolas, jovens, de terceira idade, portadoras de necessidades especiais, de diferentes vinculações religiosas e partidárias (Carneiro, 2003:126).

Em face dessa dupla subvalorização, é válida a afirmação da autora de que “o racismo rebaixa o *status* dos gêneros”⁹⁰ (Carneiro, 2003:119).

De acordo com Cardoso (2008:6), as opressões raciais e de classe redimensionam «o lugar que habitamos no gênero». A opressão é vivenciada a partir de um lugar, o qual é dado pela forma como gênero, raça e classe se entrecruzam em diferentes pontos. Para Cardoso (2008:6), pensar a história das mulheres negras é refletir sobre como esse sujeito social foi historicamente construído a partir destes embates e estratégias de sobrevivência na diáspora e nas sociedades pós-coloniais racializadas.

Ao trazer para a cena pública as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, a análise de Carneiro (2004:2) promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros e pelas mulheres do país, trazendo a questão racial para o movimento feminista, tornando mais representativo o conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. Segundo Carneiro, esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do «ser mulher negra». Uma vez que, até então, o discurso e lutas do feminismo brasileiro não representavam a diversidade das mulheres brasileiras:

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência” (Carneiro, 2001:2).

⁹⁰ A questão seria entender como é que sujeitos concretos percebem e reelaboram os sistemas de opressão – raça, gênero, geração e classe social - *nas suas trajetórias por práticas sociais e projetos específicos*. De acordo com essas formulações, não é possível falar-se de sobredeterminação de uma ou outra categoria, de exclusão, ou até mesmo de adição, mas é preciso pensar em relações que se processam mutuamente em contextos socioculturais específicos (Pacheco, 2008:18).

É em torno dessa abordagem que se giram as reflexões e discussões das feministas negras e os trabalhos no país sobre mulheres negras (Caldwell, 2010). Na década de 80, na academia, surgiram os primeiros trabalhos científicos contemporâneos que se centraram na mulher negra brasileira. Elas apareceram como sujeitos de pesquisa. Tais pesquisas apontaram para a importância de levar em consideração o binómio género-raça nas análises sociodemográficas, históricas e antropológicas no campo dos estudos feministas e das relações raciais. Estas pesquisas, conforme Pacheco (2008:14), enfatizaram a necessidade de pensar as diferentes experiências históricas das mulheres.

Como é possível observar na produção das intelectuais negras feministas brasileiras, as políticas de identidade têm sido uma prioridade no feminismo negro brasileiro, onde a identidade étnica/racial se apresenta como um atributo positivo de diferenciação das feministas negras⁹¹. Esse fato funcionou como uma ponte que conduziu as mulheres negras para a representação política no campo feminista⁹² (Moreira, 2007).

A expressão «**enegrecendo o feminismo**» (grifo no original) é a expressão utilizada para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Carneiro (2001) esclarece que se procura assinalar, com essa expressão, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, por um lado; e, por outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do ser «feminino» construídas em sociedades multirraciais e pluriculturais. Segundo a autora, com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combate, simultaneamente, as desigualdades de género e intragénero; numa perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre.

⁹¹ As feministas norte-americanas foram pioneiras na incorporação do tema das diferenças em suas abordagens, ocupando-se em discutir a presença do racismo, bem como o entrecruzamento entre género, raça e classe como elemento representativo das diferenças nas experiências das mulheres (Barbosa, 2010).

⁹² Em 2000, na Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras, o movimento feminista reconheceu a oposição ao racismo e à discriminação racial como parte da luta pela superação das desigualdades de género.

De acordo com Carneiro (2003:2), é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e o seu impacto sobre as relações de género, uma vez que ele determina a própria hierarquia de género nestas sociedades.

O combate ao racismo é uma prioridade política para as mulheres negras, uma afirmação já enfatizada pela intelectual e militante Lélia de Almeida Gonzalez, uma das maiores referências do feminismo negro brasileiro, a qual refere que “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial” (Carneiro,2003:119). Uma das principais contribuições da produção intelectual de Lélia Gonzalez, conforme o autor Barreto (2005:37), foi o estudo das relações raciais, relacionando a dimensão de género, pois desconstruiu um dos discursos alicerces da democracia racial brasileira: a «harmonia» no intercuro sexual dos portugueses com as mulheres negras e também indígenas.

Barreto (2005:45) salienta também a importância dos estudos de Lélia sobre as origens das representações existentes sobre as afro-brasileiras. Lélia ressalta o papel da *mãe preta*⁹³ na constituição da história do Brasil e na corriqueira representação da mulher negra como doméstica e mulata. Na obra de Gonzalez, Rosane Borges (2016), esclarece que o confinamento da mulher negra às figuras da *mulata*, da *empregada doméstica* e da *preta velha* reclama por outras rotas de análise e intervenção, visto que parte significativa da tradição teórica, sequiosa em desvelar o problema racial brasileiro sob a chave socioeconómica, mostrou-se insuficiente para alcançar o drama experimentado pela população negra em todas as dimensões da sua existência. Prevaleceu nos círculos de investigação o entendimento do racismo como, exclusivamente, um epifenómeno do capitalismo, o que perpetuou uma certa «naturalização» do lugar do negro na sociedade.

Com estas discussões, Barreto (2005:113-114) afirma que Lélia apresenta dois pontos centrais evocados no debate contemporâneo do Pós-Colonialismo: as

⁹³ De acordo com Lélia, a mãe-preta de forma consciente, ou inconsciente, acabou por passar os valores africanos para as crianças brancas que cuidou. Em especial, ela africanizou o português e ensinou, transformando-o em *pretuguês*, expressão, essa, desenvolvida por ela própria (Barreto, 2005:40).

discussões sobre o corpo e o poder nas experiências das mulheres negras. A questão acerca da mulata no carnaval, na obra de Lélia, resume a relação corpo/poder. Na perspectiva da autora, a mulata destaca-se pela importância que tem dentro do contexto do carnaval brasileiro, ao reatualizar o mito da democracia racial. Durante o Carnaval, a mulher negra anônima torna-se a passista, dona das atenções e olhares do público. É nesse momento que o mito se reapresenta “(...) com toda a sua força simbólica”. No término do Carnaval, ela irá regressar às suas atividades, o trabalho de doméstica. Assim sendo, Lélia conclui que mulata e doméstica são faces da mesma moeda definidas pelo contexto e que remetem para a escravidão.

Outro aspecto importante do pensamento de Gonzalez, para Barreto (2005:48), nas questões de raça e gênero na sua obra, foi o conceito de *amefricanidade*. A autora constrói essa categoria para entender, de forma mais ampla, a experiência dos afrodescendentes nas Américas. Barreto lembra que a validade de um conceito ou de uma categoria analítica está diretamente ligada a uma teoria, pois é a categoria analítica que permite a análise de um determinado conjunto de fenômenos, e faz sentido apenas no corpo de uma teoria.

No caso da *amefricanidade*, a mesma deve ser pensada dentro das ideologias de libertação africanas e afro-diaspóricas. Especialmente ligada ao movimento de pensadores negros terceiro-mundistas que a partir da década de 1950, se preocuparam em construir um conhecimento na periferia do capitalismo avançado. O pesquisador Ratts (2010:06) acredita que, ao inventar o termo *amefrikana*, Lélia tornou-se uma dessas figuras. Lélia evoca as *amefricanas*, as mulheres da diáspora africana na América Latina que ofereciam resistência ao feminismo por não se verem, nele, representadas:

Nossa percepção descobre uma grande resistência o feminismo. É como se ele fosse algo muito estranho para elas. Herdeiras de uma *outra cultura ancestral*, cuja dinâmica histórica revela a *diferença* pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de *mulheridade* do que de *feminidade*, de *mulherio* do que de *feminismo*. Sem contar que sabem mais de *solidariedade* do que de *competição*, de *coletivismo* do que de *individualismo* (Ratts, 2010:5-6).

Gonzalez enfatizou a importância das mulheres na construção da *amefricanidade* e na luta pela liberdade contra a escravidão e o colonialismo adotando, como figura central, Nanny⁹⁴, uma líder quilombola do oeste da Jamaica, e comparando-a com Zumbi dos Palmares.

Para a autora, as lendas ou narrativas acerca de Nanny – além da sua capacidade de guerrear – evidenciaram, simbolicamente, que a mulher negra: a) “assegura a regeneração e a continuidade de uma sociedade”, mesmo em condições adversas; b) possui uma “perspicácia feminina no desenvolvimento de táticas inesperadas para o inimigo”, cuja fonte está no saber do próprio grupo; e c) e possuiria “uma radicalidade”. As narrativas acerca de Nanny, segundo a própria Lélia, remeteriam à “importância das mulheres na luta das comunidades *amefricanas* ontem e hoje”, não se tratando somente de uma “alusão a um passado longínquo”, mas sendo isso sim, uma “atualização das demandas do povo negro de hoje” (Viana, 2010: 9).

De um modo geral, Barreto (2005:54) conclui que, na produção de Gonzalez, é demonstrada a resistência das mulheres negras no processo social. O pensamento da autora evidencia o papel importante e de liderança das mulheres negras nas religiões de matriz africana, da mulher negra anônima da favela, das mulheres negras das escolas de samba, do movimento negro e das mulheres negras pobres, como base das suas famílias. Lélia afirmava ainda que a emancipação econômica e social das mulheres brancas foi feita à custa da exploração das mulheres negras, como domésticas.

Barreto (2005:55) afirma que Gonzalez também fazia menção à relevância da conexão teoria- prática do feminismo negro, ao reconhecer que o aprofundamento do seu pensamento também foi mediado pela sua militância, e que a interrelação entre ambas é parte importante no desenvolvimento do seu pensamento, além de também

⁹⁴ A autora irá buscar na história dos dois maiores colonizadores, Portugal e Espanha, as chaves para o entendimento do que se passou no Brasil no século VIII. A estruturação das sociedades ibéricas, desde então, caracterizou-se a partir de um modelo hierárquico, onde também existiam hierarquias raciais. Esse modelo de organização social foi transportado para a Colônia. Seguindo esta leitura, a autora apresenta o papel de Nanny na Jamaica como um dos pilares da *amefricanidade*. É dentro da conjuntura da escravidão e da colonização que se inscreve a história de Nanny. Sobre sua existência existiriam polêmicas consequentes das narrativas que lhe atribuem poderes sobrenaturais, usados na luta contra os colonizadores ingleses. Dessas narrativas, Lélia extraiu a importância das mulheres na construção da *amefricanidade* e na luta pela liberdade contra a escravidão e o colonialismo, tal como Zumbi no Brasil (Barreto, 2005:50).

pontuar a sua própria condição de mulher negra como elemento importante para o desenvolvimento de suas ideias. Segundo o autor, Lélia observou também a necessidade da organização independente das mulheres negras e fundou o coletivo de mulheres negras denominado *N'Zinga*⁹⁵.

Cardoso (2008:6) ressalta que a organização coletiva em busca da transformação social faz parte da história das mulheres negras no Brasil, seu legado contra as desigualdades alicerça o pensamento feminista negro e embasa a luta das gerações seguintes de mulheres negras, possibilitando ao feminismo negro operar dialogicamente entre prática e teoria, numa perspectiva dinâmica, atualizando-se tanto a partir de novos contextos históricos como das estratégias de resistência às opressões que recaem sobre as mulheres negras.

Os estudos têm comprovado que a busca pela inserção do feminismo negro nas agendas tem tomado impulso a partir dos movimentos sociais e do sindicalismo. Para Carneiro (2003:120), tal processo vem resultando, desde meados da década de 1980, na criação de diversas organizações de mulheres negras em todo território nacional; de fóruns específicos de discussões programáticas e instâncias nacionais organizativas das mulheres negras no país, a partir dos quais os temas fundamentais da agenda feminista são perscrutados pelas mulheres negras à luz do efeito do racismo e da discriminação racial.

Atualmente, as políticas afirmativas têm funcionado como instrumento para a formação de ONG de mulheres negras, que subsidiam a formulação de políticas sociais voltadas para esse setor. A ação política das mulheres negras vem promovendo: a) o reconhecimento da falácia da visão universalizante de mulher; b) o reconhecimento das diferenças intragênero; c) o reconhecimento do racismo e da discriminação racial

⁹⁵ *N'Zinga* – Coletivo de Mulheres Negras, fundado em 1983, na Associação do Morro do Cabrito no Rio de Janeiro. O *N'Zinga* era assumidamente feminista e exigiu de suas componentes uma dinâmica inovadora que, além de articular as questões de sexo, de raça e de classe, tentasse garantir também as individualidades, as aptidões e as histórias de vida de cada integrante. Ainda que não tenha sido o primeiro grupo de mulheres negras do Brasil, destaca-se que nestes espaços se encontravam mulheres negras das classes populares e dos setores médios (Ratts, 2010:04). No mesmo período também surge o CEMUFP (Coletivo de mulheres da Favela e Periferia). Na contemporaneidade registra-se que, na década de 1950, foram fundados: o Conselho Nacional de Mulheres Negras (18 de maio de 1950) e a Associação de Empregadas Domésticas, surgida no contexto militante do Teatro Experimental do Negro (Diniz, 2010:17).

como fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil; d) o reconhecimento dos privilégios que essa ideologia produz para as mulheres do grupo racial hegemônico; e) o reconhecimento da necessidade de políticas específicas para as mulheres negras e para a equalização das oportunidades sociais; f) o reconhecimento da dimensão racial que a pobreza tem no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade do corte racial na problemática da feminização da pobreza; g) o reconhecimento da violência simbólica e a opressão que a branquidade, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não brancas.

Segundo Carneiro (2003:129-130), a introdução destas questões na esfera pública contribuem para o alargamento dos sentimentos de democracia, igualdade e justiça social, noções sobre as quais o gênero e a raça se impõem como parâmetros inegociáveis para a construção de um novo mundo.

Moreira (2007) considera necessário frisar que o entendimento do processo de organização não-governamental do feminismo negro articula-se à dinâmica das negociações acerca da legitimidade representativa do sujeito feminista negro⁹⁶. O que está em pauta para essas ONG é a participação no interior do campo feminista, na condição de representantes da parcela de mulheres negras, em que as diferenças são tratadas como constituintes e organizadas em sistemáticas relações por meio de discursos políticos, econômicos e culturais de práticas institucionais.

Já a autora Barbosa (2010:7) conclui que o processo de institucionalização do feminismo negro expôs as diferenças particulares que residem em qualquer agrupamento o qual advogue para si um discurso político unitário.

Além da atuação das mulheres negras nas ONG, hoje, este grupo social ocupa espaço na militância política, nos partidos e nos projetos educacionais. A autora Gomes (2011:141-142) refere que as mulheres negras têm exercido uma luta contínua,

⁹⁶ Para a investigadora Sonia Alvarez, na década de 1990, o reforço das ONG feministas na América Latina revelou-se controverso em termos de sustentabilidade e articulação no campo do movimento feminista. Há quem professe a opinião de que a institucionalização do feminismo tem vindo a fazer-se pela dependência financeira das ONG face ao Estado. Não colocando de lado esta realidade, ela pode não ser, contudo, determinante. Se as organizações deixarem de ter a sua opinião e ação próprias, condicionadas por compromissos estatais assumidos, então poder-se-á dizer que tal afirmação se confirma. Contudo, o que pode determinar a sua institucionalização será muito mais a inexistência de uma agenda feminista própria (Tavares, 2008:344).

não só no interior da comunidade negra, mas no debate com o Estado, para a implementação de políticas públicas de saúde, emprego e educação que contemplem a articulação entre raça e gênero.

Caldwell (2010:24) argumenta que, em virtude das mudanças em relação ao desenvolvimento de políticas públicas para a população negra e do aumento das discussões sobre a questão racial no Brasil em anos recentes, este momento oferece a importante oportunidade para pensar, de forma coletiva, sobre o desenvolvimento (passado e futuro) de estudos sobre a mulher negra no Brasil.

As mulheres negras brasileiras, na avaliação da pesquisadora Jurema Werneck (2010:76), como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de oposição às condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão e expropriação colonial e da modernidade racializada e racista. Werneck defende a importância das demandas e questões que justificaram e justificam as articulações heterogêneas que constituem as mulheres negras como agentes políticas. Werneck (2010:16) acredita que tais situações exigem das mulheres negras uma mobilização permanente e ações contundentes, uma vez que representam confrontos a ameaças reais e palpáveis à sobrevivência física, material e simbólica deste grupo social.

Um exemplo destas mobilizações foi a Marcha das Mulheres Negras, um evento realizado no dia 18 de novembro de 2015 em Brasília, que reuniu cerca de 50 mil participantes de todas as regiões do Brasil. O intuito do ato era alertar a sociedade para a luta das mulheres negras contra a violência, a discriminação e o racismo.

Apesar dessas ações, do trabalho das pesquisadoras, das feministas e das militantes das causas das mulheres negras pela busca da igualdade, os ganhos ainda são poucos. A conquista da igualdade formal não se traduz automaticamente em igualdade real. A mulher negra brasileira continua em situação de exclusão e marginalização social. Atualmente, numa breve recensão em torno das pautas das mulheres negras, Borges (2016) aponta que as reivindicações deste movimento social vêm girando na órbita do estético e da visibilidade, orientadas por outra lógica de representação, incidindo no tecido social de modo a reconfigurar a política. O que tem

ocorrido é que nos últimos anos, as feministas negras têm buscado a representatividade como forma de combate ao racismo e exclusão, resumido na afirmação «representatividade importa», que tem por objetivo mostrar a mulher negra em espaços sociais de destaque; principalmente, em lugares historicamente negados para este grupo social. Além disso, neste início do século XXI, as mulheres negras brasileiras têm buscado o empoderamento por diversos meios como, por exemplo, através da estética; com o uso do cabelo natural, de turbantes e adereços que remetem para a sua ancestralidade, e também com a utilização das redes sociais, que tem servido como um espaço de mobilização, visibilidade e voz para as mulheres negras difundirem suas reivindicações e anseios.

2.4 - A mulher negra no discurso feminista português

O feminismo negro conquistou visibilidade na segunda onda feminista, no entanto em Portugal, dadas as circunstâncias de natureza social, política e cultural, o feminismo negro não teve representatividade no país. No contexto português, o período ditatorial de cerca de 50 anos marcou fortemente todas as esferas da sociedade e levou à invisibilidade da segunda vaga do movimento feminista (Amâncio, 2003; Tavares, 2008; Cerqueira, 2014). Com isso, todos os tipos de feminismo que surgiram naquele período não tiveram expressão.

Na década de 70, de acordo com a autora Amâncio (UMAR, 1998:4), o isolamento intelectual, o enclausuramento do país e a ausência de debate eram alguns dos impedimentos para o desenvolvimento do feminismo neste período. A realidade de Portugal era diferente de outros países da Europa. Segundo Tavares (2008:154), os feminismos que cresciam noutros países – fruto da reflexão e da ação de grupos de mulheres – não tinham lugar num país onde não havia espaço para o pensamento crítico. De acordo com a autora, este isolamento trouxe consequências para o feminismo português, pois devido ao longo período da ditadura e o atraso nos estudos feministas, surgiram fragilidades e especificidades dos feminismos em Portugal (Tavares, 2008:12).

Dois fatores são fundamentais para compreender a fragilidade do movimento feminista português desta época, conforme Amâncio (UMAR, 1998:77-79). Em primeiro lugar, a ausência de referências⁹⁷ no país, sendo que a grande e única referência portuguesa é a obra as *Novas Cartas Portuguesas*⁹⁸ de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Segundo Amâncio: "parece não haver, portanto, qualquer produção de saber, reflexão, olhar crítico ou analítico sobre a sociedade portuguesa e a condição feminina, que sirva de referência à geração dos anos 70 e 80". Em segundo lugar, a falta de autonomia, ou seja, a dependência das organizações de mulheres em relação aos partidos e ao Estado. Com a consolidação do regime ditatorial, as mulheres portuguesas ficaram privadas de espaços organizativos próprios que não os instituídos pelo regime. Tavares (2008:101) acredita que o discurso antifeminista do regime salazarista e a tentativa de mobilização das mulheres em torno dos valores da domesticidade moldados pelo «bem da Família e do Estado» condicionaram ideologicamente a sociedade portuguesa. Além disso, Amâncio (2007:840) argumenta que os discursos circulantes na altura classificavam o feminismo como o princípio da ruína da família e, por consequência, do Estado.

Apesar da censura e pouca visibilidade das ações feministas neste período, e ainda que não tenha existido um discurso assumidamente feminista negro dentro do movimento feminista português, encontramos na história do movimento preocupações com as causas raciais e de género. Constatando que as instituições de mulheres portuguesas não estiveram indiferentes à causa da comunidade negra e procuraram debater acerca de episódios marcantes que ocorreram pelo mundo. De acordo com Tavares (2008:187-192) em Maio de 1968, foi preparada uma sessão por católicos progressistas na Igreja de Santa Isabel em Lisboa em evocação a figura de

⁹⁷A censura foi um instrumento de repressão cultural e um travão a que novas ideias vindas de outros países tivessem eco em Portugal. Textos e publicações abertas a novos valores e concepções sobre direitos das mulheres, sexualidades, vivências e lutas de outros povos não tinham entrada em Portugal a não ser pela via de uma ou outra deslocação pessoal a Paris. Obras fundamentais para a maior consciencialização das mulheres sobre os seus direitos como *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, ou *A mística da mulher* de Betty Friedan tiveram uma entrada muito tardia no país.

⁹⁸A publicação das *Novas Cartas Portuguesas* em 1972, bem como o processo de apreensão da obra e o julgamento das três autoras acabaram por ter maiores repercussões em termos de solidariedade feminista no exterior do que no país, mas não deixaram de trazer as sementes para a formação da primeira associação portadora dos ideais feministas de segunda vaga: o Movimento de Libertação das Mulheres.

Martin Luther King. Durante a sessão seria projetado o filme *Marcha em Washington* seguido de um debate. Esta, tal como outras sessões, foi proibida pela PIDE. Contudo, uma delas teve particular impacto ao ser realizada na Igreja de São João de Brito com mais de 500 pessoas sobre o III Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos, debate orientado por um grupo de delegados portugueses. Segundo a autora, este congresso foi bastante polémico tendo abordado temas considerados ousados para a época como a "condenação das práticas racistas e da discriminação racial e religiosa"; entre outros temas (Tavares, 2008:187-192). Já em 1970, o Movimento Democrático de Mulheres (MDM), lançou uma campanha pela libertação de Angela Davis. Em 5 de Março de 1972, o *Jornal República*, que sempre apresentou notícias relacionadas com lutas de mulheres, exibiu nesta edição um artigo sobre a libertação de Angela Davis, sendo que o jornal sempre destacou as ações desta ativista pelos direitos das mulheres negras (Tavares, 2008:225).

Estas ações, apesar de poucas, são significativas para o contexto da época, devido a falta de visibilidade dos feminismos em Portugal nesta década. No entanto, segundo Tavares (2008:275), com a queda da ditadura salazarista e a instauração da democracia no país a 25 de Abril de 1974, milhares de mulheres sentiram, pela primeira vez, o que significava «participar» e «tomar a palavra». Entretanto, às mulheres que no 25 de Abril encheram as ruas, falaram nas assembleias, votaram pela primeira vez, constituíram associações, não chegaram os ecos de uma época em que outras mulheres tinham lutado pelo direito ao voto, à educação, ao divórcio, ao emprego, por leis que as consignassem como cidadãs, pois com a ditadura salazarista ocorreu um corte de memória histórica em relação aos feminismos das primeiras décadas do século XX.

Conforme a autora (Tavares, 2008:189), a década de 70 foi um período de grandes mudanças em Portugal e na situação das mulheres, o 25 de Abril de 1974 trouxe consigo a democracia política e as condições para essas mudanças. Destaca-se, além da publicação das *Novas Cartas Portuguesas*, a escrita de mulheres em revistas e jornais sobre os cotidianos das mulheres e os seus direitos como alguns acontecimentos que influenciaram e, de certo modo, determinaram esta época de mudanças.

Tavares (2008:567) conclui que, no Portugal democrático de 1974/75, as limitações e fragilidades dos feminismos devem-se não só a um contexto sociocultural herdado de 48 anos de ditadura salazarista, como também um movimento, que não soube entrelaçar as contradições de género e de classe na sua análise e ação política. Neste contexto, as questões raciais, também não tiveram visibilidade⁹⁹. Neste período posterior ao 25 de Abril de 1974, segundo Machado (1994:111), fixaram-se em Portugal famílias africanas provenientes das ex-colónias, as quais acompanharam o grande movimento de retorno dos portugueses residentes, na altura das independências, naqueles territórios. Foi de Angola e Moçambique que veio a quase totalidade dos «retornados», embora não se sabe quantos deles seriam de origem africana, e quantos seriam mulheres. Antes do 25 de Abril, a presença africana em Portugal era constituída predominantemente por um núcleo de população cabo-verdiana que nos anos 60 emigraram para o país para trabalhar, na sua maioria no setor da construção civil e obras públicas, população esta que cresceu e se diversificou. Devido à fragilidade teórica do feminismo, não existem estudos acerca da inserção destas mulheres negras oriundas das ex-colónias na sociedade portuguesa no período de instauração da democracia ou na década anterior.

Apesar de se afirmar a presença da população negra em território português apenas na década de 60 em muitos trabalhos académicos, segundo o autor Tinhorão (1988), a presença dos negros em Portugal teve início no século XV. O autor, destaca o trabalho das mulheres negras, durante a segunda metade do século XV, como vendedoras de água (*negras do pote*) e de peixe nos serviços públicos municipais, como responsáveis pela remoção dos objetos domiciliare, denominadas *negras de canastras*, e nos serviços domésticos. O autor ressalta o importante trabalho desenvolvido por estas trabalhadoras:

Essas negras da canatra, mais tarde conhecidas como calhandreiras, eram encarregadas de um serviço público importantíssimo, num tempo em que não havia esgotos, mas prevalecia ainda nas cidades o sistema a leve inclinação do leito das vias públicas, de maneira a formar no centro uma

⁹⁹ Apesar da fraca visibilidade e alcance de ação, foram os pequenos grupos e associações feministas que, em Portugal, se tornaram pioneiros na reivindicação da legalização do aborto como um direito de opção das mulheres.

canaleta para a qual convergia toda a sujidade das casas, e que só se escoava ao ser empurrada pelas águas das chuvas. Era o trabalho da remoção dos dejectos humanos que realizavam as negras do pote, conduzindo-os em calhandras levadas sobre os ombros, ou equilibradas na cabeça, para despejo ao mar, na Ribeira. [...] tal serviço era tão repulsivo que, mesmo entre escravos, havia diferença na escolha dos que seriam responsáveis, por exemplo, entre essa atividade e a venda pública de água" (Tinhorão, 1988:83)

Embora ainda pouco pesquisada, a população negra não é uma minoria étnica inserida recentemente no território português e não está restrita aos imigrantes. Machado (1994:111) afirma que, ao contrário do que é comum pensar-se, a atual presença africana em Portugal não se reduz aos imigrantes, mas envolve outras categorias sociais que o autor designa por *luso-africanos*¹⁰⁰ e *novos luso-africanos*. Os primeiros seriam os africanos de nacionalidade portuguesa, de condição social média ou elevada e muitas vezes racialmente mistos, que optaram por se fixar em Portugal na sequência da descolonização¹⁰¹.

A segunda, é a dos filhos dos imigrantes, que já nasceram e/ou cresceram em Portugal, da qual são chamados, erroneamente, segundo o autor, de «imigrantes de segunda geração». O autor aponta que, embora diferentes entre si, estas duas categorias têm, pelo menos, em comum aquilo que as diferencia dos imigrantes propriamente ditos: a transitoriedade da presença e o projeto de regresso. Conforme Machado, a fixação dos *lusos-africanos* no país seria uma consequência do processo de descolonização e estes indivíduos seriam «retornados» não-brancos (Machado, 1994:113-114). Ainda que não tenham registo oficial, há uma parcela de mulheres na sociedade portuguesa que vive nesta condição.

Além disso, não existem estudos biográficos acerca destas mulheres. Tavares (2010: 23) aponta que, em Portugal, a valorização tardia das ciências sociais, só possível com a instauração da democracia, teve os seus reflexos na fraca implantação

¹⁰⁰ Os que aqui designamos por luso-africanos não se podem considerar imigrantes, não só por serem portugueses de nacionalidade, mas também, pelo fato de a sua composição social e o modo como se inseriram na sociedade portuguesa serem marcadamente diferentes (Machado, 1994:114).

¹⁰¹ A posse da nacionalidade portuguesa dos luso-africanos advém, principalmente, de uma de duas condições, acumuladas ou não: existência de ascendentes portugueses (pais ou avós) ou desempenho de funções nas antigas administrações coloniais (Machado, 1994:113).

dos estudos sobre as mulheres. Segundo a autora, a década de 1970 caracterizou-se por iniciativas esporádicas, por trabalhos biográficos que procuravam retirar as mulheres do esquecimento e dar-lhes visibilidade, no entanto, muito trabalho ainda está por fazer acerca deste grupo social. A autora Lopes (2012:182-183) afirma que com a democracia surgem também as condições de sustentabilidade das iniciativas em prol da igualdade de género. No entanto, não identificamos um discurso relacionado com género e questões raciais nos estudos sobre mulheres, somente nos estudos relacionados sobretudo com PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e imigração.

Contudo, um documento denominado *Proclamação nacional das mulheres dos bairros* lamenta que o movimento feminista tenha desertado dos bairros, isto é, se tenha afastado das classes menos favorecidas, onde está grande parte da população de mulheres negras, e o documento acrescenta: "a luta contra o racismo e a exclusão e a luta pela nossa liberdade e emancipação são um único e mesmo combate" (Tavares, 2008:458). Este documento apresenta uma preocupação com as questões raciais dentro do movimento feminista; entretanto, as questões étnicas e de género ganham mais visibilidade nos estudos sobre imigrantes, face aos estudos de género.

Embora nos últimos anos apresentem uma crescente "feminização das migrações¹⁰²" (Tavares, 2008; Ramalho e Trovão, 2010; Miranda, 2009), os estudos sobre imigração no país não têm exibido os problemas vivenciados por estas mulheres. Segundo as autoras Dias e Rocha (2009:24), a feminização da migração surge em simultâneo com outros processos que afetam as mulheres, como a feminização da pobreza e do trabalho. As pesquisas sobre migrações apontam que os homens e as mulheres desenvolvem diferentes percursos migratórios e de integração. A autora Ramalho e Trovão (2010:15), num estudo realizado com mulheres imigrantes são-tomenses, indica que a migração está interrelacionada com variadas motivações, entre elas: reagrupamento familiar, estudar, fugir à guerra ou a procura de cuidados de saúde. Dias e Rocha (2009:28) acrescenta que a questão laboral e o reagrupamento familiar continuam a ser dois dos grandes motivos para as mulheres africanas

¹⁰² A incorporação do género, como parte explícita da teoria das migrações, tem sido, recentemente, influenciada pelo desenvolvimento das teorias feministas da América do Norte.

migrarem. Considerando estes fatores, conforme explica Machado (1994:112), e por razões variadas que têm a ver com datas de chegada e tempos de residências, com a composição social e as características culturais, com os trajetos percorridos antes e depois da vinda para Portugal e até com o estatuto formal (parte significativa delas tem a nacionalidade portuguesa), muitas dessas mulheres não se podem considerar, nem se consideram a si próprias, imigrantes. Machado conclui que a designação de «imigrante» está longe de recobrir a diversidade de formas que presença da população de origem africana assume, diversidade que, de acordo com o autor, escapa ao observador comum.

Há muito para ser investigado sobre a inserção, condição e reconhecimento das mulheres negras portuguesas. Os estudos de Machado (1994) apresentam as adversidades de inserção desta parcela da sociedade no país, a não-aceitação como população portuguesa e as dificuldades de inserção principalmente no meio escolar e laboral.

As especificidades da vivência das mulheres negras portuguesas são apresentadas dentro das questões de imigração, por se considerar que todas as mulheres negras residentes no país são imigrantes. Portugal apresenta uma população negra invisibilizada, não reconhecida, não aceite como população portuguesa, que nasceu e reside no país, porém acerca da qual pouco consta. Pouco se sabe sobre as suas reivindicações, carências e dificuldades.

De acordo com Tavares, as relações entre género, raça e classe têm de estar presentes numa abordagem feminista dos problemas das mulheres imigrantes; acrescentamos as mulheres negras portuguesas. A autora (2008:459-460) afirma que é um fato que as discriminações sobre as mulheres ocorrem, não por via de um somatório de vários tipos de discriminação, mas através de um processo de interrelação de vários fatores. No caso deste grupo social, ocorre a discriminação de género, étnica e classe social, visto que, passados mais de cinco séculos são ainda as mulheres de origem africana no país que desenvolvem os trabalhos menos remunerados e de baixa qualificação, como os serviços domésticos, limpeza, cuidados de crianças, doentes ou idosos e estão expostas a variadas formas de discriminação (Tavares, 2008:461-462).

Além dos problemas sociais e económicos, as mulheres negras enfrentam a disseminação de determinados estereótipos, que se reproduzem em meios fundamentais, como, por exemplo, nos média, nos tribunais, na polícia ou nos serviços de atendimento. De acordo com Duarte (2012:225), a construção deste discurso e a fixação do *outro* numa imagem à qual fica preso, isto é, um discurso sobre o *outro*, neste caso sobre a «outra mulher», marcado pela «orientalização» dos *outros*, pela «suspeita» ou pelo desenvolvimento de um «medo» face a ela, tem consequências no que se refere à análise das situações de violência a que estas mulheres são sujeitas. A autora (Duarte, 2012:229) acredita que a propagação de caracterizações negativas das mulheres negras como sendo agressivas, violentas, resilientes, tem impedido estas mulheres de receber um tratamento igualitário por parte do sistema judicial, agentes policiais e funcionários/as dos tribunais. Isto é, a discriminação tem como consequência uma maior desproteção deste grupo social em situação de violência.

Duarte (2012:230) analisa que os média e a disseminação de estereótipos racistas contribuem para uma ideia da mulher negra que não vai ao encontro da conceção da mulher vítima de violência: passiva, fraca, submissa, muito emotiva, muito gentil, dependente, receosa, atemorizada, branca e de classe média. Duarte (2012:230) argumenta que não só mulheres brancas e negras têm um tratamento diferenciado por parte dos tribunais nestes casos de legítima defesa, como também que a raça estabelece, estereotipadamente, uma diferenciação entre as boas e as más vítimas.

Entre estas e outras especificidades, as necessidades destas mulheres são invisibilizadas por pertencerem a um grupo cultural minoritário em Portugal, Além destas violências, outro exemplo enfrentado por esta população, em menor ocorrência, são os casos de mutilação genital feminina ocorridos no país. De acordo com Tavares (2008:430), a ocorrência de mutilação genital feminina, principalmente na comunidade de origem guineense em Portugal, é um assunto que tem ganhado destaque na imprensa e pesquisa académica portuguesa, no entanto, ainda tem pouca visibilidade, na opinião da autora.

Apesar da pouca inclusão das agendas e reivindicações das mulheres negras portuguesas, elas estão despertando e buscando a inclusão no discurso feminista.

Assim como o movimento de mulheres negras noutros países tem sido construído em articulação com outros movimentos, o feminismo negro português tem-se constituído a partir de diversos movimentos, como o movimento feminista e o que podemos designar como movimento negro português¹⁰³, como podemos observar no grupo de mulheres negras da *Plataforma Gueto*, um coletivo de negras portuguesas. Em 2013, um grupo de 17 mulheres negras da *Plataforma Gueto*, num dos seus encontros sobre estudos feministas, realizou a tradução do livro *Woman, Race & Class*, da feminista negra Angela Davis.

Inspiradas pela obra de Angela Davis, estas mulheres refletiram sobre suas experiências de vida enquanto mulheres negras na sociedade portuguesa; sua condição social, e outras questões sobre a sua realidade. A partir do texto que anexaram à obra podemos perceber a identificação destas militantes com a obra e a atualidade das questões levantadas pela autora. Na nota, incluída no início do livro, elas justificam o motivo que as levou a traduzir esta obra:

" [...] buscamos a nossa história para que possamos conhecer o papel das mulheres negras e assim destruir a colonização da nossa mente e construirmos de forma autodeterminada os nossos pensamentos e comportamentos, começamos por definir como nos reconhecemos como mulheres negras. Encontramos nas nossas definições elementos que nos oprimem na condição sexista de objeto sexual; que nos caracterizam apenas na dimensão estética; que nos reduzem à condição de capacidade de ser mãe. Constatamos que na imagem que temos de nós mesmas está a apreciação que o machismo faz de nós e os papéis que a sociedade patriarcal nos incumbiu de desempenhar" (Davis, 2013:3).

Mais que traduzir o livro, estas mulheres realizaram uma apreciação da obra e produziram um texto marcado pela diferença racial e de género, algo inédito em Portugal. A partir da análise realizada concluíram o que é ser mulher negra portuguesa, suas características e identidade:

¹⁰³ Apesar de não institucionalizado (e não adotando um discurso único) podemos afirmar que é um movimento negro, ou ativismo étnico, pois são organizações (ou grupos, coletivos) que têm como agenda principal tratar dos assuntos da população negra. Formado principalmente por *cabralistas*, estudantes universitários de origem africana e ativistas dos bairros tradicionais das populações negras de Lisboa.

"Tomámos consciência que não foi ainda dito pelas mulheres negras em Portugal o que pensam de si mesmas e como se pretendem definir, libertas da opressão do racismo e do sexismo. Procurando saber como nos definimos do ponto de vista do caráter e do comportamento, encontramos características como trabalhadoras, corajosas, sinceras, dedicadas, guerreiras, desenrascadas, inteligentes.[...] Buscamos o que Angela Davis chama no seu livro de "legado da escravatura" que deu às mulheres negras "a experiência acumulada de todas essas mulheres que trabalharam arduamente debaixo do chicote dos seus donos, trabalharam, protegeram as suas famílias, lutaram contra a escravatura, e foram batidas e violadas, mas nunca dominadas." Tomamos conhecimento que essas mulheres escravas "passaram para as suas descendentes nominalmente livres um legado de trabalho pesado, perseverança e auto-resiliência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual (Id. Ibid).

Conduzidas pela obra de Angela Davis, elas identificaram-se com a narrativa da autora e afirmaram-se enquanto mulheres negras portuguesas, um exercício de afirmação enquanto sujeito político e identitário, acentuando as percepções da diferença em relação a outros grupos sociais:

"Percebemos que as características que reconhecemos hoje em nós não são o resultado da condição feminina, mas o resultado da condição histórica e racial das mulheres negras. Ouvimos o discurso de Sojourner Truth, um escrava que se dirigiu a uma plateia de homens brancos e algumas mulheres brancas (quando ainda não era permitido às mulheres falarem em público) falando sobre a sua rude condição de mulher escrava, contrária à fragilidade da mulher branca atual, e que nem por isso se sentia menos mulher. Ain't I a Women? é a pergunta que ecoou nesse discurso, e que continua a ecoar quando nos definimos com características de força, orgulho, trabalho, determinação, inteligência e coragem. Sim, somos mulheres. Mulheres negras. Definindo-nos a nível económico, social e educacional, encontramos a nossa condição social. Pobres, domésticas, sobreviventes, miseráveis, desenrascadas, que apostam na educação dos filhos para serem melhores do que nós, com grande carga moral a nível de comportamento (Id. Ibid).

Estas mulheres têm vindo a relatar como ocorrem as relações sociais num Portugal pós-colonial. Com a conexão entre a teoria e a prática, elas produzem um discurso a partir das práticas discriminatórias e excludentes que sofrem. Com base na leitura da obra, interpretaram as opressões que recaem sobre o ser mulher negra na contemporaneidade:

"Encontrámos na nossa condição social aquela que nos reservaram por sermos negras. Dialogando com livro de Angela Davis tomamos conhecimento como depois da abolição da escravatura, continuamos a desempenhar os mesmos papéis domésticos - mudando apenas as pessoas para quem trabalhávamos: dos donos de escravos passamos a trabalhar para o patrão que procura incansavelmente explorar-nos para enriquecer à custa da nossa cor que nos põe, no seu ver racista, na primeira fila da exploração [...] Constatamos que ainda hoje continuamos a trabalhar como domésticas, mal pagas e exploradas. [...] E assim vimos como os brancos que lutam por nós não aceitam em tempo algum que tenhamos mais do que eles têm. E com esse fundamento, o movimento feminista que lutava pelo sufrágio das mulheres exprimiu o racismo. Demarca-se aqui o feminismo branco e o feminismo negro. As mulheres negras continuaram a apoiar o direito ao voto conquistado pelos seus homens. Porque homens e mulheres negros são uma única raça. São uma única condição social e racial explorada pelo capitalismo e oprimida pelo racismo." (Ibid.,p.4)

Além disso, refletiram acerca de sexualidade, um tema central do pensamento feminista negro, e relacionaram as questões que a autora apresenta com a experiência de suas vidas cotidianas. Após esta análise perceberam a necessidade de rever alguns estereótipos sobre as mulheres negras:

"Chegamos então à concepção de que as mulheres negras são "quentes". De quanto nos sentimos assim, de tanto nos dizerem que pensamos e aceitamos ser. Mas quando pelo livro da Angela Davis percebemos que somos "quentes" porque nos vêem como mulheres sem alma nas quais os homens podem soltar os seus ímpetos; que somos "quentes" porque as outras mulheres são sérias e puritanas, que somos "quentes" porque somos imorais; sacudimos essa expressão da nossa cabeça e passamos a abominá-la" (Id. ibid)

Na leitura, compreenderam o quanto a obra é atual e se enquadra na realidade portuguesa, pois apresenta problemáticas que atingem diversos grupos de mulheres negras na diáspora, tais como a política sexual, uma das características fundamentais do feminismo negro:

"Percebemos os motivos racistas que estiveram por detrás das políticas de controlo de natalidade (eugenia), nesse tempo em que esterilizaram definitivamente milhares de jovens e mulheres negras para garantir a pureza e domínio da raça anglo-saxónica - e que ainda hoje existem - recentemente uma mulher negra foi ameaçada de perder a tutela dos seus filhos se não aceitasse ser esterilizada. Percebemos que as críticas dos trabalhadores sociais às famílias pobres - e negras - que têm "muitos" filhos

e filhas são iminentemente racistas. Não há uma relação causa efeito entre dispor de mais ou menos dinheiro e ter mais ou menos filhos e filhas. Ser pobre ou rico é lei ditada pelo capitalismo e não por políticas de natalidade" (Idib., p.5)

Além desta tradução, em 2014, o grupo de mulheres da *Plataforma Gueto* traduziu no seu grupo de estudo o livro *Ain't I a Woman: Black women and Feminism*, obra da feminista negra bell hooks. O desenvolvimento deste pensamento feminista negro, a partir do contato com estas obras, permitiu que fossem abertos novos caminhos para o movimento feminista português.

Influenciadas pelo feminismo negro norte-americano e brasileiro surgem, neste início do século XXI, os primeiros coletivos e associações de mulheres negras. O feminismo negro português está a dar os primeiros passos com a formação destes grupos autónomos. No entanto, Tavares (2010:22) conclui que apesar da evolução, nos últimos anos, dos estudos sobre as mulheres em Portugal, o tempo histórico português ainda não corresponde ao que se vive em outros países. No Portugal contemporâneo, apesar da pouca expressividade teórica e militante do feminismo negro podemos destacar a escritora e artista multidisciplinar Grada Kilomba¹⁰⁴ como a principal voz do pensamento feminista negro português. Kilomba, em suas obras, aborda as questões de género, memória e racismo. É autora de *Plantation Memories - Episodes of Everyday Racism*, uma obra que consiste numa compilação de episódios cotidianos de racismo, escritos em forma de histórias psicanalíticas. A autora defende que o racismo é um problema do sujeito branco, ou seja, um problema da sociedade branca. A autora acredita que as pessoas brancas deveriam passar por um processo de reconhecimento do privilégio que é ser um sujeito branco numa sociedade racista. Segundo Kilomba, as

¹⁰⁴ Grada Kilomba é uma escritora portuguesa, nascida em Lisboa, filha de imigrantes de São Tomé e Príncipe e Angola. Formada em Psicologia Clínica e Psicanálise, trabalhou com sobreviventes das guerras de independência de Angola e Moçambique, com projetos dedicados à relação entre memória e trauma. Atualmente, é professora convidada na Universidade Humboldt em Berlim, onde leciona sobre Estudos de Género, com uma pesquisa focada sobre o pensamento pós-colonial. Em 2011, ela foi apontada como a "Mais inspiradora Mulher Negra na Europa" pela BWIE, pelos seus artigos e leituras performativas. A autora também tem apresentado o seu trabalho em renomeados espaços de exibição, teatros e universidades, como o Vienna Secession Museum, Brussels Bozar Museum, London Maritime Museum, Maxim Gorki Theater, Berliner Festspiel Haus, Ballhaus Naunynstrasse, Theater Münchner Kammerspiel, universidades de Estocolmo, Amsterdão, Londres, Viena e Rio de Janeiro, entre outras.

peessoas brancas não se veem como brancas, se veem como pessoas. E é exatamente essa equação, «sou branca e por isso sou uma pessoa» sendo que e esse «ser pessoa» é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo. Para autora, branco não é uma cor, é uma afirmação política, que representa uma história de privilégios, escravatura, colonialismo e uma realidade cotidiana. Para ela, é necessário desmistificar essa hierarquia.

Kilomba acredita que desmistificar mitos, descolonizar o conhecimento, a linguagem e conceitos são formas de enfrentar o racismo. Kilomba analisa que as pessoas negras só se tornam «diferentes», ou são diferenciadas porque as pessoas brancas são referências. Para ela, é necessário desconstruir essa diferença: "Eu não sou discriminada porque eu sou diferente, eu torno-me diferente através da discriminação. É no momento da discriminação que eu sou apontada como diferente. Desconstruir o racismo e descolonizar o conhecimento. Às vezes podem soar apenas como palavras, mas possuem uma construção teórica imensa".

Kilomba considera que a mulher negra é «o outro do outro», posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade. Para autora, a mulher negra representa uma dupla alteridade, pois é antítese da *branquitude* e da masculinidade:

"Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma.[...] Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o "outro" do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o "outro" do outro" (Kilomba, 2008:124).

Em concordância com Kilomba, para a autora Brah, pesquisadora do pensamento feminista negro no contexto europeu, a racialização da subjetividade branca não é muitas vezes manifestamente clara para os grupos brancos, porque «branco» é um significante de dominância, mas isso não torna o processo de racialização menos significativo. É necessário, portanto, analisar que se constrói quando se afirma ser «mulher branca» ou ser «mulher negra», como ser «homem branco» ou «homem negro». Segundo a autora, tal desconstrução é necessária se quisermos decifrar como e por que os significados dessas palavras mudam de simples

descrições a categorias hierarquicamente organizadas em certas circunstâncias económicas, políticas e culturais (Brah, 2006:345-346).

De acordo com Tavares (2008:482), considerar um sujeito feminista do início do século XXI multifacetado em termos de classe social, etnia, idade, preferências sexuais e estilos de vida, exige refletir sobre uma nova agenda feminista que de conta com a pluralidade dos feminismos.

Em Portugal, embora exista um esforço destes grupos no sentido de criar um discurso único e uniforme das reivindicações destas mulheres negras, a formação da comunidade luso-africana é complexa, devido a diversidade de origens, culturas e localidades. Estas mulheres estão inseridas numa comunidade que tem múltiplas identidades tendo, no entanto, em comum e na sua maioria, a condição social, pois é um grupo social que não alcançou condições sociais básicas dentro da sociedade portuguesa. A primeira e mais evidente, das suas reivindicações, é o reconhecimento destas mulheres enquanto cidadãs portuguesas, uma vez que muitas, apesar de nascerem no país não têm documentação portuguesa.

Para dificultar este reconhecimento, o discurso apresentado nos meios de comunicação ou em pesquisas académicas raramente designa este grupo social como integrante da sociedade portuguesa. Entretanto, é visível a presença das mulheres negras nas ruas das cidades portuguesas e principalmente desempenhando trabalhos domésticos, de limpeza, ou restauração – trabalhos realizados predominantemente por imigrantes, mas também por mulheres de nacionalidade portuguesa afrodescendentes, como já foi citado.

Na região da grande Lisboa existem algumas iniciativas que têm ganhado visibilidade na oposição ao racismo, violência e serviço doméstico; reivindicações essenciais para este grupo social.

No país, o ano de 2016 foi um ano significativo para o feminismo negro. Neste ano, surgiram os primeiros coletivos de mulheres negras portuguesas¹⁰⁵, organizações que discutem principalmente a questão racial, de género, classe e sexualidade da mulher negra. O coletivo de maior destaque é a Plataforma FEMAFRO - Associação de

¹⁰⁵ Um coletivo que podemos destacar é o Roda das Pretas, formado por mulheres negras que residem em Portugal.

Mulheres Negras, Africanas e Afrodescendentes em Portugal. O coletivo é conduzido por mulheres e jovens que têm como missão fortalecer mulheres e meninas negras para poderem enfrentar o racismo, sexismo, lesbofobia e transfobia. Entre os objetivos da FEMAFRO encontram-se: produzir conhecimento; formar lideranças negras; elevar a autoestima de mulheres negras, por meio da sua valorização e do seu papel enquanto agente ativo na sociedade; realizar eventos como conferências, debates, ações de formação, tertúlias, enquanto formas de fortalecimento de identidades culturais, sociais e humanas das mulheres negras; desenvolvimento de atividades de educação não formal; produção de conteúdos audiovisuais como modo de promover e valorizar as mulheres negras; promoção de respostas sociais que ajudem a prevenir a exclusão deste público-alvo; sensibilização para o trabalho doméstico precário, entre outros.

Outro grupo feminista negro é o Coletivo Zanele Muholi de Lésbicas e Bissexuais Negras¹⁰⁶, fundado em Lisboa, em abril de 2016. O coletivo, que começou inicialmente nas redes sociais¹⁰⁷, passou em pouco tempo para encontros presenciais e divulgou oficialmente suas atividades na 17ª Marcha do Orgulho LGBT em Lisboa. As fundadoras, percebendo a falta de debate acerca da lesbianidade negra em Portugal, decidiram criar um coletivo para dar visibilidade às lésbicas e bissexuais. O Coletivo Zanele Muholi tem como objetivos, combater todas as formas de discriminação, principalmente o sexismo, racismo, lesbofobia e bifobia; lutar pela visibilidade das lésbicas e bissexuais negras, seja através de imagens com cunho político, através relatos, denúncias, vídeos, poesias, compartilhar e trocar informações sobre lesbianidade negra; auxiliar no desenvolvimento das políticas públicas e culturais que atinjam, principalmente as lésbicas negras; e, atuar como um movimento

¹⁰⁶ O nome do coletivo é uma homenagem a Zanele Muholi, uma ativista visual, que capta através de imagens as mais variadas identidades negras LGBT e da visibilidade as lésbicas negras africanas. Zanele nasceu em Umlazi, estado de Durban, em 1972 e vive na Cidade do Cabo, África do Sul. Completou o curso avançado de Fotografia no Market Photo Workshop em Newtown e apresentou a sua primeira exposição individual na Johannesburg Art Gallery, em 2004. Através da sua abordagem artística com caráter político ligado as imagens, consiste em dar visibilidade à comunidade negra de lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros. Em 2009, ela foi premiada com o Master of Fine Arts licenciatura em Vídeo-Documentário da Universidade Ryerson em Toronto. Sua tese mapeou a história visual de identidades de mulheres negras lésbicas e a política no pós-Apartheid na África do Sul. Em 28 de outubro de 2013, ela foi nomeada Professora Honorária de vídeo e fotografia na Universidade das Artes / Hochschule für Künste - Bremen, na Alemanha.

¹⁰⁷ Nas redes sociais existem outros grupos criados com objetivo de discussão do feminismo negro em Portugal como o grupo do *facebook* Feminismo Negro PT.

impulsionador para a criação de outros coletivos de lésbicas e bissexuais negras em Portugal e outros países.

Estes coletivos tratam de uma agenda específica para as mulheres negras, pois perceberam a falta de representatividade no feminismo tradicional. O pensamento feminista negro português está em construção, num cenário dinâmico e crescente. Somente nos próximos anos será possível analisar se esta mobilização irá trazer transformação para este grupo social. A partir das iniciativas propostas por estes coletivos, compreendemos que estas mulheres estão dispostas a lutar para dar visibilidade às suas reivindicações, porém somente no futuro veremos se outras mulheres negras irão aderir a este movimento e se o feminismo negro se consolidará em Portugal, ou se o movimento se diluirá no feminismo tradicional português já existente. Assim como o aparecimento deste novo sujeito político injetou uma nova dimensão na cena política e social em outros países, esperamos que as mulheres negras portuguesas consigam introduzir as suas reivindicações na agenda política, cultural e mediática em Portugal.

CAPÍTULO III

O NEGRO NOS MÉDIA

3.1 - O negro na imprensa brasileira

Apesar da grande população afrodescendentes no Brasil, o negro ainda é pouco representado nos média e, quando aparece é visto geralmente como parte do todo, raramente como elemento principal. Em inúmeras conferências, encontros acadêmicos e artigos científicos, a questão de como o negro é representado pelos meios de comunicação no Brasil foi exaustivamente discutido. Nos últimos anos, devido ao avanço das investigações sobre os afrodescendentes e seus temas de interesses, têm-se gerado significativos estudos e debates políticos e acadêmicos sobre relações étnico-raciais, média e comunicação. Entre as pesquisas nestes campos destacam-se os estudos sobre identidade e comunicação no Brasil, de Sodré (1999); e sobre teledramaturgia e produ o cinematográfica ressaltamos os trabalhos de Araújo (2000).

No Brasil, conforme Sodré (1999) os meios de comunica o desempenham um papel estratégico na continuidade de uma sociedade racialmente desigual¹⁰⁸. Os m dia exercem o papel de porta-voz do pensamento da elite, mantendo o negro em lugar desigual, reproduzindo e alimentando este pensamento. Para o autor, a *branquitude*   a referência para o estudo da comunica o. Sodré aponta que, mais do que uma questão genética, no Brasil ser branco ou negro é uma questão de imagem, e assim a *branquitude* ainda é o ideal estético nos m dia.

¹⁰⁸ é na Imprensa Negra, produzida por negros e para negros, que tem exercido um papel fundamental para afirma o da identidade negra no país. Desde o seu surgimento tem constituído um movimento de caráter transatlântico e transversal, e tem realizado seu trabalho de forma independente, através de modelos tradicionais comerciais dependendo de anunciantes ou com a característica fundada em redes de solidariedade e vinculada ao associativismo. No Brasil, diversos autores reconhecem o jornal *O Homem de cor* (denominado depois *O Mulato*), fundado em 1833 no Rio de Janeiro, como marco da imprensa negra brasileira (Borges e Borges, 2012:146).

Sodré (1999) designa como *racismo midiático*, a manifestação de racismo nos meios de comunicação no Brasil. Segundo o autor, o *racismo midiático* apresenta-se das seguintes formas: 1) através da negação da existência do racismo, exceto em casos explícitos de preconceito ou conflitos raciais; 2) apagamento de aspetos e exemplos positivos da cultura negra, ignorando ou «embranquecendo» as contribuições desta etnia ao país; 3) estigmatização da cor escura da pele atribuindo, a esta, identidades ou características que não estão de acordo com a realidade da maioria; e 4) criação de um estado de indiferença entre os profissionais dos meios de comunicação permitindo que exista uma supressão da realidade étnica em prol de interesses económicos.

De acordo com Sodré (1999), os média atuam dentro da esfera cultural como propagadores de modelos, sendo que isso ocorre a partir do ponto de vista dos grupos dominantes, o que desvaloriza a diversidade cultural existente no país. Silva e Rosemberg (2008:74) acrescentam que “a mídia participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito da democracia racial e discrimina os negros”.

Barbosa (2004:9) ressalta que a representação do branco como padrão universal de humanidade, a sua invisibilidade e neutralidade racial – a *branquitude* – garante-lhe um lugar confortável na sociedade. O negro, em contraposição, é reduzido a uma coletividade sobre a qual se faz relação de traços fenotípicos com estereótipos sociais e morais, resultando no racismo. Para o autor, “as consequências são inevitáveis: a neutralidade de cor/raça protege o indivíduo branco do preconceito e da discriminação raciais na mesma medida em que a visibilidade do negro o torna um alvo preferencial de descargas de frustrações impostas pela vida social” (Barbosa, 2004:9).

É comum o negro não ser considerado um indivíduo, e sim a representação coletiva de um grupo marcado por uma estereotipia negativa. É isso que se vivencia no mundo real e é representado na ficção. Com isso, a reprodução dos estereótipos e, consequentemente, do racismo e da *branquitude* está bem presente nos meios de comunicação, principalmente na televisão.

Conscientes do padrão estabelecido, as mulheres negras têm utilizado os meios de comunicação como um espaço prioritário no combate ao racismo, pois a

naturalização do racismo e do sexismo nos média reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo. Segundo Carneiro (2003:125), a exclusão simbólica, a não-representação ou distorções da imagem da mulher negra nos meios de comunicação são formas de violência tão dolorosas, cruéis e prejudiciais que podem ser tratadas no âmbito dos direitos humanos. Pois sem referenciais positivos arremata Barbosa e Silva (2010:140), a mulher negra, como grupo recortado e atravessado pela raça e pelo gênero, simplesmente deixa de existir.

A discussão sobre invisibilidade da mulher negra tem conquistado espaço na televisão¹⁰⁹, na publicidade, e, de maneira progressiva, as mulheres negras têm conquistando o seu espaço nos meios de comunicação. Um espaço significativo no qual as relações raciais brasileiras têm sido debatidas são as telenovelas¹¹⁰. Produto mediático, pela importância e penetração nos lares, as telenovelas participam ativamente na construção da realidade brasileira, num fluxo constante e interativo entre ficção e realidade. Segundo Barbosa (2004:2), embora timidamente, as telenovelas tem apresentado situações típicas de relações interracialis, como miscigenação, racismo, discriminação, preconceito, branqueamento e *branquitude*.

Desde o seu início, a televisão brasileira transmite representações estereotipadas da população negra e, por essa razão, os negros levaram cerca de quarenta anos para começar a ter maior visibilidade neste veículo. E, ainda assim, este processo não está terminado, mas em evolução¹¹¹. Estas conquistas têm ocorrido devido a ação dos militantes dos movimentos sociais negros e pela postura de artistas

¹⁰⁹ Segundo uma pesquisa feita pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cerca de 96% da sociedade brasileira possui aparelhos de televisão em casa, o que significa que apenas 4% da sociedade não tem acesso aos média televisivos. Outro dado importante é a quantidade de horas que se passa em frente à televisão, tempo que foi estimado em 3,5 horas. Segundo os dados desta pesquisa, seriam gastos pelos brasileiros 42% do tempo "livre" em frente à televisão, e esses números ajudam a perceber o poder que a televisão possui e o alcance deste poder dentro da sociedade (Nery e Carneiro, 2011:148).

¹¹⁰ Os estudos comprovam que a telenovela, muito mais do que um entretenimento, é um espaço de informação que propicia reflexões sobre temas polêmicos da sociedade, como homossexualidade, racismo, drogas e violência, entre outros. A telenovela brasileira, por exemplo, tem características específicas, o que a diferencia do modelo tradicional, como o dramalhão mexicano, por exemplo, no qual muitos autores se limitam à fantasia e ao melodrama. Os dramaturgos brasileiros vão além do modelo tradicional e, por intermédio da telenovela, têm trazido à tona discussões sobre muitos conflitos sociais presentes no cotidiano, os quais fazem parte da realidade brasileira (Barbosa, 2004:2).

¹¹¹ Segundo uma pesquisa feita pela revista eletrônica "Com Ciência" em 2003, o número de negros que participam da televisão brasileira não passa de 10% (Nery e Carneiro, 2011:148).

negros/negras (Araújo, 2000; Coutinho, 2010). De acordo com Grijó & Sousa (2012:200) quando os negros estão presentes nas telenovelas ou quando ganham destaque há um discurso, mesmo que implícito, de que o Brasil é uma democracia racial, sem diferenças sociais em relação às questões étnicas. É comum, nas telenovelas, o negro ser representado de forma estereotipada, estes estereótipos estão enraizados na cultura brasileira, construídos ainda na época da escravidão, baseados em teorias racistas, que perpetuam até os dias atuais, estando presentes no imaginário da sociedade (Barbosa, 2004:3).

O personagem negro, no drama televisivo desempenha papéis secundários como coadjuvantes, subalternos, de empregados domésticos ou subservientes (Lima, 1998; Coutinho, 2010). Aos atores e atrizes negros, é reservado papéis que se resumem a escravos em produções de época, ou aparecem como sujeitos e/ou objetos de violência. Sempre aparecem com um *status* inferiorizado¹¹². De forma similar sucede com a cultura negra nos meios de comunicação; como um anexo da cultura nacional, com *status* de folclore enquanto as expressões culturais de predominância europeia são classificadas e tratadas com *status* de cultura erudita. Conforme Sacramento e Lima (2010:8) trata-se da reprodução de imagens, mas não somente isso. Trata-se de reprodução de valores que mediam posturas nas relações entre as pessoas no cotidiano de existência real. No entanto, nos últimos anos esta postura tem-se alterado.

Apesar das mudanças, num estudo realizado por Grijó e Sousa (2012:202-203) as telenovelas analisadas apresentaram um racismo velado, mesmo com os avanços ocorridos. Para os autores, o negro saiu da cozinha e da favela, virou patrão, médico, modelo; entretanto, isso aconteceu apenas com uma minoria, pois em grande parte

¹¹² Na década de 1980, segundo Araújo (2004), apesar de uma pequena ascensão do negro nas telenovelas da TV Globo, num terço delas não havia qualquer personagem negro. Nesse período um dos destaques ocorreu em *Corpo a Corpo* (1984), quando se tratou explicitamente a questão do preconceito racial. A personagem Sônia (representada pela atriz Zezé Motta) apaixonou-se por um homem branco o que causou polêmica tanto dentro da narrativa, como entre a audiência. Nesta mesma década, o país viveu um contexto em que os movimentos em defesa dos negros cresciam, exigindo uma maior participação do negro nas teledramaturgias, o que não se refletiu tão intensamente na produção televisiva, pois foi nesse período que surgiram telenovelas baseadas nas várias obras do autor baiano Jorge Amado, entretanto, nessas adaptações, o universo da Bahia negra característica do autor quase desapareceu. Além da telenovela *Gabriela*, quase não havia negros nas telenovelas *Terras do Sem Fim* e *Tieta* (Grijó & Sousa, 2012:189).

das telenovelas ainda continuou em papéis de empregado, favelado, bandido, malandro, etc. Já a representação das mulheres negras, para Santos e Silva (2016:1), é caracterizada por arquétipos que as inferiorizam, como personagens domésticos caricaturados e com baixo nível intelectual. Além da representação da sensualidade e de erotismo exagerado (Grijó & Sousa, 2012:203).

Deste modo, o lugar delineado para a mulher negra situa-se num contexto mítico e ambíguo de sedução e desejo, repulsa e perigo. Segundo Barbosa e Silva (2010:149), forja-se um estereótipo do feminino negro ligado à submissão, à sensualidade, ao perigo e ao prazer, mas um prazer relacionado à pobreza, à miséria e à desordem, atributos relacionados à sua cor de pele.

bell hooks (1995) afirma que as representações globais das mulheres negras nos meios de comunicação contemporâneos continuam a identificar as mulheres negras como sexuais, ou como aberrações primitivas descontroladas. Esta imagem da mulher negra enquanto objeto sexual, de acordo com Coutinho (2010:70), sobrevive através de diversos meios, formando um ciclo que se repete entre a perpetuação de uma imagem pelos média e reflexão desta imagem no ideário social. Na cultura dos média, este estereótipo é explorado com frequência. Coutinho (2010) destaca que, desde os inícios do cinema americano, a representação da mulher negra é repleta de estereótipos, entre matriarcas dominadoras, vítimas sociais, mulheres rudes, eternamente mal-humoradas, ou como mulheres hipersexualizadas. Coutinho (2010:70) afirma que mesmo no cinema produzido por homens negros a figura da mulher negra é depreciada, sendo mostradas como «*bitches*» e «*hoes*» ("cadelas" e "putas").

Estes mesmos estereótipos cinematográficos, citados por Coutinho (2010), estão em concordância com o que Carneiro (2002) chama de «imagens controladoras», estereótipos criados no fim da escravidão, que ainda hoje controlam a representação das mulheres negras. A imagem da «mãe preta» é um dos estereótipos mais frequentes a ser associado à mulher negra. Esta contraposição de imagens, «mulata» ou «mãe preta» serviria dois propósitos, a «mulata» hipersexualizada justificaria o assédio e objetificação sexual, assim como a miscigenação, já a «mãe preta» validaria a escravidão e a posição socioeconómica submissa da mulher negra.

Estes dois estereótipos são frequentemente utilizados pela cultura dos média no Brasil (Carneiro 2002; Coutinho, 2010). Apesar da fixação das representações das mulheres negras nestas categorias específicas Carneiro (2003:125) declara que, gradativamente, estão a ocorrer mudanças nesta representação das mulheres negras.

Entre esses avanços, Grijó e Sousa (2012:200) destacam as produções televisivas em que aparecem os negros (as) como protagonistas, núcleos de personagens negros e negros como vilões. Estas representações não são hegemônicas, mas casos pontuais, no entanto os autores consideram-nas significativas para uma reflexão sobre as questões étnico-raciais na teledramaturgia brasileira. Um caso de grande repercussão, onde o negro passa a atuar como protagonista é a telenovela *Da Cor do Pecado*¹¹³, que teve a atriz Tais Araújo como protagonista - a primeira protagonista negra em mais quatro décadas de telenovelas da Rede Globo. A novela obteve recordes de audiência¹¹⁴ (Trindade *et al.*, 2007:7).

Segundo Trindade *et al.* (2007:9) no momento em que as telenovelas trabalham nesta perspectiva simbólica alcançam um grande público e tornam-se veículo de disseminação de outras representações da população negra. Atualmente, a representação dos personagens nas telenovelas gira em torno de personagens urbanos¹¹⁵, que reflete o surgimento de uma classe média negra brasileira. Com isso, é possível ver algumas ações veiculadas nos meios de comunicação que fogem dos estereótipos, auxiliando na construção de outras representações e forjando outras identidades negras (Nery e Carneiro, 2011:153-154). Entre elas, podemos destacar a

¹¹³ Em 2003, quando as revistas e os cadernos especializados em televisão dos grandes veículos de comunicação começaram a noticiar que, pela primeira vez, a Rede Globo teria uma protagonista negra num dos seus folhetins causou-se um grande impacto nos média. Antes de a telenovela estrear, a "novidade" causou polémica. Não apenas pelo feito inovador de ter uma atriz negra como protagonista de uma trama global, mas também pelo título da obra teledramatúrgica: "Da Cor do Pecado" (Barbosa, 2004:5).

¹¹⁴ Fernando Meirelles, diretor de cinema que produziu o filme *Cidade de Deus*, que teve quatro nomeações para o Óscar em 2004, diz: "Havia uma verdade quase inquestionável: que os negros não davam audiência, não funcionavam na publicidade e não levavam o público ao cinema" (Trindade *et al.*, 2007:7).

¹¹⁵ A Rede Globo, através de parcerias com produtoras do cinema nacional, vem exibindo uma sequência de séries, cuja temática enfoca as periferias urbanas do país, protagonizadas maioritariamente por negros (Coutinho, 2010:13).

série *Antônia*¹¹⁶, assim como outros produtos mediáticos que têm sido apresentados, tanto no Brasil como no exterior, como integrante de uma tendência, apontada por Hall (2006) que traz a «marginalidade» para o centro das discussões. A série trata-se de um produto cultural novo, inserido exatamente dentro de um contexto de novas representações e adequações dos média¹¹⁷, de forma a contemplar as reivindicações dos grupos minoritários que almejam por uma representação mais digna e menos estereotipada do cotidiano que os envolve. A série e filme *Antônia* trouxeram um elemento inédito na televisão brasileira: a perspectiva das mulheres negras e pobres, moradoras de uma favela paulistana. O enredo da série centralizava o cotidiano de quatro amigas que formam um grupo musical de *rap* e tentam conquistar o sucesso em meio às dificuldades atravessadas pelas questões de gênero, raça e classe social. As personagens em *Antônia* apresentam uma diversidade de representações que diferem dos tradicionais estereótipos das representações das mulheres negras.

Elas apresentam outros modelos, mais diversos, em situações que refletem os problemas comuns às mulheres negras da periferia. O orgulho e a autoafirmação da raça, vividos dentro de um cenário cultural específico onde as próprias protagonistas desenvolviam a ação, ao invés de agirem como coadjuvantes num universo centrado na *branquitude*, rompendo assim o padrão tradicional de representação feminina negra na televisão. *Antônia* mostrou um modelo de negritude para mulheres que não havia sido apresentado até então (Coutinho, 2010).

Apesar destas novas representações, os autores Borges e Borges (2012:154), acreditam que avaliar as representações de grupos historicamente discriminados pelo viés do conteúdo ou do deslocamento de personagens não se mostra suficientemente

¹¹⁶ A produção de séries na televisão nacional iniciou-se como uma tentativa de competir com os chamados “enlatados” norte-americanos, numa busca de trazer cor local a tal tipo de narrativa (Coutinho, 2010:121).

¹¹⁷ Após as séries *Cidade de Deus* e *Carandiru*, que expandem a ideia do filme original. Tanto os filmes, como as séries contaram com um elenco de nomes consagrados no cinema e televisão nacional, e, embora muitos dos atores sejam afro-brasileiros, a negritude não é um fator de destaque, nem no elenco, nem no enredo dos filmes e das séries. Após estas experiências positivas na representação da vida na periferia, a Rede Globo seguiu o projeto de investir em programas televisivos inspirados nas histórias do cinema, produzindo uma série focada na vida de mulheres negras da periferia, *Antônia*, que estreou em 2006. O seriado é uma continuação do filme homónimo. Ao contrário dos filmes *Cidade de Deus* e *Carandiru*, *Antônia* não foi um grande êxito de bilheteira nos cinemas, no entanto, a série teve boa repercussão na televisão e ganhou uma segunda temporada em 2007 (Coutinho, 2010:123).

eficaz para desmontar o império das imagens estigmatizantes e estereotipadas. Segundo eles, os estereótipos em torno do negro e da mulher negra não seguem uma trajetória linear (do negativo para o positivo, como algumas análises insistem em sublinhar), mas movimentam-se sobre uma estrutura cíclica, em que os discursos fundadores do *outro* ainda são o grande manancial para tipificação dos personagens negros e dos assuntos relacionados com África e à negritude, um processo denominado de transfiguração que faz com que apareçam como deslocados. Para os autores, a estrutura das narrativas mediáticas está implicada nos retornos, fazendo com que a fórmula de sucesso sempre reapareça e mantenha o negro aprisionado em imagens desumanizantes (Borges e Borges, 2012).

Ao contrário das alterações que vêm ocorrendo nos últimos anos nas telenovelas, que possibilitam a desconstrução de estereótipos, no telejornalismo brasileiro, os autores Borges e Borges (2012) observam uma realidade bem diferente, "um quadro imutável que privilegia o referencial de pessoas ou famílias brancas para situações comuns de vida cotidiana, enquadrando-os, com exclusividade, dentro do conceito delineado aqui de *cidadão comum*" (Borges e Borges, 2012:70). De acordo com Borges e Borges (2012:68), o gênero jornalístico *história de interesse humano*, categoria muito recorrente em reportagem sobre comportamento humano, que aborda hábitos sociais, quer sejam de consumo, de alimentação, de leitura, de cultura, de entretenimento, de viagens ou outros quaisquer, não conta com a presença de negros¹¹⁸. Conforme os autores, a figura do *cidadão comum* nunca é retratada a partir de um *personagem da vida real* negro¹¹⁹, pelo contrário, nota-se uma hegemónica

¹¹⁸Cabe também esclarecer que, em geral, os jornalistas buscam seus *personagens da vida real* para reportagens jornalísticas de *história de interesse humano* por telefone ou por *e-mails* enviados para amigos pessoais e colegas da redação. Esse fator contribui em grande medida para uma aparição maioritariamente de brancos nas reportagens, pois eles são a rede de relações desses profissionais. Como aponta um levantamento feito pela revista *Imprensa*, em 2001, sobre a presença de jornalistas negros nas redações do país inteiro, revelou que, das 230 redações que responderam ao questionário, apenas 85, ou seja, 36% contavam com jornalistas negros. O mesmo estudo revela que apenas 57 negros ocupavam cargos de chefia do universo de 3.400, o que corresponde a 1,6% de negros tomando decisões nas redações do país (Borges e Borges, 2012:80).

¹¹⁹ Borges e Borges (2012) afirmam que quando aparecem é de forma estereotipada. Um facto recorrente é a representação das histórias de vida dos jogadores de futebol. Segundo os autores, não é por mera coincidência que parte considerável de crianças negras e pobres buscam o sonho comum de ser atleta profissional. Trata-se, na verdade, de uma aceitação e assimilação da imagem positiva desse profissional, que é bastante explorada pelos média. Contribui ainda o fato de que as histórias de vida desses profissionais terem um passado similar ao dessas crianças, mas que com muito esforço e dedicação conquistaram o respeito e a admiração da sociedade brasileira e mundial. Não é raro,

prevalência de *personagens da vida real* brancas, desconsiderando a diversidade racial que caracteriza a nação brasileira. Os autores acreditam que a presença de negros como *personagens da vida real* em situações comuns do cotidiano e sem referência alguma à sua raça no jornalismo de televisão seria um terreno fértil para a desconstrução de estereótipos (Borges e Borges, 2012:70).

Nos jornais, os estudos indicam a permanência de estereótipos presentes nos jornais do século XIX: a correlação com profissões inferiorizadas; o negro das ocorrências policiais; o negro violento; o negro centro das notícias escandalosas; o uso de metáforas positivas sobre o branco e pejorativas sobre o negro (Silva, 2005:8). O negro permaneceu, em geral, circunscrito às editorias: policial, relacionado com a criminalidade; de desporto, principalmente no futebol e atletismo; de cultura, em geral cantores/as e/ou músicos/as (Silva, 2005:9). Há uma espécie de apagamento simbólico dos negros em seções bastante específicas dos jornais.

Como analisa Flávio Lobo (2002), “apesar de os negros (pretos e pardos) corresponderem segundo o IBGE, quase à metade da população, nos lugares onde é preciso ter dinheiro ou uma boa formação educacional ou profissional para entrar, o Brasil é branco” (Vaz e Mendonça, 2002:2). De acordo com os autores Vaz e Mendonça (2002) é notória, por exemplo, a ausência de representação negra nos cadernos de economia, campo de consagração daqueles aos quais a sociedade contemporânea confere o título de «bem-sucedidos». Assim como nas editorias de política e colunas sociais. São raras as ilustrações que exibem negros em situação de mando, coordenando ações ou decidindo os rumos de uma nação ou de um grande empreendimento. Mesmo assim, o autor alerta que há exceções, o que os autores denominam como «fendas simbólicas», quando o negro rompe com a normalidade apresentada (Vaz e Mendonça, 2002:2).

As revistas femininas, assim como os outros veículos de comunicação, produzem e reproduzem estereótipos negativos em relação à mulher negra e apresentam as representações das relações de gênero e raciais da sociedade em que

também, perceber que outra parte significativa dessas mesmas crianças aposta desde cedo na busca pelo sucesso pelo viés criminoso. Algumas delas nascem e são sustentadas nesse meio. Borges e Borges (2012:74) ressaltam que o telejornalismo brasileiro não faz mais que corroborar com esse seu destino preestabelecido.

estão inseridas. De acordo com Barbosa e Silva (2010:152), a mulher negra é silenciada, tendo em vista que aparece de forma reduzida no conjunto das matérias jornalísticas. Para os autores, apesar de não o declarar explicitamente, as revistas adotam uma política de silêncio e discriminação em relação às mulheres negras, construindo um discurso fundado no mito da democracia racial brasileira e na ideologia do branqueamento. O resultado dessa construção é a negação da mulher negra em relação à sua raça e cultura.

Já as revistas brasileiras destinadas às adolescentes seguem a tendência dos outros meios de comunicação, não apresentando uma diversidade étnico-racial. Sacramento e Lima (2010:3) afirmam que o modelo exibido nas páginas destas revistas não é produzido considerando a historicidade, individualidade, etnicidade e identidade da população negra. Um marco importante para suprir a ausência da representação no mercado editorial brasileiro foi o lançamento da *Revista Raça Brasil*¹²⁰, principalmente em relação ao mercado de revistas brasileiras¹²¹. A revista tinha como público-alvo a população afro-brasileira pertencente às classes sociais mais altas e todo o seu conteúdo era relacionado com a cultura afro-brasileira. Segundo Coutinho (2010:47), o sucesso editorial da revista foi a prova de que existe no país espaço para os negros como consumidores de produtos mediáticos.

Na publicidade, embora ainda de forma sutil, observa-se a inserção contínua do negro nas propagandas. No entanto, quanto a esta inserção Chaves (2008:36) declara que não representa um grande avanço do Brasil no combate a invisibilidade da população negra nos média. Conforme o autor, o que se observa é que o mercado chegou à conclusão de que a população negra se vem apresentando como um forte segmento consumidor e, desta forma, está nitidamente a começar a perceber-se que a presença do negro nos meios de comunicação pode ser um importante componente na divulgação dos seus produtos. De acordo com Chaves (2008:14), é no final da

¹²⁰ A revista *Raça Brasil* foi uma revista mensal, publicada pela Editora Minuano. Em abril de 2016, a revista foi cancelada e em seu lugar foi lançada a revista *Afro Brasil* pela mesma editora.

¹²¹ Esse segmento editorial que prioriza o público negro teve como antecedentes outras publicações com o mesmo objetivo, como as revistas *Ébano*, *Black People* e *Raízes*. Essas revistas tentaram estabelecer-se no mercado nacional brasileiro, no entanto, por motivos diversos, principalmente de cunho financeiro, cessaram as suas publicações (Chaves, 2008:26).

década e do milênio que surgem as propagandas com personagens negros, vinculadas ao processo de mudanças — consequência do crescente mercado consumidor e enfatizadas, principalmente, nos produtos da indústria musical, fonográfica e da beleza. Porém, de uma forma geral, a presença do negro no mercado publicitário, ainda é muito reduzida.

Estas alterações na publicidade brasileira foram também uma conquista do movimento negro, que reivindicava a apresentação de figuras negras ativas e não apenas com a representação do negro associada à marginalidade. No entanto, conforme Chaves (2008:25-26), é necessária ainda a presença de modelos ou personagens negros, para protagonizarem não somente produtos que são específicos para população negra, mas, sobretudo para representar a sociedade de modo geral. Além disso, embora os negros já atuem em comerciais, é perceptível que o padrão adotado para a seleção dos negros para as campanhas publicitárias ou para a moda brasileira é: cor de pele negra, porém, traços afilados e cabelos alisados (Chaves, 2008:28).

Apesar dos progressos, ainda são grandes os desafios na área da comunicação em prol da construção de uma representação da mulher negra nesse espaço. De acordo com Carneiro (2003:125-126), existe uma consciência crescente entre as mulheres negras de que os processos relacionados com a globalização e com a nova ordem mundial requerem novas formas de ação e, nesse sentido, tratar a comunicação como um nexo de empoderamento tem sido fundamental para lhes garantir uma representação positiva, bem como a atribuição de uma maior visibilidade ao processo de mobilização e de lutas. Segundo a autora, as mulheres negras vêm trabalhando com o propósito de não apenas mudar a forma de representação dos meios de comunicação, como também de capacitar as suas lideranças para lidar com as novas tecnologias de informação, pois acredita que é necessário que os grupos historicamente marginalizados devam saber controlar e construir sua própria representação, interrompendo a divulgação de estereótipos e distorções da sua imagem (Carneiro, 2003:125-126). Atualmente, as mulheres negras têm utilizado as plataformas digitais como lugar de afirmação étnica e identitária. Borges e Borges (2012:141) afirmam que é inegável o papel que os mídias sociais têm contribuído para

dar visibilidade e reconhecimento aos não representados nos médias tradicionais, as médias sociais têm servido como canal de voz e imagem. As emergentes *afromídias* ou *mídias afros* são exemplos dos médias sociais contemporâneos de identidade como resultado da fusão de várias tecnologias e tendo principalmente a Internet como forma de difundir as suas mensagens (como *sites*, *blogs*, seguidores *twitters*, etc.). De acordo com os autores, elas constituem canais de expressão e visibilidade para a população negra no combate aos média tradicionais, em termos de quebra de padrões de imagem, linguagem e atitudes. Em todas as plataformas de comunicação no Brasil, a representação das mulheres negras está a atravessar um processo de transformação que se conforma com as mudanças ao nível da situação social, política e identitária das mulheres negras brasileiras.

3.2 - Cobertura jornalística das minorias étnicas em Portugal

As notícias produzidas pelos média são essenciais para compreender a forma como as minorias étnicas são exibidas no espaço público e como ocorrem as relações sociais que se constituem entre os diferentes grupos que compõem a sociedade. De acordo com Carvalho (2006) conhecer a imagem que as minorias étnicas têm na imprensa afigura-se, assim, como uma questão fundamental para dar conta da sua imagem pública e das eventuais situações de exclusão ou de preconceito de que possam ser alvo.

Em Portugal, segundo a investigação de Borges (2012:3), é a partir de meados dos anos 90 do século XX que surgem os primeiros estudos no âmbito desta temática, os quais vão desde o impacto geral da imigração no país à sua representação nos veículos de comunicação social, fundamentalmente na imprensa e na televisão. Entre os estudos de referência relativos às minorias étnicas nos média portugueses, a autora cita os trabalhos de Cunha (1995), Cádima (2003), Santos (2005), Valdigem (2006), Silva Filho (2006; 2008) e Lisboa (2007) como pesquisadores que contribuíram com investigações significativas sobre este assunto. Borges (2012) afirma que todos estes estudos, apesar das suas peculiaridades, apontam que parte significativa da construção identitária das minorias étnicas produzida pelos meios de comunicação

portugueses está inserida numa tradição que remonta a uma herança do passado imperialista do país, o que resulta num enquadramento dos noticiários ainda bastante acentuado em perceções estereotipadas em relação a estes grupos sociais.

No entanto, nos últimos anos, com o aumento dos estudos sobre as minorias, têm-se suscitado investigações acerca das representações do outro e experiências de discriminação e racismo compreendidas pelas minorias. Segundo Rosário (2011:64), esta é uma consequência do crescimento das minorias étnicas na população portuguesa no início do século XXI (Santos *et al.*, 2009).

Com o crescimento destas populações, esta temática também ganha destaque no campo mediático. Segundo Cunha (2003), além do aumento das minorias no país, a privatização dos canais televisivos é outro fator que vai contribuir para a inserção das minorias nos meios de comunicação. De acordo com a autora, desde a abertura dos canais privados, a informação tornou-se progressivamente entretenimento e o valor notícia adquiriu outros contornos, para além dos critérios institucionalizados das fontes oficiais que pontificaram na televisão pública. Primeiro, abriu-se um leque novo de temas considerados de interesse público, em função da crescente complexidade da sociedade e da diversidade dos atores sociais.

Temas como transportes, habitação, ambiente, segurança, criminalidade passaram a ser gradualmente tratados na ótica dos utilizadores e não mais exclusivamente na perspetiva das fontes políticas e institucionais. Em segundo lugar, a forma de fazer notícias alterou-se dando lugar, cada vez mais a uma linguagem imagética, aos *fait-divers* apresentados de forma exemplificativa, aos enquadramentos e tons interpretativos (positivo, negativo, neutro) conferidos pelos jornalistas. Em seguida, os meios de comunicação noticiosos conferiram um maior espaço e visibilidade ao homem comum, chamando-o a participar nas emissões, dando-lhe a noção de proximidade e de intimidade, incitando-o a contar *histórias*. Por último, e sobretudo em função das guerras de audiências nas televisões, os géneros televisivos propagaram aos poucos os géneros jornalísticos (sobretudo na televisão, mas não exclusivamente) originando um fluxo ficcional entre o entretenimento e a informação-notícia.

Assim, o acontecimento, ou o pseudoacontecimento, que melhor reúna condições de se tornar notícia é aquele que pode contar uma história de forma espetacular, criando ruturas com o cotidiano, explorando cenários materiais e emocionais chocantes, elegendo heróis, punindo vilões, sempre numa perspetiva exemplar de repor a ordem, a verdade e a justiça. É nesta perspetiva, conforme a autora, que temas como as minorias étnicas, a imigração e o racismo constituem, potencialmente, uma matéria-prima facilmente rentabilizável (Cunha, 2003:4). As histórias destes imigrantes aparecem como uma novidade e algo diferente, o que provoca a curiosidade do telespectador.

Considerando estes fatores, a representação das minorias étnicas nos meios de comunicação portugueses tem-se alterado nos últimos anos. Numa pesquisa realizada por Cunha (1998), na década de 90, segundo dados analisados no período de 1992-1995 e referentes ao tema imigração e racismo na imprensa, a autora aponta que é perceptível a confusão feita pelos jornalistas, entre imigrantes e «pessoas de cor» socialmente desfavorecidas, configurando-se este procedimento como discriminatório face a estes sujeitos. No período analisado, segundo Cunha, os média parecem não ter ainda uma perceção clara das leituras racistas que determinados enquadramentos de matérias podem adquirir.

As matérias referentes aos acontecimentos de 1992 — um ano de transição para o novo panorama mediático e anterior aos Acordos de Schengen¹²² — continuavam a dar muito pouca visibilidade às questões relacionadas com a imigração e o racismo, apesar de tratarem, com uma certa frequência, temas ligados ao alojamento precário, às condições de miséria em bairros de periferia e aos atos de violência policial (Cunha, 2003:6). É a partir deste momento que a matéria-prima «violência juvenil» ou «gangues de jovens de origem africana», passa a constituir, periodicamente, um tema nos média, isto é, uma agenda mediática de grande impacto público, principalmente nos verões sem acontecimentos políticos relevantes (Cunha, 2003:7).

¹²² O ano de 1993 foi um ano decisivo para a imigração na Europa. Neste ano foi aprovado o Acordo de Schengen. Em Portugal é introduzida na agenda política a nova Lei dos Estrangeiros e a Lei de Asilo, ao mesmo tempo que os Relatórios do Sistema de Informação (SIS) fazem alarde dos progressivos índices de delinquência juvenil, associando-as aos jovens denominados de segunda-geração de imigração, já nascidos em Portugal e portadores de nacionalidade portuguesa.

Os anos seguintes, de 1993 a 1995, num balanço geral, trazem ainda temáticas sociais como a da habitação — na perspectiva dos desalojados e da habitação precária. Com a aproximação das eleições Legislativas¹²³, e posteriores eleições Presidenciais, em 1995, a temática imigração e cidadania adquire alguma visibilidade, ao mesmo tempo que outros subtemas, como a imigração e partidos políticos, a multiculturalidade e a interculturalidade (Cunha, 2003:8).

Já o ano de 1996, segundo a autora, é marcado pelo processo de legalização, ao mesmo tempo que entra em agenda a temática da cidadania, na perspectiva do voto dos imigrantes para as eleições autárquicas. Neste período, tanto a televisão como a imprensa tendem a atribuir um tratamento emocional a estas temáticas dos imigrantes e das vítimas do racismo e da discriminação. Contudo, nota-se nos enquadramentos das peças adotados pelos jornalistas, para além da oscilação entre o tom de denúncia e o tom de alerta, a opção de dar voz apenas às instituições de poder. Raramente é conferido protagonismo às minorias étnicas, às vítimas de racismo e às suas associações e representantes, com exceção para organizações da igreja católica e, eventualmente, o SOS Racismo (Cunha, 2003:8).

De 1997 a 1999 acentua-se a guerra pelas audiências nos média e reforça-se o conceito de informação-entretenimento e o tratamento de determinadas questões inter-raciais torna-se extremamente discriminatório (Cunha, 2003:8). As temáticas referentes ao racismo e à imigração não fogem a esta tendência. No mesmo período é visível ainda, tanto nos jornais diários e semanários, como nos jornais televisivos¹²⁴, o recurso mais frequente a fontes não oficiais provenientes da sociedade civil. Ao mesmo tempo, é perceptível que um número crescente de jornalistas assume maior cuidado no tratamento destas temáticas, tendo em atenção não só alguns princípios deontológicos como preceitos fundadores de boas práticas profissionais, nomeadamente no que se refere aos enquadramentos e tons utilizados, evitando a reprodução de clichés e estereótipos (Cunha, 2003:9).

¹²³ Em outubro de 1995 toma posse o Governo Socialista de António Guterres e a 11 de junho de 1996 abre-se um novo *Período Extraordinário de Legalização dos Imigrantes*.

¹²⁴ Na televisão, a questão da nova Lei da Imigração surge sobretudo nos telejornais — com peças envolvendo políticos do governo e da oposição — e, colateralmente, em peças e reportagens sobre acidentes de trabalho, condições de trabalho e alarmes sobre a falta de mão-de-obra em determinados setores empresariais. São também, frequentes, neste período, os comentários sobre a imigração e as questões económicas que a envolvem (Cunha, 2003:10).

Em 2002, os estudos demonstram que já ocorre uma clara distinção entre imigrantes advindos dos PALOP e os seus descendentes portugueses. Surgem também *dossiers* e destaques na imprensa e documentários na televisão sobre os chamados, pela imprensa, luso-africanos de segunda e terceira geração. Apesar de continuarem, rotineiramente, a existir referências a acidentes e incidentes, episódios de violência policial e criminalidade, as temáticas com mais proeminência na imprensa são as referentes às questões de integração na sociedade, nomeadamente na escola e no mercado de trabalho (Cunha, 2003:13). Observa-se que neste ano ocorre um progresso das boas práticas no tratamento das temáticas sobre a imigração e racismo.

Segundo os dados analisados da imprensa e televisão no período de 2003 a 2006, publicados pelo Observatório da Imigração (OI), sobre Média, Imigração e Minorias Étnicas (Cunha *et al.*, 2006), os autores concluíram que ao longo dos anos investigados, se registaram alterações significativas no formato de cobertura ao tema imigração e minorias étnicas.

Uma das conclusões deste trabalho comparativo da análise de conteúdo dos média refere que as relativas mudanças ocorridas no padrão de cobertura noticiosa sobre minorias deve-se aos mecanismos de regulamentação internos e externos às redações e aos meios de comunicação (Cunha e Santos, 2008:4). Embora a imagem das minorias veiculada nos média apareça conotada com aspetos negativos, essa tendência tem sido decrescente e surgem novas temáticas como a integração, a interculturalidade, benefícios demográficos e económicos da imigração, entre outros (Peixe *et al.*, 2008:48).

Em geral, os estudos sobre minorias e média, apesar da comparação dos resultados dos estudos realizados entre diferentes momentos, apontam para uma atenuação das mensagens transmitidas nos média no que diz respeito ao estereótipo racial. Em sua maioria, os trabalhos revelam que as minorias étnicas aparecem frequentemente associadas, na imprensa e na televisão, a fatores negativos e até potencialmente geradores de insegurança como crime, delitos, exploração de máfias, desemprego, trabalho não qualificado e prostituição (Peixe *et al.*, 2008:44).

Outro aspecto que contribuiu de forma negativa para representação das minorias remete para as fontes que são ouvidas para construir as notícias, ou seja,

para os atores que têm voz e para aqueles que são silenciados pelo discurso jornalístico. Uma notícia contém representações de discursos de várias pessoas, mas estas vozes estão hierarquizadas, ou seja, alguma são destacadas e outras são marginalizadas (Cerqueira, 2008:140).

No entanto, já se pode identificar como indício de boas práticas, um maior destaque para fontes da sociedade civil, como associações de imigrantes e de direitos humanos, assim como para os agentes mais diretamente envolvidos. São, igualmente, boas práticas, o recurso frequente a informações históricas contextualizadas e a dados estatísticos atualizados, principalmente nas reportagens (Cunha, 2003:14). De acordo com Cunha, num contexto caracterizado pela recessão económica, diminuição do número de espectadores, sobretudo dos pertencentes às classes A/B, e pela diminuição do tempo despendido na visualização dos canais generalistas, estas boas práticas podem ser lidas, como um redirecionamento dos média noticiosos para os públicos mais politizados e educados. Mas, também podem ser interpretadas como indício de uma postura simétrica relativamente aos enquadramentos das agendas políticas nacionais e internacionais, uma manifestação pontual de formas de contrapoder, provavelmente mais dependente da ação pessoal de cada jornalista do que da orientação dos órgãos de comunicação para os quais trabalham (Cunha, 2003:15).

Apesar destas boas práticas, Rosário (2011:69) avalia que o tratamento da diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural na imprensa e na televisão em Portugal surge ainda como indicativa ou explicativa da informação e, por vezes, com sentido discriminatório. Nos estudos de Peixe *et al.*, os autores constataam que a identificação da nacionalidade ou etnia aparece mais frequentemente quando o tema das notícias se relaciona com a temática «crime». Já no que concerne à cobertura da imprensa, é possível identificar-se, em jornais de grande circulação, títulos que são, muitas vezes, veiculadores do ódio em relação às minorias.

Para amenizar a conotação negativa das minorias étnicas, contribuíram certamente a divulgação de estudos aprofundados sobre estas matérias e o aumento do número de jornalistas especializados na área das migrações. Sobre este especto atente-se no papel do Alto Comissariado para as Migrações (ACM) que, para além das

iniciativas desenvolvidas no âmbito do Observatório para a Imigração, criou o Prémio *Imigração e Minorias Étnicas – Jornalismo pela Tolerância*, um exemplo a destacar como prática contra a discriminação racial na comunicação social (Peixe *et al.*, 2008:49).

Diante do contexto apresentado, conforme Borges (2012:2), pode-se declarar que as caracterizações identitárias da população negra em Portugal na atualidade, se devem, em grande parte, ao trabalho de jornalistas como profissionais e aos meios de comunicação como organizações, ambos inseridos numa contextualização histórica e cultural.

Já os casos de racismo na imprensa portuguesa envolvendo a população de origem africana são analisados pela imprensa e pesquisas académicas na perspetiva da imigração, mesmo que os participantes no acontecimento sejam cidadãos portugueses, ou que a discriminação racial seja um fator indispensável na notícia.

Um caso de grande visibilidade mediática ocorreu em 1994, o *Caso Vuvu*, constituindo, segundo os pesquisadores de comunicação como o primeiro caso de imigração, tratado em função da nova realidade concorrencial dos média. O *Caso Vuvu* trata da retenção no aeroporto da Portela, em Lisboa, de uma mãe e uma filha que vinham visitar, respectivamente, o marido e o pai. A angolana, Vuvu Grace e a sua filha Benedicte, de cerca de seis anos, chegaram a Lisboa no dia 9 de março e foram retidas no aeroporto pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras SEF), sob alegação de não apresentarem um bilhete de regresso. Entretanto, elas eram portadoras de vistos de turista emitidos pela embaixada portuguesa em Kinshasa. Segundo Cunha (2003), este procedimento enquadrava-se dentro da normalidade, mas o fato constituiu notícia devido a disparidade de entendimentos por parte dos atores e instituições envolvidas, nomeadamente, quanto à nova Lei de Imigração. Cunha (2003:7) acredita que, de certa forma, o *Caso Vuvu* colocou em evidência os limites da política de imigração referidos no Acordos de Schengen, bem como serviu de teste à sensibilidade da sociedade civil portuguesa para o acolhimento de imigrantes.

Segundo a autora, o acontecimento real pode ser interpretado também como um acontecimento encenado para e pelos média, no sentido de alertar o governo para

a imigração. O episódio mobilizou os *opinion-makers* direta ou indiretamente durante todo o ano e teve grande impacto na opinião pública.

Já em 10 de Junho de 1995, o *Caso Bairro Alto* ou o *Caso Alcino Monteiro* é considerado pelos pesquisadores como o primeiro caso de racismo mediatizado. Neste ano acentuaram-se na imprensa as referências à violência policial e aos incidentes racistas, mas é este caso que marcará a agenda sobre a população negra durante o ano. O *Caso Alcino Monteiro* tratou-se do assassinato de um jovem português de origem cabo-verdiana ocorrido na madrugada do dia 10 de Junho no Bairro Alto por um grupo de *skinheads*. Este foi um dos poucos casos nos Tribunais relacionado com discriminação racial e étnica. O grupo de *skinheads* atacou doze pessoas negras, tendo assassinado Alcindo Monteiro. No processo judicial que este episódio originou foram constituídos dezanove arguidos, tendo todos sido acusados dos crimes de genocídio, homicídio e ofensas corporais. O assassinato de Alcindo Monteiro mobilizou diversas associações e gerou algumas manifestações coletivas (Cabecinhas, 2002; Machado, 2001; Silva, 2000; Cunha, 1998-2003; Peixe *et al.*, 2008).

Este episódio suscitou a produção de artigos de opinião que se interrogaram sobre a natureza do racismo, e se os portugueses brancos eram ou não racistas. Sendo que, em ambas as interrogações, Cunha (1998:77-78) identificou que havia indícios da matriz discursivo-cognitiva colonial, pois durante a cobertura mediática os *opinion-makers* evocavam duas facetas do «ser português» de forma constante: o «destino» e a «missão». Conforme a autora, estes dois conceitos são fundadores da mitologia colonial portuguesa, e encontram-se referidos ora como reforço identitário, histórico ou recontextualizado, ora como denúncia de uma verdade que tende a repetir-se.

Além destes casos, o acontecimento mais flagrante a destacar na imprensa portuguesa, indissociável de discriminação racial nos média, foi o do *Pseudo Arrastão de Carcavelos* (Peixe *et al.*, 2008:44). O caso reporta ao dia 10 de Junho de 2005, quando a imprensa e a televisão noticiaram, até à exaustão, a ocorrência de um «arrastão» (fenómenos que ocorreram no Rio de Janeiro, quando as praias foram invadidas por jovens das favelas para furtar os banhistas) realizado por centenas de jovens de origem africana. A notícia foi abertura nos noticiários de todos os canais. No entanto, é na rede televisiva *SIC* que o termo «arrastão» surge, numa entrevista do

jornalista destacado para o local ao concessionário de um bar na mesma praia. Esta «testemunha» foi entrevistada por todos os canais e narra que o começo das atividades teve lugar com dois tiros. Ao longo do dia, a Agência Lusa divulgou sucessivos despachos, aos quais foi acrescentando detalhes à notícia inicial. Num deles, cita o Presidente da Câmara de Cascais, o qual teria garantido tratar-se de “centenas de marginais oriundos de bairros problemáticos fora do concelho de Cascais” e noutro dá conta das primeiras reações de responsáveis políticos do CDS-PP e PSD: “uma tarde de terror”, “dar prioridade absoluta ao policiamento nas praias”, etc. A Agência Lusa divulgou, entre outras informações: “Cerca de 500 adultos e jovens constituídos em gangues, entraram na praia de Carcavelos, concelho de Cascais, e começaram a assaltar e a agredir os banhistas. No entanto, em nenhum destes despachos a Lusa usou o conceito de «arrastão». O comissário Gonçalves Pereira, da Esquadra da PSP de Cascais, adiantou à Agência Lusa que as «gangues» fizeram vários assaltos, criando o pânico e a confusão na praia de Carcavelos, onde se encontravam muitos banhistas. Diante das circunstâncias, a PSP de Cascais fez deslocar para a zona, elementos das secções de intervenção e de investigação criminal, tendo os agentes policiais feito disparos para o ar para atemorizar os assaltantes. No entanto, não havia conhecimento de que a PSP tivesse realizado detenções. Compareceram também no local ambulâncias dos Bombeiros e do Instituto Nacional de Emergência Médica. Havia informação de duas mulheres feridas, mas uma das vítimas disse aos jornalistas que foi atingida por engano pelos agentes policiais (Peixe *et al.*, 2008:45). Durante a exposição da notícia, todas as televisões foram emitindo imagens e, em todos os canais, se trataram de cenas posteriores à intervenção da polícia. Nas imagens aparecem vários indivíduos negros a correr (Peixe *et al.*, 2008:45). Na imprensa escrita este «pseudo-arrastão» também não passou despercebido. A notícia foi primeira página nos jornais do dia seguinte e os títulos aproximaram-se nos conteúdos.

Entretanto, nos dias posteriores, com a informação mais apurada, os 500 jovens passaram para cerca de 30 ou 40 e, após uma semana, as manchetes nos jornais eram de "Uma história que nunca existiu". Sete dias depois do acontecimento começam a ser publicadas declarações de responsáveis da Direção Nacional da PSP referindo que afinal o número de jovens que teriam agredido e assaltado os banhistas

não excederam os 50 e muitos jovens que apareceram em imagens televisivas e fotográficas a correr na praia de Carcavelos, naquele dia, não eram assaltantes, mas jovens que fugiam com os seus próprios pertences. De acordo com Peixe *et al.* (2008:46), no dia 10 de Julho, o jornal *A Capital* desenvolve uma notícia sobre o «desmentido» da PSP criticando o fato de a PSP ter demorado um mês a admitir que não houve arrastão e que, segundo as declarações do Comandante, o que verdadeiramente aconteceu no dia 10 de Junho teve origem num desentendimento de casais e uma tentativa de furto a um cidadão, tendo sido “pressionado a emitir um comunicado” alegadamente “elaborado a partir do pouco que a polícia viu, de vários telefonemas da parte da comunicação social e de testemunhos de pessoas que estiveram na praia naquele dia”, sendo que “a fase de maior confusão - registada por máquinas fotográficas e pelas câmaras de televisão - teve início com a chegada dos reforços policiais” e, nessas imagens, “os que parecem ladrões não o são definitivamente”. Peixe *et al.* avaliam que os contornos deste caso são incomuns e exemplificadores da forma como se pode difundir em massa, erroneamente, uma notícia que teve um impacto enorme nos média. O fato de as notícias televisivas terem sido transmitidas com suporte de imagens e as da imprensa escrita estarem acompanhadas de fotografias - ainda que descontextualizadas - favoreceu ainda mais a crença num acontecimento que afinal não aconteceu. Peixe *et al.* (2008:47) analisam que, “o extraordinário é a noção de que o arrastão existiu, ter-se instalado no senso comum, mesmo depois da PSP ter começado a falar em 40 ou 50 pessoas que causaram problemas”. A notícia assumiu proporções de tal forma sensacionalistas que teve consequências a nível de medidas de segurança pública, tais como o policiamento das praias por forças de intervenção.

De acordo com Rosário (2011:68), a jornalista Diana Andringa e a ACM (então ACIME) tiveram um papel fundamental na elucidação dos acontecimentos. Uma compilação de documentos, publicada pelo ACM, assim como pesquisa complementar, serviram de base ao esclarecimento factual desse caso (Rosário, 2011:70). Com o *Pseudo Arrastão de Carcavelos*, outros temas em 2005 marcaram a disseminação de notícias sobre imigração, imigrantes e minorias, como a divulgação de imagens de

assaltos nos comboios, divulgadas na SIC, em que apareciam unicamente jovens negros, reforçando assim os estereótipos raciais (Peixe *et al.*, 2008:47).

Com estes episódios, segundo Machado (2001:22), a delinquência juvenil urbana fica associada a uma cor de pele e, nas perceções comuns, os descendentes dessas populações passam a coincidir cada vez mais com esse mesmo estereótipo. Em agosto de 2014 ganharam destaque na imprensa em todo o país os denominados «*meets*», chamados também de *rolezinhos*. O *meet* é um convívio de jovens organizados nas redes sociais. Um *meet* que teve grande repercussão foi o encontro realizado no dia 20 de agosto no Centro Comercial Vasco da Gama, onde, segundo a imprensa, reuniu 600 jovens, principalmente jovens negros oriundos das zonas como Amadora, Rio de Mouro, Bobadela e Catujal. Neste episódio, os jovens foram impedidos de entrar no Centro Comercial e quatro foram detidos pela polícia. O fato tornou-se notícia e foi divulgado nos principais veículos de comunicação do país. As imagens e vídeos da intervenção policial circularam nas redes sociais.

Apesar destes e outros casos de discriminação racial contra a população negra terem visibilidade mediática, em Portugal o debate sobre racismo é muito tímido, com raras exceções. Nas redes televisivas podemos destacar o programa da RTP1, *Prós e Contras*, que no dia 19 de maio de 2014 realizou uma discussão sobre racismo em Portugal. Em 2016, a SIC apresentou uma série de reportagens e debates denominada *E se fosse consigo?* em que a partir de situações ficcionadas colocou em teste a capacidade de intervenção da população portuguesa na defesa do outro em situação de preconceito ou violência. No dia 18 de abril, o *E se fosse consigo?* abordou a discriminação racial e levou o telespectador a discutir como ocorre o racismo no cotidiano da sociedade portuguesa. Embora se verifiquem estas raras exceções e as mesmas contribuam para discussão da questão racial no país, torna-se necessário que os meios de comunicação deem uma maior visibilidade às minorias étnicas, para diminuir a discriminação e estereotipação da população negra.

CAPÍTULO IV

ESTUDO EMPÍRICO

4.1 - Procedimentos metodológicos de pesquisa

No capítulo anterior, apresentámos uma cronologia de como a população negra tem sido representada nos meios de comunicação social portugueses e brasileiros. Neste capítulo, debruçamo-nos sobre o nosso estudo empírico, realizando a análise discursiva de peças jornalísticas dos jornais *Público/Portugal* e *Folha de São Paulo/Brasil*. Do ponto de vista metodológico e procurando fundamentar algumas das questões levantadas em torno da temática de pesquisa proposta, a nossa opção recaiu na compreensão dos discursos relativos à construção da identidade da mulher negra na imprensa escrita.

Assim, este trabalho foi construído a partir da proposta das *Epistemologias do Sul e Ecologia de Saberes* — conceitos que valorizam a diversidade epistemológica do mundo —, utilizando como metodologia o trabalho de campo realizado nos grupos de mulheres negras em Coimbra e em Lisboa.

A proposta conceptual da *ecologia de saberes* considera as diversas formas de conhecimento, pelo que a minha experiência como mulher negra latino-americana imigrante e a minha participação nos coletivos *FEMAFRO*, *Rosa das Pretas* e *Pretas em Movimento* foi fundamental para a construção da pesquisa. Uma vez que o feminismo negro tem dado novos contributos teóricos para as questões de género e raça, tendo também um papel importante na construção da identidade e visibilidade das mulheres, esta conexão teoria-prática é relevante na presente investigação. A reflexão acerca da temática deste trabalho ocorreu no diálogo, na troca de saberes com as participantes destes grupos e no ouvir as suas histórias. A experiência destas mulheres foi crucial para compreender as relações sociais em Portugal e elaborar um trabalho que correspondesse à realidade deste grupo social, considerando a visão privilegiada das ativistas portuguesas sobre a realidade da população afrodescendente.

Como metodologia para compreender a representação das mulheres negras nos meios de comunicação, recorreremos à Análise de Discurso, visto ser um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos através da linguagem. De acordo com Lago, "a Análise de Discurso é especialmente produtiva para dois tipos de estudos no jornalismo: mapeamento das vozes e identificação de sentidos" (Lago, 2007:107). Uma vez que as peças jornalísticas revelam, nas histórias das suas personagens, a identidade social dos entrevistados e contêm marcas textuais — como, por exemplo, a linguagem utilizada —, a partir das quais podemos compreender como os sujeitos são representados, Baracuhy (2010:170) considera que a Análise de Discurso tem discutido com frequência como ocorre a produção de sentidos nos média, a fim de melhor compreender as relações entre os discursos, a História, a memória e os poderes (incluindo as resistências).

De acordo com Gregolin (2007:13), a Análise do Discurso é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise de acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudo a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. Nesta perspectiva, Brandão (2004:11) explica que a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico e não há como desvinculá-la dos processos histórico-sociais que a constituem. Por isso, para Baracuhy os campos da Análise de Discurso e dos estudos dos média podem estabelecer um diálogo extremamente rico para compreender o papel dos discursos na produção das identidades sociais. Como afirma Baracuhy (2010:167), a Análise de Discurso vai propor estudar a identidade como uma "construção discursiva, histórica, sempre múltipla, heterogênea, instável".

Na opinião de Gregolin (2007:13), a articulação entre os estudos dos média e os da Análise de Discurso enriquece dois campos absolutamente complementares, pois ambos têm como objeto as produções sociais de sentidos. Nas peças jornalísticas, o uso de determinadas palavras leva o leitor a interpretar os protagonistas das peças, de acordo com a forma de produção do texto. Traquina afirma que "o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só sobre o que pensar, mas como pensar" (Traquina, 2007:128). Segundo Dominique Maingueneau, "um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada"

(Maingueneau, 2005:85). Assim, os meios de comunicação evidenciam quais os atores sociais que devem ganhar visibilidade e como a sociedade deve interpretá-los.

Considerando estas questões levantadas pelos autores sobre a construção discursiva dos sujeitos nos meios de comunicação, a investigação foi norteadada pela seguinte pergunta: como é que a mulher negra é representada nos jornais? Para lhe responder, elegemos como objetivo geral desta pesquisa identificar de que forma foi apresentada a identidade étnica das mulheres negras na imprensa brasileira e portuguesa.

Como objetivo complementar, estabelecemos as seguintes questões: *i)* quais as principais temáticas abordadas quando as mulheres afrodescendentes protagonizam as peças jornalísticas? *ii)* de que forma os meios de comunicação dialogam com o processo de construção da identidade étnica? *iii)* qual o modelo de identidade étnica apresentado às mulheres negras a partir das peças jornalísticas? *iv)* de que forma a imprensa fortalece, afeta ou recria a identidade étnica das mulheres negras? *v)* que discursos podem ser identificados por detrás destes textos? *vi)* quem são as mulheres negras apresentadas nas páginas dos jornais? *vii)* como é que a discriminação racial permeia as narrativas jornalísticas?

Na primeira etapa deste trabalho, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica, selecionando-se obras e artigos que se detivessem nos conceitos-chave referidos e que possibilitassem compreender o objeto de estudo proposto: o contexto social em que as mulheres negras estão inseridas; a identidade negra; e a representação deste grupo social nos meios de comunicação social.

Numa segunda etapa, definiram-se os meios de comunicação a utilizar para a realização da pesquisa e elegeram-se dois jornais de referência como fontes primárias para recolha e identificação do corpus da pesquisa: os diários *Público* (Portugal) e *Folha de São Paulo* (Brasil). Esta escolha deve-se ao facto de serem dois jornais de referência nos respetivos países e de corresponderem à tipologia mediática pretendida: o sistema de circulação, a tiragem, o leitor-alvo, o alcance geográfico e as características jornalísticas.

Após a definição dos meios de comunicação, seguiu-se a pesquisa documental para recolher os elementos a analisar. A pesquisa no jornal *Público* realizou-se na Biblioteca Municipal de Coimbra, ao longo de cerca de 6 meses, tendo sido recolhidas todas as edições entre os anos 2000 e 2010 — o período de análise.

QUADRO I

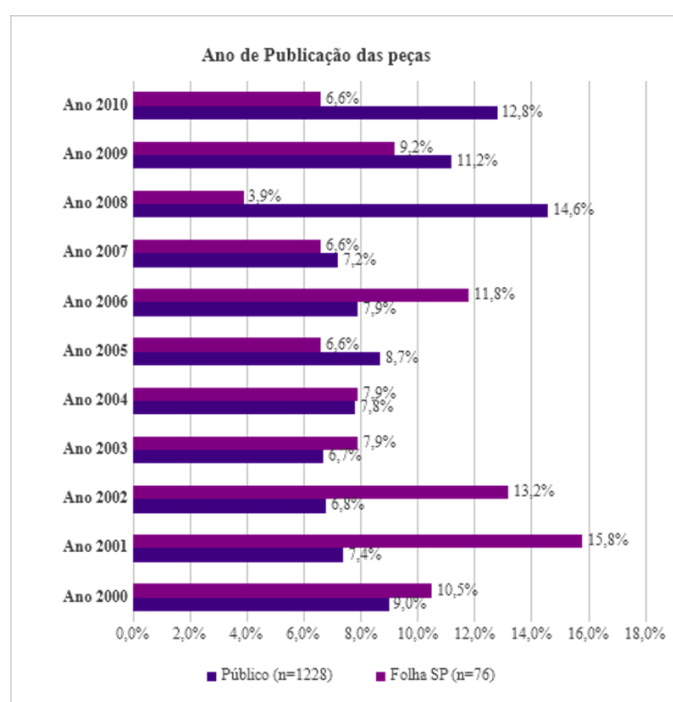
Índice por ano de publicação dos jornais analisados

Ano de Publicação	Jornal						p
	Total (n=1304)		Público (n=1228; 94,2%)		Folha de São Paulo (n=76; 5,8%)		
	n	%	n	%	n	%	
2000	118	9,1%	110	9,0%	8	10,5%	0,022*
2001	103	7,9%	91	7,4%	12	15,8%	
2002	93	7,1%	83	6,8%	10	13,2%	
2003	88	6,8%	82	6,7%	6	7,9%	
2004	102	7,8%	96	7,8%	6	7,9%	
2005	112	8,6%	107	8,7%	5	6,6%	
2006	106	8,1%	97	7,9%	9	11,8%	
2007	93	7,1%	88	7,2%	5	6,6%	
2008	182	14,0%	179	14,6%	3	3,9%	
2009	144	11,1%	137	11,2%	7	9,2%	
2010	162	12,4%	157	12,8%	5	6,6%	

*Teste de independência do qui-quadrado.

GRÁFICO I

Representação gráfica por ano dos jornais analisados



Devido à dificuldade de acesso em Portugal à *Folha de São Paulo*, a pesquisa foi encomendada ao serviço de Banco de Dados da *Folha*, que realizou uma busca no acervo do jornal com as palavras-chave "mulher(es)" e "negra(s)" (juntas e separadas), tendo sido consultados todos os textos que, na referida década, incluíam as duas palavras. A recolha foi feita nos cadernos principais dos dois jornais e, por opção metodológica, excluiu-se do material de análise a programação televisiva e os anúncios publicitários, mesmo quando referiam mulher(es) negra(s).

QUADRO II

Indicadores da secção que a peça ocupa do jornal Público

	n	%
Secção que a peça ocupa no jornal		
Política	3	0,2%
Economia	2	0,2%
Cultura	145	11,8%
Internacional/Mundo	216	17,6%
Nacional	19	1,5%
Local/Cidade/Regional	17	1,4%
Geral/Sociedade	115	9,4%
Desporto	170	13,8%
Opinião	12	1,0%
Coluna Social	313	25,5%
Cadernos/Suplementos	177	14,4%
Outras	39	3,2%
Tamanho que a peça ocupa no jornal		
Texto principal da página	464	37,8%
Texto secundário da página	403	32,8%
Uma página	154	12,5%
Mais de uma página	207	16,9%

QUADRO III

Indicadores da secção que a peça ocupa do jornal Folha de São Paulo

	n	%
Secção que a peça ocupa no jornal		
Política	2	2,6%
Economia	5	6,6%
Cultura	11	14,5%
Internacional/Mundo	9	11,8%
Nacional	4	5,3%
Local/Cidade/Regional	0	0,0%
Geral/Sociedade	23	30,3%
Desporto	2	2,6%
Opinião	8	10,5%
Coluna Social	6	7,9%
Cadernos/Suplementos	4	5,3%
Outras	2	2,6%
Tamanho que a peça ocupa no jornal		
Texto principal da página	29	38,2%
Texto secundário da página	27	35,5%
Uma página	16	21,1%
Mais de uma página	4	5,3%

QUADRO IV

Índices por secção nos jornais Público e Folha de São Paulo

	Jornal						p
	Total (n=1304)		Público (n=1228; 94,2%)		Folha de São Paulo (n=76; 5,8%)		
	n	%	n	%	n	%	
Secção que a peça ocupa no jornal							-
Política	5	0,4%	3	0,2%	2	2,6%	
Economia	7	0,5%	2	0,2%	5	6,6%	
Cultura	156	12,0%	145	11,8%	11	14,5%	
Internacional/Mundo	225	17,3%	216	17,6%	9	11,8%	
Nacional	23	1,8%	19	1,5%	4	5,3%	
Local/Cidade/Regional	17	1,3%	17	1,4%	0	0,0%	
Geral/Sociedade	138	10,6%	115	9,4%	23	30,3%	
Desporto	172	13,2%	170	13,8%	2	2,6%	
Opinião	20	1,5%	12	1,0%	8	10,5%	
Coluna Social	319	24,5%	313	25,5%	6	7,9%	
Cadernos/Suplementos	181	13,9%	177	14,4%	4	5,3%	
Outras	41	3,1%	39	3,2%	2	2,6%	
Tamanho que a peça ocupa no jornal							0,018*
Texto principal da página	493	37,8%	464	37,8%	29	38,2%	
Texto secundário da página	430	33,0%	403	32,8%	27	35,5%	
Uma página	170	13,0%	154	12,5%	16	21,1%	
Mais de uma página	211	16,2%	207	16,9%	4	5,3%	

*Teste de independência do qui-quadrado.

QUADRO V

Indicadores do género jornalístico do jornal Público

	n	%
Género jornalístico da peça		
Notícia	514	41,9%
Entrevista	31	2,5%
Reportagem	290	23,6%
Nota/breve	342	27,9%
Resenha/Crítica/Opinião	49	4,0%
Outros	2	0,2%

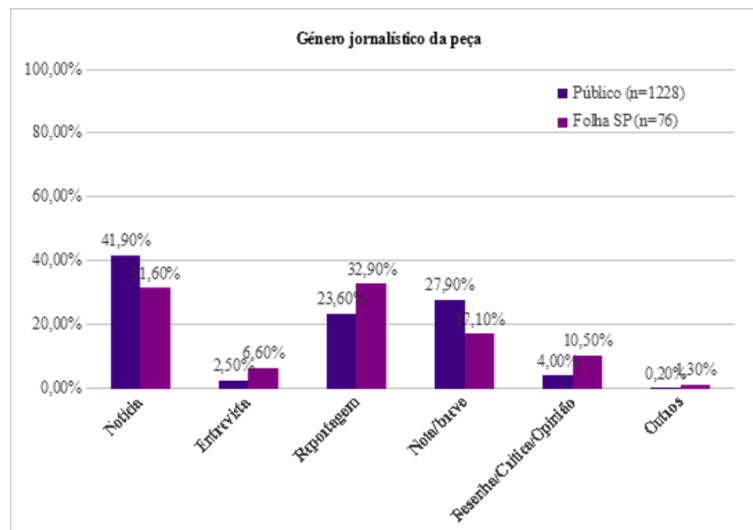
QUADRO VI

Indicadores do género jornalístico do jornal Folha de São Paulo

	n	%
Género jornalístico da peça		
Notícia	24	31,6%
Entrevista	5	6,6%
Reportagem	25	32,9%
Nota/breve	13	17,1%
Resenha/Crítica/Opinião	8	10,5%
Outros	1	1,3%

GRÁFICO II

Representação gráfica por gênero jornalístico jornal Público e Folha de São Paulo



Assim, o *corpus* analisado é composto por 1304 peças jornalísticas: 1228 (94,2%) do *Público* e 76 (5,8%) da *Folha de São Paulo*, tendo o número total sido considerado representativo e, por isso, suficiente para realizar uma reflexão crítica sobre o tema.

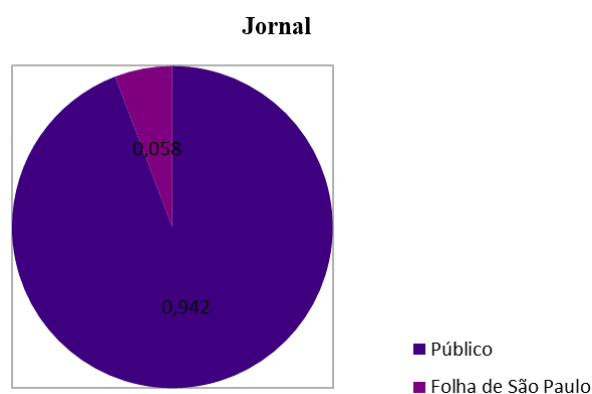
QUADRO VII

Índice por órgão de comunicação social

	n	%
Nome do jornal		
Público	1228	94,2%
Folha de São Paulo	76	5,8%
<i>Total</i>	<i>1304</i>	<i>100,0%</i>

GRÁFICO III

Representação gráfica por órgão de comunicação social



A amostra assim obtida foi submetida a uma grelha de análise constituída por 14 variáveis: data, publicação, título da peça, página, editoria, espaço que ocupa no jornal, género jornalístico, tema principal, tema secundário, protagonista da peça, identificação nominal, pertença étnico-racial, citação de mulheres negras e identidade étnica.

QUADRO VIII

Indicadores da abordagem da mulher negra nas peças jornalísticas do jornal Público

	Público (n=1228)	
	n	%
Mulheres negras são as protagonistas das peças		
Sim	837	68,2%
Não	391	31,8%
Identificação nominal das mulheres negras nas peças		
Sim	956	77,9%
Não	272	22,1%
Aborda o pertencimento étnico-racial das mulheres		
Sim	218	17,8%
Não	1010	82,2%
Tem citação das mulheres negras nas peças		
Sim	367	29,9%
Não	861	70,1%
A peça apresenta elementos identitários afrodescendentes		
Sim	140	11,4%
Não	1087	88,6%

QUADRO IX

Indicadores da abordagem da mulher negra nas peças jornalísticas do jornal Folha de São Paulo

	n	%
Mulheres negras são as protagonistas das peças		
Sim	42	55,3%
Não	34	44,7%
Identificação nominal das mulheres negras nas peças		
Sim	47	61,8%
Não	29	38,2%
Aborda o pertencimento étnico-racial das mulheres		
Sim	66	86,8%
Não	10	13,2%
Tem citação das mulheres negras nas peças		
Sim	33	43,4%
Não	43	56,6%
A peça apresenta elementos identitários afrodescendentes		
Sim	51	67,1%
Não	25	32,9%

QUADRO X

Indicadores à abordagem da mulher negra por jornais Público e Folha de São Paulo

	Jornal						p
	Total (n=1304)		Público (n=1228; 94,2%)		Folha de São Paulo (n=76; 5,8%)		
	n	%	n	%	n	%	
Mulheres negras são as protagonistas das peças							0,020*
Sim	879	67,4%	837	68,2%	42	55,3%	
Não	425	32,6%	391	31,8%	34	44,7%	
Identificação nominal das mulheres negras nas peças							0,001*
Sim	1003	76,9%	956	77,9%	47	61,8%	
Não	301	23,1%	272	22,1%	29	38,2%	
Aborda o pertencimento étnico-racial das mulheres							<0,001*
Sim	284	21,8%	218	17,8%	66	86,8%	
Não	1020	78,2%	1010	82,2%	10	13,2%	
Tem citação das mulheres negras nas peças							0,013*
Sim	400	30,7%	367	29,9%	33	43,4%	
Não	904	69,3%	861	70,1%	43	56,6%	
A peça apresenta elementos identitários afrodescendentes							<0,001*
Sim	191	14,7%	140	11,4%	51	67,1%	
Não	1112	85,3%	1087	88,6%	25	32,9%	

*Teste de independência do qui-quadrado.

Seguidamente, os dados foram inseridos e analisados com recurso ao programa de análise estatística SPSS® v.24.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*). Na análise descritiva da amostra, foram aplicadas estatísticas sumárias apropriadas e todas as variáveis — nominais ou ordinais — são categóricas, tendo sido descritas através de frequências absolutas (n) e relativas (%) e usado o teste de independência do Qui-Quadrado (*) para analisar a associação entre as variáveis categóricas. Quando a frequência esperada de alguma célula da tabela de contingência relativa à análise de associação de duas categorias era inferior a 5, utilizou-se o teste exato de Fisher (**) (para duas variáveis com duas categorias) ou o teste exato do Qui-Quadrado (***) (se pelo menos uma das variáveis tinha mais de duas categorias) e para todos os testes de hipótese usou-se um nível de significância de 0,05. O estudo empírico, realizado com recurso do SPSS, funcionou como auxiliar no tratamento dos dados, nomeadamente na organização e codificação dos materiais, tendo, além disso, possibilitado o cruzamento das peças jornalísticas dos dois periódicos, o que tornou o processo de pesquisa mais sistemático.

Estes procedimentos permitiram identificar, na cobertura jornalística portuguesa e brasileira, o discurso sobre a representação das mulheres negras construído através de movimentos de paráfrase, de esquecimentos de ditos e não-ditos e de silenciamentos.

4.2 - Análise das peças jornalísticas: resultados encontrados

O objetivo desta análise é encontrar formas de identidade atribuídas às mulheres negras, nos textos jornalísticos dos dois jornais referidos, tendo em conta a perspetiva identitária. Identificam-se dois grupos: a mulher negra enquanto «**exemplo de superação**» e a mulher negra representada como «**pobre coitada**». No entanto, independentemente do modo de representação, os estereótipos associados às mulheres negras estão presentes nos dois grupos identificados.

Agrupando as peças jornalísticas do *corpus* de acordo com estes temas onde, frequentemente, estão envolvidas as mulheres negras, analisaram-se as duas formas de representação do feminino negro. Não pretendendo que elas sejam universais nem que esgotem a possibilidade de classificação, neste trabalho são consideradas estas duas categorias de projeções identitárias construídas pelos jornais *Público* e *Folha de São Paulo*, visando facilitar a análise discursiva das peças jornalísticas. A partir destas duas formas de representação, analisaremos a identidade étnica das mulheres negras apresentada nestes periódicos, conscientes de que o discurso da imprensa as representa de forma bastante incompleta, silenciando alguns dos papéis que desempenham e não os apresentando nas peças jornalísticas.

É importante ressaltar que as peças jornalísticas não estão ancoradas em questões raciais ou de género, mas nos discursos que veiculam e reafirmam, contribuindo para a naturalização das diferenças étnicas. Isto é, a identidade étnica das mulheres não surge explicitamente como assunto condutor das peças jornalísticas, mas aparece como uma das dimensões principais das peças, podendo também surgir de forma subtil. Os estereótipos das mulheres negras mantêm-se implícitos na maioria das mensagens veiculadas, podendo ser bastante explícitos em alguns excertos. Podemos considerar que, em geral, se verifica uma repetição de expressões e termos

carregados de ideologia — um padrão que define o lugar da mulher negra no sistema de representação.

Para percebermos como a mulher negra é vista, analisámos as temáticas, uma vez que nos permitem perceber quais os assuntos escolhidos quando este grupo social é notícia. Cerqueira (2014:171), afirma que a análise temática é um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) nos dados, podendo mesmo ser considerada a abordagem mais útil na compreensão dos significados explícitos e implícitos associados a dados textuais, uma vez que o conceito de tema permite identificar um determinado nível de padronização dos dados em relação às questões de investigação colocadas.

Relativamente aos conteúdos das notícias, verificam-se proximidades e semelhanças das recorrências temáticas na imprensa portuguesa e brasileira. No entanto, a abordagem comparativa permite identificar diferenças importantes relativamente a um conjunto de aspetos formais e de conteúdo nas notícias que visam as mulheres negras.

QUADRO XI

Tema principal das peças analisadas

	Total (n=1304)		Jornal				p
	n	%	Público (n=1228; 94,2%)		Folha de São Paulo (n=76; 5,8%)		
Qual o conteúdo principal do texto							-
<i>Biografia de mulheres negras/personalidades históricas/Celebridades</i>	548	42,0%	529	43,1%	19	25,0%	
<i>Discriminação racial/ Racismo/questões étnico-raciais/minorias étnicas/xenofobia</i>	148	11,3%	104	8,5%	44	57,9%	
Discriminação de gênero/violência doméstica/ discussões a cerca de gênero	56	4,3%	52	4,2%	4	5,3%	
Condições Sociais/pobreza/miséria/fome	22	1,7%	20	1,6%	2	2,6%	
Exploração Sexual/abuso sexual/ prostituição/tráfico sexual	9	0,7%	9	0,7%	0	0,0%	
Estrangeiros/Imigrantes/Refugiados/Asilados/Clandestinidad/legalização	20	1,5%	20	1,6%	0	0,0%	
Violência urbana/crime/segurança/terrorismo/guerra/tráfico de drogas	39	3,0%	39	3,2%	0	0,0%	
Política/CPLP	116	8,9%	116	9,4%	0	0,0%	
Desporto	156	12,0%	155	12,6%	1	1,3%	
Música	68	5,2%	67	5,5%	1	1,3%	
Cultura (cinema, literatura, teatro, exposição, carnaval, festival)	31	2,4%	30	2,4%	1	1,3%	
Trabalho/desemprego/emprego	5	0,4%	4	0,3%	1	1,3%	
Protestos/greve/manifestações	14	1,1%	14	1,1%	0	0,0%	
Catástrofes naturais (furação, tufão, ciclone...)	19	1,5%	19	1,5%	0	0,0%	
AIDS-HIV	20	1,5%	19	1,5%	1	1,3%	
Saúde	8	0,6%	6	0,5%	2	2,6%	
Educação	5	0,4%	5	0,4%	0	0,0%	
Outros	20	1,5%	20	1,6%	0	0,0%	

- Dado termos muitas categorias não foi possível determinar a estatística do teste e respetivo valor de significância (p).

A temática mais frequente nos dois periódicos — *biografia de mulheres negras / personalidades históricas / celebridades* — representa um total de 42% do material analisado: 43,1% das peças selecionadas no *Público* e 25% na *Folha de São Paulo*. As mulheres negras mais referidas no material analisado são norte-americanas e destacam-se nestes meios de comunicação social quando são celebridades, principalmente cantoras afro-americanas, como é o caso de Beyoncé e Rihanna, que têm vindo a ganhar visibilidade neste início do século XXI, tanto na imprensa portuguesa como brasileira, devido à projeção internacional da música negra americana.

QUADRO XII

Tema secundário das peças analisadas

	Jornal							p
	Total (n=1304)		Público (n=1228; 94,2%)		Folha de São Paulo (n=76; 5,8%)			
	n	%	n	%	n	%		
Qual o conteúdo secundário do texto							-	
<i>Biografia de mulheres negras/personalidades históricas/Celebridades</i>	254	19,5%	250	20,4%	4	5,3%		
<i>Discriminação racial/ Racismo/questões étnico-raciais/minorias étnicas/xenofobia</i>	97	7,4%	77	6,3%	20	26,3%		
Discriminação de género/violência doméstica/ discussões a cerca de género	51	3,9%	45	3,7%	6	7,9%		
Condições Sociais/pobreza/miséria/fome	37	2,8%	36	2,9%	1	1,3%		
Exploração Sexual/abuso sexual/ prostituição/tráfico sexual	14	1,1%	13	1,1%	1	1,3%		
Estrangeiros/Imigrantes/Refugiados/Asilados/Clandestinidad/legalização	23	1,8%	23	1,9%	0	0,0%		
Violência urbana/crime/segurança/terrorismo/guerra/tráfico de drogas	52	4,0%	52	4,2%	0	0,0%		
Política/CPLP	119	9,1%	113	9,2%	6	7,9%		
Desporto	31	2,4%	30	2,4%	1	1,3%		
Música	221	16,9%	218	17,8%	3	3,9%		
Cultura (cinema, literatura, teatro, exposição, carnaval, festival)	55	4,2%	50	4,1%	5	6,6%		
<i>Trabalho/desemprego/emprego</i>	21	1,6%	11	0,9%	10	13,2%		
Protestos/greve/manifestações	15	1,2%	9	0,7%	6	7,9%		
Catástrofes naturais (furação, tufão,ciclone...)	6	0,5%	6	0,5%	0	0,0%		
AIDS-HIV	6	0,5%	3	0,2%	3	3,9%		
Saúde	34	2,6%	29	2,4%	5	6,6%		
Educação	11	0,8%	8	0,7%	3	3,9%		
<i>Outros</i>	257	19,7%	255	20,8%	2	2,6%		

- Dado termos muitas categorias não foi possível determinar a estatística do teste e respetivo valor de significância (p).

QUADRO XIII

Indicadores do conteúdo principal e secundário do jornal Público

	Qual o Conteúdo Principal		Qual o Conteúdo Secundário	
	n	%	n	%
<i>Biografia de mulheres negras/personalidades históricas/Celebridades</i>	529	43,1%	250	20,4%
Discriminação racial/ Racismo/questões étnico-raciais/minorias étnicas/xenofobia	104	8,5%	77	6,3%
Discriminação de gênero/violência doméstica/ discussões a cerca de gênero	52	4,2%	45	3,7%
Condições Sociais/pobreza/miséria fome	20	1,6%	36	2,9%
Exploração Sexual/abuso sexual/ prostituição/tráfico sexual	9	0,7%	13	1,1%
Estrangeiros/Imigrantes/Refugiados/Asilados/Clandestinidade/legalização	20	1,6%	23	1,9%
Violência urbana/crime/segurança/terrorismo/guerra/tráfico de drogas	39	3,2%	52	4,2%
Política/CPLP	116	9,4%	113	9,2%
Desporto	155	12,6%	30	2,4%
Música	67	5,5%	218	17,8%
Cultura (cinema, literatura, teatro, exposição, carnaval, festival)	30	2,4%	50	4,1%
Trabalho/desemprego/emprego	4	0,3%	11	0,9%
Protestos/greve/manifestações	14	1,1%	9	0,7%
Catástrofes naturais (furação, tufão,ciclone...)	19	1,5%	6	0,5%
AIDS-HIV	19	1,5%	3	0,2%
Saúde	6	0,5%	29	2,4%
Educação	5	0,4%	8	0,7%
Outros	20	1,6%	255	20,8%

QUADRO XIV

Indicadores do conteúdo principal e secundário do jornal Folha de São Paulo

	Qual o Conteúdo Principal		Qual o Conteúdo Secundário	
	n	%	n	%
<i>Biografia de mulheres negras/personalidades históricas/Celebridades</i>	19	25,0%	4	5,3%
<i>Discriminação racial/ Racismo/questões étnico-raciais/minorias étnicas/xenofobia</i>	44	57,9%	20	26,3%
Discriminação de gênero/violência doméstica/ discussões a cerca de gênero	4	5,3%	6	7,9%
Condições Sociais/pobreza/miséria/fome	2	2,6%	1	1,3%
Exploração Sexual/abuso sexual/ prostituição/tráfico sexual	0	0,0%	1	1,3%
Estrangeiros/Imigrantes/Refugiados/Asilados/Clandestinidade/legalização	0	0,0%	0	0,0%
Violência urbana/crime/segurança/terrorismo/guerra/tráfico de drogas	0	0,0%	0	0,0%
Política/CPLP	0	0,0%	6	7,9%
Desporto	1	1,3%	1	1,3%
Música	1	1,3%	3	3,9%
Cultura (cinema, literatura, teatro, exposição, carnaval, festival)	1	1,3%	5	6,6%
<i>Trabalho/desemprego/emprego</i>	1	1,3%	10	13,2%
Protestos/greve/manifestações	0	0,0%	6	7,9%
Catástrofes naturais (furação, tufão,ciclone...)	0	0,0%	0	0,0%
AIDS-HIV	1	1,3%	3	3,9%
Saúde	2	2,6%	5	6,6%
Educação	0	0,0%	3	3,9%
Outros	0	0,0%	2	2,6%

4.3 - Identidade feminina negra como exemplo de superação

Foram analisadas as peças jornalísticas cujo conteúdo é mais significativo e que estão em conformidade com o objetivo desta pesquisa. As mulheres negras que mais têm visibilidade são celebridades e podemos classificar as narrativas apresentadas sobre estas mulheres como exemplos de superação, pois, entre outros obstáculos, venceram a discriminação racial e a pobreza. Durante o período analisado, a ex-primeira-dama dos Estados Unidos da América, Michelle Obama, foi a celebridade que mais apareceu nas páginas dos jornais, com 75 peças jornalísticas, seguida da apresentadora Oprah Winfrey, com 62.

Nas peças analisadas, as estratégias textuais utilizadas para identificar Michelle Obama e Oprah Winfrey mostram de que forma estas celebridades são vistas e compreendidas. De acordo com Jorge (2012:15), as celebridades tornam-se um reflexo da política do estilo, que marca a cultura contemporânea — uma sociedade que valoriza a identidade em detrimento das instituições —, sendo as celebridades enquadradas como resposta à individualização e à estilização das sociedades atuais. A representação de Michelle Obama e de Oprah Winfrey estão em conformidade com as características das celebridades de hoje: são figuras globais, urbanas e que dialogam com o feminismo. As informações apresentadas para identificar estas mulheres conduzem o leitor na interpretação de quais as mulheres negras que são celebridades neste início do século XXI.

Nas narrativas sobre estas duas mulheres, é implicitamente passada a mensagem de que, com muito trabalho, qualquer mulher negra pode ser bem-sucedida. Jorge (2012: 26) considera que este processo de individualização transforma a identidade humana de um «dado» numa «tarefa», pelo que cada celebridade tem sempre algo de único e irrepetível, que lhe confere novidade e lhe garante um carácter noticiável, mas também algo de comum e semelhante, que propicia a identificação, ressoando nas audiências como o ponto de contacto, que lhes permite igualmente sonhar com a possibilidade e probabilidade do estrelato — aspetos explorados pelos meios de comunicação social, como, por exemplo, nas peças

sobre a Michelle Obama em que ela seria uma "menina qualquer da Carolina do Norte".

Na reportagem do *Público* de 16 de novembro de 2008, intitulada *Rainha Michelle*, pode ler-se no parágrafo vinte quatro: “Para fazer a biografia, por exemplo, a jornalista não conseguiu nova entrevista com Michelle, nem com outros membros da família. ‘Os discursos dela ficaram mais pequenos, menos retóricos e negativos’. Já não falava tanto dos obstáculos dela e de Barack. Contava a história de como se apaixonaram, gracinhas lá de casa, mas continuava a falar da menina da Carolina do Sul: ‘Porque ela sou eu. E eu não era suposto estar aqui.’ Ela própria como singularidade estatística, outro dos temas preferidos.”.

A expressão “contava a história” deixa implícito que, para ser aceite pelos eleitores, os discursos de Michelle Obama se tornaram uma ficção, uma ilusão, fugindo de temas "pesados" e polémicos e centrando-se em assuntos do universo feminino: a família e o lar. Por outro lado, "os discursos dela ficaram mais pequenos", o que indicia que só deveria dizer o necessário, mas "continuava a falar da menina da Carolina do Sul", reafirmando esta sua condição como algo positivo durante a campanha presidencial, tendo em conta a história da população afroamericana no país. Na verdade, para a população afrodescendente — escravizada durante duzentos e quarenta e quatro anos —, o facto de Michelle Obama afirmar o "lugar" de onde veio é enfatizar o sonho americano “the american way of life” (Steinbeck, 2004: 392).

Em 1863, após a abolição da escravatura por Abraham Lincoln, o processo de integração dos ex-escravos na sociedade norte-americana não só não teve lugar como, segundo Steinbeck, os sulistas implementaram as chamadas leis Jim Crow para que se perpetuasse o domínio sobre a população negra, impedindo a sua inserção social. Estas leis limitavam o acesso a transportes, escolas, restaurantes, cinemas, cadeias, bairros, profissões, direito de voto, etc. (Steinbeck, 2004: 406). Institucionalizada a segregação, “os Estados Unidos objetivaram (...) a desvalorização dos negros (West, 1994: 103), acentuando as diferenças sociais entre as etnias e, com o passar dos anos, afastando a possibilidade de igualdade racial. Porém, segundo Lukacs (2006: 94-95), após a Segunda Guerra Mundial, muitos dos obstáculos impostos aos negros foram caindo e os direitos civis da população negra foram alargados e assegurados.

Assim, de acordo com esta senda histórica, uma mulher negra não poderia chegar ao lugar de primeira-dama e a afirmação "eu não era suposto está aqui" indica que este seu lugar foi também uma conquista da população negra em geral. Isto é, o facto de Michelle Obama ser a primeira-dama negra dos Estados Unidos, contrariando todas as probabilidades de as mulheres negras ocuparem um lugar de destaque, cria uma identificação com elas, pois o excerto deixa implícito que outras mulheres negras poderiam estar na posição de Michelle Obama.

Aliada à noção de celebridade está, portanto, a de mobilidade ou ascensão social: como defende Jorge (2012: 29), parte da relevância da celebridade tem a ver com o ganho de poder simbólico, cultural e, conseqüentemente, económico, sendo o conceito abrangente para um conjunto de formas de mobilidade.

De acordo com Jorge (2012: 30), o conceito de celebridade, tomado como designação de uma pessoa e não de uma qualidade, pode caracterizar-se por comparação e distinção face a outros mais atuais e muitas vezes usados como sinónimos: estrela, vedeta, VIP (acrónimo da expressão importada do inglês *Very Important People*). No caso das mulheres negras que são celebridades, a questão racial está presente nas narrativas jornalísticas e, embora os assuntos noticiados pertençam à sua esfera privada e/ou pública, elas são referidas como negras pelos meios de comunicação social.

Veja-se como Oprah Winfrey é mencionada nos média: "a única multimilionária negra em três anos seguidos da lista da *Forbes*" (*Público*, 19/06/2005); "Oprah Winfrey: a mais famosa vedete negra da TV americana é uma exceção nos ecrãs" (*Público*, 09/01/2000); "uma mulher negra está entre as pessoas mais ricas do mundo" (*Folha de São Paulo*, 27/02/2005); "A apresentadora de televisão norte-americana Oprah Winfrey é a afro-americana mais bem paga" (*Público*, 07/02/2009). Os termos utilizados para caracterizar Oprah — "única", "uma exceção", "uma mulher" — enfatizam o facto inédito de uma mulher negra ter fama e dinheiro, pois, historicamente, este grupo social não é relacionado com sucesso, poder ou riqueza. Antes pelo contrário, as mulheres negras são, geralmente, associadas à pobreza e à baixa condição social.

Verifica-se que o pertencimento étnico-racial da apresentadora — uma vedete negra — é uma constante, logo a categoria racial altera "o lugar que a mulher negra habita no género." (Cardoso, 2003: 5), pois diferencia-a das outras mulheres. O facto de se referir constantemente a origem étnica destas celebridades remete para o sujeito histórico abordado nas peças: uma vez que a ideia de raça permanece no imaginário social, os textos jornalísticos confinam este grupo a um determinado lugar e papel na sociedade, ao apresentarem as mulheres como «negras». Na realidade, "o pensamento corrente trata-as como se as mulheres brancas tivessem apenas género e não etnia, e as mulheres negras apenas raça, mas não género" (Coutinho, 2010: 66). Compreendemos que esta identificação racial coloca as mulheres negras num patamar de inferioridade, pois a classificação racial é uma distribuição de lugares e papéis na estrutura do poder social (Quijano, 2005) e distinguir as mulheres com base na raça é hierarquizá-las social e racialmente. Como observa Brah, é importante compreender o que significa descrever uma mulher como «negra»:

É importante salientar que tanto negros como brancos experimentam seu género, classe e sexualidade através da "raça". A racialização da subjetividade branca não é muitas vezes manifestamente clara para os grupos brancos, porque "branco" é um significante de dominância, mas isso não torna o processo de racialização menos significativo. É necessário, portanto, analisar que nos constroem como, digamos, "mulher branca" ou "mulher negra", como "homem branco" ou "homem negro". Tal desconstrução é necessária se quisermos decifrar como e por que os significados dessas palavras mudam de simples descrições a categorias hierarquicamente organizadas em certas circunstâncias econômicas, políticas e culturais. (Brah, 2006:345-346)

Além da questão da classe social, as mulheres negras são relacionadas com a escravidão. A reportagem do *Público*, de 18 de outubro de 2009, intitulada *Michelle Obama toda a história da América corre no sangue dela* refere a partir do parágrafo catorze: "De Michelle Obama já sabíamos que tinha origens escravas. No seu discurso de campanha sobre a raça, Barack Obama disse ser 'casado com uma americana negra que tem nela sangue escravo e sangue de proprietários — uma herança que nós transmitimos às nossas queridas filhas'. Qualquer afro-americano que não seja, como o Presidente dos EUA, filho de um imigrante, sabe que as suas raízes se encontram

com grande probabilidade na escravatura. Entre eles, muitos imaginam ou confirmam que também têm sangue branco. Segundo disseram ao *Times* conselheiros e familiares, a primeira-dama cresceu com uma ideia vaga dos seus antepassados e, durante a campanha, a família soube apenas que o seu tetravô paterno foi escravo e libertado, na Carolina do Sul. O relato agora revelado ‘ilumina de que forma estamos todos profundamente ligados, o que muito pouco americanos brancos têm querido aceitar, e mostra que a escravatura não é algo remoto e distante, mas faz parte das histórias pessoais e íntimas das nossas famílias’, disse ao jornal britânico *The Guardian* Saidiya Hartman, professora de literatura afro-americana e escravatura. ‘A escravatura, ensinam-nos na escola, existiu e acabou depois da Guerra Civil. Por vezes, a sua extensão e o seu legado não são estudados em profundidade. Mas isso não é verdade apenas para os americanos brancos. Especialmente no passado, muitos negros também não queriam confrontar esse capítulo tão doloroso. E os americanos, todos, têm muito mais tendência de olhar para a frente, não para trás’, contrapõe Mary C. Curtis.”.

Segundo Van Dijk (2008: 136), a utilização discursiva de «nós» e os «outros» é uma forma implícita de preconceito — visível na escolha léxica «Entre eles», pois através do pronome «eles» a fonte distingue a fala atribuída ao grupo social visado: os afroamericanos.

A narrativa confere um valor simbólico a dois tipos de sangue, explicitados na peça jornalística: o “sangue branco”, ou seja, o “sangue de proprietários”; e o “sangue negro”, isto é, o “sangue escravo”. A peça revela a origem da ex-primeira-dama — descendente de escravos —, enfatizando o valor simbólico de ter “sangue negro”, uma herança negativa da sua história pessoal, pois, segundo o texto, os brancos têm dificuldade de aceitar quem tem “sangue escravo”. Tal como o “sangue negro” faz parte das histórias pessoais e íntimas das famílias norte-americanas também está presente na origem de muitas famílias portuguesas, que, segundo o relato das ativistas negras portuguesas, não conseguem aceitar esse facto (à semelhança das famílias brancas norte-americanas). Note-se, no entanto, que, no período analisado, o *Público* não apresentou nenhuma peça sobre o racismo e suas origens na sociedade portuguesa, o que pode indiciar o princípio de que, como refere Van Dijk (2008:186), o

racismo está sempre noutra lugar e sempre diz respeito aos outros - neste caso, o racismo na sociedade norte-americana e não o a portuguesa.

A estratégia utilizada para referir o facto de a ex-primeira-dama ter origem escrava indica que a escravidão é abordada como um tema que deveria ser esquecido; no entanto as consequências da escravidão estão presentes nos dias de hoje e a narrativa deixa claro que não é um assunto do passado.

Davis (2013) afirma que as mulheres negras carregam um legado de escravidão — resultado da sua condição histórica e racial —, que é plasmado nas narrativas jornalísticas. Lima (2008: 1) afirma que "há um bloqueio sistemático em pensar o negro sem o vínculo da escravidão" e que a imagem dos negros está acorrentada aos grilhões do passado. Assim, a inferiorização da população negra, perpetuada desde a escravidão até aos resquícios do colonialismo, tem contribuído para a deturpação da imagem da população negra nos média e esta narrativa está patente no material analisado.

Relacionar a mulher negra com a escravidão é uma narrativa constante neste início do século XXI, mostrando que a escravidão não pertence a um passado distante. Isso mesmo revela a reportagem do *Público* de 16 de novembro de 2008 — *Rainha Michelle* —, onde se pode ler no quinto parágrafo: “Ela sim, é o sonho americano clássico, a descendente de escravos que chega à Casa Branca.”. E, no nono parágrafo, continua: “A Chicago em que Michelle nasceu era uma cidade em que a estrutura do poder conspirava para manter os afro-americanos engarrafados’, escreve a biógrafa. Mantinha ‘os negros no seu lugar’.” — o que significa que há um lugar determinado para a população negra, um lugar de exclusão e inferioridade, mesmo que algumas mulheres negras consigam ascender a outros espaços, como refere a mesma reportagem no parágrafo dezassete: “Princeton foi um ponto de viragem na vida de Michelle. Ela não sabe se para melhor, por ter ficado mais longe da comunidade negra onde nasceu. ‘É possível que os meus quatro anos de exposição a uma universidade da Ivy League predominantemente branca tenham inculcado em mim alguns valores conservadores. Por exemplo, quando começou o meu último ano dei por mim a lutar por muitos dos objetivos dos meus colegas brancos — uma pós-graduação noutra universidade prestigiada ou um emprego muito bem pago numa empresa de sucesso.

Por isso, os meus objetivos depois de Princeton não são tão claros como antes. 'É uma frase tirada da sua já famosa tese de licenciatura, *Princeton - Educated Blacks and the Black Community*, que alguns críticos dizem defender o separatismo racial. A biógrafa considera isso 'injusto' e diz que a tese reflete apenas as dúvidas de uma jovem negra à procura da sua identidade e que Michelle pode ser descrita como uma 'integracionista radical'."

A expressão "ela não sabe se para melhor" sugere uma avaliação positiva: Michelle Obama não ficou próxima da comunidade negra, saiu do "seu lugar" e não permaneceu "engarrada" como a maioria da população negra. Apesar da utilização do termo "injusto" para classificar a conduta de Michelle Obama, que estava dividida entre a comunicada negra e branca, ela é vista, implicitamente, como uma "pessoa-problema" (Van Dijk, 2008: 137), que ela defende o separatismo racial. Segundo Van Dijk (2008: 159), uma estratégia dos discursos racistas é acusar os antirracistas de racistas (Dijk, 2008: 159), mas o contexto reforça a ambiguidade: afinal Michelle defende o separatismo racial ou é uma integracionista?

Além da primeira-dama norte-americana, neste início do século XXI, outras mulheres negras conquistaram lugares de prestígio nunca antes alcançados, o que acaba por ser notícia e revelar o atraso da sua ascensão a lugares de relevância social.

De facto, durante o período analisado, pela primeira vez na História, mulheres negras alcançaram posição de destaque, como a norte-americana Halle Berry, que ganhou o Óscar de melhor atriz (*Público*, 26/03/2002 — "*Uma Mente Brilhante*" vence na noite de Halle e Denzel). No jornal *Folha de São Paulo* (26/03/2002), o título da notícia era "*Óscar é negro*": Halle Berry destacou no seu discurso "que não chegou lá sozinha" e lembrou o legado da luta das mulheres negras para que ela conseguisse conquistar aquele prémio. A utilização do termo "negro" no título da notícia não indica que a estatueta recebida é preta, mas que foi ganha por pessoas negras, revelando a necessidade de distinguir e dar visibilidade a quem a recebeu.

Embora estas personalidades não se reconheçam como feministas, o discurso das mulheres negras com visibilidade nestes periódicos apresenta nuances identificáveis com o feminismo negro, por exemplo, o legado de uma história de luta — apontado por Collins (1995) como um dos seus aspetos caracterizadores

fundamentais. De facto, a narrativa construída sobre as histórias de vida destas mulheres é marcada por questões étnico-raciais ou por problemas que afetam a população negra, como o combate à pobreza, e as mulheres negras biografadas pelos jornais são aquelas que lutaram/lutam pela igualdade racial e que personificam essa luta. São vários os excertos jornalísticos, onde é possível perceber a questão étnico-racial como temática da construção narrativa sobre a vida de mulheres negras.

É o caso da reportagem do *Público*, de 26 de outubro de 2005, intitulada *Morreu Rosa Parks, a pioneira dos Direitos Cívicos na América*, que refere no quinto capítulo: “Há quem discuta que o seu ato não passou de uma inconsciência: Rosa era uma simples costureira, iletrada, que se arrastava para casa no final de mais um dia cansativo. Mas outros defendem que, como membro ativo da Associação Nacional para o Progresso da População Negra, o comportamento de Rosa Parks tinha uma profunda motivação política.”.

Mesmo neste texto de homenagem a Rosa Parks podemos encontrar um conteúdo contraditório, que põe em cheque a importância da luta de Rosa Parks pelos direitos civis: a expressão “uma simples costureira, iletrada, que se arrastava para casa” deixa no ar a dúvida de ela ter ou não sido uma ativista ou de tudo ter acontecido por mero acaso e, apesar de a frase seguinte a apresentar como uma mulher politicamente empenhada, a ambiguidade permanece. Como pode uma pessoa que se arrasta iniciar um movimento tão importante?

Outra reportagem do *Público*, de 24 de abril de 2004 — *Nina Simone cantando a liberdade* — apresenta o seguinte subtítulo: “Talvez haja diferenças de estilo entre o que canta e o que toca, talvez seja possível separar os temas de amor dos de intervenções pelos direitos humanos, sobretudo dos negros nos Estados Unidos.”.

O *Público*, de 11 de novembro de 2008, na reportagem *Miriam Makeba - Morreu a Mamã África*, refere também: “Uma proibição que acabou por fazer dela um ícone da luta dos negros. Mantive a minha cultura. Mantive a música das minhas origens. Através da minha música tornei-me a voz e a imagem da África, e das pessoas, sem realmente me aperceber disso’.”.

E a reportagem do *Público*, de 7 de janeiro de 2007, intitulada *Oprah quer formar os futuros líderes da África do Sul*, refere no quarto parágrafo: “Oprah escolheu a África do Sul — e não os Estados Unidos de onde é natural — pela estima e consideração por Nelson Mandela. E pelas suas próprias raízes africanas, explicou.”.

Nas narrativas analisadas, são diversas as vertentes em que a questão racial está presente, destacando-se o fator estético, que traduz o padrão de beleza vigente na sociedade. Na reportagem do *Público*, de 19 de abril de 2010, *O último segredo continua por revelar*, pode ler-se no parágrafo dezasseis: “Segundo Kitty Kelley, o namorado não terá conseguido lidar com a pressão (e desaprovação) social do seu relacionamento inter-racial. `Uma noite ele acordou, olhou para o corpo branco dele ao lado do corpo negro dela e não aguentou mais. Foi-se embora.’” Este excerto exemplifica claramente a ideia de que o corpo negro não é o padrão de beleza vigente e a falta de aprovação do referido relacionamento se deve ao fato de a mulher ser negra. De acordo com Sodré (1999), “a visibilidade — o plano das aparências — não é um requisito simples, pois suscita os problemas do reconhecimento social e do valor humano. Logo, é uma questão de natureza ética.”. O autor sublinha que “essa disputa pelo valor humano promove, decisivamente, a insubordinação dos corpos “imperfeitos”, “indesejáveis” (negros(as), obesos(as), gays, lésbicas, transexuais, transgéneros) frente aos signos visuais que teimam em estigmatizá-los, deformá-los, ignorá-los, excluí-los da paleta que representa cada um(a) e a todos(as)”.

Considerando que a feminilidade, enquanto propriedade corpórea, é um dos elementos-chave da identidade feminina, “O corpo é apresentado [nos média] como uma fonte de poder para a mulher [...] que requer uma constante monitorização, vigilância, disciplina e remodelação.” (Cerqueira, 2014:175). De facto, as narrativas (já referidas) sobre Oprah Winfrey e Michelle Obama — as mulheres negras mais citadas nas peças jornalísticas — debruçam-se sobre estes temas da esfera privada, como acontece no título de duas notícias do *Público*: *Guerra com a balança* (de 26/05/2009) e *Oprah chegou aos 91 quilos* (de 12/12/2008).

De acordo com Cerqueira, que estuda a representação das mulheres brancas nos média, as peças jornalísticas sobre celebridades brancas focam-se no corpo e na aparência feminina, valorizando os aspetos estéticos associados à mulher (Cerqueira,

2014:175); no entanto, quando a análise inclui o escopo racial, o corpo já não é visto como desejável.

Símbolo fundador da tipificação da mulher negra, o corpo de Saartjie, a Vénus Hotentote¹²⁵, tornou-se “ícone da diferença sexual, ela era a alteridade personificada” (Borges 2012:194). A partir da imagem de Saartjie, cria-se uma tradição e institui-se uma memória: “é nessa fronteira de sentidos que se forma desde o início um dos dizeres comuns do imaginário de construção do que é ser mulher negra.” (Borges e Borges, 2012:194) — dizeres esses que são reatualizados nos média contemporâneos, como é o caso da notícia do *Público* de 30 abril de 2002 — *Vénus Hotentote volta à África do Sul* —, que relata a história de Saartjie.

Segundo Cerqueira (2014: 175), a representação da mulher também é focada na aparência. No caso da mulher negra, o corpo não é considerado belo, no entanto a sua beleza é abordada na reportagem da *Folha de São Paulo*, de 12 de setembro de 2004, “*Guerreira*” *Negra Li fura barreira do hip hop*, em cujo lead se lê: “Um dia, já faz alguns anos, Liliane de Carvalho colocou sua melhor roupa e foi procurar emprego. Pensava ter saído bem na entrevista, até que ouviu a entrevistadora comentando entre dentes com outra pessoa: ‘Ah, mas tem que ser bonita’. ‘Feia eu não sou, pelo amor de Deus. Quem é preconceituoso não enxerga a beleza do negro’, avalia hoje, quando não é mais Liliane de Carvalho, mas sim, Negra Li. Negra Li é alta, magra, negra e bonita.”.

No contexto da peça, a adversativa “mas sim” serve para estruturar o enunciado. As mulheres negras podem ser bonitas, assim como mulheres brancas, mas o padrão de beleza vigente na sociedade está aqui explícito. De facto, os média são responsáveis por “defender claramente o padrão de beleza branco” (Silva, 2010:12), mesmo quando pretendem «elogiar» uma mulher negra como é o caso desta narrativa, que defende que a mulher negra em questão é negra e bonita. No entanto, os média são responsáveis por “defender claramente o padrão de beleza branco”

¹²⁵ Sarah “Saartjie” Baartman (1789-1815), conhecida como “Vénus Hotentote” foi, durante anos, exibida em feiras europeias de “fenómenos humanos bizarros” e transformada numa atração circense de Londres e de Paris, onde multidões observavam as suas nádegas. Hoje, é considerada por muitos como símbolo da exploração e do racismo colonial do século XIX, bem como da ridicularização das pessoas negras, muitas vezes representadas como objetos.

(Silva, 2011:12), mesmo quando se pretende «elogiar» uma mulher negra, como aponta Munanga:

Quando se fala da beleza feminina, diz-se “uma mulher linda” para se referir a uma mulher branca; quando se trata de mulher negra, diz-se uma “mulher negra linda” — como que para insinuar que a beleza negra é uma exceção que precisa adjetivar, enquanto a beleza branca é uma regra geral que dispensa a adjetivação. (Munanga, 2015:13)

A adoção de um padrão branco — a *branquitude normativa*¹²⁶ — é norma dos meios de comunicação social, que utilizam quase exclusivamente o modelo branco, quando mostram uma família, um jovem ou uma criança (Chaves, 2008:18) e, de acordo com Coutinho (2010:73), a ausência de exemplos de beleza negra nos média tem reflexos fortes no comportamento, identidade e autoestima de muitas mulheres negras: “para muitas mulheres negras, várias partes do próprio corpo representam uma jaula de prisão em que a imagem na sociedade as constrange.” Segundo Carneiro (2002), um dos impactos deste estereótipo é a desvalorização matrimonial das mulheres negras: uma vez que o padrão de beleza e honra é a *branquitude*, as negras transformaram-se em “antimusas”, sendo rejeitadas pelos homens brancos e por parte dos homens negros, especialmente aqueles considerados bem-sucedidos socialmente.

Apesar da norma da *branquitude*, alguns elementos da apresentação de Michelle Obama fogem ao modelo de representatividade das mulheres negras e ela é descrita como um símbolo da moda. A reportagem do *Público*, de 5 de abril de 2009, intitulada *A Obamania, versão Michelle, chegou à Europa*, refere nos quarto e quinto parágrafos: “a enérgica autoconfiança de Michelle, o seu *glamour* e amplo charme em termos demográficos parecem vibrantemente século XXI.” e “sem perceber que ela representa outra geração (pós-racial e pós-guerras culturais, como o marido) e tem um estilo próprio. Michelle foi aclamada como a primeira mulher de um Presidente americano em quatro décadas a tornar-se um ícone de moda.”. Além de se referir a Michelle em termos apreciativos — charmosa, glamourosa e autoconfiante —, o entre

¹²⁶ Cardoso (2011) propõe o conceito de *branquitude*: “um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial, discriminação racial ‘injusta’ e o do racismo.”.

aspas “pós-racial e pós-guerras culturais, como o marido” marca a sua alteridade e sublinha a particularidade do momento histórico que Michelle vive.

Também a reportagem *Michelle já chega à Casa Branca como ícone e sob escrutínio*, publicada na *Folha de São Paulo* em 21 de janeiro de 2009, aponta Michelle Obama como uma referência neste início do século XXI, mencionando no subtítulo: “Forte, geniosa, independente e estilosa, a primeira-dama se torna modelo e alvo de cobrança para mulheres negras e pós-feministas.”. E, no último parágrafo: “os Obama têm a missão de estabelecer o ‘power look’ do século XXI.”.

Apesar de apresentar uma mulher negra como referência de moda, a representação da ex-primeira-dama explicita alguns estereótipos associados às mulheres negras, como é o caso da referência ao cabelo — um dos maiores ícones identitário das mulheres negras.

Na verdade, o nono parágrafo da referida reportagem — *Michelle já chega à Casa Branca como ícone e sob escrutínio* — explicita: “o cabelo trançado das filhas do Obama se tornou uma fascinação popular. ‘O cabelo sempre foi um tema difícil para as afroamericanas’, diz Paul Taylor, filósofo da Universidade Temple. Será que Michelle vai deixá-las usar as trancinhas na Casa Branca? ‘Será interessante ver como lidarão com isso.’”.

A partir da pergunta apresentada no texto, podem levantar-se outras questões, por exemplo: a Casa Branca é um lugar apropriado para utilizar este tipo de penteado?; se elas sempre usaram este penteado por que motivo não continuarão a usá-lo agora?. Podemos também reinterpretar a última frase do excerto — “Será interessante ver como lidarão com isso” — como: será interessante ver como lidarão com este *problema*, já que o texto menciona o facto de as mulheres afro-americanas terem dificuldades em lidar com seus cabelos. Além disso, o termo “interessante” pode ser lido como ‘curioso’: parece que existe alguma coisa de diferente no cabelo e que, portanto, haverá algo de exótico na Casa Branca.

A notícia do *Público* (de 27 de abril de 2009) — *Oprah antes dos cabelos alisados* — refere: “A segunda revelação aconteceu quando mostrou uma foto antiga de si própria, antes dos cabelos desfrisados e com algumas olheiras, revelando que não

tem vergonha, digamos assim, do seu passado.”. Sugere-se, assim, de forma implícita, que a apresentadora não devia exibir o seu cabelo em público e que ele devia ser motivo de vergonha para ela.

Estas excertos acerca do cabelo das mulheres negras reforçam, portanto, o preconceito de que o cabelo crespo natural é ruim, feio e anormal, o que vai ao encontro de Hooks: “as respostas aos estilos de penteado naturais usados por mulheres negras revelam comumente como o nosso cabelo é percebido na cultura branca: não só como feio, como também atemorizante.” (Hooks, 2014:5).

Para a mulher negra, vítima de uma forte desvalorização estética (Carneiro, 1995; Gomes, 2012), o penteado do cabelo revela-se como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra (Gomes, 2012:7). Depois da cor da pele, o cabelo da população negra é, simultaneamente, um símbolo estético e um estigma, pois o cabelo crespo é desvalorizado e visto como um sinal complementar da negritude dos corpos. O cabelo torna-se, assim, um elemento importante para compreender a representação identitária deste grupo social. A *Folha de São Paulo*, de 7 de setembro de 2009, apresenta uma reprodução de uma notícia do *The New York Times*, intitulada *Alisado, raspado ou tingido?* e, no segundo parágrafo, pode ler-se: “Para as mulheres negras, a decisão de alisar — ou ‘relaxar’ — os cabelos continua sendo delicada e problemática em relação a sua identidade cultural. Como relatou Catherine Saint Louis, no ‘New York Times’, as raízes muito enroladas são consideradas menos aceitáveis por alguns parentes, assim como pela sociedade branca. Outras adotam o estilo afro como símbolo visual de orgulho e dignidade racial. ‘Para as mulheres negras, você é maldita se o fizer e maldita se não fizer, disse Ingrid Banks, professora-adjunta de estudos dos negros na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. ‘Se você não alisa, é considerada contrária às práticas adequadas de boa aparência’, disse.”. Este excerto explicita o significado do penteado para mulher negra, sendo o seu cabelo considerado não isoladamente, mas no contexto das relações raciais socialmente construídas — segundo Gomes, o pano de fundo onde ocorrem as representações negativas sobre o negro, assim como as suas estratégias de reversão. O entendimento desse contexto revela uma complexidade: o cabelo crespo e o corpo

negro só adquirem significado quando pensados no cerne do sistema de classificação racial (Gomes, 2012:1).

Além da estigmatização do cabelo e do corpo, são atribuídas às mulheres negras outras características que não correspondem à feminilidade branca, descritas com recurso a diversos estereótipos. Alguns autores defendem que as mulheres continuam a estar associadas à esfera privada (Cerqueira, 2008:142), mas Davis (2013) afirma que o trabalho sempre fez parte da vida das mulheres negras: "diferente do estereótipo feminino das mulheres brancas: femininas, do lar, donas de casa, mães, (...) representações do espaço privado, as mulheres negras nunca foram do lar." (Davis, 2013).

A feminilidade construída em torno da mulher negra não corresponde à da mulher branca e a diferença de estereótipos associados a ambas também está presente na narrativa jornalística, como é o caso da agressividade atribuída à mulher negra. Por exemplo, no terceiro parágrafo da já referida reportagem paulista, *Michelle já chega à Casa Branca como ícone e sob escrutínio*, lê-se: "Mas além dos colares de pérolas e casacos bem cortados, há pouco que as una. Jackie, a delicada primeira-dama de fala mansa e aura aristocrática, chegou à Casa Branca aos 31 anos e se dedicou às artes e às grandes recepções; Michelle, 45, advogada bem-sucedida, já foi criticada pela agressividade e indicou que pretende deixar os detalhes como aprovação da louça e da comida para assessores.". É aqui clara a diferença de estereótipos que recaem sobre as mulheres brancas e negras: a mulher branca é descrita como delicada, "rainha do lar" e feminina; já a mulher negra é vista como agressiva, independente e despreocupada das tarefas do lar.

No quinto parágrafo da mesma reportagem, lê-se ainda: "De certa forma, não há espelho adequado para quem rompeu uma barreira maior do que todas as anteriores: a da raça. 'Ela precisará lidar com o estereótipo da mulher negra muito mandona, forte e dominadora', diz a cientista política da Universidade Emory Andra Gillespie, também afro-americana. 'Se for muito atrevida, as pessoas vão dizer que está sendo muito negra ou muito gueto'. 'Há um fardo extra?', perguntou Valerie Jarret, conselheira sénior e amiga de Obama. 'Sim, há. Mas 'Mas Michelle é pragmática, sabia o que enfrentaria ao começar a jornada'". Além de Michelle Obama

suportar o "fardo" da cor da pele — o seu pertencimento étnico-racial —, este excerto explicita o estereótipo da mulher negra agressiva, algo que ela teria de reprimir para não mostrar a sua natureza.

Segundo Cunha (1994), a agressividade corresponde a uma imagem negativa dos negros, dos "selvagens", associada à inabilidade e à ignorância, à perigosidade da ação guerreira e das práticas de feitiçaria, à voracidade e ao canibalismo. Em contrapartida, ao negro "assimilado" é associado "um conjunto de traços positivos que, em grau de importância decrescente, podemos agrupar da seguinte forma: prestabilidade, submissão, heroicidade, esperteza/inteligência e habilidade. De salientar que a inteligência/esperteza só se expressa de forma clara, ainda que restrita, pela participação no universo do Homem Branco. Assim, a construção de uma imagem positiva do negro é um mero reflexo da interiorização de um modo de ser que é definido num universo simbólico comum, mas de recursos polarizados para os diferentes atores" (Cabecinhas, 2002:89).

Assim, representadas de forma estigmatizada e naturalizada nos meios de comunicação social, as mulheres negras criam um discurso de afirmação da sua identidade étnica ou de aceitação dos estereótipos reproduzidos pelos média. Silva (2011:12) refere que os média são a linguagem da contemporaneidade, que, por não assumir o racismo social, acaba por contribuir para a formação da identidade das mulheres negras, seja influenciando-as a perceber a identidade negra numa perspetiva negativa, seja injetando-lhes a constante necessidade de autoafirmação.

No dia 19 de abril de 2010, Oprah Winfrey aparece na capa do jornal *Público* e, no seu interior, uma reportagem de três páginas sobre a vida da apresentadora, intitulada *Que segredos da vida de Oprah há ainda para contar?*, onde no parágrafo vinte um se lê a seguinte declaração de afirmação étnica: "Nunca pensei que não podia fazer algo por ser negra ou por ser mulher. Não importa se fui ou não vitimizada, sou eu a responsável pela minha vida."

A construção de um discurso de autoafirmação das mulheres negras está igualmente patente na edição do *Público*, de 11 de maio de 2010, que apresenta a cantora de jazz Lena Horne numa foto de capa e, no interior do jornal, uma reportagem sobre a sua morte: *Um símbolo da luta pela igualdade*. No texto, pode

ler-se: "A minha identidade é agora clara para mim. Sou uma mulher negra. Sou livre. Não tenho mais de ser uma imitação de ninguém. Sou apenas eu e diferente de todos os outros.". Como se pode perceber por este excerto, o imaginário criado acaba por se refletir na formação da identidade destas mulheres.

Uma vez que as pessoas negras não são consideradas inteligentes nem capazes, este estereótipo perpassa também na imprensa: no parágrafo dezanove da já referida reportagem *Rainha Michelle (Público*, de 16 de novembro de 2008), lê-se: "Quando Michelle chega à Harvard Law School em 1985, com 21 anos, já tinha respondido à questão que tanto a inquietava. 'Podia ser brilhante e negra ao mesmo tempo', conta Charles Ogletree, um dos professores na universidade."

De fato, bell Hooks mostra que as mulheres negras não acreditam nas suas capacidades intelectuais:

Em *O Dilema do Intelectual Negro*, Cornel West aborda os conflitos que surgem quando intelectuais negros enfrentam um modelo burguês de atividade intelectual, que nos coloca na defensiva. Há sempre a necessidade de demonstrar e defender a humanidade dos negros, incluindo sua habilidade e capacidade de raciocinar logicamente, pensar coletivamente e escrever lucidamente. O peso desse fardo inescapável para alunos negros no meio acadêmico branco muitas vezes tem determinado o conteúdo e caráter da atividade intelectual negra. Esses conflitos parecem particularmente agudos para as negras que também têm de lutar contra aqueles estereótipos racistas/sexistas que o tempo todo levam outros (e até nós mesmas) a questionar se somos ou não competentes, se somos capazes de excelência intelectual. (Hooks, 1995:472)

Deste modo, as mulheres negras criam um discurso de aceitação da estigmatização sofrida, que acaba por se refletir num olhar negativo sobre si mesmas, pois, afinal, a "identidade é algo implícito em qualquer representação que fazem de nós mesmos." (Sodré, 1999).

Isso mesmo revela a reportagem da *Folha de São Paulo*, de 7 de maio de 2002, intitulada *Herdeiras de Clementina?*: "Aqui ainda há poucas cantoras negras no mercado por quê? Quem está no grande mercado? Para o tanto de mulheres negras que o Brasil tem, acho pouco". Mesmo trabalhando com o produtor black inglês Will Mowat e regravando a muito militante 'Ilê Ayê', Daúde procura estancar a

centralidade da questão: 'O panfletário não é a minha cara, é um discurso que não me cabe. Quando me tratam como 'mulher, negra, nordestina', me parece que estão falando de três defeitos. Minha posição é de positividade, apologia, reconhecimento'. Mas acaba mergulhando na discussão: 'Por que o músico negro costuma ser bom percussionista? Porque percussão é instrumento barato. É duro, o negro apanhou, continua nas cozinhas'."

Segundo Sodré (1999) e como se pode perceber a partir destes excertos, existe uma autodiscriminação das mulheres negras, devida à interiorização de imagens negativas sobre si mesmas, pois trata-se de processos inconscientes de autodesvalorização. Este autor define uma escala de níveis — real, representacional e ideológico — na qual as relações de dominação vão sendo criadas e reforçadas. Sodré acredita que a autodiscriminação assume dimensões maiores porque implica "processos inconscientes de autodesvalorização, difíceis, portanto, de serem submetidos ao escrutínio político ou racional" (Sodré, 1999), podendo os meios de comunicação social — enquanto instrumentos ao serviço do poder — contribuir para este processo simbólico de autodiscriminação.

Na senda das narrativas construídas sobre as cantoras negras como exemplos de superação, o *Público* apresenta uma especificidade: as mulheres de origem africana raramente são apresentadas como portuguesas, mesmo que tenham nascido no país, que tenham imigrado quando crianças ou que sejam descendentes de portugueses. São, entre outras denominações, geralmente descritas como luso-africanas, imigrantes de segunda geração ou afro-lisboetas e, não sendo as mulheres negras reconhecidas como portuguesas, quando se assumem como tal, sentem necessidade de justificar a sua origem.

São vários os excertos do jornal *Público* que ilustram o facto. Vejamos alguns, a título de exemplo:

Lura o que lhe vai na alma (26 de setembro de 2006): "A sua geração é a primeira de luso-africanos a nascer no Portugal pós-Revolução. Em casa, como forma de combate ao insucesso escolar e à desintegração social, o crioulo foi proibido e surge apenas através de colegas de escola. Para ela, até aos 21 anos, Cabo Verde foi um território-mito, uma imagem mental construída a partir de fotografias e pedaços de

memórias da família. É ela que conta: 'A minha mãe nunca teve oportunidade de nos trazer porque as viagens eram muito caras', a cantora declara na reportagem que nunca viveu em Cabo Verde, no entanto, apesar de nascer e viver em Portugal assume a identidade africana nesta declaração: "Sem reservas: 'Ao sair da adolescência houve em mim uma tomada de consciência da minha africanidade. Sou africana, sou negra, tenho uma origem, que é Cabo Verde.'".

Alice no país das mornas (17 de outubro de 2008): "Maria Alice vive há duas décadas em Portugal [...]. Nascida a 23 de outubro de 1961 em Cabo Verde, na Ilha do Sal, Maria Alice foi para Lisboa aos 19 anos e foi ficando, até hoje."

Doçura com garras de fora (21 de março de 2008): "A menina, nos seus escassos anos de vida, já tem contradições e história. Nasceu em Moçambique [...], mas não vai lá 'desde os dois anos'. Veio para Portugal com a mãe, o pai, irmão e a irmã mais nova."

Uma leoa indomável (15 de outubro de 2006): "Nascida em São Tomé e Príncipe, a história de Naide Gomes é semelhante à de muitos dos imigrantes das antigas colónias portuguesas. A mãe da atleta veio para Portugal, por motivos de saúde, deixando a pequena Naide de quatro anos e a irmã, de cinco, aos cuidados da avó. A atleta lembra-se bem como foi difícil a separação: 'Foi dolorosa, como é óbvio, mas acho que lidei bem com isso porque quando tinha 11 anos a minha mãe conseguiu arranjar meios para que eu e a minha irmã viéssemos para Portugal [...] 'É aqui [em Portugal] que tenho a minha vida. Considero este também o meu país apesar de ter nascido em São Tomé, não posso negar isso'."

Além das cantoras e da atleta Naide Gomes, há poucas referências a outras mulheres negras portuguesas. As portuguesas de origem africana são "as outras portuguesas", distinguidas pela cor da pele e este tipo de representação na imprensa contribui para a construção, no espaço público, da ideia de que as mulheres, apesar dos grandes avanços e conquistas sociais, ainda são o «segundo sexo» (Beauvoir, 1975) ou, segundo Kilomba (2008), as mulheres negras são o «outro do outro».

4.4 - Identidade feminina negra representada como pobre coitada

Além da construção identitária apresentada como exemplo de superação, outra forma de representação das mulheres negras nos jornais analisados é como «**pobre coitada**». A narrativa gira em torno da figura excluída socialmente: segundo Maria João Silveirinha (2004), é a "narrativa do coitadinho", neste caso, das «coitadinhas» — as que perderam a casa, as que têm os piores empregos, as que são dependentes do Estado, das instituições e de outras pessoas para sobreviver e que estão sujeitas a todo o tipo de violência e são vítimas da discriminação e da pobreza.

É o caso da reportagem do *Público*, de 26 de fevereiro de 2006 — *Das barracas para o nada* —, em cujo subtítulo se lê: "Não estão nem em lista de espera para serem realojados, nem poderão ficar nos abrigos precários onde residem. São os 'sem-direito', os que estão a ser despejados pelo Estado na área metropolitana de Lisboa." A narrativa apresenta a origem de algumas personagens — "E, para a população de origem africana, esmagadora entre os 'sem-direito', os 'seus' sempre estiveram sobretudo nos bairros da AML." —, no entanto, todos os «sem-direitos» apresentados são pessoas negras, na sua maioria mulheres.

Esta categoria de mulheres reúne cidadãs comuns, com protagonismo nas peças, todas apresentam narrativas que se enquadram em estereótipos comuns na representação da população negra - o mundo da exclusão: "São representadas por meio de estereótipos baseados no género e na raça, constatando-se a contínua projeção de imagens negativas e degradantes das mulheres negras." (Barbosa e Silva, 2010:148). Raramente uma cidadã comum tem visibilidade nestes periódicos e, quando não se trata de celebridade, as mulheres negras aparecem em narrativas sobre questões raciais, pobreza, doença, violência e catástrofes, havendo, nesta representação poucos elementos relativos à sua identidade étnica.

Em notícias cujo tema é a venda de pessoas, não está explícito quem são as pessoas vendidas, não havendo referência ao género nem à raça desses sujeitos. Vejamos a reportagem do *Público*, de 12 de janeiro de 2003, *O mundo continua a comprar pessoas*: "Em 1850, nos EUA, um escravo poderia custar o equivalente a 50

mil euros; agora, é possível ter um por menos de 100 euros, em países como o Gana ou o Brasil.”.

Salvo as celebridades e as figuras públicas, em Portugal, as narrativas sobre cidadãs comuns negras - que nunca são portuguesas - incidem, primeiramente, sobre as temáticas da discriminação racial/racismo, das questões étnico-raciais, das minorias étnicas e da xenofobia (8,5%) e, secundariamente, sobre violência urbana, crime, segurança, terrorismo, guerra e tráfico de drogas (4,2%).

As mulheres negras ganham visibilidade quando o tema é a mutilação genital feminina. A reportagem do *Público*, de 18 de maio de 2003, *Portugal nega asilo a queniana que fugiu à mutilação genital feminina*, apresenta no subtítulo: “Susan chegou a Portugal em junho de 2002. Dois meses depois, a queniana pedia asilo, alegando ter fugido à mutilação genital feminina. O Serviço de Estrangeiro e Fronteiras, primeiro, e o Comissariado Nacional para os Refugiados, depois, rejeitaram o pedido. Susan continua em Lisboa, ilegal, sem dinheiro e sem trabalho, à espera do resultado do recurso interposto em tribunal.”. E, no décimo segundo parágrafo, consta a seguinte citação da personagem: “Será porque a minha pele é negra? Não terei eu direito a conviver com gente branca? Será porque não falo português?”.

Além disso, a cidadã comum negra raramente tem voz: as mulheres não são fonte de informação, mesmo que sejam as protagonistas das peças. Como averiguou Borges (2008: 253), nesta pesquisa constatou-se que, em Portugal, a população negra raramente tem a palavra e, geralmente, os jornalistas recorrem a dados estatísticos ou elegem outras fontes: associações de imigrantes, SOS Racismo e ACM. Uma vez que as fontes de informação conferem visibilidade máxima aos sujeitos enunciadores, podemos considerar que estas mulheres, mesmo que protagonistas das peças, não tem visibilidade nestes jornais — “fala-se do outro sem o nomear, sem o descrever, numa total ausência de objeto” (Cunha, 1998:80) — e, assim, questões referentes à identidade étnica são pouco abordadas.

Foi em 2008, ano em que Barack Obama conquistou a presidência dos Estados Unidos, que o *Público* apresentou um maior número de peças jornalísticas sobre cidadãs comuns negras. Por exemplo, no subtítulo da reportagem *Onde está o poder negro em Portugal?*, de 14 de junho de 2008, consta: “A comunidade africana

portuguesa quase não tem representantes políticos e tem poucas figuras conhecidas nos média. Um presidente da República negro é algo que nem se vislumbra no horizonte. Os africanos, que são poucos e chegaram há pouco tempo, não estão devidamente organizados, não se assumem como comunidade. Optam pela integração individual, mas isso tem um preço: não há modelos de identificação. Faltam histórias de sucesso, visíveis.". A peça jornalística analisa a influência de Barack Obama na política portuguesa e a narrativa apresenta a ideia de que a representatividade da comunidade negra não é significativa devido a fatores intrínsecos à própria comunidade portuguesa como a «consciência étnica» e a «identidade».

Durante o período analisado, além da chegada à presidência de Barack Obama, outros acontecimentos deram mais visibilidade às cidadãs comuns negras, como é o caso do Campeonato Mundial de Futebol, na África do Sul, e o terramoto no Haiti. A propósito do Campeonato Mundial de Futebol, aparecem mulheres negras em reportagens do *Público* focadas no *apartheid*, como é o caso de *Hotel Yeoville: África em casa* (*Público*, 05/06/2010). Já as peças jornalísticas sobre o terramoto do Haiti apresentam histórias de mulheres que perderam a família e a casa.

No entanto, no *Público*, as mulheres negras aparecem geralmente em peças sobre temas considerados «étnicos», em matérias sobre negritude. Um exemplo disso é a reportagem de 23 de junho de 2002, *Ser negro em Portugal a batalha da afirmação*, que apresenta um dos estereótipos que recaem sobre a população negra — não ser inteligente — e narra no último parágrafo: "Pelo facto de ter a cor que tenho, eu não tinha que provar que sabia a matéria. Primeiro, tinha que provar que não era burra e só depois os professores iam ver o que eu sabia."

Na *Folha de São Paulo*, as mulheres negras aparecem em peças cujo conteúdo principal incide nas temáticas da *discriminação racial/racismo/ questões étnico-raciais/minorias étnicas e xenofobia* (57,9%) e, secundariamente, no *trabalho/desemprego/emprego* (13,2%). Os indicadores sociais do IPEA revelam que as mulheres negras brasileiras são as mais vulneráveis socioeconomicamente, sendo representadas principalmente pela pobreza.

A *Folha de São Paulo*, de 17 de janeiro de 2000, publica um artigo de opinião - Carro grande e senzala -, onde se critica um anúncio publicitário (a um automóvel),

que ridiculariza pessoas negras e em cujo último parágrafo se pode ler: “O Brasil jamais foi uma república de fato, ex-escravos continuaram pobres, pobres não têm direitos e são demais.”. Não se pretende afirmar que as mulheres negras pobres não devem ser representadas nos meios de comunicação social, até porque, segundo dados do IPEA, 64% dos pobres e 69% dos indigentes do Brasil são negros, e essa realidade não pode ser omitida. A grande questão é a escassa visibilidade de contrapontos a este tipo de representação. Vaz e Mendonça (2002:9) avaliam que a representação do negro na população brasileira é realizada pelos «outros» e não pelos próprios negros, pois "os meios de comunicação, na medida em que atuam no processo de representação das identidades, têm oferecido aos negros brasileiros a oportunidade contraditória de serem outros — e não eles mesmos."

O negro aparece na mídia em dois pontos extremos: em um, como mercadoria, força de trabalho, animal domesticado, infrator; e, em outro, como escravo exemplar, obediente, fiel e alforriado (Freyre, 1979; p. 37).

Hoje, mais de meio século depois, o cenário é o do Brasil independente e democrático, onde acreditamos regerem os princípios de cidadania, direitos humanos e, acima de tudo, onde a responsabilidade social e ética do jornalista parece estar mais claramente definida; o negro permanece sendo notícia, salvo raríssimas exceções, nos mesmos espaços que sempre lhe foi reservado. (Borges e Borges, 2012:68).

A atual situação da mulher negra tem raízes históricas e a ideologia vigente ainda determina que o seu lugar é o do trabalho doméstico. Segundo Davis, a definição tautológica das pessoas negras como criadas é, de facto, uma das proposições essenciais da ideologia racista: "W.E.B. DuBois argumentou que enquanto o serviço doméstico fosse regra para o povo negro, a emancipação permaneceria sempre uma construção abstrata." (Davis, 2013:15).

A condição socioeconómica da mulher negra também está presente na sua representação. A *Folha de São Paulo*, de 14 de janeiro de 2001, noticia, no sétimo parágrafo da peça *Escolaridade determina a discriminação*: “O grupo que mais sofre os efeitos da discriminação no mercado é o de mulheres negras.”; e, no último parágrafo: “Existe uma visão do que seja o lugar do negro, que é de exercer um trabalho manual. Se ele ficar no lugar a ele alocado, sofrerá pouca discriminação. Mas, se tentar um

lugar ao sol, sentirá o peso das três etapas da discriminação (formação, salário e colocação no mercado).”. O mesmo periódico apresenta, a 8 de março de 2002, uma reportagem sobre o mercado de trabalho — *Mais crianças vivem com mulheres pobres* —, que relata a história de uma mulher negra e da sua dupla jornada de trabalho, como empregada doméstica e lavadeira; e, a 19 de novembro de 2003, a notícia *Mulher negra tem pior situação no mercado de trabalho*, onde se constata que a maioria das mulheres negras inseridas no mercado de trabalho encontram-se no setor dos serviços e do emprego doméstico e apresentam os salários mais baixos.

A discussão das desigualdades que atingem as mulheres negras no Brasil comumente aponta para a presença de uma tríplice discriminação: o fato de ser mulher, o ser negra e a pobreza. Se, por um lado, esse esquema de análise torna mais fácil a compreensão de três poderosos fatores determinantes da violência estrutural que nos atinge, por outro requer a compreensão de que a mulher negra, enquanto ser indivisível, vivencia simultaneamente graus extremos de violência decorrente do sexismo, do racismo e dos preconceitos de classe social, em um bloco monolítico e tantas vezes pesado demais. (Werneck. 2001:1)

Apesar de este ser o cenário brasileiro, a realidade das mulheres negras portuguesas é semelhante, como no caso apresentado na reportagem do *Público*, de 19 de junho de 2005, *Azinhaga dos Besouros, na Amadora, suspensa de novas demolições*, em que as mulheres entrevistadas trabalhavam no serviço de limpeza, em jornadas de trabalho duplas. Os dados revelam que os piores indicadores, no Brasil ou em Portugal, são referentes à situação das mulheres negras, como indiciam os títulos das notícias: *A quádrupla discriminação da mulher negra imigrante* (*Público*, 17/03/2002) e *Mulher negra tem pior situação no mercado de trabalho* (*Folha de São Paulo*, 19/11/2003).

Segundo Davis, o enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspeto da existência feminina. Parece, assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras sob a escravatura começa com a apreciação do papel de trabalhadoras (Davis, 2013:10).

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (Carneiro 2001:1)

De acordo com Pereira, a abolição da escravatura não modificou as estruturas hierárquicas impostas pela lógica escravagista e, na prática, o pós-abolição não trouxe mudanças significativas na vida social das mulheres negras, que deixaram de ser escravas domésticas e passaram a ser empregadas domésticas. Segundo a autora, o fim da escravidão trouxe novos «arranjos» para que essas mulheres continuassem a exercer as mesmas atividades. Pereira afirma que, no pós-abolição, o serviço doméstico assume características muito próximas da estrutura escravagista vigente no período anterior: "Com o fim da escravidão, o mundo do trabalho passa a ter outras configurações do ponto de vista jurídico, os que eram escravos agora estão libertos, a incorporação dessa mão de obra liberta no mundo do trabalho, se deu maioritariamente pelo trabalho doméstico. Nos grandes centros urbanos, o trabalho doméstico ocupou um lugar de centralidade nas relações de trabalho estabelecidas entre ex-senhores e ex-escravas."

Como não pensar na negra assalariada, empregada doméstica, quando se discute que ao escravo era negada a possibilidade de uma vida privada? Porque a negra de hoje é a babá dos filhos da mulher branca burguesa ou pequeno-burguesa, enquanto seus próprios filhos não existem ou percorrem soltos os morros e as ruas, principalmente das grandes cidades? A escravidão acabou, mas suas heranças estão presentes no cotidiano e nas experiências de vida das mulheres negras e no centro dessas experiências temos o capitalismo que se manifesta através da imensa capacidade que têm as classes dominantes, em todos os períodos históricos, de incorporar, até onde forem possíveis, os privilégios que lhes são próprios. (Pereira, 2011:5)

Segundo Davis (2013:11), o povo negro foi forçado a realizar os mesmos papéis executados na escravatura, pois " o sujeito feminino negro passa a realizar as tarefas do lar a partir de outros arranjos sociais, que são em muitos casos estabelecidos por

contrato de locação de serviços, temos ainda aquelas, ex-escravas que não tinham para onde ir e continuaram com seus ex-senhores exercendo, a mesma função do cuidado da casa e da família patriarcal." (Pereira 2011:6). Esta autora sublinha que, durante todo o percurso histórico de muitas famílias negras, a condição de empregadas domésticas perpassou gerações de mulheres que não tiveram oportunidades de exercer outras funções.

Em contraponto com esta representação, que gira em torno da pobreza e exclusão, a reportagem *Debatedores criticam 'democracia racial'*, publicada na *Folha de São Paulo* de 14 de dezembro de 2000, refere no terceiro parágrafo: "De acordo com o professor Guimarães, na tentativa de tratar o negro de uma perspectiva que não dê lugar ao ódio, a democracia racial acaba por transformá-lo em objeto de pena, tratando-o como um deficiente físico."; e, no quinto parágrafo: "Edna Roland ressaltou a importância do processo de construção de um novo ator social e político no cenário brasileiro, a mulher negra. Segundo a psicóloga, por ser parte dos segmentos mais remotos das três vertentes que, a seu modo de ver, compõem a sociedade brasileira (hierarquia de gênero, de raça e de classe), a mulher negra é capaz de ter uma visão mais complexa das questões sociais e políticas.".

Com este novo sujeito social ganhando visibilidade, surgiram novas representações sobre as mulheres negras, no entanto, as peças jornalísticas referentes a este lapso temporal mostram que as cidadãs comuns negras são discriminadas e representadas negativamente. Segundo Barreto (2005:44), a mulher negra anônima tem um importante papel na transformação social, pois ela não tem nada a perder. Além disso, como lembra Angela Davis, a luta pela sua sobrevivência vem desde a escravatura:

[...] debaixo do chicote dos seus donos, trabalharam, protegeram as suas famílias, lutaram contra a escravatura, e foram batidas e violadas, mas nunca dominadas. Foram essas mulheres que passaram para as suas descendentes nominalmente livres um legado de trabalho pesado, perseverança e auto resiliência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – resumindo, um legado que fala das bases de uma nova natureza feminina. (Davis, 2011:29)

Conclusões

A presente investigação procurou compreender como ocorre a representação das mulheres negras no início do século XXI — uma época, como aponta Tavares (2008:78), de "desconstrução" e "reconstrução" de conceitos: por exemplo, raça e racismo, que assumiram novas perspectivas e entendimentos e que, atualmente, são usados pela população negra para afirmação e reivindicação de reconhecimento. Partindo do seu ponto de vista, atores sociais, como as mulheres negras, estão a construir novos discursos e formas de conhecimento para resgatar e recompor as suas histórias. A conceção de ciência em que nos ancoramos baseia-se no conceito de Boaventura de Sousa Santos *ecologia dos saberes*: reconhecendo as diversas formas de entendimento do mundo, como a experiência de vida e os saberes populares, o autor inclui os oprimidos e os excluídos, propondo novas formas de produção de conhecimento.

O grupo social envolvido nesta investigação — as mulheres negras — foi buscar ao feminismo negro estratégias e alternativas para conquistar reconhecimento e novos espaços sociais, uma vez que o movimento feminista tradicional — caracterizado e definido por anseios de emancipação definidos de acordo com o perfil das mulheres brancas de classe média e escolarizadas — não contemplava os anseios das mulheres negras. Assim, o feminismo negro atua a partir das especificidades das mulheres negras, sobre as quais a raça, a classe e o género operam como fatores simultâneos de opressão, sendo o conceito-chave de *interseccionalidade* (Crenshaw, 1991) fundamental para compreender as diversas formas de opressão e violência que recaem sobre as mulheres negras. Partindo da interseccionalidade, as teóricas feministas negras procuram compreender as diferentes formas de opressão social, pois, como afirma Crenshaw, "o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras" (Crenshaw, 2002). Como refere Brah, "as estruturas de classe, racismo, género não podem ser tratadas como `variáveis independentes´ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra — é constituída pela outra e é constitutiva dela" (Brah, 2006:351). A

interseccionalidade é, pois, encarada como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas e, portanto, um instrumento de luta política.

No Brasil, a década de 80 foi um período importante do ponto de vista da mobilização política do feminismo negro: embaladas pela explosão do movimento negro e do feminismo negro norte-americano, as discussões sobre as mulheres negras vieram à tona com as obras de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Thereza Santos, Edna Roland, Luiza Bairros e Fátima Oliveira e surgiram os primeiros trabalhos acadêmico-científicos contemporâneos sobre a mulher negra brasileira, que destacaram a importância do binómio género e raça nas análises sóciodemográficas, históricas e antropológicas no campo dos estudos feministas e das relações raciais (Pacheco, 2008). No final da década de 80, ocorreu um processo de institucionalização do feminismo negro, com a criação de ONG lideradas por mulheres negras, que auxiliaram a constituição de políticas sociais voltadas para este grupo e hoje as mulheres negras ocupam um espaço na militância política, atuando nas comunidades-terreiro, na articulação política, nos partidos, nas ONG e nos projetos educacionais (Gomes, 2011:141).

Em Portugal, este movimento é recente: em 2016, surgiram as primeiras associações de mulheres negras, como a *FEMAFRO* e a *Roda das Pretas*, que abordam questões como raça, género, classe e sexualidade da mulher negra. A escritora e artista Grada Kilomba é a principal teórica do feminismo negro português, discutindo nas suas obras e *performances* questões referentes a género, memória e racismo.

Verifica-se, pois, que os movimentos de mulheres negras estão a levar a cabo um trabalho que confere visibilidade aos seus objetivos e anseios. De acordo com Carneiro, "o efervescente protagonismo das mulheres negras, orientado num primeiro momento pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações de mulheres negras e articulações de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspetivas para as mulheres negras e recobrando as perdas históricas" (Carneiro, 2003:129).

Uma das bandeiras do feminismo negro é a da representatividade das mulheres negras nos meios de comunicação social. De acordo com Carneiro (2003:125-126),

existe uma consciência gradual entre as mulheres negras de que os processos relacionados com a globalização e com a nova ordem mundial requerem novas formas de ação; assim, tratar a comunicação como uma forma de poder tem sido fundamental para lhes garantir uma representação positiva e para atribuir maior visibilidade ao processo de mobilização e de luta. Segundo a autora, as mulheres negras têm vindo a trabalhar com o propósito não apenas de mudar a forma de representação dos meios de comunicação, mas também de capacitar as suas lideranças para lidar com as novas tecnologias de informação, pois acredita que é necessário que os grupos historicamente marginalizados saibam controlar e construir a sua própria representação, interrompendo a divulgação de estereótipos e distorções da sua imagem (Carneiro, 2003:125-126).

Uma vez que as mulheres negras são invisibilizadas nos média (Carneiro, 2003:125), a exclusão simbólica, a não-representação ou as distorções da imagem da mulher negra nos meios de comunicação são formas de violência tão dolorosas, cruéis e prejudiciais que podem ser tratadas no âmbito dos direitos humanos e, como refere Barbosa e Silva (2010:140), sem referenciais positivos, a mulher negra, enquanto grupo construído e atravessado pela raça e pelo género, simplesmente deixa de existir. Sobre (1999) chama a esta exclusão simbólica da população negra nos meios de comunicação *racismo mediático*, que ocorre quando há a negação da existência de racismo nos meios de comunicação, o apagamento de aspetos e exemplos positivos da cultura negra, a estigmatização da cor escura da pele — uma indiferença dos meios de comunicação que permite a supressão da realidade étnica em prol de interesses económicos.

Segundo Barbosa, a conformação do branco como padrão universal da humanidade garante-lhe um lugar confortável na sociedade, ao passo que a população negra é marcada por representações negativas e reduzida a uma coletividade, onde se cruzam traços fenotípicos com estereótipos sociais e morais, resultando no racismo (Barbosa, 2004:9). No entanto, atualmente, a discussão em torno a invisibilidade das mulheres negras tem conquistado espaço nos meios de comunicação, que têm alterado progressivamente a representação deste grupo social, principalmente nas

plataformas digitais (Borges e Borges, 2012), mas, nos média tradicionais, a representação das mulheres negras ainda segue um modelo repleto de estereótipos.

A partir da pesquisa realizada no *Público* e na *Folha de São Paulo*, entre 2000 e 2010, verificámos que as peças jornalísticas apresentam uma sub-representação deste grupo social, baseando-se em estereótipos de género e raça. O *corpus* constituído por 1304 peças jornalísticas, das quais foram analisadas aquelas em que as mulheres negras eram protagonistas e que reuniam informações sobre a sua identidade étnica, forneceu elementos que possibilitaram identificar duas formas de representação: a mulher negra enquanto «**exemplo de superação**» e como «**pobre coitada**».

Nestes jornais, raramente aparecem cidadãs comuns negras, sendo as celebridades as mais representadas. A partir das narrativas jornalísticas construídas sobre estas mulheres, constámos que a questão racial é um fator explorado nas peças, sendo constante a sua representação como "mulher negra", o que revela a pertença étnico-racial, pois, como aponta Cardoso, a categoria racial altera "o lugar que a mulher negra habita no género." (Cardoso, 2008:5): uma vez que a ideia de raça permanece no imaginário social, distinguir as mulheres desta forma é hierarquizá-las social e racialmente.

Desse modo, a inferiorização da mulher negra, eternizada desde a escravidão até aos vestígios do colonialismo, tem favorecido para a distorção da imagem deste grupo social nos meios de comunicação e esta narrativa está visível no material analisado, o que revela que há um lugar definido para a população negra, um lugar de exclusão e subalternidade, mesmo que algumas mulheres negras consigam alcançar outros espaços.

Compreendemos, assim como Cabecinhas, que "as representações não são o espelho da realidade, mas sim versões hipersimplificadas desta realidade" (Cabecinhas, 2002:192), no entanto, sendo os meios de comunicação espaços onde se operam fenómenos determinantes para a construção de identidade, na medida em que neles ocorre a reprodução cultural e a integração social dos sujeitos, os média desempenham também um papel fundamental na promoção da igualdade cultural e étnica. No caso das peças jornalísticas impressas, o uso de determinadas palavras ou expressões poderá influenciar ou condicionar a interpretação dos protagonistas dos

artigos pelo leitor. Assim, cremos que, quando as páginas dos jornais transmitem um determinado modelo de mulher negra, ele poderá ser perpetuado, passando ela a ser identificada e reconhecida pela sociedade em função do perfil traçado.

Como refere Mendonça, "os discursos construídos sobre negros acabam por tornar-se importantes indicadores sobre as formas como está sendo pensada e colocada na esfera pública o debate sobre esta parcela da população" (Mendonça, 2006:2). Nas narrativas analisadas sobre mulheres negras, são inúmeras as vertentes em que a questão racial está presente, ressaltando-se o fator estético, que traduz o padrão de beleza vigente na sociedade.

De acordo com Sodré (1999), o plano das aparências não é um requisito simples, pois suscita os problemas do reconhecimento social e do valor humano. Portanto, é uma questão de natureza ética. O autor enfatiza que essa disputa pelo valor humano propicia, inevitavelmente, a insubordinação dos corpos «indesejáveis» (mulheres negras e outros corpos) frente aos signos visuais que teimam em estigmatizá-los, deformá-los, ignorá-los, excluí-los da paleta que representa cada um(a) e a todos(as).

A escassez de exemplos de beleza negra nos meios de comunicação tem reflexos fortes no comportamento, identidade e autoestima de muitas mulheres negras. O cabelo, um dos ícones identitários da população negra, apresenta-se como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra (Gomes, 2012). Depois da cor da pele, o cabelo da mulher negra é, simultaneamente, um símbolo estético e um estigma, pois o cabelo crespo é desvalorizado e visto como um sinal complementar da negritude dos corpos. O cabelo torna-se, assim, um elemento importante para entender a representação identitária deste grupo social, sendo considerado não isoladamente, mas no contexto das relações raciais socialmente construídas.

Além da estigmatização do cabelo e do corpo, são atribuídas às mulheres negras outras características que não correspondem à feminilidade branca, descritas com recurso a diversos estereótipos. Alguns autores sustentam que as mulheres permanecem a estar associadas à esfera privada (Cerqueira, 2008), mas Davis (2013) afirma que o trabalho sempre fez parte da vida das mulheres negras. A feminilidade

construída em torno da mulher negra não corresponde à da mulher branca e a diferença de estereótipos associados a ambas também está presente na narrativa jornalística, como é o caso da agressividade atribuída à mulher negra. Segundo Cunha (1994), a agressividade corresponde a uma imagem negativa dos negros, dos "selvagens", associada à inabilidade e à ignorância. Por outro lado, ao negro "assimilado" é associado "um conjunto de traços positivos como prestabilidade, submissão, heroicidade, esperteza/inteligência e habilidade. Assim, a construção de uma imagem positiva do negro é um simples reflexo da interiorização de um modo de ser que é determinado num universo simbólico comum, mas de recursos polarizados para os diferentes atores (Cabecinhas, 2002).

Dessa forma, representadas de forma estigmatizada e naturalizada nos meios de comunicação social, as mulheres negras criam um discurso de afirmação da sua identidade étnica ou de aceitação dos estereótipos reproduzidos pelos média. Silva (2011:12) refere que os média são a linguagem da contemporaneidade, que, por não assumir o racismo social, acaba por contribuir para a formação da identidade das mulheres negras, seja influenciando-as a perceber a identidade negra numa perspetiva negativa, seja injetando-lhes a constante necessidade de autoafirmação. Não é por acaso que uma das maiores bandeiras do feminismo negro é o fortalecimento da identidade étnica, pois, por estar sujeita a um ideal branco e ver os seus valores negativados pela sociedade, a mulher negra tem grandes dificuldades em afirmar a sua identidade.

Nas publicações analisadas, verifica-se ainda que as mulheres negras são associadas a temas negativos e que as narrativas as veem como figuras socialmente excluídas. Segundo Maria João Silveirinha (2004), é a "narrativa do coitadinho": as "coitadinhas" que estão sujeitas a todo o tipo de violência e que são vítimas da discriminação e da pobreza, as que perderam a casa, as que tem os piores empregos, as que dependem do Estado, das instituições e de outras pessoas para sobreviver.

Uma vez que a representação gira em torno da exclusão, nestes textos há poucos elementos referentes à identidade étnica das mulheres negras e os modelos apresentados confinam-nas a papéis e lugares sociais inferiores, não contribuindo para

a construção de uma identidade e de uma imagem positiva, pois as identidades estão relacionadas não só com o conhecimento, mas também com o reconhecimento social.

De acordo com Bhabha, o aspeto central da identidade negra consiste em reivindicar o mesmo direito que os outros têm de “se tornar aquilo que se quer ser” e não, simplesmente, reprimir a sua identidade, assumindo uma outra pré-moldada (Bhabha, 2007:332). Assim, a identidade negra é um processo pelo qual o sujeito se torna negro (Bhabha, 2007, Hall, 2006) e aqueles que reivindicam esta identidade não se resignam a ser posicionados de acordo com a mesma, mas conseguem reconstruir e transformar a identidade histórica transmitida ao longo de um passado coletivo e elaborada em contextos históricos e institucionais específicos, com estratégias e iniciativas também específicas.

A partir dos textos do *Público* e da *Folha de São Paulo*, compreendemos que, para apresentar as mulheres negras, há uma identidade definida pelos enunciadores mediáticos que remetem para o contexto social, económico e político em que elas estão inseridas. Segundo os índices do IBGE (2010), no Brasil, a maioria da população negra apresenta baixos índices socioeconómicos, que remontam ao período pós-abolição da escravatura, um fenómeno social que atesta o grau de exclusão reinante na sociedade brasileira. Seja nos relatos históricos ou nos mais diversos levantamentos, constata-se o quanto a população negra tem vindo a sofrer em termos de escolaridade precária, elevada mortalidade infantil, violência urbana, alojamento impróprio, saneamento básico insuficiente, baixo rendimento, entre outros aspetos reveladores da condição de cidadania de um povo e dos direitos a ela associados. As recentes estatísticas oficiais do Estado brasileiro, as pesquisas científicas e as peças jornalísticas analisadas revelam que o abismo racial entre negros e brancos existe, de facto, no Brasil, pois ao comparar as condições de vida, emprego, saúde, escolaridade (entre outros índices de desenvolvimento humano) vividos por negros e brancos, comprova-se a existência de uma grande e evidente desigualdade racial.

Em Portugal, a população negra é uma minoria étnica, mas não conhecemos a sua percentagem nem as suas condições socioeconómicas, pois não há estatísticas oficiais baseadas na cor da pele. No entanto, apesar da ausência de indicadores de pertença étnica/racial nos formulários de recenseamentos da população, pode

considerar-se que a presença da população negra em Portugal já atingiu uma considerável expressão social e cultural (Cabecinhas, 2002; Machado, 1994). Peixe *et al.* (2008:7) afirmam que a ausência de dados oficiais não significa a inexistência de racismo e, uma vez que o racismo tem uma dinâmica europeia distinta, pois o passado colonial europeu favoreceu o desenvolvimento de duas formas de racismo, um contemporâneo e outro histórico, para contextualizar o racismo no Portugal de hoje, é necessário ter em conta dois parâmetros fundamentais: o colonialismo, rematado com uma descolonização tardia e turbulenta das colónias, e a transformação do país num recetor de imigrantes, a partir dos anos 80 (Machado, 2001:55).

De acordo com Cabecinhas (2002:41), a distinção entre o *nós* e os *outros* implica o reconhecimento de uma diferença e essa diferença nunca é neutra: pode provocar repulsa, receio, inquietação ou atração. Para a autora, trata-se de um processo de diferenciação simbólica que se traduz na desumanização do outro, já que os membros desse grupo não são percebidos enquanto pessoas, com a sua individualidade e a sua singularidade subjetiva, mas enquanto representantes indiferenciados do grupo. Na prática, o racismo manifesta-se, por exemplo, pela recusa em dar trabalho/emprego, alugar uma casa ou consentir que uma filha case com um negro (Silva, 2000; Martins, 2000; Peixe *et al.*, 2008).

Com base nestes trabalhos sobre a realidade das mulheres negras, pode-se constatar que os problemas vividos por elas são semelhantes, em Portugal e no Brasil, o que pauta a luta do feminismo negro pelas mesmas reivindicações, entre elas a emancipação das mulheres e a construção de uma identidade positiva através dos meios de comunicação social. Para tal, é essencial um discurso contra-hegemónico, a criação de novas narrativas, a transformação e a representação positiva das mulheres negras, de forma a contribuir para o fortalecimento de sua identidade étnica e da sua autoestima.

Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta. (Carneiro,2001:5)

Esperamos que o presente trabalho traga algumas contribuições para os estudos sobre a representação das mulheres negras nos meios de comunicação social e outras pesquisas sobre a relação entre género, raça e média continuarão a animar-nos nesta tarefa de reescrever a história das mulheres negras a partir da sua visão, da sua capacidade de interpretação e de experiência do mundo.

Referências Bibliográficas

AA.VV (1971). Os Panteras Negras. Águeda: Nosso tempo.

ABRÃO, M. (2009). As relações entre comunicação, consumo e identidades - Um olhar sobre "A Favorita". Revista Comtempo, n. 1, ano I, pp.1-12.

ACIME (2006). O "Pseudo-arrastão" de Carcavelos. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa. Disponível em: www.acime.gov.pt/docs/Publicacoes/ARRASTAO.pdf

ALBUQUERQUE, R. (2005), "Um olhar sobre a participação das mulheres em associações de imigrantes", in SOS Racismo. Imigração e Etnicidade, Vivências e Trajectórias de Mulheres Imigrantes, Lisboa: SOS Racismo, pp. 105-117.

ALMEIDA, L. (2010). Protagonismo e autonomia de mulheres negras, a experiência das organizações: Geledés e Criola. Anais do Congresso Fazendo Gênero 9. Florianópolis: IEG/UFSC.

ÁLVARES, C. (2005). Feminismo e Representação Discursiva do Feminino: A Presença do Outro na Teoria e na Prática. Livro de Actas do 4º Congresso SOPCOM.

_____, C.; MARTINS, I. e CARDOSO, D. (2011). Argumentação numa esfera pública reticular: as vozes femininas online. Revista Informação & Comunicação, v. 14, n. 2, pp. 47-65.

ALVES, J. (2011). Aspectos da construção identitária do negro no processo educacional: entre a ruptura e a deflagração do racismo. Revista do Difere, v. 1, n. 1, pp. 112-128. Disponível em: <http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/artigo%20jpaulo%208.pdf>

AMÂNCIO, L. (1993). Género: Representações e Identidades. Revista Sociologia, problemas e práticas, n. 4, pp. 127-140.

_____, L. (1994), Masculino e Feminino, a construção social da diferença, Lisboa: Edições Afrontamento.

_____, L. (2003). O género no discurso das ciências sociais. Revista Análise Social, vol. XXXVIII (168), pp. 687-714.

_____, L.; TAVARES, M.; JOAQUIM, T.; ALMEIDA, T. (Orgs.). (2007). Os feminismos em Portugal - O longo caminho das mulheres: feminismo 80 anos depois. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n.3, pp. 823-841.

AMORIM, R. (2011). O (a) negro (a) na sociedade brasileira ontem e hoje: o papel das categorias raça, etnia e classe social para educação escolarizada. Revista Lugares de Educação, v.1, n. 1. Paraíba: UFPB.

ARAÚJO, J. (2000). A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC.

AVRITZER, L. (2005). Universidade, Globalização e a Ecologia dos Saberes. Caderno Pensar, Minas Gerais.

BARACUHY, M. (2010). Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina. Veredas Online - Análise do discurso, pp. 167-177. Juiz de Fora.

BARBOSA, C. (2011). A música rap e espaços de representação juvenil negra em Portugal. O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC/ III, n. 5. Disponível em: http://cabodotrabalhos.ces.uc.pt/n5/documentos/2_CarlosElias.pdf

BARBOSA, E. e SILVA, S. (2009). Mulheres invisíveis: a imagem da mulher negra no jornalismo de revista feminino brasileiro. Cambiassu – Edição Eletrônica, Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, vol.1, n.5.

_____, E. e _____, S. (2010). Cor e sexo no jornalismo: representações das mulheres negras nas páginas de duas revistas femininas, Revista da ABNT, v. 1, n. 2, pp. 133-156.

BARBOSA, L. (2004). As situações de racismo e branquitude representadas na telenovela “Da cor do pecado”. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da InterCom.

BARRETO, P. e BARROS, Z. (2011). Educação e Relações Étnico-raciais. Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras (CEAO/UFBA) - Módulo 4.

BARRETO, R. (2005). Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BARTH, F. (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J.; Teorias da Etnicidade, pp. 185-227. São Paulo: UNESP.

BATALHA, L. (2008). Cabo-verdianos em Portugal: “comunidade” e identidade. Em Comunidade(s) Cabo-Verdiana(s) : As múltiplas faces da imigração Cabo-Verdiana, org. Pedro Góis, pp. 25-36. Lisboa: ACIME.

BEAUVOIR, S. (1975). O Segundo Sexo. Lisboa: Bertrand Editora.

BERND, Z. (1997). O que é negritude. Editora: Brasiliense.

BARTH, F. (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J.; Teorias da etnicidade, p.185-227. São Paulo: UNESP.

BHABHA, H. (2007). O local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG.

BORGES, R. C. e BORGES, R. S. (2012). Mídia e Racismo. Col. Negras e Negros - Pesquisas e Debates. Petrópolis: DP et Alii Editora Ltda.

BORGES, R. S. (2004). O visível e o invisível: a representação feminina na mídia. InterCom.

_____, R. S. (2016). Política, imaginário e representação: uma nova agenda para o século XXI?. Coluna no Blog da Boitempo. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/02/16/politica-imaginario-e-representacao-uma-nova-agenda-para-o-seculo-xxi/>

BORGES, R. F. (2008). Imigrantes negros africanos dos PALOP e negros brasileiros: a identidade étnica construída na imprensa de Portugal e do Brasil. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____, R. F. (2012). Mídia étnica em Portugal: construção identitária dos negros africanos na revista portuguesa Afro. Revista Vozes dos Vales da UFVJM, n. 2, ano I. Minas Gerais: Publicações Acadêmicas.

BRAH, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu, Unicamp - Campinas, n. 26, pp. 329-376.

BRANDÃO, H. (2004). Introdução à análise do discurso. Revista Campinas, SP: Editora da Unicamp.

BUTLER, J. (2008). Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CABECINHAS, R. (2002). Racismo e Etnicidade em Portugal - Uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias. Tese de doutorado. Braga: Universidade do Minho.

CABRERA, A; MARTINS, C. e FLORES, T. (2011). Representações mediáticas das deputadas portuguesas: o “caso” do Parlamento Paritário. Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, v. 7, n. 1, pp. 75-93.

CÁDIMA, R. e FIGUEIREDO, A. (2003). Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias étnicas nos Media. Lisboa: ACIME.

CALDWELL, K. (2010). A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 1, n. 1, pp. 18-27. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/304>

CALHEIROS, C. (trad.) (2005). *Imigração e Etnicidade, Vivências e Trajectórias de Mulheres Imigrantes*, Lisboa: SOS Racismo.

CANCLINI, N. (2008). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão, 4ª ed., São Paulo: EDUSP.

CARDOSO, C. (2008). História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões. *Anais do Congresso Fazendo Género 9*. Florianópolis: IEG/UFSC.

CARDOSO, L. (2011). O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude. *Revista de Estudo e Pesquisa em Educação*, v.13, n. 1. Juiz de Fora. Disponível em <http://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/1176/954>

CARNEIRO, S. (1993). Identidade Feminina. *Cadernos Geledés*. São Paulo, n. 4, pp. 1-6.

_____, S. (1995). Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, pp. 544-552.

_____, S. (2001). Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Revista LOLA Press*, n.16.

_____, S. (2003). Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 49, n. 17, p.117-132.

CARONE, I. e BENTO, M. (2002). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

CARRILHO, M. (1975). *Sociologia da negritude*. Lisboa: Edições 70.

CARVALHO, F. (2006). O lugar dos negros na imagem de Lisboa. *Revista Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 52, pp.87-108.

CASTELLS, M. (2008). *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.

CERQUEIRA, C. (2008). A Imprensa e a Perspectiva de Género. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. *Jornal Observatório*, n. 5, pp.139-164.

_____, C.; MAGALHÃES, S. e CABECINHAS, R. (2014). Questões de género nas revistas generalistas de informação em Portugal: cruzamentos temáticos na Sábado e Visão. *Revista Calidoscópico*, vol. 12, n. 2, pp. 168-179.

_____, C.; RIBEIRO, L. e CABECINHAS, R. (2009). Mulheres & Blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na «rede». *Revista Ex Aequo*, n.19, pp. 111-128.

CHAUÍ, M. (2006). *Simulacro e poder - Uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

CHAVES, M. (2008). O negro na mídia brasileira. Monografia de Publicidade e Propaganda do UniCeub – Centro Universitário de Brasília.

CHRISTOFOLETTI, R. e WARZKO, R. (2009). Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 39, pp. 98-104.

CONCEIÇÃO, A. e ARAS, L. (2013). Por uma ciência e Epistemologia(s) Feminista(s): avanços, dilemas e desafios. Revista Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.2, n.1, pp.115-128.

CONCEIÇÃO, F. (2005). Mídia e etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo: Livro Pronto.

COSTA, C. (2000). As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução. Revista Estudos Feministas. v.8, n.2, Florianópolis, pp. 43-48.

COSTA, S. (2005). O Mundo que o Português Criou: A Construção Ideológica de um Discurso Legitimador sobre a Situação Colonial Portuguesa. Disponível em: <http://www.caboverdepolis.blogspot.com>.

COUTINHO, L. (2010). Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira. Dissertação de mestrado. Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

CRENSHAW, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1.

CRUZ, C. (2013). Afirmação da negritude ou interesse de classe? Uma etnografia do Instituto Beleza Natural em Salvador. Anais do Congresso Fazendo Gênero 10. Florianópolis: IEG/UFSC.

CRUZ, L. (2007). Crítica Epistemológica do Feminismo. III Jornada Internacional de Políticas Públicas. Disponível em:

http://www.joinpp2013.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoD/57ef1026f04c70177699LINDALVA%20ALVES_CRUZ.pdf

CUNHA, I. (1998). Lusotropicalismo, racismo e identidade. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, S. Paulo, vol. 21, n. 1, pp. 65-82.

_____, I.; POLICARPO, V.; MONTEIRO, T.; FIGUEIRAS, R. (2002). Media Discriminação: um estudo exploratório do caso português. As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: Balanços e desafios: Actas, v. 1, pp. 411-420.

_____, I. (2003). Imigração e Racismo: dez anos nos media. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-sos-racismo.pdf>

_____, I. (2006). Media e imaginários: estratégias de apropriação de conteúdos pelas brasileiras em Portugal. *Revista Media e Jornalismo*, pp. 7-33.

_____, I. *et al.* (2006). *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*. Estudos OI. Lisboa: ACIME.

_____, I. (2007). Identidade e reconhecimento nos media. *Revista Matrizes*, pp. 187-206. São Paulo: USP.

D'ADESKY, J. (2002). *Racismos e anti-racismos no Brasil. Pluralismo étnico e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Pallas.

DAMASCENO, J. (2008). *Corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro*. Anais do Congresso Fazendo Gênero 8. Florianópolis: IEG/UFSC.

DAVIS, A. e DENT, G. (2003). A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição. *Revista de Estudos Feministas*, v. 11, n. 2, Florianópolis.

_____, A. (2013). *Mulher, Raça e Classe*. Plataforma Gueto.

DIAS, S. e ROCHA, C. (2009). Saúde sexual e reprodutiva de mulheres imigrantes africanas e brasileiras: um estudo qualitativo. *Estudos OI*, n. 32, Lisboa: ACIDI.

DINIZ, M. P. (2010). *Feminismo negro: a busca de uma reflexão teórica particularizada*. Trabalho Final do curso em Psicologia Jurídica da Universidade Católica de Brasília.

DOMINGUES, P. (2005). Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, v.10, n.1, pp.25-40, Londrina.

DUARTE, M.; OLIVEIRA, A. (2012). Mulheres nas margens: a violência doméstica e as mulheres imigrantes. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. 23, pp. 223-237.

DURÃO, G. (2011). *A construção da Negritude: A formação da identidade do intelectual através da experiência de Léopold Sédar Senghor (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP/SP.

ESTEVES, J. (2001). Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1ª década do século XX. *Penélope*, nº 25, pp 87-112.

EUCLIDES, M. *et al.* (2010). O sentido da liberdade para mulheres negras: discussão necessária. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais.

FANON, F. (1997). *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

FERNANDES, F. (1972). O negro no mundo dos brancos. São Paulo: 6ª ed Difusão Européia do Livro.

_____, F. (2008). A Integração do Negro na Sociedade de Classes. Vol. II, São Paulo: Ed. Globo.

FERREIRA, J. (2005). Mídia, jornalismo e sociedade: a herança normalizada de Bourdieu. Estudos em Jornalismo e Mídia, vol. 2, n.1, pp. 34-44.

FERREIRA, J. C. e BORTOLUZZI, I. (2009). Linguagens da mídia e a representação da raça negra. Anais do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, Caxias do Sul.

FERREIRA, R. (2000). Afro-descendente: identidade em construção. Rio de Janeiro: Pallas.

FIGUEIREDO, C. (2007). Poder e Comunicação - Um breve debate sobre a questão do poder nos meios de comunicação de massa. Revista Eletrônica E-Compós, pp. 1-17.

FONSECA, D. J. (2009). Políticas públicas e ações afirmativas. Selo Negro: São Paulo.

FRASER, N. (2001). Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (org.). Democracia hoje. Novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FREYRE, G. (1989). Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Record.

FREIRE, J. (2004). Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. Revista Eco-Pós, v. 7, n. 2, pp. 45-71.

GILROY, P. (2001). O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34.

GOMES, L. (2014). A questão racial no Brasil através da análise de conteúdo das notícias da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Monografia de Comunicação Social. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa.

GOMES, N. L. (1995). A mulher negra que vi de perto. Belo Horizonte: Mazza Edições.

_____, N. L. (2011). O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. Revista Política e Sociedade, v.10, n.18, pp.133-154. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133/17537>

_____, N. L. (2012). Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>

_____, N. L. (2012). Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Ação Educativa*, pp. 39-62. Disponível online.

GONZALEZ, L. (1980). Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Grupo de trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil. Rio de Janeiro.

_____, L. (2008). Mulher negra. In: *Guerreiras da natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. Elisa Larkin Nascimento, (org). São Paulo: Selo Negro.

GOTO, V. (2013). A herança histórica do negro brasileiro e o dilema entre políticas públicas redistributivas e de reconhecimento. *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina*.

GREGOLIN, M. (2004). Foucault e Pecheux na análise do discurso: diálogos & duelos. São Carlos, SP: Claraluz.

_____, M. (2007). Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, vol. 4, n. 11, pp.11-25.

GRIJÓ, W. e SOUSA, A. (2012). O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. *Estudos em Comunicação*, n.11, pp. 185-204.

GUIMARÃES, R. (2005). Passado sempre presente: uma análise da configuração do racismo na sociedade brasileira sob uma perspectiva histórica de longa duração. *Coleção Digital Maxwell*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GUSMÃO, N. (2008). Jovens Mulheres Africanas em Portugal: narrativas e itinerários. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 11, pp. 22-32.

HALL, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org: SOVIK, Liv. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____, S. (2006). *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

HASENBALG, C. (2005). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

HAUFBAUER, A. (2010). *Ideologia do Branqueamento: racismo à brasileira?*. Biblioteca Digital. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

HOOKS, B. (2014). *Não sou eu uma mulher. Mulheres e feminismo*. Tradução livre Plataforma Gueto.

_____, B. (1995). *Intelectuais Negras*. Revista Estudos Feministas, pp.464-478.

HENRIQUES, I. C. (2004). *Os Pilares da Diferença: Relações Portugal-África — Séculos XV-XX*. Lisboa: Caleidoscópio.

HIRATA, H. (2014). *Gênero, classe e raça - Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1, pp. 61-73.

IBGE. *Censo Demográfico, 2010*. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 10 de setembro de 2017.

JESUS, S. (2012). *O Negro na Educação Brasileira*. Revista Vozes dos Vales, v. 1, n.1, pp. 1-11.

JORGE, A. (2012). *A cultura das celebridades e os Jovens: do consumo à participação*. Tese de Doutorado. FCSH: Universidade Nova de Lisboa.

KELLNER, D. (2001). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC.

KILOMBA, G. (2008). *Plantation memories: episodes of everyday racism*. Berlim: Unrast.

LAGO, C. (2007). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, Petrópolis: Vozes.

LAHON, D. (1999). *Os Negros no Coração do Império: Uma Memória a Resgatar*. Lisboa, Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, Ministério da Educação.

LIMA, M. E. O., & Vala, J. (2004). *As novas formas de expressão do preconceito e do racismo*. Estudos de Psicologia, vol. 9, n. 3, pp. 401-411.

LIMA, M. (2008). *Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica*. Revista Fórum Identidades, ano 2, vol. 3, pp. 33-46.

LIMA SANTOS, N. (1998). *Representações sociais da identidade nacional dos portugueses*. In S. Castillo & V. P. da Rosa (Orgs.), *Pós-colonialismo e identidade*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

LIPOVETSKY, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das letras.

LORDE, A. (2013). *Textos escolhidos*. Compilado por Difusão Herética.

LOPES, M. (2012). *A emergência do feminismo de Estado em Portugal: uma história da criação da Comissão da Condição Feminina*. Ex æquo, n. 25, pp. 183-185. Lisboa: CIG.

LUCENA, F. e LIMA, J. (2009). Ser negro: um estudo de caso sobre "identidade negra". *Saberes*, v. 1, n. 2, pp. 33-51.

LUKACS, J. (2006), *Uma Nova República – História dos Estados Unidos no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MACEDO, A. (2006). Pós-feminismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n.3, pp. 813-817.

MACHADO, F. L. (1992). Etnicidade em Portugal: Contrastes e Politização. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, n.12, pp. 123-136.

_____, F. L. (1994). Luso-africanos em Portugal: nas margens de etnicidade. *Revista sociologia, Problemas e Práticas*, n. 16, pp. 111-134.

_____, F. L. (2001). Contextos e percepções de racismo no quotidiano. *Revista Sociologia - Problemas e Práticas*, n. 36, pp. 53-80.

MAINGUENEAU, D. (2005). *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez.

MARCONDES, M. *et al.* (2013). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea.

MARTÍN-BARBERO, J. (2003). *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

MARTINS, C. (2005). Arendt: uma perspectiva feminina do espaço público?. Livro de Actas – 4º Congresso SOPCOM, pp. 701-711.

MARTINS, M. (2000). *Imigrações, racismo e xenofobia em Portugal (1974-2000)*. Actas do Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

MATA, I. (2004). O eterno exílio dos imigrantes africanos, in *A Suave Pátria – Reflexões político-culturais sobre a sociedade são-tomense*, pp. 31-33. Lisboa: Edições Colibri.

MATOS, J.; BAPTISTA, C.; SUBTIL, F. (orgs). (2017). *A crise do Jornalismo em Portugal*. Porto: Deriva Editores.

MÉNDEZ, N. (2010). A "descoberta" de Segundo Sexo: intelectuais brasileiras e suas aproximações com o feminismo. *Anais do Congresso Fazendo Género 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis: IEG/UFSC.

MENDONÇA, M. (2006). *Mídia e construção da identidade da mulher negra: a revista Raça*. XXIX Congresso da InterCom.

MOREIRA, N. (2007). *O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo*. Tese de mestrado, Curso de Sociologia

do Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

MOURA, C. (1983). "Os dilemas da negritude". In: Brasil: as raízes do protesto negro. São Paulo: Global.

MUNANGA, K. (1986). Negritude. Usos e sentidos. São Paulo: Ática.

_____, K. (1990). Racismo da desigualdade à intolerância. Revista São Paulo em Perspectiva, vol.4, n.2, pp. 51-54.

_____, K. (1999). Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes.

_____, K. (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Cadernos PENESB, pp. 17-34. Niterói: EdUFF.

_____, K. e GOMES, N. L. (2006). Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global.

_____, K. (2012). Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 4, n. 8, pp. 06-14. Disponível em:
<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/246>

_____, K. (2015). Por que o racismo e suas práticas e qual é a responsabilidade social que se espera dos profissionais que lidam com as questões da sociedade?. Revista Brasileira de Psicologia, n. 2, pp.7-15. Salvador, Bahia.

NASCIMENTO, A. (2002). O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

NASCIMENTO, E. (2003). Sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus.

NASCIMENTO, S. A. (2011). Representações e identidade negra.

NERY, R. e CARNEIRO, M. (2011). O "negro" na mídia televisiva: uma análise da representação do negro no mundo da televisão. Formação inicial, história e cultura africana e afrobrasileira: desafios e perspectivas na implementação da lei federal 10.639/2003, pp. 143-155.

NEVES, L. (2009). Corporeidade: uma filosofia de atuação da Educação Física. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Educação Física. Universidade Federal de Juiz de Fora.

NOGUEIRA, C. (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia Social. Disponível Repositório Universidade do Minho.

_____, C. (2004). Polifonias na investigação em torno dos estudos sobre as mulheres. *Revista Ex Aequo*, n.11, pp. 5-11.

NOGUEIRA, O. (1985). *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz.

OLIVEIRA, M. (2008). Refletindo sobre violência de gênero e mulheres negras: a experiência da ONG Maria Mulher/ Porto Alegre – Brasil. *Athenea Digital*, n. 14, pp. 281-290.

ORTIZ, A. (2013). "Identidades, pertencas e afinidades dos jovens descendentes de imigrantes africanos na Área Metropolitana de Lisboa". *Revista Migrações*, n. 11, pp. 157-184. Lisboa: ACIDI.

OSADA, N. e Costa, M. (2008). Resenha: *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* - Patricia Hill Collins. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde* - Rio de Janeiro, v.2, n.2, pp. 100-102.

PACHECO, A. (2008). "Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar": escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

_____, A. e MOREIRA, N. (2010). *Feminismo negro, trajetórias sociais e afetivas das ativistas negras do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador: intersecções possíveis*. Anais do Congresso Fazendo Gênero 9, Florianópolis: IEG/UFSC.

PACHECO, L. (2011). *Racismo Cordial: manifestação da discriminação racial à brasileira - o domínio público e privado*. *Revista de Psicologia*. Fortaleza, v.2, n.1, pp. 137-144.

PADILLA, B. (2012). *Racismo contra as mulheres brasileiras em Portugal? Algumas reflexões*. Atas do VII Congresso Português de Sociologia.

PANTA, M. e Pallisser, N. (2015). "Identidade nacional brasileira" versus "Identidade negra: reflexões sobre branqueamento, racismo e construções identitárias". *Anais Eletrônicos do Congresso Internacional de História*. Ponta Grossa: UEPG.

PEÇA, M. (2010). *Os movimentos de mulheres em Portugal. Uma análise da noticiabilidade na imprensa portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

PEDRO, E. (1998). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho.

PEIXE, B. *et al.* (2008). *O Racismo e xenofobia em Portugal (2001-2007)*. Númena. Centro de Investigação em Ciências Sociais e Humanas.

PEREIRA, B. (2011). De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição. Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH – Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH.

PINHO, P. (2005). Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 20, n. 59, pp. 37-50.

PINTO, Regina Pahim (2008). Mulheres e desigualdades de gênero, São Paulo: Contexto.

PIOVESAN, F. (2008). Ações Afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 16, v.3, pp. 887-896.

PIZA, E. (2000). Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu. In: HUNTLEY, Lynn e GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo (orgs.). Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, pp. 97-125.

_____, E. e ROSEMBERG, F. (1999). Cor nos Sentos Brasileiros. Revista USP, São Paulo, n.40, pp. 122-137.

QUIJANO, A. (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

RAMALHO, S. e TROVÃO, S. (2010). Repertórios femininos em construção num contexto migratório pós-colonial. Estudos OI, v. 2, n.42, Lisboa: ACM.

RAMOS, C. et al. (2012). A questão racial na contemporaneidade e o assistente social neste contexto.

RAMOS, S. (2002). Mídia e Racismo. Rio de Janeiro: Pallas.

RATTS, A. (2010). As Amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. Anais do Congresso Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: IEG/UFSC.

REBELO, José (2002). O discurso do Jornal, 2ªed., Lisboa: Notícias.

REIS, M. C. (2009). O processo civilizador na construção da identidade negra. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador – Civilização e Contemporaneidade. Recife.

RIBEIRO, M. (1994). A presença das mulheres negras na luta anti-racista e feminista. Que cara tem a mulher brasileira?. Seminário Gênero, Classe e Raça Instituto Cajamar.

_____, M. (1995). Tornar-se negra: construção da identidade de gênero e de raça. Revista Presença de Mulher, v. 7, n. 28.

_____, M. (1995). Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, pp. 446-459. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ.

_____, M. (2004). Relações Raciais nas pesquisas e processos sociais: em busca de visibilidade para as mulheres negras. In: RAGO, Margareth. (org.). *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

RIESZ, J. (2001). Negritude, francofonia e cultura africana. Léopold Sédar Senghor como paradigma. *Africana Studia*, n.4, pp.149-162. Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

RODRIGUES, C. (2013). Atualidades do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *Anais Eletrônicos do Congresso Fazendo Gênero 10*. Florianópolis: IEG/UFSC.

ROLDÃO. C. (2012). O olhar bourdiano sobre trajetos de contratendência. VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto.

RONSINI, V. e OLIVEIRA, V. (2007). Política de identidade e mídia. *Revista Eletrônica E-Compós*, pp. 1-16.

ROSÁRIO, E. *et al.* (2011). Discursos do racismo em Portugal: essencialismo e inferiorização nas trocas coloquiais sobre categorias minoritárias. *Estudos OI*, n. 44. Lisboa: ACIME.

ROSEMBERG, F.; PINTO, R.; NEGRÃO, E. (1986). *A Situação Educacional de Negros (Pretos e Pardos)*. São Paulo, Relatório de Pesquisa. Departamento de Pesquisas Educacionais/Fundação Carlos Chagas.

ROSO, A.; STREY, M.; GUARESCHI, P. e BUENO, S. (2002). "Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero". *Revista Psicologia & Sociedade*, vol. 14, n. 2, pp. 74-94.

SACRAMENTO, D. e LIMA, M. (2010). *Identidade e Mídia: ser negro/a em revistas*. IV Fórum Identidades e Alteridades: educação e relações etnicorraciais. UFS: Itabaiana/SE.

SAFFIOTI, H. (1976). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes.

SANSONE, L. (2004). *Negritude sem etnicidade - o local e o global nas relações raciais, culturais e identidades negras do Brasil*. Salvador. Editora: Pallas.

SANTOS, B. S. (2004). *Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro*. Disponível em: <www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf>

_____, B. S. (2008). Epistemologias do Sul. Revista Crítica de Ciências Sociais, pp. 5-10.

_____, B. S. e MENESES, M. P. (2010). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez.

SANTOS, F. e SILVA, M. (2016). A representação da mulher negra nas telenovelas brasileiras: um espaço em construção. Anais Electrónicos. XIII Encontro Estadual de História - Guarabira, PB.

SANTOS, N. e FARIA, L. (2007). Imigrantes negros dos PALOP - Africanos em Portugal: auto-percepções de características sócio-profissionais. Revista Antropológicas, n.10, pp. 257-283.

SANTOS, S. K. (2012). O que é ser negro no Brasil? - Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. Cadernos Imbondeiro, v. 2, n. 1. João Pessoa.

SANTOS, W. *et al.* (2006). Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, pp. 637-645.

SILVA, G., SILVA, J. ALBUQUERQUE, J., BARBOSA, A. (2015). A particularidade do racismo no Brasil. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo.

SILVA, M. N. (2000). O negro no Brasil: um problema de raça ou de classe?. Revista Mediações, Londrina, v. 5, n.2, pp. 99-124.

SILVA, M. R. (2002). Feminismo em Portugal - na voz de mulheres escritoras no início do século XX. Cadernos Condição Feminina, 3ªed. Lisboa: CIDM.

SILVA, N. (2009). Questão Social e Questão Racial no Brasil: a visão de Octávio Ianni. Revista em Pauta. Universidade do Rio de Janeiro, v.6, n.23, pp. 191-202.

SILVA, P. (2005). Racismo discursivo na mídia brasileira. VI Congreso Latinoamericano de Estudios del Discurso (ALED 2005), Chile.

SILVA, S. (2008). A trajetória do negro no Brasil e a Territorialização quilombola no ambiente florestado atlântico. Revista Olhares Sociais.

SILVA, T. (2011). Representações de mulheres negras na mídia televisiva. Anais eletrônicos ENILL - Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura, v.2. Itabaiana/SE.

SILVA, T. T. (org.). (2003). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 2 Ed., Petrópolis. RJ: Vozes.

SILVEIRINHA, M. (2004), Representadas e representantes: as mulheres e os media. In Silveirinha, M. J., Revista Media & Jornalismo, n. 5, pp. 9-30. Coimbra: Edições Minerva.

_____, M. e PEIXINHO, A. (2004). A construção discursiva dos imigrantes na imprensa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 69, pp. 117-137.

_____, M.; PEIXINHO, A. e ALMEIDA SANTOS, C. (2010). *Género e Culturas Mediáticas*. Mariposa Azul. Ebook.

_____, M. (2014). Media e Jornalismo. *Revista do Centro de Investigação Media e Jornalismo*, n.25, vol. 14.

SIQUEIRA, K. (2011). Identidades em discurso: gritos de negritude nas Américas por Langston Hughes e Oswald de Camargo. *Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE*, ano 5, n. 5.

SODRÉ, M. (1999). *Claros e Escuros: identidade povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

SOUZA, M. (2013). Racismo como instrumento epistemológico para o entendimento da situação da população negra na sociedade brasileira. *Revista ABPN*, v.6,n.12, pp. 6-19.

SOUZA, N. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

STEINBECK, J. (2004). *A América e os americanos*. Rio de Janeiro: Record.

TAVARES, M. (2008). *Feminismos em Portugal (1947-2007)*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta.

_____, M. (2010). *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*. Alfragide: Texto Editores Lda.

TAVARES, M. R. (2002). *Feminismo em Portugal - na voz de mulheres escritoras no início do século XX. Caderno Condição Feminina*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

TAVARES, P. (2016). Sinais de "racismo institucional" nas escolas portuguesas. Disponível em: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/sinais-de-racismo-institucional-nas-escolas-portuguesas-5141232.html>

TELLES, E. (2003). *Racismo à brasileira*, Rio de Janeiro:Lumará.

TICA, A. (2013). *Nôs terra*. Documentário.

TINHORÃO, J. (1988). *Os negros em Portugal - uma presença silenciosa*, Lisboa: Caminho.

TOKITA, M. (2013). Mulheres negras. *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina*, pp. 120-133.

- TRAQUINA, N. (2007). *Jornalismo*, 2a ed., Lisboa: Quimera
- TRINDADE, L. *et al.* (2007). A evolução das abordagens teóricas sobre a questão racial no BR. *Pesquisa em Debate*, ed.6, v.4, n.1.
- TRIPPIA, L. e BARACAT, E. (2014). A discriminação da mulher negra no mercado de trabalho e as políticas públicas. *Revista TST*. São Paulo, v.76, n.3, pp. 72-105.
- UMAR, (1998). *Movimento Feminista em Portugal*. Seminário realizado no Auditório do Montepio Geral. Lisboa.
- VALA, J., BRITO, R., LOPES, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: ICS.
- _____, J. (org.). (1999). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*. Oeiras: Celta Editora.
- _____, J. e LIMA, M. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Revista Estudos de Psicologia*, vol.9, n.3, pp. 401-411.
- VAN DIJK, T. (2005). *Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campo das Letras.
- _____, T. (2008). *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto.
- VAZ, P. e MENDONÇA, R. (2002). A representação visual do negro no jornal impresso. *Anais do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação – Salvador: Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias*, 13.
- VIANA, E. (2010). Lélia Gonzalez e outras mulheres: Pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. *Revista ABPN*. v. 1, n. 1, pp. 52-63.
- WALLERSTEIN, I. (2008). Ler Fanon no século XXI. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 82, Setembro, pp. 3-12.
- WERNECK, J. (2001). A vulnerabilidade das mulheres negras. *Jornal da Rede Saúde*, n. 23.
- _____, J. (2010). Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista ABNT*, v. 1, n. 1 - mar/jun, pp. 8-17.
- _____, J. (2014). *Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil*. Publicação Criola.
- _____, J.; IRACI, N. e CRUZ, S. (2012). *Mulheres negras na primeira pessoa*. Porto Alegre : Redes Editora.
- WEST, C. (1994). *Questão de raça*. São Paulo: Companhia das Letras.

Apêndice: Quadros

QUADRO XV

Título das peças jornalística jornal Público

	n	%
Nome do título da peça		
"A pressão não é um fardo, é um estímulo muito grande"	1	0,1%
"As mulheres em África jogam um papel mais revolucionário do que os homens"	1	0,1%
"Comer é que é uma batalha"	1	0,1%
"Dobradinha" da equipa Williams"	1	0,1%
"Doçuras ou travessuras" na Casa Branca"	1	0,1%
"E uma mulher e repito-o um milhão de vezes se for necessário"	1	0,1%
"Ele confessou que ia vender ao branco"	1	0,1%
"Há maior maturidade na forma como canto"	1	0,1%
"Já não é incomodo ser filho de músicos famosos"	1	0,1%
"Lembro-me de que ele saiu da prisão com um sorriso"	1	0,1%
"Mãe Africana"	1	0,1%
"Não podemos confiar nas tropas da União Africana"	1	0,1%
"O fado identifica o povo português"	1	0,1%
"O que nos falta é amor, somos como robôs"	1	0,1%
"O terramoto veio de um lugar muito para lá dos espíritos"	1	0,1%
"Pedras sujas" de Campbell já estão a ser autenticadas"	1	0,1%
"Pirilampo Mágico" com a voz de Sara"	1	0,1%
"Preta, és demasiado escura, és como um cão, nós queremos fazer um bebé claro"	1	0,1%
"Quando ouvir o tiro tem que fugir para dentro das matas"	1	0,1%
"Querem saber quem é este senhor aqui?"	1	0,1%
"Quero sentir o apoio do público"	1	0,1%
"Reconversão da Cova da Moura em vez da sua total destruição"	1	0,1%
"Relaciono-me com o público, com multidão é que não"	1	0,1%
"Rice garante que não era possível impedir o 11 de setembro"	1	0,1%
"Senhor presidente, tem que passar aqui a noite para ver as ratazanas"	1	0,1%
"Ser actor em Moçambique é um acto de coragem"	1	0,1%
"Serena Grand Slam"	1	0,1%
"Também hoje estou orgulhoso de ser africano"	1	0,1%
"Temos uma tradição migratória que inclui tráfico de pessoas"	1	0,1%
"Toda a gente fala de corrupção mas ninguém aponta a verdade"	1	0,1%
"Uma Mente Brilhante" vence na noite de Halle e Denzel"	1	0,1%
"Vai haver negros que vão ascender politicamente"	1	0,1%
18 angolanas disputam o título de Miss Minas Terrestres	1	0,1%
A "mazia negra" no cinema	1	0,1%
A água ao nível do palco	1	0,1%
A América beijou o fado	1	0,1%
A América de Obama ainda é de brancos de um lado e negros do outro	1	0,1%
A América só tem a ganhar com uma Europa forte	1	0,1%
A baiana que conversa com os deuses	1	0,1%
A batalha das mulheres da UNITA	1	0,1%
A caminho de África à procura do sentido da vida	1	0,1%
A campanha vai ter saudades da mulher de vermelho	1	0,1%
A casa de Verão das elites negras cumpriu mais uma temporada	1	0,1%
A chefe da tribo	1	0,1%
A Cova da Moura foi dançar à Palestina	1	0,1%
A derrota da loura burra	1	0,1%
A determinação de Venus tem sido bem visível	1	0,1%
A diplomacia de Condoleezza Rice	1	0,1%
A diva do "marketing"	1	0,1%
A espera das canções certas	1	0,1%
A estrada interrompida	1	0,1%
A foto que pode ter feito Condoleezza Rice testemunhar	1	0,1%
A frondosa árvore de Mariza	1	0,1%
A história do homem que reescreveu o sonho americano	1	0,1%
A história esqueceu-se delas	1	0,1%
A horta da casa Branca já deu os seus legumes	1	0,1%
A intolerância	1	0,1%
A lição do Katrina	1	0,1%
A madrasa do peque Ali não é como as outras	1	0,1%
A malta do bairro não quer parar	1	0,1%
A mão branca ou a luva negra	1	0,1%
A miúda espalhafatosa e a trintona ajuizada	1	0,1%
A mulher ameaçada e o professor de Harvard	1	0,1%
A Obamania, versão Michelle, chegou à Europa	1	0,1%
A pior epidemia da história da humanidade	1	0,1%
A poesia em movimento	1	0,1%
A polémica Claudia Schiffer negra	1	0,1%
A poligamia está bem viva na África do Sul	1	0,1%
A primeira vez numa sala de cinema	1	0,1%
A primeira-dama da alimentação biológica	1	0,1%
A quadrupla discriminação da mulher negra imigrante	1	0,1%
A raça ainda importa?	1	0,1%

A rainha Sanya Richards conseguiu o ceptro que há muito perseguia	1	0,1%
A rainha Serena Williams recupera o trono	1	0,1%
A riqueza desbaratada de Angola	1	0,1%
A sexta vitória da moçambicana Mutola	1	0,1%
A sobrevivência dos estudantes africanos, em Coimbra	1	0,1%
A sobrevivência é um emprego a tempo inteiro	1	0,1%
A somali que virou as costas ao Islão	1	0,1%
A talentosa senhora Traoré	1	0,1%
A tristeza de Layew e Mantegbosh	1	0,1%
A última chance de Gore	1	0,1%
A vez do tropicalismo mestiço	1	0,1%
A vida de Winnie Mandela chega ao palco	1	0,1%
A vida em imagens - Tina Turner	1	0,1%
A vida, apesar da morte no Ruanda	1	0,1%
A violação de mulheres como arma de guerra	1	0,1%
A volátil espuma dos dias	1	0,1%
A voz de veludo em Lisboa	1	0,1%
A voz do sangue nos olhos de Xangô	1	0,1%
A Xuxa portuguesa	1	0,1%
Aalivah vida breve	1	0,1%
Abay Admassu, a muller que disse não	1	0,1%
Abbas diz a Rice que não aceita um "Estado palestino temporário"	1	0,1%
Abbas e Rice confiantes num acordo de paz antes do fim do mandato	1	0,1%
Activista do SOS Racismo "não deixam ninguém dormir"	1	0,1%
Adiado recurso de nigeriana sentenciada por adultério	1	0,1%
Afezanistão e Cuba dividem Espanha e EUA na visita de Condeeza Rice	1	0,1%
África correndo para o fundo	1	0,1%
África do Sul - Há verdade, falta reconciliação	1	0,1%
África do Sul aposta numa aproximação a Portugal	1	0,1%
África do Sul escola de Oprah é muito "rígida"	1	0,1%
África do Sul o quinto casamento do Presidente	1	0,1%
África do Sul venceu empresas farmacêuticas	1	0,1%
África para o mundo	1	0,1%
África quer que a vejam	1	0,1%
Africano, branco rico e soropositivo	1	0,1%
Algumas ilhas no grande mercado da Arco	1	0,1%
Ali "versus" Frazier. a nova geração	1	0,1%
alice no país das mornas	1	0,1%
Alice no país das mornas	1	0,1%
Alicia Keys "Soul" em grande na casa ao lado	1	0,1%
Alicia Keys abençoada na sua vida amorosa	1	0,1%
Alicia Keys casa-se com Swizz Beatz	1	0,1%
Alicia Keys com todos nos 44 Prémios Grammy	1	0,1%
Alicia Keys é mãe e o bebé chama-se Ezyrv	1	0,1%
alicia keys intimidade para milhões	1	0,1%
alicia no país das maravilhas	1	0,1%
Almirante Reis - os sobreviventes	1	0,1%
Amadom & Mariam o passado reencontrado	1	0,1%
Amadora aqui há quem abdicaria da sua privacidade para se sentir mais seguro	1	0,1%
Amadou e Mariam este amor e uma festa	1	0,1%
Amamentar: um acto de amor	1	0,1%
América a terra que tudo acontece	1	0,1%
Amina Lawal absolvida por razões processuais	1	0,1%
Amina Lawal pode conhecer hoje o seu destino	1	0,1%
Anatomia de uma campanha	1	0,1%
ANC aposta na popularidade de Winnie para manter maioria	1	0,1%
Angola à beira do desastre	1	0,1%
Anita podia ter sido "pombo-correio"	1	0,1%
Aniversario de BoB Marley celebrado na Etiópia	1	0,1%
Ao longe no Atlântico	1	0,1%
Ao terceiro dia em Maputo. foi trabalhar quem tem fome	1	0,1%
Apoio de Oprah Winfrey a Barack Obama pode baralhar dados eleitorais	1	0,1%
Aqui a história do ténis cruza-se com o progresso	1	0,1%
Aretha é a melhor cantora de sempre	1	0,1%
Aretha Franklin anuncia a última digressão	1	0,1%
Aretha Franklin é a melhor cantora rock	1	0,1%
Aretha Franklin hoje nos Grammys	1	0,1%
Aretha Franklin hospitalizada	1	0,1%
Aretha Franklin já esta em casa	1	0,1%
Artistas imigrantes na Gulbenkian	1	0,1%
As canções que o pai lhe ensinou e aquelas que ela canta	1	0,1%
As duas primeiras-damas apareceram de branco	1	0,1%
As indiscrições de Bruni para com Michelle Obama	1	0,1%
As mães Wal-Mart votam em Obama	1	0,1%
As mares de Jambiani	1	0,1%
As mulheres e a campanha presidencial americana	1	0,1%

As mulheres mais poderosas só mundo	1	0,1%
As mulheres na colonização do Brasil	1	0,1%
As mulheres são as grandes responsáveis pela "sobrevivência de A	1	0,1%
As nádegas de Beyoncé contra o extremismo	1	0,1%
As parcerias portuguesas da filha de Eduardo dos Santos	1	0,1%
As prioridades de Condoleezza Rice	1	0,1%
As ratazanas, a dislexia e Oprah	1	0,1%
As refeições deles dão direito a um corpo são	1	0,1%
As sombras da voz	1	0,1%
As sumptuosas férias cariocas da primeira dama angolana	1	0,1%
Ashia Hansen salta em grande estilo	1	0,1%
Atacar o Irão ainda "não esta na agenda" americana, diz Rice	1	0,1%
Atlantic Waves para além de Mariza	1	0,1%
Aveiro em festa durante mês e meio com cartas alargado e diversificado	1	0,1%
Ayaan Hirsi Ali autorizada a manter cidadania holandesa	1	0,1%
Ayaan Hirsi Ali volta ao Parlamento holandês para lutar por um outro islã	1	0,1%
Ayaan Hirsi, a deputada muçulmana que levantou o véu do islão	1	0,1%
Ayaan Hirsi Ali a amante do historiador inglês	1	0,1%
Azinhaga dos Besouros, na Amadora, suspensa de novas demolições	1	0,1%
Bairro de Bandim, Bissau, no caminho da prevenção	1	0,1%
Bairros de barraca da área de Lisboa estão para durar	1	0,1%
Barack Obama joga na Europa a sua reputação e credibilidade	1	0,1%
Barack Obama por ele próprio	1	0,1%
Barack Obama provou um pouco do "efeito Oprah"	1	0,1%
Barack Obama visita continente dos seus antepassados	1	0,1%
Barbara Hendrick no Festival de Sintra	1	0,1%
Batalha da Florida perto do fim	1	0,1%
Bebé Vulcão nasceu sem casa	1	0,1%
Bélgica julga genocídio do Ruanda	1	0,1%
Belo Horizonte - Retrato em branco e preto	1	0,1%
Bené a negra esperança	1	0,1%
Berlusconi insiste em chamar "bronzeados" a Obama	1	0,1%
Bessie Smith a imperatriz do blues	1	0,1%
Betty Davis a "femme fatale" do funk	1	0,1%
Beyoncé a destiny's child que faltava	1	0,1%
Beyoncé a mais desejada	1	0,1%
Beyoncé adia concerto na Malásia	1	0,1%
Beyoncé arrasa nos prémios da BET	1	0,1%
Beyoncé com grandes pedidos e poucos horizontes	1	0,1%
Beyoncé concerto para filho de Kadhafí motiva polémica	1	0,1%
Beyoncé de vermelho para conquistar Berlim	1	0,1%
Beyoncé depois da polémica a visita às pirâmides	1	0,1%
Beyoncé desmente casamento com Jay-Z	1	0,1%
Beyoncé deusa e poderosa	1	0,1%
Beyoncé é "muito, muito feliz" no casamento	1	0,1%
Beyoncé é fã de Will Smith	1	0,1%
Beyoncé e Jay-Z casaram mesmo	1	0,1%
Beyoncé e Jay-Z são o casal mais rico	1	0,1%
Beyoncé e o "rapper"	1	0,1%
Beyoncé e OutKast consagrados nos Grammys	1	0,1%
Beyoncé eleita mulher do ano	1	0,1%
Beyoncé em setembro	1	0,1%
Beyoncé foi a mais bem paga	1	0,1%
Beyoncé lança o seu primeiro perfume	1	0,1%
Beyoncé multiplica-se	1	0,1%
Beyoncé na pele de Bob Dylan	1	0,1%
Beyoncé não está grávida, diz mãe	1	0,1%
Beyoncé não pára	1	0,1%
Beyoncé nascida para ser estrela	1	0,1%
Beyoncé no topo	1	0,1%
Beyoncé nomeada para MTV Europe	1	0,1%
Beyoncé quer casar com Jay-Z	1	0,1%
Beyoncé quer ser a próxima Bond Girl	1	0,1%
Beyoncé recruta banda exclusivamente feminina	1	0,1%
Beyoncé recupera graça a Serena Williams	1	0,1%
Beyoncé segundo álbum de aniversário	1	0,1%
Beyoncé surpreendida por activistas	1	0,1%
Beyoncé Vamos ser a mulher Maravilha dos nossos sonhos	1	0,1%
Beyoncé visita fãs no hospital	1	0,1%
Bill e as outras mulheres	1	0,1%
Billie Holiday uma lenda chamada Lady Day	1	0,1%
Bola de espelhos Morcheeba	1	0,1%
Bolsas de estudo atrasadas criam dificuldades a universitários	1	0,1%
Boneca Michelle vai ser posta à venda	1	0,1%
Boris Becker faz acordo com ex-amante	1	0,1%
Brasil de corpo e alma no Porto	1	0,1%

Britânicos comandam na Serra Leoa	1	0,1%
Britney, Beyoncé e Pink juntas e ao vivo	1	0,1%
Bush não enganou os EUA, diz Rice	1	0,1%
Bush nega racismo no socorro de Nova Orleães	1	0,1%
Cada vez mais mulheres solteiras e divorciadas emigram para Portugal	1	0,1%
Campbell recorda doença da mãe	1	0,1%
Campeã Olímpica Tonique Williams ganha guerra dos 400m	1	0,1%
Campeões esperados, mas brilhantes	1	0,1%
Cantei o hino nacional e não sou portuguesa?	1	0,1%
Cantora de jazz Abbey Lincoln morreu aos 80 anos nos EUA	1	0,1%
Capital de risco da AICEP junta-se ao grupo de Graça Machel para no	1	0,1%
Carla Sacramento quarta nos 1500m das romenas	1	0,1%
Carla Sacramento recupera em Espanha	1	0,1%
Carla Sacramento vitoriosa	1	0,1%
Carlos Calado saltou para recorde e bronze	1	0,1%
Carlos do Carmo e Mariza juntos e ao vivo pela primeira vez	1	0,1%
Carter e Annan procuram ajudar o Zimbábue	1	0,1%
Casa branca - o dilema de partilhar as "primeiras-crianças"	1	0,1%
Casa Branca, nos bastidores com o presidente	1	0,1%
Casamento de sexagenária com homem 42 anos mais novo gera polémica	1	0,1%
Caster Semenya mantém título mundial embora o seu futuro continue	1	0,1%
Centenas de manifestantes desafiam Mugabe nas ruas	1	0,1%
Cesária e Lura, duas fontes de Cabo Verde	1	0,1%
Cesária e tributo a Ildo Lobo no Coliseu de Lisboa	1	0,1%
Cesária Évora é o novo rosto contra a fome no mundo	1	0,1%
Cesária Évora lança novo disco	1	0,1%
Cesária impossível tanta beleza	1	0,1%
Cesária perto e longe	1	0,1%
Chama-se Serena Williams e é mesmo uma força da natureza	1	0,1%
Chanda Rubin lidera Porto Open	1	0,1%
Chis Brown bateu em Rihanna	1	0,1%
Chissano esperou 32 anos para casar pela Igreja Católica	1	0,1%
Chókwè, a imensa desolação	1	0,1%
Chris Brown diz que não bateu em Rihanna	1	0,1%
Ciclo "Africa Cá" durante um mês de Maria Matos	1	0,1%
Cinco anos depois Serena Williams volta a ser a tenista número um d	1	0,1%
Cinco dias de esfregona para Naomi Campbell	1	0,1%
Cinco magníficos dourados	1	0,1%
Circuncisão poderá evitar milhões de infeções com o HIV em África	1	0,1%
Clinica de reabilitação pode salvar casamento de Halle Berry	1	0,1%
Cobaias humanas	1	0,1%
COI investiga acusações contra Marion Jones	1	0,1%
Combate na Libéria apresara de anúncio de cessar-fogo	1	0,1%
Comício de Obama bate recorde de assistência	1	0,1%
Condoleezza Rice critica Putin e oferece apoio a ONG russas	1	0,1%
Condoleezza Rice convida a Europa a abrir "um novo capítulo"	1	0,1%
Condi: Ela pode sobreviver a Bush?	1	0,1%
Condoleezza Rice é o novo rosto da diplomacia americana	1	0,1%
Condoleezza Rice pede a Israel que "continue a tomar decisões difíceis"	1	0,1%
Condoleezza Rice resume nova doutrina americana	1	0,1%
Condoleezza "apaixonada pelo ginásio"	1	0,1%
Condoleezza é uma das mulheres do ano	1	0,1%
Condoleezza Rice admite redução de tropas do Iraque	1	0,1%
Condoleezza Rice apaixonada?	1	0,1%
Condoleezza Rice apela ao reforço da cooperação com a Rússia	1	0,1%
Condoleezza Rice dá garantias de "legalidade" e "clarificação"	1	0,1%
Condoleezza Rice defende práticas da CIA que já "salvaram muitas v	1	0,1%
Condoleezza Rice deu "luz verde" a interrogatórios com waterboardin	1	0,1%
Condoleezza Rice e Aretha Franklin juntas no palco	1	0,1%
Condoleezza Rice elogia processo de paz indo-paquistanês	1	0,1%
Condoleezza Rice foi ao Iraque pedir mais poder para a minoria Sunit	1	0,1%
Condoleezza Rice inicia hoje uma ronda contra-ataque às críticas e	1	0,1%
Condoleezza Rice lançou em Beirute a diplomacia para acabar com a g	1	0,1%
Condoleezza Rice recebida na China com promessa de retoma das conversas	1	0,1%
Condoleezza Rice saúda "passos positivos" do Hezbollah	1	0,1%
Condoleezza Rice testemunha sob juramento em público	1	0,1%
Condoleezza Rice uma personagem chave na mudança	1	0,1%
Condoleezza Rice, a mais poderosa do mundo	1	0,1%
Condoleezza-Aretha um duelo improvável	1	0,1%
Condoleezza Rice quer que a NATO passe ao ataque no Afeganistão	1	0,1%
Confirmação de um drama anunciado	1	0,1%
Confrarias e Madrassas disputam a fé dos moçambicanos	1	0,1%
Conselho as mulheres	1	0,1%
Contos da violência normal no Harlem	1	0,1%
Cor da pele dos brasileiros revela pouco sobre seus antepassados	1	0,1%
Coretta Scott King - Morreu a matriarca do movimento dos direitos cívicos	1	0,1%

Corpo de Intervenção chamado ao bairro das Marianas	1	0,1%
Corrida para enfrentar Bush aquece entre democratas	1	0,1%
Crédito - uma porta de esperança	1	0,1%
Crianças questionaram Rice sobre waterboarding	1	0,1%
Crise política sem fim à vista em São Tomé e Príncipe	1	0,1%
Cunhado de Jennifer Hudson preso	1	0,1%
Da nudez das mulheres a escravatura	1	0,1%
Damas de Branco lembram Zapata e desfilam nas ruas de Havana	1	0,1%
danae esta coisa africana	1	0,1%
Das barracas para nada	1	0,1%
De "só para brancos" à Casa Branca	1	0,1%
de onde saiu esta coisa perfeita?	1	0,1%
Dee Dee Bridgewater abre Festival Funchal Jazz	1	0,1%
Dee Dee Bridgewater canta hoje à noite no CCB	1	0,1%
Dee Dee Bridgewater e o talento de uma grande voz	1	0,1%
Dentro do sudorme. 25 mil pessoas vivem como animais	1	0,1%
Depois de Sarkozy e Bruni, temos Chávez e Naomi?	1	0,1%
Depois do ouro e do bronze, Naide Gomes ganha a prata	1	0,1%
Deputada holandesa ameaça por islamistas demite-se e exila-se nos E	1	0,1%
Desigualdade no mundo é hoje maior que há dez anos	1	0,1%
Destá vez Naomi portou-se bem, mas...	1	0,1%
Destino de uma "Austin's girls"	1	0,1%
Destiny's Child	1	0,1%
Destiny's Child em concerto privado	1	0,1%
Destiny's Child anunciam separação	1	0,1%
Detido um dos chefes dos grupos armados que violaram centenas no Congo	1	0,1%
Devenport desfaz sonho	1	0,1%
Diana Ross anula "tournee"	1	0,1%
Diana Ross luminosa	1	0,1%
Diana Ross recorre no caso da condução sob efeito do álcool	1	0,1%
Diário Olímpico	1	0,1%
Diário Olímpico	1	0,1%
Dissidentes cubanos - Quando fazer caramelos pode ser crime	1	0,1%
Diversidade das 'mulheres do mundo' exige fazer compromissos	1	0,1%
Divine agradece a Hugh Grant	1	0,1%
Divórcio de Whitney Houston era uma piada	1	0,1%
Divórcios e prostituição disparam no Vale do Ave	1	0,1%
Do "apartheid" subtil à "democracia racial"?	1	0,1%
Do fundo da soul	1	0,1%
do outro lado do fado mariza	1	0,1%
Documentário sobre Mariza assinala seis meses do Biography	1	0,1%
Dois novos títulos nas provas longas	1	0,1%
Dois recordes nacionais nos Europeus de Madrid	1	0,1%
Dona Cila, a senhora pode explicar aos portugueses o que é o coco?	1	0,1%
Dramaturga Suzan-Lori Parks faz história nos Pulitzer para as artes	1	0,1%
Drechsler enterra sonho de Jones	1	0,1%
Drogba, o africano	1	0,1%
Duas histórias que se tornam uma	1	0,1%
Dúvidas sobre o destina da ajuda	1	0,1%
E a pior crise humanitária das últimas décadas	1	0,1%
E grandiosa a morna de Tito Paris	1	0,1%
E o que já se sabia: Oprah é a mais poderosa	1	0,1%
E obrigatório exportar a música portuguesa	1	0,1%
Ebony Bones uma história de morrer a rir	1	0,1%
Efeito Oprah - Britânica nos tops dos EUA	1	0,1%
Elas vão para o Rio...	1	0,1%
Eleições em tempos de crise	1	0,1%
Ella Fitzgerald "Mama Jazz"	1	0,1%
Ellen Johnson-Sirleaf a primeira presidente da Libéria e de Africa	1	0,1%
Ellen Johnson-Sirleaf foi confirmada Presidente da Libéria	1	0,1%
Elza Soares icone do Brasil "gav"	1	0,1%
Elza Soares voltou a cantar para não enlouquecer	1	0,1%
Elza Soares, a pérola negra no Porto	1	0,1%
Em busca da vacina malária	1	0,1%
Embaixadas inquietas com morte de "manifestantes desarmados"	1	0,1%
Embaixadores da CPLP querem " revisão dos métodos de trabalho"	1	0,1%
Emmys - Tyra Banks, Beleza e Poder e Rua Sésamo premiados	1	0,1%
Empate entre sras. Obama e McCain	1	0,1%
Encontro improvável na Cova do Moura	1	0,1%
Ensaio clínico de nova terapia do HIV leva à morte de mulher	1	0,1%
Epidemias ameaça 10 milhões na Africa Austral	1	0,1%
Era o que faltava a Oprah: uma loja	1	0,1%
Eritreia da guerra para a cozinha	1	0,1%
Esta é a América de Rosa Parks!	1	0,1%
Esta é a voz de Nneka	1	0,1%
Esta na hora da Europa "abrir a mão" para conversar com África, di	1	0,1%

Esther modelo e presidente	1	0,1%
Estrela homenageiam Nelson Mandela	1	0,1%
Estudo-piloto sobre excisão feminina revela desconhecimento médico	1	0,1%
Etiopes lideram légua e 10.000m	1	0,1%
eu quero ser negro	1	0,1%
EUA pressionam a Rússia a "enterrar" o ABM	1	0,1%
EUA violaram direitos de vítimas do Katrina	1	0,1%
Ex-agente de Naomi Campbell afinal não ouviu Taylor prometer diamante	1	0,1%
Experiências televisivas troca a raça a duas famílias dos EUA	1	0,1%
fado curvo ao virar da esquina	1	0,1%
Fado para todo o mundo mas sem Grammy	1	0,1%
Falta de meios e sexismo prejudicam população mundial	1	0,1%
Faltam 5,3 milhões de dólares para travar a sida	1	0,1%
Família de Jennifer Hudson já tinha sido ameaçada várias vezes	1	0,1%
Fãs oferecem os seus rins a Natalie Cole	1	0,1%
Favelas - "Reality tours no Rio de Janeiro e na Cova da Moura"	1	0,1%
FBI detém a única mulher na lista dos mais procurados	1	0,1%
Federação crítica "condições deploráveis" em que treinam os sa	1	0,1%
Ferdinand Gakpetor, um rei branco na Gana	1	0,1%
Fernanda e Carla sem problemas	1	0,1%
Festival Cool Jazz começa hoje	1	0,1%
Festival de música portuguesa começa hoje em Lisboa	1	0,1%
Festival de música portuguesa regressa a Londres	1	0,1%
Filhos cedo demais	1	0,1%
Filhos de Filadélfia a música da cidade do amor fraterno	1	0,1%
Flamenco cor de fogo	1	0,1%
Fogo em prédio de paris mata 17 africanos durante a noite	1	0,1%
Foi o amor de mãe que salvou Whitney Houston	1	0,1%
Foi pior que a guerra	1	0,1%
Foi um golpe e não drogas, o que matou guineense	1	0,1%
Fome, cólera, vulcões, está tudo a cair sobre milhares de descola	1	0,1%
Forças da ONU tentam controlar bairro violento no Haiti	1	0,1%
Fortes críticas democratas na confirmação de Rice como secretária	1	0,1%
Fortuna de Michael Jackson foi consumida pelas dívidas	1	0,1%
Foto de imigrante seminua no chão de uma esquadra em Itália chora	1	0,1%
foxy lady	1	0,1%
Foxy Brown vai passar 73 dias na solitária	1	0,1%
Fragmentos de uma multidão	1	0,1%
França deve dar nacionalidade e asilo a Ayaan Hirsi Ali	1	0,1%
Funchal Jazz, o mais difícil está feito	1	0,1%
Funcionária de escola de Oprah absolvida	1	0,1%
Funcionária de Oprah foi detida	1	0,1%
Funcionário da CPLP fazem graves acusações a Dulce Pereira	1	0,1%
Fundação realiza desejos a crianças para as ajudar a vencer a doe	1	0,1%
Furacão Katrina pode ter feito dez mil mortos	1	0,1%
George W. também sabe beijar	1	0,1%
Governo de Maria das Neves cai em São Tomé e Príncipe	1	0,1%
Governador de estado dos EUA comuta 156 penas de morte	1	0,1%
Graça Machel "Não alteraria o meu percurso, a minha trajectória"	1	0,1%
Graça Machel considera ilegítimo o Governo de Mugabe	1	0,1%
Graça Machel, a dupla primeira dama da África	1	0,1%
Grace Jones o regresso da mulher-pantera	1	0,1%
Grace Mugabe esmurra fotógrafo britânico	1	0,1%
Grammys - Em Los Angeles a noite foi delas	1	0,1%
Grupo de imigrantes clandestinos	1	0,1%
Grupo radical somali reivindica ataques que mataram 74 pessoas	1	0,1%
Grupos Desportivo Os Pescadores pede revisão do Polis da Caparica	1	0,1%
Guerrilheira de dia escrava sexual à noite	1	0,1%
Guguletho, estrela de novela sul-africana	1	0,1%
Há um retrocesso na luta pelos direitos humanos em todas as regiões	1	0,1%
Há uma luta entre os filhos e o "pai" Armando Guebuza	1	0,1%
Há uma maldição Palin na campanha republicana?	1	0,1%
Habitantes de Brixton acusam a polícia de racismo	1	0,1%
Haiti - Um país ainda em ruínas	1	0,1%
Haiti - Um terramoto de 500 anos	1	0,1%
Haiti enfrenta devastação total e número de mortos recorde	1	0,1%
Halle Berry é a mulher mais sexy do mundo	1	0,1%
Halle Berry pensou em suicidar-se	1	0,1%
halle berry a arma secreta de uma actriz de cor	1	0,1%
Halle Berry divorcia-se	1	0,1%
Halle Berry diz que é feia	1	0,1%
Halle Berry é a mulher negra mais bela	1	0,1%
Halle Berry é a nova Catwoman?	1	0,1%
Halle Berry e Gabriel Aubry separam-se	1	0,1%
Halle Berry fere-se durante filmagens	1	0,1%
Halle Berry foi mãe de uma menina	1	0,1%

Halle Berry grávida?	1	0,1%
Halle Berry já mia	1	0,1%
Halle Berry nem quer ouvir falar em Catwoman	1	0,1%
Halle Berry partiu um braço em filmagens	1	0,1%
Halle Berry separa-se do marido	1	0,1%
Halle Berry trabalha para manter a linha	1	0,1%
Halle Berry vai a tribunal...	1	0,1%
Halle Berry vai casar	1	0,1%
Halle Berry vai ser branca	1	0,1%
Halle Berry vigia o marido	1	0,1%
Helene Cooper - "Este lugar horrível é a minha casa"	1	0,1%
Helicópteros salvam os filhos, mas deixam os pais para trás	1	0,1%
Hermès pede desculpa a Oprah	1	0,1%
Hewitt em grande estilo	1	0,1%
Hillary Clinton fora dos 100 mais influentes	1	0,1%
Historia de prisões, tortura e morte em Cabinda	1	0,1%
Histórias "pequeninas e pessoais" na origem de um conflito interno	1	0,1%
Hollywood acarinhou Barack Obama e o que vai ter em troca?	1	0,1%
Homem grávido no programa da Oprah	1	0,1%
Homenagem de Oprah a mulheres "lendárias"	1	0,1%
Hotel Yeoville	1	0,1%
Hugo Chávez conquista Naomi Campbell	1	0,1%
Human Rights acusa Luanda de violações dos direitos humanos	1	0,1%
IAAF quer saber se a campeã dos 800 metros é uma mulher	1	0,1%
Igreja condena governo	1	0,1%
Igualdade de género e bem estar da criança "são indissociáveis"	1	0,1%
Igualdade e diversidade: condição para a democracia	1	0,1%
Ilha é a rainha da velocidade e já venceu os 100, 200 e 400 metros	1	0,1%
Imagens de polícia a bater em jovem causam polémica	1	0,1%
Imagens dos Obama usadas sem autorização	1	0,1%
Iman auto-retrato de uma ex-modelo	1	0,1%
Imigrantes brasileiros a viver no país são os que mais se queixam	1	0,1%
Irmão de Michelle Obama escreve livro	1	0,1%
Irmãos Willians ao poder	1	0,1%
Irmãs Williams têm final bem encaminhada	1	0,1%
Irmãs Willians no Dubai	1	0,1%
Isabel dos Santos, a princesa discreta de Angola	1	0,1%
Isinbayeva, Richards e Bekele partilharam jackpot	1	0,1%
isto é só sexo	1	0,1%
Ivanisevic regressa e Serena surpreende	1	0,1%
Jackson destapada por Timberlake	1	0,1%
Janelle Monáe - Uma máquina de cantar e dançar na Avenida	1	0,1%
Janelle Monáe é tão pequena e já tão grande	1	0,1%
Janet Jackson cancela concertos na Europa	1	0,1%
Janet Jackson de novo internada	1	0,1%
Janet Jackson divorciou-se e agora quer ser mãe	1	0,1%
Janet Jackson fala da morte do irmão	1	0,1%
Janet Jackson nega ter filha "secreta"	1	0,1%
Janet Jackson processada por fã	1	0,1%
Janet Jackson procura namorado	1	0,1%
Janet Jackson tem uma paixoneta por Alicia	1	0,1%
Jay-Z e Beyoncé, problemas ao virar da esquina no paraíso	1	0,1%
Jennifer Hudson recorda o pesadelo	1	0,1%
Jennifer Hudson capa da Vogue de Março	1	0,1%
Jennifer Hudson já é mamã de um menino	1	0,1%
Jennifer Hudson vai ser mãe	1	0,1%
Jestina Mukoko, a recenseadora dos abusos	1	0,1%
Jill Scott do fundo da soul	1	0,1%
Joaquim Leitão filma na Cova do Moura uma história com "espírito"	1	0,1%
John Malkovich trava combate com Naomi Campbell na Internet	1	0,1%
Johnny Deep e Janet Jackson gostam da nossa música?	1	0,1%
Jorge Sampaio passou a manhã de sábado na Cova da Moura e apelou	1	0,1%
Julius Madalena: a África do Sul leva-o a sério?	1	0,1%
Kara Walker Desmistificação da escravatura	1	0,1%
Katarina Srebotnik surpreendeu Serena	1	0,1%
Katrina - Bush regressa à zona afectada para fortalecer imagem	1	0,1%
Kay veio das townships	1	0,1%
Kechiche filma um destino de mulher	1	0,1%
Kelis estará aqui	1	0,1%
Kelis princesa da soul	1	0,1%
Khady, a insubmissa	1	0,1%
Kika Santos estreia-se a solo com "Soul Mayor"	1	0,1%
Ku quê? Dub quê? Mas que música e esta	1	0,1%
L'Oréal acusada de "branquear" Bevoncé	1	0,1%
Laboratório forneceu dopantes a Marion Jons e Tim Montgomery	1	0,1%

Laurent e Jacinta	1	0,1%
Lauryn Hill faz negócio na Internet	1	0,1%
Leibovitz fotografa Michelle	1	0,1%
Lena Horne - Um símbolo da luta pela igualdade	1	0,1%
Lésbicas africanas juntam-se para combater a discriminação	1	0,1%
Libéria escolhe entre futebolista uma economista para Presidente	1	0,1%
Lindiwe e Bathini já podem casar-se na África do Sul	1	0,1%
Lisboa com perfume de mulher	1	0,1%
Lisboa quer ser negra outra vez?	1	0,1%
Lizcano não foi resgatado foi entregue pelo captor	1	0,1%
Lou Jing é uma chinesa mestiça que foi vítima de racismo	1	0,1%
Luanda será "caixinha de surpresas" da votação	1	0,1%
Lura de corpo e alma	1	0,1%
Lura o que lhe vai na alma	1	0,1%
Lura reafirma em palco e em disco origem cabo-verdiana	1	0,1%
Lutas sociais chegam à "passerelle" das misses	1	0,1%
Macy Gray anda a ouvir Diana Ross	1	0,1%
Macy Gray sarilhos com ela	1	0,1%
Mãe de Jackson recebe um milhão por ano	1	0,1%
Mãe de Michael Jackson lança livro	1	0,1%
Mãe de Michael Jackson processa AEG	1	0,1%
Mãe de Michelle orgulhosa da filha	1	0,1%
Mãe do rei do Pop admite vícios do filho	1	0,1%
Mãe etíope conforta filho malnutrido	1	0,1%
Magadisco em risco de cair nas mãos dos islamistas	1	0,1%
Magistrados contra lei de investigação criminal	1	0,1%
Mais uma honraria para Oprah Winfrey	1	0,1%
maio maduro ayo	1	0,1%
Majoria parlamentar feminina no Ruanda é inédita	1	0,1%
Mais da metade dos eleitores americanos vão hoje às urnas	1	0,1%
Mais de 150 mulheres violadas no Leste da RDC	1	0,1%
Mais mulheres presidentes	1	0,1%
Mais prata para Naide, primeira grande medalha para Jéssica	1	0,1%
Mais prejuízos para Rihanna	1	0,1%
Mais um prémio europeu para Mariza	1	0,1%
Manas William em reality show familiar	1	0,1%
Mandela dança na festa de aniversário	1	0,1%
Mandisa, bailarina zulu para turista ver	1	0,1%
Manifestação - "Isto é impensável fazer-se em Angola".	1	0,1%
Manual de instruções para uma nova revolução sexual	1	0,1%
Marbella anseia pelos Obama	1	0,1%
maria alice digressão nacional	1	0,1%
Maria Mutola continua a ganhar	1	0,1%
Maria Mutola vai para a quinta final seguida	1	0,1%
Mariam, a escrava que comoveu Durban	1	0,1%
Marido de Whitney Houston julgado por agressão à cantora	1	0,1%
Marie-Jose Perec deixa Sydney dizendo-se vítima de ameaças	1	0,1%
Marion entra em acção	1	0,1%
Marion Jones à beira da derrota em Lausana	1	0,1%
Marion Jones acusada de "doping" em Sydney 2000	1	0,1%
Marion Jones chegou ao outro, quenianos dominam meio-fundo	1	0,1%
Marion Jones continuará motivada?	1	0,1%
Marion Jones divorcia-se	1	0,1%
Marion Jones é a grande figura da Liga Dourada	1	0,1%
Marion Jones e Zelezny eleitos melhores do ano	1	0,1%
Marion Jones eliminada dos Jogos Olímpicos	1	0,1%
Marion Jones fica fora dos Mundiais	1	0,1%
Marion Jones foi a figura	1	0,1%
Marion Jones ganha no regresso	1	0,1%
Marion Jones ganha, mas sem recorde	1	0,1%
Marion Jones prepara-se para começar uma antiga carreira	1	0,1%
Marion Jones punida com seis meses de prisão	1	0,1%
Marion Jones suspeita de doping	1	0,1%
Marion Jones tenta agarrar bilhete de recurso para Atenas	1	0,1%
Marion Jones perde final após quatro anos invicta	1	0,1%
Marion Jones procura ouro no dia de Rui Silva	1	0,1%
Marion Jones supersónica	1	0,1%
Mariza	1	0,1%
Mariza - De Portugal e de todo o mundo	1	0,1%
Mariza - o fado esteve quase a desaparecer	1	0,1%
Mariza a diva dos inglesas "hipnotizou" o Royal Festival Hall	1	0,1%
Mariza arrebatou público multicultural	1	0,1%
Mariza conquista público do Rivoli	1	0,1%
Mariza e Janet fã de uma outra	1	0,1%
Mariza é uma estrela pop	1	0,1%

Mariza em álbum de apoio às iranianas	1	0,1%
mariza em busca de bênção	1	0,1%
Mariza em directo com os fãs no El Mundo	1	0,1%
Mariza entre 32 divas mundiais	1	0,1%
Mariza grava dueto com Sting para os Jogos Olímpicos	1	0,1%
Mariza nomeada embaixatriz	1	0,1%
Mariza produzida por Jacques Morelenbaum	1	0,1%
Mariza, "a sucessora de Amália"	1	0,1%
Mariza, a estrela de Belém	1	0,1%
Mariza, embaixadora da boa vontade	1	0,1%
Mariza, fadista de alta competição	1	0,1%
Mary Poppins revista por Whoopi Goldberg	1	0,1%
Masters confirma Serena Williams como a melhor tenista da actualidade	1	0,1%
Mau feitio - Naomi Campbell está arrependida	1	0,1%
Medalhas em risco	1	0,1%
Mediadores tentar acabar com combates na Libéria	1	0,1%
Mel B bloqueia reunião de Spice Girls para o Live 8	1	0,1%
Memórias de uma sudanesa bonita	1	0,1%
Mercado negro de antirretrovirais ameaça doentes africanos	1	0,1%
Merkel é a mais poderosa no ano de estreia de Michelle	1	0,1%
Michaëlle Jean - imigrante, negra e jornalista	1	0,1%
Michele Obama - Vestido de baile da investidura no museu	1	0,1%
Michele Obama e Sasha estão de visita a Marbelha	1	0,1%
Michele Obama no pódio do bom gosto	1	0,1%
Michele Obama pretende acabar com obesidade infantil numa geração	1	0,1%
Michelle abraçou a rainha? Ou a rainha abraçou Michelle?	1	0,1%
Michelle e Barack Obama eles dizem-nos com quem andam	1	0,1%
Michelle e Sasha numa tela de Peyton	1	0,1%
Michelle foi ao Larry King e portou-se como uma first lady	1	0,1%
Michelle não vem e programas paralelos inclui dois museus	1	0,1%
Michelle nunca passou tanto tempo com o seu Barack	1	0,1%
Michelle Obama - Foto oficial divide opiniões	1	0,1%
Michelle Obama - Toda a história da América corre no sangue dela	1	0,1%
Michelle Obama calçou as botas e foi para a horta	1	0,1%
Michelle Obama criticada pela estadia em Espanha	1	0,1%
Michelle Obama da Casa Branca à Rua Sésamo	1	0,1%
Michelle Obama depois da horta um mercado biológico?	1	0,1%
Michelle Obama diz por onde anda o Pai Natal	1	0,1%
Michelle Obama é a mulher mais poderosa	1	0,1%
Michelle Obama em busca dos looks de tomada de posse	1	0,1%
Michelle Obama foi ao Haiti em visita-surpresa	1	0,1%
Michelle Obama foi ao México falar de educação	1	0,1%
Michelle Obama heroína de BD	1	0,1%
Michelle Obama recebe turistas na Casa Branca	1	0,1%
Michelle Obama salta pela saúde	1	0,1%
Michelle quase chama presidente a Hillary	1	0,1%
Michelle sem rival em Londres	1	0,1%
Michelle vende mais que o próprio Obama	1	0,1%
Michelle, a arma secreta de Barack Obama	1	0,1%
Michelle, ela vence Obama no ténis... e não só	1	0,1%
Microcrédito - Dez anos made in Portugal	1	0,1%
Midem para lá das discussões	1	0,1%
Milhares de congoleses estão sem apoio humanitário	1	0,1%
Milhares de militares dos EUA de prevenção para intervir na Libéria	1	0,1%
Milhares de pessoas despediram-se de Rosa Parks pioneira da luta pelos direitos dos negros	1	0,1%
Ministra da saúde sul-africana é "bêbada", diz jornal	1	0,1%
Ministra tanzaniana 'número dois' da ONU	1	0,1%
Minoría negra republicana fica fora do prime-time	1	0,1%
Miss Angola no México	1	0,1%
Miss dos EUA é negra	1	0,1%
Miss Minas - Quem disse que não pode ter uma prótese e uma coroa	1	0,1%
Missy Elliott	1	0,1%
Missy Elliott o hip hop já chegou à cozinha	1	0,1%
Mónica Ferraz - Próximo destino: o trilho das origens	1	0,1%
Moradores das Murtas realojados	1	0,1%
Morcheeba no céu	1	0,1%
Morrer de fome	1	0,1%
Morreu a Mamã Africa	1	0,1%
Morreu Herminia, única herdeira das cantadeiras de mornas do século XIX	1	0,1%
Morreu Odetta, a cantora que deu uma banda sonora ao movimento dos direitos civis	1	0,1%
Morreu Rosa Parks, a pioneira dos Direitos Cívicos na América	1	0,1%
Mortalidade materna	1	0,1%
Morte de Michael Jackson cada vez mais suspeita	1	0,1%
Moss elogiada, Naomi criticada	1	0,1%
Motorista de Campbell agredido	1	0,1%
Mugabe quer poder perpetuo	1	0,1%

Mulher queniana infectada com o HIV vai receber 35 mil dólares por ter sido despedida	1	0,1%
Mulher vai chefiar Governo da Jamaica	1	0,1%
Mulher, pobre e rural é a combinação mais perdedora do combate ao	1	0,1%
Mulheres ajudaram a fortalecer oposição aos senhores da guerra	1	0,1%
Mulheres ao poder, a melhor luta contra a sida	1	0,1%
Mulheres do PCP pedem libertação da nigeriana Amina Lawal	1	0,1%
Mulheres imigrantes	1	0,1%
Mulheres ímpares no islão	1	0,1%
Mulheres mais sexy estão na faixa dos trinta	1	0,1%
Mulheres que fazem a terra tremer	1	0,1%
Mulheres são quase metade dos infectados com vírus da sida	1	0,1%
Multidão contra crime racial	1	0,1%
Multinacionais dos medicamentos: o lucro ou a vida	1	0,1%
Multinacional condenada por exportação ilegal de resíduos para a	1	0,1%
Mundo em contra-relógio para salvar o Haiti	1	0,1%
Música negra nos dez primeiros lugares top americano	1	0,1%
Músicas do mundo entram no Castelo de Sines	1	0,1%
Mutilação genital feminina só acabará respeitando as tradições	1	0,1%
Mutilação genital feminina	1	0,1%
Mutoba arrecada o milhão em Bruxelas	1	0,1%
Naide bate recorde do comprimento	1	0,1%
Naide com dois recordes em um	1	0,1%
Naide com prata que pode valer ouro	1	0,1%
Naide com recorde de comprimento	1	0,1%
Naide conquista título mundial do pentatlo	1	0,1%
Naide é a figura de cartaz para os portugueses e não só	1	0,1%
Naide esbarra no muro russo e falha segunda medalha	1	0,1%
Naide Gomes - A maria-rapaz que salta uma baliza de futebol	1	0,1%
Naide Gomes - Os longos saltos de uma leoa indomável	1	0,1%
Naide Gomes campeã do mundo. Nelson Évora bronze	1	0,1%
Naide Gomes com problemas	1	0,1%
Naide Gomes de prata	1	0,1%
Naide Gomes e a equipa de maratona conquistam prata	1	0,1%
Naide Gomes e Nelson Évora lutam pelo ouro na festa dos saltos de	1	0,1%
Naide Gomes e Nelson Évora os ases de trunfo do baralho português	1	0,1%
Naide Gomes entra na estranha história das dúvidas no salto em com	1	0,1%
Naide Gomes fica outra vez à porta do pódio	1	0,1%
Naide Gomes ganha pentatlo em Moscovo	1	0,1%
Naide Gomes na final com a melhor marca da qualificação	1	0,1%
Naide Gomes na final, repescada	1	0,1%
Naide Gomes pode estar em risco para Jogos de Pequim	1	0,1%
Naide Gomes redime-se dos jogos em Lausanne	1	0,1%
Naide Gomes teve um dia quase perfeito	1	0,1%
Naide obtém a melhor marca mundial do ano. Nelson arranca medalha de	1	0,1%
Naide segunda, Portugal sobe	1	0,1%
Naide tem ainda "margens de progressão interessantes"	1	0,1%
Nancy universal	1	0,1%
Não se é homem só por ter o cromossoma Y	1	0,1%
Não, Janet Jackson não está grávida	1	0,1%
Naomi Campbell tem novo namorado	1	0,1%
Naomi abandonada a sua festa de anos	1	0,1%
Naomi Campbell estreia-se em Hollywood	2	0,2%
Naomi Campbell não quer pousar com seu ex-namorado	1	0,1%
Naomi Campbell acusada de nova agressão contra empregada	1	0,1%
Naomi Campbell acusada de seis crimes	1	0,1%
Naomi Campbell admite uso de drogas	1	0,1%
Naomi Campbell admitiu agressão a empregada	1	0,1%
Naomi Campbell confirma ter recebido diamantes em bruto do ex-líder	1	0,1%
Naomi Campbell contra maus tratos a mulheres	1	0,1%
Naomi Campbell e o vestido indiscreto	1	0,1%
Naomi Campbell entrevista Chávez	1	0,1%
Naomi Campbell falta a audiência no tribunal	1	0,1%
Naomi Campbell foi surpresa no Carnaval do Rio de Janeiro	1	0,1%
Naomi Campbell operada de urgência	1	0,1%
Naomi Campbell pôs as unhas de fora	1	0,1%
Naomi Campbell revoltada com o "Rei do Botox"	1	0,1%
Naomi Campbell sabia bem quem lhe ofereceu os "diamantes de sangue",	1	0,1%
Naomi Campbell vai trabalhar para Bollywood	1	0,1%
Naomi Campbell detida por agressão	1	0,1%
Naomi diz que há racismo na moda	1	0,1%
Naomi não pode voar na British Airways	1	0,1%
Naomi pode voltar a cantar com pseudónimo polémico	2	0,2%
Naomi receberá anel de noivado?	1	0,1%
Naomi tem os seus próprios condimentos	1	0,1%
Naomi teria recebido "diamantes de sangue"	1	0,1%
Naomi vai cumprir serviço comunitário	1	0,1%

Naomi zangada deixa entrevista	1	0,1%
Nas fazendas ocupadas do Zimbábue	1	0,1%
Nasceu mais um recorde mundial no "Ninho"	1	0,1%
Natal reciclado na Casa Branca	1	0,1%
Natalie Cole casou com o bispo Dupree	1	0,1%
Natalie Cole luta contra hepatite C	1	0,1%
Nayma	1	0,1%
Nédia e Bispo ganham milha de Lisboa	1	0,1%
Negra, muito negra, mas de todas as cores	1	0,1%
Negro é o novo chique?	1	0,1%
Negro? Preto? Ofensivo ou natural?	1	0,1%
Negros e hispânicos dos EUA protestam contra novo método de contagem de audiências	1	0,1%
Negros em destaque na administração Bush	1	0,1%
Nelson Mandela	1	0,1%
Nenhuma mulher deveria morrer ao dar a luz	1	0,1%
Neste campo de refugiados já nada é temporário	1	0,1%
Nha Fala esta África existe	1	0,1%
Nicole Kidman e Halle Berry entre as mais bem vestidas	1	0,1%
Nigéria declara institucional a lei islâmica	1	0,1%
Nigeriana condenada à morte por apedrejamento foi absolvida	1	0,1%
Nigeriana condenada à morte quer voltar a casar	1	0,1%
Nigeriana coroada Miss Mundo	1	0,1%
Nigeriana grávida condenada a morte por adultério	1	0,1%
Nina Simone a indomável	1	0,1%
Nina Simone cantando a liberdade	1	0,1%
No Cuito, dezenas de milhares de deslocados sobrevivem à guerra	1	0,1%
No dia em que Hillary falava, as mulheres reinaram em Denver	1	0,1%
No Ruanda, a culpa do sobrevivente	1	0,1%
Nova batalha do sexo	1	0,1%
Novas demolições na Amadora deixam família Lopes sem tecto	1	0,1%
Novas do Brasil	1	0,1%
Novas invasões Gaulesas	1	0,1%
Novela acusada de racismo	1	0,1%
Novo álbum relança Whitney Houston	1	0,1%
Novo festival de música europeu dedica primeira edição a Portugal	1	0,1%
Novos ricos e velhos pobres em Port Elizabeth	1	0,1%
Nu plástico	1	0,1%
O mundo continua a comprar pessoas	1	0,1%
O 'puzzle' de ódios de Nampula	1	0,1%
O amor a Sally Hayfron teria gerado em Mugabe o ódio pelos britânicos	1	0,1%
O cabo-verdiano que dá água aos imigrantes nas Canárias	1	0,1%
O caso da racista que afinal não o era e assim embarçou a Administração Obama	1	0,1%
O começo de um romance	1	0,1%
O complexo universo da mestiçagem	1	0,1%
O dia em que Bela Vista chorou	1	0,1%
O dia em que Janelle tomou Lisboa	1	0,1%
O empresário e a feiticeira	1	0,1%
O erro de cálculo que pode dar a nona medalha olímpica à Jamaica	1	0,1%
O estilo da nova senhora O	1	0,1%
O exotismo de uma "Carmen" Sul-africana triunfou em Berlim	1	0,1%
O fado anda feliz outra vez	1	0,1%
O futebolista, o rei e a mulher do Presidente entre os candidatos	1	0,1%
O gigante que samba e ri	1	0,1%
O Haiti precisa da ajuda internacional durante os próximos 10 anos	1	0,1%
O herói Michael, a distinta Beyoncé e o vilão Kanye West	1	0,1%
O imbatível Hewitt	1	0,1%
O inferno de Mel B	1	0,1%
O leilão de Oprah	1	0,1%
O Mercedes de Dulce Pereira	1	0,1%
O mito da democracia racial brasileira	2	0,2%
O mundo chegou a acordo contra o racismo e xenofobia	1	0,1%
O novo projeto de Janet Jackson é ser mãe	1	0,1%
O optimismo de Condoleeza Rice	1	0,1%
O ouro negro das canções de fé	1	0,1%
O país pobre, bonito e honrado da National Geographic	1	0,1%
O perfume da Rosa	1	0,1%
O petróleo deverá trazer prosperidade não conflito	1	0,1%
O pior ainda pode estar por vir no Haiti	1	0,1%
O preconceito contra os imigrantes ainda é lei entre os portugueses	1	0,1%
O que Celina não contou ao funcionário do SEF	1	0,1%
O que é que a música escandinava tem?	1	0,1%
O que já foi uma cidade	1	0,1%
O que Michelle vai vestir para ir ao Jay Leno?	1	0,1%
O que significa 'negro'?	1	0,1%
O que vestimos quando fazemos história	1	0,1%

O racismo mata	1	0,1%
O rap é o contrapoder na Mauritânia	1	0,1%
O ressurgimento de Naomi Campbell nos desfiles	1	0,1%
O retorno dos Africanos	1	0,1%
O segundo orgasmo de Bettye Lavette	1	0,1%
O som do rabo	1	0,1%
O sonho das misses africanas	1	0,1%
O último bonde	1	0,1%
O universo dos sonhos	1	0,1%
O vestido turquesa de Michele Obama	1	0,1%
Obama - Férias de luxo mas pouco tranquilas	1	0,1%
Obama anuncia que novo cão chega em Abril	1	0,1%
Obama apela a uma "era de responsabilidade" e encerra página Bush	1	0,1%
Obama as minhas prendas são as melhores	1	0,1%
Obama cumpriu mais uma promessa	1	0,1%
Obama no Oeste selvagem	1	0,1%
Obama pede a Bush que não trave apoios à economia	1	0,1%
Obama prossegue périplo com cimeira menos espectacular	1	0,1%
Obama: "Por onde começar?"	1	0,1%
Obikwelu ganha, Perec regressa	1	0,1%
Objectivo de ganhar master mantém de pé para Serena e Venus	1	0,1%
Objetivos cumpridos, mas sabor a pouco	1	0,1%
oh gosh é a rainha do deboche	1	0,1%
Oh, laady be good	1	0,1%
Oito milhões ameaçados pela fome na Etiópia	1	0,1%
Olmert, Rice e Abbas vão reunir-se "em breve"	1	0,1%
Omar Bongo, o "mediador" que é amigo de Sampaio	1	0,1%
Onda de greves na Guiné-Bissau	1	0,1%
Onde está o poder negro em Portugal	1	0,1%
onde há Nicolette há festa	1	0,1%
ONU pede sanção contra os que estão a pilhar as riquezas do ex-Zaire	1	0,1%
ONU reconhece que podia ter feito mais para evitar violações em massa na RD Congo	1	0,1%
Oprah Winfrey quer vida privada	1	0,1%
Oposicionistas do Zimbabwe denunciam violência	1	0,1%
Oprah aconselha Rihanna a deixar Chris Brown	1	0,1%
Oprah agradece com cheques de 10 mil dólares	1	0,1%
Oprah antes dos cabelos alisados	1	0,1%
Oprah apoia Chicago para 2016	1	0,1%
Oprah chegou aos 91 quilos	1	0,1%
Oprah chorou quando anunciou o fim do seu programa	1	0,1%
Oprah contrata assessor para gerir fortuna	1	0,1%
Oprah dá 30 milhões aos cães em testamento	1	0,1%
Oprah dá a David Letterman audiência recorde	1	0,1%
Oprah é a celebridade mais poderosa	1	0,1%
Oprah é a mais bem paga da televisão americana	1	0,1%
Oprah é a mais generosa de Hollywood	1	0,1%
Oprah é a mulher mais rica na área do entretenimento	1	0,1%
Oprah é a sénior mais rica dos EUA	1	0,1%
Oprah e McCartney homenageados	1	0,1%
Oprah faz reality-show de boas acções	1	0,1%
Oprah homenageada por Obama	1	0,1%
Oprah livra-se de processo em tribunal	1	0,1%
Oprah no topo da lista das celebridades	1	0,1%
Oprah pede desculpa ao imaginativo Frey	1	0,1%
Oprah pediu desculpas por abuso de alunas	1	0,1%
Oprah põe vídeos num canal do youtube	1	0,1%
Oprah processada por hospedeira de bordo...	1	0,1%
Oprah quer formar os futuros líderes da África do Sul	1	0,1%
Oprah tem peso a mais, acusa Anna Wintour	1	0,1%
Oprah tem um canal de TV só pra ela	1	0,1%
Oprah vai a tribunal por difamação	1	0,1%
Oprah vítima de uma tentativa de extorsão	1	0,1%
Oprah Winfrey - Celebridade mais famosa e mais bem paga dos EUA	1	0,1%
Oprah Winfrey é a celebridade mais poderosa	1	0,1%
Oprah Winfrey faz 20 anos de carreira	1	0,1%
Oprah Winfrey jurada em caso de assassinato	1	0,1%
Oprah Winfrey na Austrália	1	0,1%
Oprah Winfrey não entrevista Sarah Palin	1	0,1%
Oprah Winfrey tem problemas de tiróide	1	0,1%
Oprah Winfrey volta a ser conselheira literária	1	0,1%
Oprah, candidata ao Nobel da Paz?	1	0,1%
Os "40 dias loucos" da Feira de São Mateus, em Viseu, começam no d	1	0,1%
Os 40 anos de Naomi Campbell em Cannes	1	0,1%
Os 5 minutos da fama de Jennifer Hudson	1	0,1%

Os afilhados da América a espera dos "Marines"	1	0,1%
Os afro-americanos mais bem pagos são...	1	0,1%
Os americanos estão a perguntar: pode um muçulmano ser americano?	1	0,1%
Os anos amargos de Marion Jones	1	0,1%
Os desmobilizados moçambicanos ameaçam mobilizar ainda este mês	1	0,1%
Os diamantes que não são os melhores amigos das raparigas	1	0,1%
Os homens (e mulheres) do Presidente	1	0,1%
Os mais ricos unem-se para ajudar os pobres	1	0,1%
Os mensageiros do soul	1	0,1%
Os milagres do microcrédito no norte de Moçambique	1	0,1%
Os moleiros do futuro	1	0,1%
Os mortos no Togo após divulgação dos resultados das presidenciais	1	0,1%
Os negros são uma raça superior no desporto?	1	0,1%
Os Obamas fotografados por Annie Leibovitz	1	0,1%
Os piores modelos do ano	1	0,1%
Os portugueses no Limpopo	1	0,1%
Os primeiros passos do Presidente Obama	1	0,1%
Os retornados estão a abrir o baú	1	0,1%
Os ricos estão mais ricos, os pobres estão menos pobres e a desigualdade persiste	1	0,1%
Os saltos portugueses estão em grande forma mas não prometem medalhas	1	0,1%
Os segredos das beldades	1	0,1%
Os tumultos de Maputo vistos da Avenida 24 de Julho	1	0,1%
Os últimos dias de Cabral	1	0,1%
Osama Bin Laden teria planos para casar com Whitney Houston?	1	0,1%
Oscars quem vai ganhar	1	0,1%
Ouro para Naide e novo recorde na vara	1	0,1%
Países de língua Portuguesa reforçam luta pela igualdade	1	0,1%
Pantagruélico	1	0,1%
Para cá e para lá, assim se movem dois milhões nos "chapas" de Ma	1	0,1%
Paris à espera do discurso europeu de Condoleezza Rice	1	0,1%
Parlamento Europeu une esforços para eliminar a mutilação genital	1	0,1%
Patricia Mamona com recorde e apuramento para a final	1	0,1%
Patti LaBelle e Jennifer Hudson brilham nos prémios GLADD	1	0,1%
Paulino, Mayra, Hernâni de Cabo Verde para o mundo	1	0,1%
Paulo Guerra e Carla Sacramento terceiros em Espanha	1	0,1%
Pelo menos 340 inquiridos por violência escolar abertos nos dois	1	0,1%
Pena de morte para lésbicas na Somália	1	0,1%
Perfume de Naomi Campbell foi premiado	1	0,1%
Pés na Terra voz no mundo	1	0,1%
Piada tira contrato a Whoopy Goldberg	1	0,1%
Pironkova e Zvonareva no lugar das estrelas	1	0,1%
PJ de Cabo Verde recolhe CD de Cesária Evora	1	0,1%
Plano africano para afastar Mugabe da presidência do Zimbábwe	1	0,1%
População Africana é mais jovem	1	0,1%
Portugal à espera de medalhas no feminino	1	0,1%
Portugal é um dos três países da EU sem dados oficiais sobre racismo	1	0,1%
Portugal exótico no Womex em Roterdão	1	0,1%
Portugal leva 30 atletas aos Mundiais de Berlim	1	0,1%
Portugal nega asilo a queniana que fugiu à mutilação genital feminina	1	0,1%
Portugal para quotas em atraso para agencias das Nações Unidas	1	0,1%
Portugal, tal como a China já não tem dogmas nos financiamentos	1	0,1%
Portugal: um trampolim para a Europa	1	0,1%
Preces da dor e da aleeria	1	0,1%
Precious arrasa nos NAACP Awards	1	0,1%
Prémios MTV Africa - Nigéria domina a noite	1	0,1%
Presidente nomeia hoje primeira-ministra de São Tomé	1	0,1%
Primeira-ministra de Moçambique tomou posse	1	0,1%
Primeiras-damas africanas falam de sida	1	0,1%
Prioridade as mulheres na década contra o analfabetismo	1	0,1%
Prisões e favelas para vender "linserie" brasileira	1	0,1%
Problemas não largam Naomi Campbell	1	0,1%
Procuradoras querem prémio de mérito pelos resultados	1	0,1%
Procuradoria-Geral da República podia ter investigado morte de português em Bissau	1	0,1%
Professor condenado a multa por chamar "preto" a aluno	1	0,1%
Programa da Oprah processado	1	0,1%
Proposta moratória para acabar com lapidações e pena de morte no	1	0,1%
Protestos das Damas de Branco voltam a ser travados em Havana	1	0,1%
PSP e PJ com segurança reforçada na Quinta do Mocho para evitar retaliações	1	0,1%
Quando a "invasão dos estrangeiros" levou jovens raparigas a pegar	1	0,1%
Quando for grande, ela quer ser a Tina Turner	1	0,1%
Quando há menos comida, as mulheres são as primeiras a passar fome	1	0,1%
Quando o pó assenta em Port au Prince	1	0,1%
Quando Serena mais quer, mais ganha	1	0,1%
Quase 500 adultos viram a sua experiência de vida dar origem a um certificado escolar	1	0,1%

Que faremos com estes sotaques?	1	0,1%
Que força é essa?	1	0,1%
Que segredos da vida de Oprah há ainda para contar?	1	0,1%
Que tal legalizar a prostituição na África do Sul no Mundial de 2010?	1	0,1%
Queen Latifah ganha estrela no Passeio da Fama	1	0,1%
Quem é quem em Dreamgirls?	1	0,1%
Quem fica com os nossos filhos?	1	0,1%
Quem será a primeira-dama da África do Sul?	1	0,1%
Quênia isto não é só uma fábrica	1	0,1%
Quinto fazendo morto no Zimbábue	1	0,1%
Quinto título de Serena em Miami	1	0,1%
Quotas de modelos negros no Brasil	1	0,1%
Racismo assombra sucesso das Williams	1	0,1%
Rainha do 'soul' recebe alta hospitalar	1	0,1%
Rainha Michelle	2	0,2%
Rapper Foxy Brown ameaçou mulher	1	0,1%
Recorde nacional para Carmo Tavares	1	0,1%
Recuo no apoio aos refugiados	1	0,1%
Reforma da saúde aprovada no Senado seguem-se etapas com mais obstáculos	1	0,1%
Rejeitada proposta para uma Vogue Africa	1	0,1%
Remodelação iminente em São Tomé e Príncipe	1	0,1%
República Dominicana reforça fronteira para evitar contágio de cólera	1	0,1%
Respeito pelos mais velhos	1	0,1%
Restos da Vénus Hotentote foram finalmente enterrados	1	0,1%
Resultados bons, mas sem mínimos	1	0,1%
retrato da fadista enquanto jovem	1	0,1%
Revista de Oprah festeja 10º aniversário	1	0,1%
Rhythm e Blues de luto	1	0,1%
Rice acusa Síria e Irão de usarem cartoons para exaltar ânimos	1	0,1%
Rice assina em Praga acordo para radar do escudo antimissil	1	0,1%
Rice avisa Pyongyang que os EUA não podem esperar "para sempre"	1	0,1%
Rice avisa que protestos contra os cartoons podem sair do controle	1	0,1%
Rice começa no Brasil périplo à América Latina	1	0,1%
Rice contra Cheney sobre as exceções ao tratamento de suspeitos de terrorismo	1	0,1%
Rice contra o isolamento da Faixa de Gaza	1	0,1%
Rice critica anúncio israelita de expansão de colonatos	1	0,1%
Rice discute Cabul em Islamabad	1	0,1%
Rice diz que Guantánamo fechará quando já não for preciso	1	0,1%
Rice diz que Ocidente deve enfrentar "intimidação" russa	1	0,1%
Rice e Karzai confirmam adiamento das eleições legislativas afegã	1	0,1%
Rice esta satisfeita por Imus ter sido despedido	1	0,1%
Rice faz críticas a Putin no início da visita a Moscovo	1	0,1%
Rice garante que não há clima de guerra fria com Moscovo	1	0,1%
Rice não acredita que Bush leve a paz ao Médio Oriente	1	0,1%
Rice não convenceu Abbas a retomar as negociações	1	0,1%
Rice no médio Oriente para 'apalpar terreno'	1	0,1%
Rice obtém "concessões" de israelitas e palestinianos	1	0,1%
Rice parte amanhã para o Médio Oriente e rejeita cessar-fogo imediato	1	0,1%
Rice pede ao Paquistão cooperação "transparente"	1	0,1%
Rice pede aos árabes que se aproximem de Israel	1	0,1%
Rice pede libertação de presos políticos sírios	1	0,1%
Rice pressiona para reforços de tropas da NATO nas zonas perigosas	1	0,1%
Rice promete apoio ao presidente palestiniano	1	0,1%
Rice satisfaz Bruxelas com garantia que EUA não torturam	1	0,1%
Rice tenta redimir Bush	1	0,1%
Rice vai debater plano Bush para o Médio Oriente no Egipto	1	0,1%
Rice visita de surpresa Beirute para dar apoio ao Governo contra a S	1	0,1%
Rihanna à procura de doador de medula	1	0,1%
Rihanna acusada de promover violência doméstica	1	0,1%
Rihanna agradece, mas não comenta	1	0,1%
Rihanna de novo apaixonada...	1	0,1%
Rihanna de volta à passadeira vermelha	1	0,1%
Rihanna de volta aos braços de Chris Brown	1	0,1%
Rihanna descobriu o que é estar na pele de Britney	1	0,1%
Rihanna disposta a falar em tribunal	1	0,1%
Rihanna lamenta fotos nuas na Net	1	0,1%
Rihanna mulher do ano da revista Glamour	1	0,1%
Rihanna tem uma tatuagem nova	1	0,1%
Rock and Roll Hall of Fame celebra 25 anos	1	0,1%
Rodrigo, o Banga e uma leoa chamada Elza	1	0,1%
Rokia Traoré frieza na cabeça, sangue na garganta	1	0,1%
Roma não foi feita num dia	1	0,1%
Rosa Parks a "mãe" da luta pelos direitos humanos	1	0,1%
RTP não cumpre contrato	1	0,1%

Ruanda homenageia vítimas do genocídio de 1994	1	0,1%
Rui Silva e Naide Gomes são as esperanças lusas	1	0,1%
Rússia "vende" revisão do tratado ABM	1	0,1%
Sacramento perto do ouro	1	0,1%
Safiya rezou por Amina	1	0,1%
Sally Pimenta em prato frio	1	0,1%
Santogold pronta para explodir	1	0,1%
Santogold só podia acontecer agora	1	0,1%
São Tomé e Príncipe O que (não) mudou desde o golpe de 16 de Julho	1	0,1%
Sara Tavares foi operada	1	0,1%
Sara Tavares promete embalar o Maria de Matos	1	0,1%
Sarah Jéssica Parker dá uma ajuda a Michelle	1	0,1%
Sarah Palin poderá ser a nova Oprah Winfrey	1	0,1%
Sarkozy escolhe uma mulher para as finanças e mais um socialista para o Quai d'Orsay	1	0,1%
Se isto é uma mulher Rambo	1	0,1%
Se um negro enriquece, pode torna-se branco	1	0,1%
SEF no encaço de matrimónios fictícios	1	0,1%
Segurança máxima e orações travam espiral de violência em Addis Abeba	1	0,1%
Seio de Janet Jackson dá multa a CBS	1	0,1%
Seis novos DVD de Oprah Winfrey Show	1	0,1%
Seleccção portuguesa nos mundiais de Osaca com esperança de medalha	1	0,1%
Ser negro em Portugal a batalha da afirmação	1	0,1%
Serena afasta Venus da final	1	0,1%
Serena derrota Capriati e vence Miami	1	0,1%
Serena e a estreante Sharapova na final de Wimbledon	1	0,1%
Serena e positiva quanto a novo titulo	1	0,1%
Serena eliminada por Capriati culpa árbitra portuguesa	1	0,1%
Serena em rota de colisão com irmã Venus para decidirem quem vai	1	0,1%
Serena empurra irmã para fora do torneio	1	0,1%
Serena enterra esperanças de triunfar em Wimbledon	1	0,1%
Serena recebe troféu e um coro de assobios	1	0,1%
Serena vence campeã de Roland Garros	1	0,1%
Serena vence em Paris	1	0,1%
Serena vence Open dos EUA	1	0,1%
Serena Williams arrasa Maria Sharapova em menos de uma hora no torneio	1	0,1%
Serena Williams candidata a Roland Garros	1	0,1%
Serena Williams continua imbatível em Miami	1	0,1%
Serena Williams corta nos luxos	1	0,1%
Serena Williams é uma campeã indiscutível	1	0,1%
Serena Williams emocionada com Barack Obama	1	0,1%
Serena Williams está de volta	1	0,1%
Serena Williams mais perto de voltar a número um	1	0,1%
Serena Williams confirma estatuto com segundo titulo em Wimbledon	1	0,1%
Serena, a primeira penta campeã na Austrália	1	0,1%
Serenata à chuva em Paredes de Coura	1	0,1%
Severina Cravid faz mínimos nos 100m	1	0,1%
Sida é o maior entrave ao desenvolvimento	1	0,1%
Sida fará 25 milhões de órfãos até 2010	1	0,1%
Sida modo de morte e modo de vida	1	0,1%
Só Serena poderá tirar Venus da rota do titulo	1	0,1%
Sogra de Obama também para Washington	1	0,1%
Sonhos de um país a sul do Zambeze	1	0,1%
Soprano Barbara Hendricks actua com Sinfonia Portuguesa	1	0,1%
Sozinhas em casa	1	0,1%
Sudão corta relações com o Chade após ataque de rebeldes a Cartum	1	0,1%
supasistas2003	1	0,1%
Super Bowl Alicia Keys brilhou antes do jogo	1	0,1%
Super modelo volta a brilhar	1	0,1%
Superioridade de Serena foi real	1	0,1%
Susan e Gladys são os primeiros rostos identificados da tragédia	1	0,1%
Tablóides britânicos abrem recursos contra Naomi Campbell	1	0,1%
Teatro sobre racismo para crianças no CBB	1	0,1%
Televisão a cores	1	0,1%
Temperar a vida	1	0,1%
Terá Naomi Campbell recebido um "diamante de sangue"?	1	0,1%
tété alinho sementeira nova	1	0,1%
Tina outra vez em palco com novo disco	1	0,1%
Tina Turner vai voltar em outubro	1	0,1%
Todos gritam 'Ai Jesus' e ninguém quer ir para a Quinta da Fonte	1	0,1%
Todos os dias temos um presidente negro	1	0,1%
Toni Braxton declara falência	1	0,1%
Toni Braxton nua na Playboy	1	0,1%
Três mulheres poderosas dão Prémio Goncourt a Marie NDaye	1	0,1%
Três nigerianos tentam anular sentenças de morte por lapidação	1	0,1%

Três óscares ... e uma esperança	1	0,1%
Tribunal adia decisão sobre nigeriana condenada à morte por apedre	1	0,1%
Tribunal quer ouvir versão de Rihanna	1	0,1%
Trio luso à conquista do pódio	1	0,1%
Trio português com algumas expectativas	1	0,1%
Triunfo no Masters para Venus Williams leva a norte-americana de volta ao topo	1	0,1%
Tropas angolanas acusadas de crime contra a humanidade e Cabinda	1	0,1%
Tudo em família	1	0,1%
Tulu, a etíope incontornável	1	0,1%
Tyra Banks mostra o corpo (e o cabelo)	1	0,1%
Tyra Banks sucessora de Oprah Winfrey?	1	0,1%
UE e NATO na defesa das mulheres, da paz e da segurança	1	0,1%
Últimos avanços no combate à sida discutidos em Boston	1	0,1%
Um aeródromo de vida	1	0,1%
Um apartheid hipócrita	1	0,1%
Um bebé é um passaporte para o Céu	1	0,1%
Um casal desencontrado	1	0,1%
Um dia de surpresas	1	0,1%
Um dia tricolor em Melbourne	1	0,1%
Um duelo inédito também no feminino	1	0,1%
Um fim dramático para Serena Williams	1	0,1%
Um negro pode ser galã de novela?	1	0,1%
Um nervoso miudinho às portas da competição	1	0,1%
Um pequeno recorde para Marion Jones	1	0,1%
Um salto bastou para Naide Gomes vencer	1	0,1%
Um último dia de aulas triste	1	0,1%
Uma cantora de pés e cabeça no samba	1	0,1%
Uma história arrepiante	1	0,1%
Uma jamaicana quarentona em Gotemburgo	1	0,1%
uma leoa chamada elza	1	0,1%
Uma leoa indomável	1	0,1%
Uma luz negra	2	0,2%
Uma mulher em destaque na política do Zimbabwe	1	0,1%
Uma Serena Williams de nota 10 volta a triunfar na Austrália e a li	1	0,1%
Uma torneira para 1500 pessoas	1	0,1%
Uma vida medida em cêntimos	1	0,1%
Uma vitória para Halle Berry	1	0,1%
Uma voz sem fronteiras num concerto luminoso e único	1	0,1%
União africana adia retirada de força de Darfur	1	0,1%
União Europeia tenta salvar Durban	1	0,1%
vale a pena conhecê-la	1	0,1%
Variante genética aumenta risco cardíacos em pessoas de ascendência africana	1	0,1%
Vem aí 'um exercito de sem abrigo'	1	0,1%
Venus brilha de novo e ofusca a Belga Hénin	1	0,1%
Venus desaparece e Golovin Brilha	1	0,1%
Venus e Serena Williams mais perto de se encontrar no Arthur Ashe Stadium	1	0,1%
Venus em baixa num circuito em alta	1	0,1%
Venus em órbita	1	0,1%
Venus enfrenta a irmã Serena na final de Wimbledon	1	0,1%
Venus ensaia Open dos EUA	1	0,1%
Venus ganhou por ser a mais velha	1	0,1%
Vénus hotentote volta à África do Sul	1	0,1%
Venus regressa a rota ganhadora	1	0,1%
Venus vence duelo entre as irmãs Williams	1	0,1%
Venus Williams afasta irmã Serena para defrontar Clijesters	1	0,1%
Venus Williams continua a ser a jogadora a abater	1	0,1%
Venus Williams entra na quarta dimensão em Wimbledon	1	0,1%
Venus Williams ou Vera Zvonareva, uma delas estrear-se-á no palmar	1	0,1%
Venus Williams regressa com terceiro triunfo em Wimbledon	1	0,1%
Venus Williams sobre ao 42º nível	1	0,1%
Vestida para correr	1	0,1%
Vestido de Michelle divide opiniões	1	0,1%
Violação como arma	1	0,1%
Violação e desespero transformam mulheres liberianas em soldados	1	0,1%
Violação em massa denunciada no Sudão	1	0,1%
Violações de mulheres são arma política no Zimbabwe	1	0,1%
Vitória de Venus Williams em Wimbledon aponta para o futuro do ténis	1	0,1%
Vitória nas ruas de Abidjan	1	0,1%
Vitória surpresa para Speech Debelle	1	0,1%
Votos das legislativas vão ser recontados no Zimbabwe	1	0,1%
Voz de Saray Vaughan e poemas de João Paulo num disco inédito	1	0,1%
Vozeirão de Elza Soares fez tremer o Rivoli	1	0,1%
Vozes fortes contra a mutilação genital feminina em debate na Alfredo da Costa	1	0,1%
Washington reintera defesa do Japão durante ronda asiática de Rice	1	0,1%

Weah contesta resultados das presidências na Libéria	1	0,1%
Whitney Houston entrevistada no programa de Oprah	1	0,1%
Whitney Houston garante que está em forma	1	0,1%
Whitney Houston internada em Paris	1	0,1%
Whitney Houston mística	1	0,1%
Whitney Houston poderá ser nova "Bond girl"	1	0,1%
Whitney Houston separa-se de Bobby Brown	1	0,1%
Whitney Houston um leilão para saldar dívidas	1	0,1%
Whoopi Goldberg garantida na noite dos Oscars 2002	1	0,1%
Whoopi lança-se na ficção científica	1	0,1%
Whoopi não tolera "antimuçulmanos"	1	0,1%
Whoopi garante que Gibson não é racista	1	0,1%
Whoopi Goldberg distinguida com Angel Award	1	0,1%
Williams com "dobradinha" na tabela WTA	1	0,1%
Williams contra a Bélgica	1	0,1%
Winnie Madikizela-Mandela condenada a cinco anos de prisão	1	0,1%
Zambiana ganha Big Brother africano	1	0,1%
Zimbabwe á beira da explosão	1	0,1%
Zimbabwe estende operação que já desalojou 200 mil	1	0,1%
Zimbabwe recusa entrada Carter, Kofi Annan e Graça Machel que viaja	1	0,1%
Zimbabwe uma mulher a caminho da liderança	1	0,1%
Zimbabwe votou contra a revisão constitucional	1	0,1%
Zuma toma posse como Presidente e promete respeitar espírito de rec	1	0,1%
Zvonareva e Venus Williams nas meias-finais do Masters e já só fal	1	0,1%

QUADRO XVI

Título das peças jornalísticas jornal Folha de São Paulo

	n	%
Nome do título da peça		
"A Casa Caiu" tem o mérito de escancarar preconceitos	1	1,3%
"Guerreira" Negra Li fura barreira do hip hop	1	1,3%
172 mil crianças são domésticas no país	1	1,3%
A mulher trabalhadora é o negro de saias	1	1,3%
A sucessora	1	1,3%
A vaga dos que não cabem no mundo	1	1,3%
Ainda o coronel	1	1,3%
Alisado, raspado ou tingido?	1	1,3%
Antes tarde que nunca	1	1,3%
As jóias afirmativas	1	1,3%
Até na hora do parto negra é discriminada	1	1,3%
Aura mítica cerca 1ª turnê de Lauryn Hill no Brasil	1	1,3%
Auxiliares querem que ministra resista	1	1,3%
Avanço de minoria é maior nas particulares	1	1,3%
Beleza	1	1,3%
Beleza negra	2	2,6%
Benedita apela à oposição para governar Rio	1	1,3%
Benedita assume 'caixa preta' sem maioria no Rio	1	1,3%
Beyoncé é uma 'máquina' profissional	1	1,3%
Black power	1	1,3%
Branco ganha 105% a mais que negros e pardo	1	1,3%
Campanha é acusada de ser preconceituosa	1	1,3%
Carro grande e senzala	1	1,3%
Casos de Aids aumentam entre negros	1	1,3%
Corte de vagas afeta mais mulheres, jovens e negros	1	1,3%
Debatedores criticam 'democracia racial'	1	1,3%
Depressão aumenta risco de prematuros	1	1,3%
Encontro da ONU começa sob signo da discórdia	1	1,3%
Escolaridade determina a discriminação	1	1,3%
Ex-policial ameaça reeleição de Sarney	1	1,3%
Falsa loira e falsa fútil. Preta Gil treme em palco paulista	1	1,3%
Fantasma do Licurgo	1	1,3%
Fora do ar	1	1,3%
Hebe e Oprah: intimidades lá e cá	1	1,3%

Herdeiras de Clementina	1	1.3%
Já sou mito	1	1.3%
Lider de cooperativa faz lixo renovar cidadania	1	1.3%
Mais crianças vivem com mulheres pobres	1	1.3%
Marina preza fim do voto plebiscitário	1	1.3%
Mesmo morto 1	1	1.3%
Michelle já chega à Casa Branca como ícone e sob escrutínio	1	1.3%
Morte de doentes de Aids cresce nos EUA	1	1.3%
Mulher brasileira	1	1.3%
Mulher negra no mercado de trabalho	1	1.3%
Mulher negra tem pior renda, dizem estudos	1	1.3%
Mulher negra tem pior situação no mercado de trabalho	1	1.3%
Mulheres acusam restaurante de racismo	1	1.3%
Mulheres negras	2	2.6%
Negra é mais 'vulnerável', diz bióloga	1	1.3%
Neira Li na indústria	1	1.3%
Negras dizem ser induzidas ao aborto	1	1.3%
Negros têm só 3.5% dos cargos de chefia	1	1.3%
Ocupação feminina chega a 56% no ensino superior	1	1.3%
ONGs 'reconstroem' vítimas de preconceito	1	1.3%
Os perigos de uma crítica maniqueista	1	1.3%
Oscar é negro	1	1.3%
País atinge meta, mas não alcança equidade	1	1.3%
Poderosa	1	1.3%
Preconceito também atinge elite negra	1	1.3%
Prefeito é acusado de crime racial	1	1.3%
Prematuro exige cuidados contínuos	1	1.3%
Prévia hoje faz democratas baixarem nível	1	1.3%
Primeira página	1	1.3%
Protestos marcam encontro anti-racismo	1	1.3%
Provocação preconceituosa irrita delegação brasileira	1	1.3%
Relatora quer mais espaço para negras	1	1.3%
Rendimentos de negras corresponde a 40% do que o brancos, diz o Inea	1	1.3%
Reparação por escravidão domina debate	1	1.3%
Rice mostrará a força dos EUA, diz Bush	1	1.3%
Salários de negros são 50% mais baixos	1	1.3%
Segunda dama	1	1.3%
Seleção e torcida dão espetáculo na conquista do bi	1	1.3%
Sites discutem condição feminina	1	1.3%
Vereadora quer combater racismo	1	1.3%

Anexo: Peças jornalísticas



Michelle com as filhas Malia (à esq.), Sasha e o marido, que a descreve como "melhor amiga"

Michelle já chega à Casa Branca como ícone e sob escrutínio

Forte, geniosa, independente e estilosa, primeira-dama se torna modelo e alvo de cobrança para mulheres negras e pós-feministas

Advogada bem-sucedida deixou a carreira e ditou que as filhas Malia, 18, e Sasha, 7, são prioridade; para amiga, raça racial será fardo extra

ANDREA MIZETA
CORRESPONDENTE ESPECIAL DA FOLHA DE SÃO PAULO

Michelle Obama chegou à Casa Branca com um mês e grandes expectativas sobre como imprimirá o legado de sua "mãe-espírito", a sua das mais promissoras advogadas de uma mulher nos EUA — não precisou esperar a posse para ser tomada como modelo para "feministas", negras e pós-feministas, além de uma imagem comercial já fortemente explorada no país.

Ela diz que as filhas Malia, 18, e Sasha, 7, serão prioridades. Também pretende abordar a situação das famílias militares e veteranas e voluntariado. Mas a prioridade é a educação. Ela se inspira em figuras como Jacqueline Kennedy, Hillary Clinton e Eleanor Roosevelt.

A ligação com Jacqueline Kennedy se deve ao senso de estilo, que virou a primeira-dama apelada de Michelle O'Conor (irmã de Jackie O). Mas além dos valores de patriotismo e valores com o país, há um aspecto mais pessoal. Ela se inspira em figuras como Jacqueline Kennedy, Hillary Clinton e Eleanor Roosevelt.

de notícias sobre o que, "quanto ao EUA, se preocupava com o crescimento de Obama e ele tentava acabar as águas com discursos sobre igualdade e experiência com o corpo de Michelle mandava uma mensagem totalmente diferente: para o inferno com esse tipo de racismo". Para Kaplan, o fator original nacional está no boicote da primeira-dama.

Em todas as raças, porém, ela começa com grande apoio. Michelle O. tem a taxa de aprovação mais alta de qualquer nova primeira-dama desde 1981, de acordo com uma pesquisa do New York Times e da rede CBS. Mais de 60% dos entrevistados aprovam positivamente.

Laura Bush, mulher de George W. Bush (2001-2009), entrou na Casa Branca com 80% de votos favoráveis. Nancy Reagan, mulher de Ronald Reagan

(1981-1989), tinha 28% e Hillary Clinton, mulher de Bill Clinton (1993-2001) e nova secretária de Estado, 38%. Até os pós-feministas perdiam e fato de uma advogada formada em Harvard ter deixado de carreira por causa do marido. Elas a veem como parte do grupo, e mulher bem-educada que trouxe o poder público enquanto cuida das suas filhas.

Sasha e Malia, ainda, têm seu lugar no rol das herdeiras empílicas, enquanto despretensiosas simpática pública pelo grupo, o cabide também das filhas de Obama se tornou uma destinação popular. "O talento sempre foi um tema difícil para os afro-americanos", diz Paul Taylor, filósofo da Universidade Torrey. Será que Michelle vai desvelar as tranças na Casa Branca? Será interessante ver como ela se comporta.

COMENTÁRIO

Figurino da primeira-dama sai do óbvio para evitar comparações

MARCO MENDES
FOLHA DE SÃO PAULO

Quando Barack Obama foi, ontem à noite, o primeiro negro a ser eleito presidente dos EUA em 160 anos, não se viu no rosto de John F. Kennedy. Para o signatário do estilo, uma retórica direta de loquacidade e primária — depois a autoridade internacional Jack O — e do glamour clássico presidencial de Kennedy.

Durante o mandato de Obama, não houve tempo de alfines para trair o todo aqui e agora. E Michelle Obama, a primeira-dama de sorriso fácil e porte de amável, parece não querer ser comparada a nenhuma de suas antecessoras.



Jill Biden, a mulher do vice

Na China, onde posse não é transmitida, meio-irmão de Obama passa despercebido

BARBARA LINDSAY
REUTERS

Na China, onde nenhum sinal de ebanização dos se casou, um irmão de Barack Obama conseguiu manter o anonimato. Mark Nishimura, 33, mora há sete anos no sul do país e é filho de Ruth, herdeira japonesa do pai de Obama, Naomichi no Quim e foi criado nos EUA, onde estudou nos universitários Brown e Stanford. Uma sobrinha do pai dele.

Nishimura vive em Shenzhen, a metrópole chinesa vizinha a Hong Kong que simboliza a abertura econômica do país há 30 anos. Na China, onde a posse de Obama não foi transmitida por nenhum dos 12 canais da rede estatal CCTV, ele é um desconhecido.

Na última sexta-feira, ele foi chamado em um evento filantrópico em comemoração ao Ano Novo Chinesa da Câmara Americana de Comércio em Shenzhen. Ele foi o único não transmitido por nenhum dos 12 canais da rede estatal CCTV, ele é um desconhecido.

Na última sexta-feira, ele foi chamado em um evento filantrópico em comemoração ao Ano Novo Chinesa da Câmara Americana de Comércio em Shenzhen. Ele foi o único não transmitido por nenhum dos 12 canais da rede estatal CCTV, ele é um desconhecido.

que se reportou para os EUA, e como consultor estratégico de marketing pela Câmara Americana. Em tempos de crise, profeta não abre suas portas para negócios. Apesar de vegetariano, o meio-irmão de Obama também é adepto de uma dieta de churrascarias na cidade de "Chão 1987".

Nishimura tornou no colega o primeiro Norihiro de Cheong, uma conexão-chave para a família Obama.

Ele não sabe sobre a relação entre os irmãos, apesar de amigos que foram criados e já nos locais que Nishimura visita para Washington no fim de semana para se aproximar.

Em sua biografia "A origem das coisas boas", Obama se refere ao irmão em dois capítulos: família visita o Quim. Enquanto o bebê presidente ficava doente e não podia falar, ele disse que era "apenas sua única palavra favorita".

Questionado por Obama, ele estruturou, "sem pedir desculpas". Ele tem a cabeça raspada, um fino bigode e um brinco dourado no ouvido esquerdo. Ele casou com uma jovem chinesa, Sita, mantendo a confidencialidade a amigos que acaba de terminar um livro, cujo título é "The Nishimura's".



Nishimura mantém discrição

uma amizade de longa duração com o irmão, com os filhos formados por eles.

Apesar de não passar a vida com o irmão, Nishimura diz que Obama nunca deu uma entrevista sobre o irmão e se negou a falar com jornalistas presentes ao evento da semana passada.

Ele não sabe sobre a relação entre os irmãos, apesar de amigos que foram criados e já nos locais que Nishimura visita para Washington no fim de semana para se aproximar.

Em sua biografia "A origem das coisas boas", Obama se refere ao irmão em dois capítulos: família visita o Quim. Enquanto o bebê presidente ficava doente e não podia falar, ele disse que era "apenas sua única palavra favorita".

Questionado por Obama, ele estruturou, "sem pedir desculpas". Ele tem a cabeça raspada, um fino bigode e um brinco dourado no ouvido esquerdo. Ele casou com uma jovem chinesa, Sita, mantendo a confidencialidade a amigos que acaba de terminar um livro, cujo título é "The Nishimura's".

Fardo extra

De certa forma, não há espaço adequado para quem renuncia uma herança maior de que todas as anteriores a de raça. "Ele precisará lidar com o estereótipo de mulher negra melancólica, forte e dominadora", diz a cientista política da Universidade Emory Andrea Collins. Também não é surpresa que "se for muito atrevida, as pessoas vão dizer que está sendo muito negra mesmo".

"Há um fardo extra", perguntou Valerie Jarrett, assessora sênior e amiga de Obama. "Sim, há. Mas Michelle é pragmática, sabe o que enfrenta e consegue a medida".

Até o corpo de primeira-dama não se viu mais do que há. A comentarista negra Erin Aubrey Kaplan escreve no site

— inclusive um de seus favoritos entre os convidados, Marco Rodriguez. Ao mesmo tempo, veste marido e filhas Malia e Sasha, as mais jovens herdeiras da Casa Branca em 2009) com roupas da marca popular J. Crew e não se intimida diante de um círculo exclusivo de elite americana. Assim, de ex-terno repórter fashion, ela se tornou a primeira-dama de sorriso fácil e porte de amável, parece não querer ser comparada a nenhuma de suas antecessoras.

Vestida com um modelo associado pela estilista norte-americana de origem cubana Isabel Toledo — casaco e vestido de tãnel grande lã — e mantendo de irmãos Tom Hanks, atores americanos da indústria americana da moda (poem não lembramos do nome como Ralph Lauren ou Calvin Klein), ela não lembra Laura Bush, muito menos Hillary Clinton (filha de James e Barbara Bush).

Muito agradável de que discreta, a sua Bush não deixa nada de seu nicho quieto, mas mesmo na moda. Espantosa a sua Clinton, a primeira-dama de Estado, por sua "gratidão natural" e "calor humano" e "caso lã", habilitada a quem sente como forma de protesto, tomou cuidado com o corte de cabelo e o uso de acessórios de estilo.

Na noite anterior ao lançamento da primeira-dama, Michelle Obama opta por um figurino de personalidade, privilegiando a moda que quem estranha para quem não é do estilo. Thelma, Peter Scriver, Tracy Faith, Jason Wu, Marc Corino (pouco conhecido pelo caso de uso pela primeira-dama em 2001) e o primeiro-ministro, domingo último, entre outros.

Nada mais de 100% porque (Thelma) tem origem tailandesa, e Jason Wu nasceu em Tai-

Mulher negra tem pior renda, dizem estudos



Proporção das empregadoras que pagam a R\$5 para suas domésticas nos oito estados pesquisados

Distrito Federal	29,0%
São Paulo	25,4%
Sergipe	13%
Alagoas	12,9%
Pernambuco	10,4%
Distrito Federal	10,4%
Rio de Janeiro	8,0%

Atividade da trabalhadora de empregada doméstica é a mais vulnerável

- O Brasil possui o índice de empregadas domésticas
- Apenas 2,6% das registradas
- Mais da metade das domésticas registradas contribui para a previdência social
- Remuneração varia de R\$ 1 a R\$ 1,5 por hora

CLÁUDIA DIAMANT
DA FOLHA DE S. PAULO

As mulheres negras em setores de baixa escolaridade e com baixa qualificação profissional, por causa da concentração de trabalho racial, de classe e de gênero. As empregadas domésticas são o grupo mais vulnerável. Assim como as outras trabalhadoras negras, elas ganham menos e a maioria não tem previdência social. Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da Camaradeira Negra, no domingo, foram divulgadas três pesquisas que demonstram a situação precária das domésticas brasileiras, o que as mulheres negras não a base de renda social média.

A renda média mensal das mulheres negras no Brasil, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada, com base em dados de 2003, é de R\$ 274,28, contra R\$ 428,36 para os homens negros, R\$ 324,10 para mulheres brancas e R\$ 324,10 para homens brancos.

Major Estado negro do país, com a população a Bahia é também o que mais discrimina as trabalhadoras negras. Lá, chegou a ganhar até 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Departamento Interministerial de Estudos e Estatísticas Socioeconômicas divulgados ontem.

A discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras. Segundo o primeiro levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do número de domésticas não-negras. O levantamento foi feito em São Paulo, Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife e Salvador, onde a diferença é de quase quatro vezes. No geral, há mais domésticas não-negras com carteira assinada

Marinho descarta propostas para mínimo e IR

DE FOLHA DE S. PAULO

"Não são o possível" e "talvez não seja o caso" foram as expressões usadas por Marinho, ao ser questionado se o mínimo poderia ser reduzido para R\$ 400 e a contribuição de 10% para o imposto de renda acumulada em 2004 e o aumento de 20% para manter os benefícios sociais.

"Ele disse que não há uma proposta, mas eu não sei se a proposta é a redução do salário mínimo e a correção do imposto de renda de pessoas físicas."

Apesar de não declarar quando e onde foi feito o anúncio, Marinho afirmou que o salário mínimo seria elevado, em maio, de R\$ 400 para R\$ 450. Os sindicatos também pressionaram o governo a corrigir a tabela de IR em cerca de 13% a partir de janeiro do ano que vem.

"Não são o possível" e "talvez não seja o caso" foram as expressões usadas por Marinho, ao ser questionado se o mínimo poderia ser reduzido para R\$ 400 e a contribuição de 10% para o imposto de renda acumulada em 2004 e o aumento de 20% para manter os benefícios sociais.

"Ele disse que não há uma proposta, mas eu não sei se a proposta é a redução do salário mínimo e a correção do imposto de renda de pessoas físicas."

Apesar de não declarar quando e onde foi feito o anúncio, Marinho afirmou que o salário mínimo seria elevado, em maio, de R\$ 400 para R\$ 450. Os sindicatos também pressionaram o governo a corrigir a tabela de IR em cerca de 13% a partir de janeiro do ano que vem.

que esta contribuição precisa ser discutida e um exemplo". Segundo o ministro, as empregadas com carteira assinada recebem em média R\$ 20, quando deveriam receber um salário de R\$ 400. A tabela de IR também precisa ser corrigida para manter os benefícios sociais.

"Ele disse que não há uma proposta, mas eu não sei se a proposta é a redução do salário mínimo e a correção do imposto de renda de pessoas físicas."

Apesar de não declarar quando e onde foi feito o anúncio, Marinho afirmou que o salário mínimo seria elevado, em maio, de R\$ 400 para R\$ 450. Os sindicatos também pressionaram o governo a corrigir a tabela de IR em cerca de 13% a partir de janeiro do ano que vem.

BREVE AQUI.

Salas, conjuntos e apartamentos de 30 m² a 421 m², na Rua Virgínia, a uma quadra do metrô, no mercado imobiliário.

Aguarde.
Tel.: 3067-0000

Logos: LOPES, Company S.A., and other real estate partners.

MÚSICA Cantora é primeira artista do gênero a lançar CD por grande gravadora

"Guerreira" Negra Li fura barreira do hip hop

PERO ALVARO LANCHES DA SUPERFOLHA

Um dia, há três meses, Liiane de Carvalho colocou sua guitarra e foi procurar emprego. Primeiro, ela não sabe bem o contexto, até que ouviu a entrevistadora comentando sobre dentro com outra pessoa: "Ah, mas não tem que ser branca?"

"Foi eu não sou, pelo amor de Deus. Quem é preconceituoso não consigo a beleza de negra", avulsa hoje quando não é man. Liiane de Carvalho, mais sim, Negra Li. Negra Li é alta, magra, negra e bonita. Deitou de ser Lilian, ou se integrar ao movimento hip hop, pelo bairro de Vila Rica, e depois para seu parapeito Helio Barbosa das Santas em Heliópolis, bairro conhecido em São Paulo desde bem pequeno. Helio, 35, mora em Fátima, perto de Negra Li. Já habitando da Trindade desde que nasceu. Sempre viveu no perifericamente de São Paulo, mas hoje se locomove tanto pelo centro ambrílico não só da cidade, mas do Brasil.

Negra Li é a primeira mulher do rap a ser contratada por uma grande gravadora (a Universal) no país. O disco de estreia deve sair no final do mês, mas a música de abertura, "Guerra 8 Guernica", já freio a novidade global da O8, como tema de uma personagem também de perfil, vivida por Talina de Freitas, também negra, também cantora.

No final desta semana, Negra Li e Helio inauguram a nova fase em vivo em grandes palcos de São Paulo e do Rio, abrindo os shows do rapper norte-americano 50 Cent no Brasil, no Pacaembu. Aquela Liiane que era tida como mais por ser negra ainda mora em Negra Li, que rapa 11 letras de rap. As coisas vêm melhorando.

"Não me sentia empolgada, também fui muito inchada e não sei pelo momento que tinha a época. O rap hoje tem uma ideia de que gravadora grande vai prender você, tirar dinheiro de você, ob-

ter o que fazer e que eles querem", descreve. "Hoje me surpreendo muito a liberdade que a gravadora tem nos dando. Mas em 2000 eu era muito menina, poderia ter sido aquilo mesmo se eu não estivesse."

Em 2000, a menina preferiu continuar cantando até a sua própria. Foi estudar na escola Grove, na rua Oscar Freire, próximo ao bairro dos Jardins. Seu gosto pelo canto, adquirido na escola (foi lá mesmo que ela começou a estudar rap), não mudou. Ela não quer ser cantora de funk, mas também tem alguma intenção, no estilo. "Antes mesmo



A cantora paulista de rap Negra Li, que lançou no final de maio o disco "Helio & Negra Li", que tem a participação de Mano Brown

de ser conhecida, famosa e rica. Li acontece assim muito chatas. Sou uma pessoa comum que gosta com música, se não dá então chata eu não quero, então chata prefiro.

Exemplo: "Já chegou em casa chorando muitas vezes, por que não me perguntando de tudo isso e eu não consigo responder direito, chorando e chorando me irrita. Não queria ter tratado mal, mas depois que fui não me sinto bem. Mas quem disse que a gente tem que ser sempre legal?"

Em 2004, a música na composição arreio diante de grandes gravadoras muitas vezes como ajuda financeira administrada de Negra Li e das RKO, mas não sendo nada Mano Brown participação da letra "Periferia". "Ela foi muito consciente, foi quem quis o primeiro disco para participar", garante o cantor.

Seus pontos, freixo, filhos de bairro, dentro do rap", escreveu Mano Brown no final de "Periferia", após um sétimo mês de uma que a africanidade proclama que "sou um negro, lugar periferia já está ganhando". É sim!

Religião guiou relação com música

Negra Li não usa a retórica da fé, mas costuma estar atenta, ao desenvolver sua aproximação com a música. "Não tenho muito conhecimento de música, mas não sei não tenho Bíblia, livros bíblicos e evangélicos e não tinha um nem em casa. Meu pai nunca assistiu na igreja, só frequentava e gostava de hora de cantar os hinos, há sendo que cantava afim de" inocência.

As relações com a religião foram orientando também o modo de escolher música. "O jeito mais até já tem TV, rádio".

A música de rádio que acompanhava foi o rhythm'n'blues norte-americano, assim mesmo de quando cantava com o hip hop. "Sou uma convertida da música brasileira antiga, mas souva rítmico, Whitney Houston, também mesmo sou saber inglês, aprendi "Killing Me Softly" todo errado, mas cantava mesmo assim", diz.

Ox, irmãozinhos velhos se ligaram em hip hop graças ao Racionais MC's. "Eu não conhecia a música, só ouvi. Agora já não estou mais na dúvida", afirma. "Aos 15 anos entrei num grupo, fui só vocalista. Não gostava um mal sequer, não se pôde cantar em quarentena, não parecia nada."

As religiões africanas também atraxeram de Helio, de modo mais tumulada. "Comecei mesmo fui na candomblé. Minha mãe era filha de santo, copiatava bagunça por não saber, até que veio adiante e dançou de novo. Foi tocar com uma banda de rock que

Álbum não exclui alegria e festa



O rapper Mano Brown, que cantou na faixa "Periferia" com Negra Li

no ano passado as faixas de "Helio & Negra Li", que são de uma produção de uma grande gravadora de hip hop, ao léxico da periferia paulista, seu rap sofisticado e acidulado por harmonias instrumentais.

É que por enquanto, causa estranheza a falta de de protesto político e social no CD — uma marca constante do rap. Pode ser porque a produção após a qualificação nos países (o presente) querem ser cotados, mesmo que o ritmo de festa.

Em parte da gravadora ainda poderia ser atribuído antes aos produtores do álbum. Eles são David Corcor (líder da DJ) e Daniel Caspary (do rádio Instituto) e têm longa atuação em hip hop. Estando com presença a comunidade de cultura carioca e paulista, underground e mainstream, rap e funk.

É que por enquanto, causa estranheza a falta de de protesto político e social no CD — uma marca constante do rap. Pode ser porque a produção após a qualificação nos países (o presente) querem ser cotados, mesmo que o ritmo de festa.

(PERO ALVARO LANCHES)

Helio & Negra Li

Lançamento: Universal
Quanto: R\$ 16,90 em média

PERO ALVARO LANCHES

Michelle Obama

Toda a história da América corre no sangue dela

A tetravó de Michelle Obama foi escrava. Uma recente investigação revelou que também terá raízes europeias e índias. A genealogia da mulher do Presidente fez os americanos olharem para os fantasmas do seu passado comum.

Texto Sofia Lorena

David Patterson, um proprietário da Carolina do Sul, emendou o seu testamento em 1850. Numa lista de bens a serem vendidos aparece, entre gado, ferramentas e toalhas, "a menina negra Melvinia". Patterson só sobreviveu dois anos ao testamento e Melvinia, "avaliada em 475 dólares" aos oito anos, é enviada para a Geórgia, onde passa a servir a filha do antigo amo e o marido dela, Henry Shields. Melvinia teve quatro filhos de apelido Shields e um deles é o trisavô materno de Michelle Obama.

Alguns pormenores dos antepassados da primeira-dama dos Estados Unidos foram publicados na semana passada no jornal *The New York Times*, fruto da investigação da genealogista Megan Smolensky. No site do diário houve muitos leitores a deixarem comentários dizendo-se "convidados"; um deles classificou a descoberta como "uma história formidável, absolutamente fascinante". Não foi mais, sites e blogs, alguns transmissões, assimelavam a importância do relato, incluindo rastos, incluindo afro-americanos, perguntavam: "Mas qual é a surpresa?"

"A verdade é que estas são as raízes de muitos também são as da mulher do Presidente

norte-americano e, mesmo se todos os americanos as imaginassem - e não imaginavam -, importa contá-las, conhecer os nomes dos que viveram a escravatura e as relações de propriedade e de exploração sexual que marcaram esse longo período.

"A minha história não é tão diferente da de Michelle Obama. A minha trisavó era filha de um dono de escravos e de uma escrava que ele violou. [...] Que uma mulher que vive na Casa Branca partilhe esta história é interessante, mas não extraordinário. É tudo muito americano", escreveu Mary C. Curtis no *PoliticsDaily.com*.

A escritora e jornalista de Charlotte, Carolina do Norte, admite à Pública que "alguns americanos, particularmente se vivem em áreas que não são muito multiétnicas, acreditam que as categorias de brancos e negros existem sem grandes interseções". "Acreditando nisso, é fácil ignorar partes da história do país que podem ser dolorosas."

É por isso, diz a jornalista que colabora com a rádio pública americana e com o *Washington Post*, que "estes casos são importantes, não só por razões históricas mas porque os relatos põem rostos humanos nas pessoas que viveram nesses tempos". E qualquer genealogia

que transforme factos históricos em "drama humano e emocional e chegue à Casa Branca" é um acrescento essencial "ao complexo mas triunfante conto americano".

Raízes irlandesas?

Desconhece-se a identidade do pai dos filhos que Melvinia viria a ter - o primeiro é Dolphus, que nasceu em 1859, tinha ela 15 anos. No censo de 1870, o primeiro pós-emancipação dos escravos, Melvinia aparece a viver em Spartanburg, na Carolina do Sul, e é referida como negra, mãe de quatro filhos, Dolphus, Alice, Tally e Jane, registados como "mulatos" de apelido Shields. A viver na porta ao lado, surge Charles Shields, filho dos antigos proprietários de Melvinia.

Muitos antigos escravos adoptavam os apelidos dos ex-proprietários e este documento é o único em que Melvinia é identificada como Shields - daí em diante será sempre McGruder. "A minha melhor suposição é que Charles seja o pai. Um teste de ADN não o provaria com toda a certeza, mas chegaria para perceber se era um dos homens da família Shields. Eu não me sentiria confortável em pedir à família

Azinhaga dos Besouros, na Amadora, suspensa de novas demolições

Cerca de uma dezena de moradores do bairro pediram ontem, na Cova da Moura, a intervenção do Presidente da República no processo de demolições que se iniciou em Maio. Na Azinhaga, as 65 famílias não contempladas pelo programa de realojamento vivem em suspenso

NUNO FERREIRA

A próxima casa a ser demolida é a do senhor Cabral. "Somos humanos", lê-se no muro branco da casa do senhor Cabral. Do lado esquerdo da parede grafitada, ergue-se um monte de tijolos partidos, muitos tijolos partidos. Por detrás da casa do senhor Cabral, um bloco caótico de habitações clandestinas espera pela demolição. "Eles precisam de demolir a casa dele para abrir caminho para as outras", explicam os vizinhos indignados.

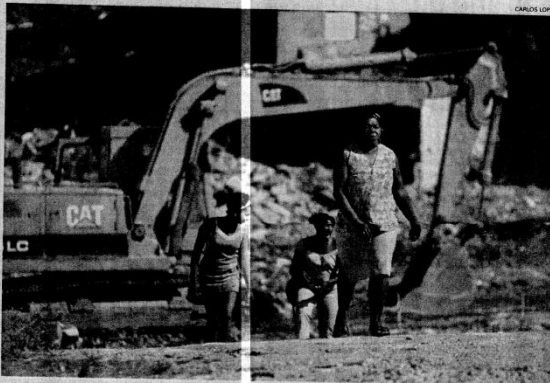
"Há dois dias que a máquina está a fazer limpeza. O homem diz que tem ordem para só fazer limpeza até ao fim-de-semana", explica uma moradora, a meio da semana, sem perceber muito bem o que é que as palavras do motorista da retroescavadora poderão significar. "Ele diz que o caminho para recolher o estufo ainda não chegou. Será que vai demolir no fim-de-semana?"

O som da máquina escavadora ecoa sobre o mundo parado de casario clandestino, fios eléctricos, runas semi-difusas e montes de tijolos quebrados que é hoje a antigamente bulhosa Azinhaga dos Besouros.

Nuna outra rua, existe ainda uma casa habitada, a roupa pendurada, uma bicicleta e uma botija de gás na varanda, sinais de vida. Do outro lado, tudo o que resta é uma parede azul em cima e creme em baixo com restos de colagens na parede, fotos de recortes de revista, HÁ pedacos de cimento e madeiras suspensos no ar, ferros retorcidos, caído sobre um monte de tijolos quebrados onde pontificam uma cadeira, o que resta de uma mesinha de cabeceira, uma camisola, um guarda-chuva desfeito.

Uma mulher pára em frente aos destroços. "Você é da câmara?", pergunta. "Jornalista? Isso aí era a minha casa". Chama-se Alda Furtado, é sítomense e tem 31 anos. "Tava a trabalhar nas limpezas, na Gare do Oriente, cheguei aqui, tava o homem da câmara a dizer: 'Abra a porta para isto ir abaixo'".

Os moradores juntam-se em círculo no pátio da casa do senhor Cabral e falam dos que foram deslocados desde que as demolições ordenadas pelas Câmara da Amadora começaram no início de Maio. "Deixaram na rua uma senhora com quatro filhos", "uma outra senhora de 74 anos ficou também na rua", "mães com crianças ficaram na rua", "uma senhora de



Os últimos moradores da Azinhaga dos Besouros não sabem o que vai ser das suas vidas quando as casas forem a baixo

Moradores pedem ajuda a Sampaio

O presidente da República Jorge Sampaio foi ontem interpelado durante a visita que fez ao bairro da Cova da Moura, no concelho da Amadora, por diversos moradores do bairro da Azinhaga dos Besouros, que lhe entregaram um documento pedindo-lhe apoio na resolução do impasse a que chegaram as demolições no bairro e as suas relações com o município local.

As demolições decorrem no âmbito do Programa Especial de Realojamento da Amadora, que tem por base um recenseamento dos residentes em barracas efectuado em 1993. A Comissão de Moradores do bairro e a Associação Solidária de Emigrante defendem que 65 famílias ficaram de fora do programa de realojamento e que precisam urgente-

mente de uma "alternativa habitacional". A autarquia alega há muito que os moradores deslocados não se recusaram ao PER em 1993 e deixaram passar todos os prazos sem contestar. Os moradores têm-se deslocado e manifestado junto à Câmara da Amadora por sucessivas vezes e no dia 14, a Comissão de Moradores entregou uma carta endereçada ao presidente da câmara em que pede a suspensão das obras e o tratamento do diálogo. A carta não obteve resposta.

Depois de pedirem ajuda a Jorge Sampaio, os moradores prometem deslocar-se à Assembleia Municipal de dia 23. "Vai lá o bairro todo", dizem. O PÚBLICO pediu à autarquia um comentário à carta da Comissão de Moradores entregue no dia 14 mas não obteve resposta.

Vânia Gomes quer "um futuro"

Vânia Gomes, 20 anos, vivia em casa do pai. "Mas ele maltratava-me, fugi", conta, aos repêlos, entre risos. "Fugi outra vez, era maltratada, fugi. Cheguei aqui, a minha mãe bebia muito e eu não queria depender de ninguém. Fui para o 16 C, morava lá com outras raparigas".

Aos 17 anos, ficou grávida e foi mãe de um filho agora com três anos. "Arranjei trabalho há três anos, na limpeza, das 6h00 às 9h00. Agora, desde que tive o meu filho, estou a morar na casa de uma senhora. A casa vai abaixo. Fiz um pedido, negaram. Pedi ajuda à comissão de maiores, não tenho direito. Propuseram o aluguer de uma casa por três meses. Não tenho possibilidades. Quero um futuro e não estou a ajudar, só estou a piorar".

Aos 16 anos, mandaram-na de volta para casa do pai, em Chelas. "Fugi outra vez, era maltratada, fugi. Cheguei aqui, a minha mãe bebia muito e eu não queria depender de ninguém. Fui para o 16 C, morava lá com outras raparigas".

Aos 17 anos, ficou grávida e foi mãe de um filho agora com três anos. "Arranjei trabalho há três anos, na limpeza, das 6h00 às 9h00. Agora, desde que tive o meu filho, estou a morar na casa de uma senhora. A casa vai abaixo. Fiz um pedido, negaram. Pedi ajuda à comissão de maiores, não tenho direito. Propuseram o aluguer de uma casa por três meses. Não tenho possibilidades. Quero um futuro e não estou a ajudar, só estou a piorar".

São Tomé com uma filha de 12 anos que veio para cá em tratamento da asma, através de uma junta dos médicos, ficou sem casa".

Outros estão em risco de seguir o mesmo caminho. "O meu marido é cego, eu sofro do coração", diz Maria Domingos Nascimento, "somos seis pessoas, um filho está preso, outro trabalha. Como chegámos em 94 a câmara diz que não tem direito".

"Eu não sabia das coisas, dos papéis"

A "avó" Justina Amade chegou à Azinhaga vinda de Angola com um filho que vive em Vialonga, mas nasceu em Guadalupe, ilha de São Tomé, em 1928. "Vivo aqui sizzinha desde 1992 mas eu não sabia das coisas, dos papéis. Primeiro vivi numa casa da rua 4, depois a senhora quis que eu saísse. Eu disse: Onde vou ficar? Outra senhora viu-me e perguntou: A avó está a chorar? Para onde vai? Ela arranjou-me outra casa".

Agora, a "avó" está em risco de ficar outra vez na rua. José Tavares também. Vive no bairro desde 1992 mas estava a trabalhar no Algarve quando foi o recenseamento do Plano Especial de Realojamento. "E devia estar lá agora. Sempre trabalhei 15 dias lá e vinha a casa. Agora não saio daqui, já avisei o patrio, não posso sair...".

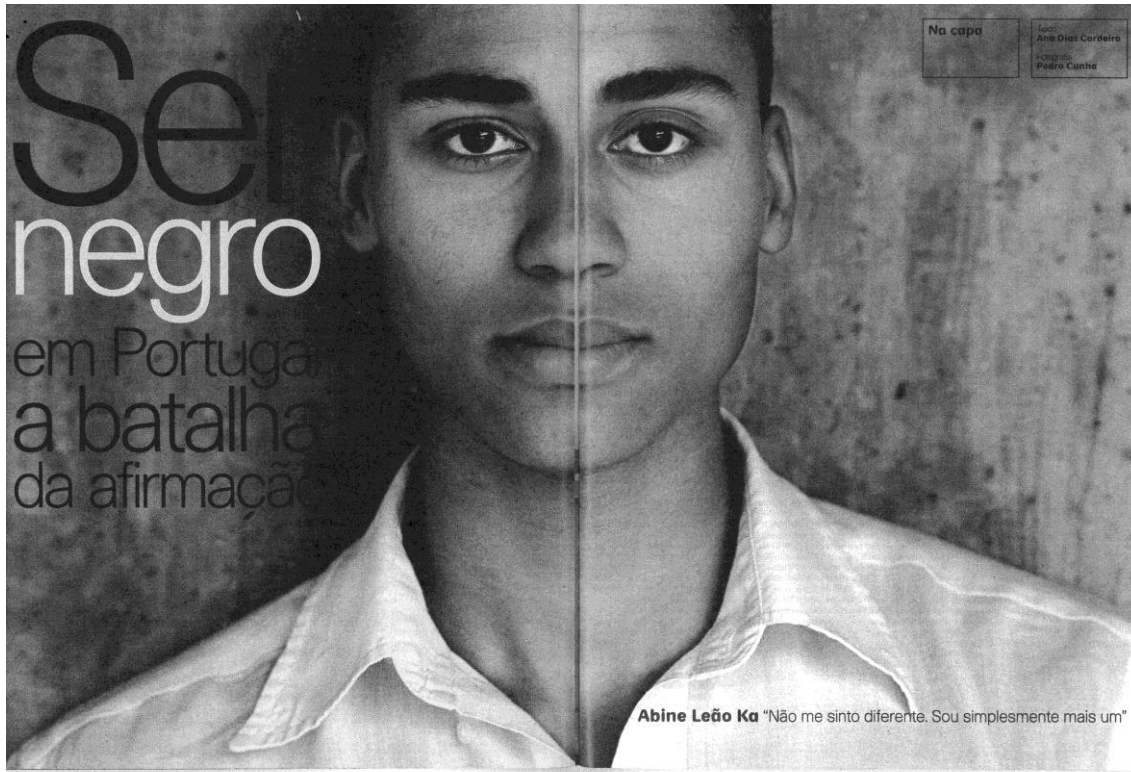
"Não somos animais"

"Eu nasci aqui na Azinhaga mas na altura do PER estava em Cabo Verde, por isso não tive direito a realojamento. Vivia aqui com a minha mãe e a minha irmã. Tive cá os meus filhos", conta Maria do Socorro. "Eles puseram um papel na porta a dizer que a casa ia abaixo. Eu disse 'eu não tenho para onde ir'. Eles deram mais uma semana. Depois, vieram dois dias antes. Cheguei do trabalho, já tinham partido uma parte da casa. Encontrei as minhas coisas todas no carro. As minhas coisas, como o meu casaco, as minhas coisas, metidas no armazém da câmara".

Muito nervosa, meteram-na numa ambulância. "Eu disse que não precisava de ir para o hospital mas eles levaram-me na mesma, amarraram-me e levaram-me com um polícia. Lá no hospital, eu disse 'eu tou bem, tou mais calma, não quero tomar nada'". O médico disse que eu não precisava de calmante, o polícia me largou lá. Largaram-me no hospital".

Quando regressou ao bairro, não encontrava a filha. "Cheguei lá, não encontrava a minha filha. Depois, uma senhora trouxe a minha filha. Ficámos ali na rua, durante três dias, com a roupa que tínhamos no corpo. Agora, durmo um dia na casa de um, outro dia na casa de outro. Acho uma injustiça. Mesmo não estando inscritos no PER, não se faz assim, nós não somos animais e estamos a ser tratados como animais. Somos todos humanos, todos temos direito de viver. Vamos para onde, com esta crise?"

O que dizem as assistentes sociais? "As assistentes sociais também já estão cansadas. Propõem eu alugar uma casa durante três meses, 200 euros. Eu trabalho das 6 às 9h00 nas limpezas, não ganho nem sequer 200 euros. Tenho de trabalhar. A câmara devia arranjar um sítio para a gente viver dentro das nossas possibilidades. Fazem uma tenda, sei lá. Virar-nos às costas feitos animais é que não". N.F.



Sei negro

em Portugal
a batalha
da afirmação

Na capa
Foto: Ana Dias Cordeiro
Fotografia: Pedro Cunha

Abine Leão Ka "Não me sinto diferente. Sou simplesmente mais um"



Onde está o poder negro em Portugal?

A comunidade africana portuguesa quase não tem representantes políticos, e tem poucas figuras conhecidas nos *media*. Um Presidente da República negro é algo que nem se vislumbra no horizonte. Os africanos, que são poucos e chegaram há pouco tempo, não estão devidamente organizados, não se assumem como comunidade. Optam pela integração individual, mas isso tem um preço: não há modelos de identificação. Faltam histórias de sucesso, visíveis. *Por Paulo Moura*